

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**A FORMAÇÃO DE CONCEITOS NO COTIDIANO DA
SALA DE AULA DE UMA ESCOLA RELIGIOSA**

Adalgisa Regina Teixeira

Goiânia
2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**A FORMAÇÃO DE CONCEITOS NO COTIDIANO DA SALA DE
AULA DE UMA ESCOLA RELIGIOSA**

Adalgisa Regina Teixeira

Goiânia

2001

CANDIDATO: ADALGISA REGINA TEIXEIRA

ORIENTADORA: PROF^a. DOUTORA MERCEDES VILLA CUPOLILLO

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando Luiz González Rey

Prof. Dr. José Carlos Libâneo

Prof^a. Dr^a Mercedes Villa Cupolillo

Goiânia, 2001

Agradecimentos

Uma história de vida é composta pela interação com um incontável número de pessoas. Em relação a algumas, reconhecemos a importância pelo afeto e carinho com que nos trataram; em relação a outras, pela contribuição prática em algum momento de nossa trajetória.

Muitas foram as que de uma forma ou de outra me ajudaram a transpor os medos, cansaços, angústias, desesperos, enfim as dificuldades encontradas no curso e percurso.

Sem essas pessoas ficaria muito mais difícil a caminhada. A todos que direta e indiretamente me ajudaram, quero deixar a minha gratidão e o meu muito obrigada.

Entre os muitos que fizeram presentes, em especial:

- À minha família, pela força e compreensão
- À minha orientadora Mercedes, por acreditar em mim e por me possibilitar crescimento em todos os sentidos
- Ao professor Dr. Fernando L. González Rey, por ter desde o início se interessado pelo meu trabalho e se dispor a participar da minha defesa
- Ao professor Dr. José Carlos Libâneo, pela presença e disposição de participar comigo desse momento
- Ao Antônio Carlos, Márcio pelo incentivo na realização do meu trabalho
- À Sandra, pelas horas de angústia, ansiedade, desespero, agonia, horas de apoio, de incentivo, de confiança, de paciência, cooperação, tantas outras felizes, de realização, de trabalho compartilhado, pelas infinitas horas de amizade sincera
- À Soninha, pelo incentivo e seu exemplo de luta
- Às minhas amigas da Psiquê, pelo companheirismo diário
- À Solange, amiga de todas as horas suporte em todos os sentidos
- Ao Wadson, meu grande amigo e companheiro
- À Instituição, pelo campo de pesquisa
- Às professoras e aos alunos, que propiciaram o término desse trabalho.

TEIXEIRA, Adalgisa Regina.

A formação de conceitos no cotidiano da sala de aula de uma escola religiosa./
Adalgisa Regina Teixeira; Orientadora Mercedes Villa Cupolillo – Goiânia, 2001.

Tese (MESTRADO) – Universidade Católica de Goiás, 2001

1- Formação de conceitos. 2. Valores religiosos. 3. Escola I. Título.

Por mais que o enunciado não seja oculto nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo.

Foucault

SUMÁRIO

Resumo	1
Abstract.....	2
Introdução.....	3
Capítulo 1 - A formação de conceitos e tendências teóricas	6
1.1. A investigação sócio-histórica e a formação de conceitos	19
1.2. A perspectiva sociocultural construtivista.....	34
Capítulo 2 - Interloquções no contexto escolar	36
Capítulo 3 - Metodologia	55
Capítulo 4 - Processo de construção e análise dos dados.....	64
Considerações Finais.....	110
Referências	114
Anexos.....	119

RESUMO

O estudo apresentado enfoca a formação de conceitos a partir da análise das interações entre as professoras e os alunos da 3ª série do ensino fundamental em contextos diferentes na própria instituição de ensino religioso da rede privada de Goiânia. A pesquisa desenvolveu-se em duas situações: em uma sala comum (todos os alunos) com a professora regente e outra na sala de recuperação paralela (com um número restrito de alunos considerados defasados em seus processos de aprendizagem) com outra professora. Investigou-se a intervenção do professor na formação de conceitos novos para a construção do conhecimento do aluno, bem como a utilização dos conceitos espontâneos da criança na formação de conceitos escolares na sala de aula. Procedeu-se à investigação através de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental (do organograma e do estatuto da instituição) e pesquisa de campo, através de gravações em vídeo retiradas das aulas. Os recortes foram realizados a partir de contextos de significação. Cada professora e coordenadora foram entrevistadas, para uma melhor compreensão de seus objetivos e de seus padrões interativos. Com base nas dinâmicas das aulas e interações das professoras com os alunos, as análises interpretativas evidenciaram que, nessa escola, os valores religiosos caracterizaram-se como um importante canalizador na formação de conceitos. Concluiu-se que os processos que envolveram a formação de conceitos apoiados na unidade valores – cognição – afeto – emergiram de forma diferenciada pelas professoras na complexa rede de aspectos que participaram das situações de ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This paper focuses on the formation of concepts based on the analysis of different ways of interaction between teachers and students of the third grade of junior high school in a private school. The research was developed in two situations: 1- in a common classroom with all the students and their teacher; 2- in a classroom used for special classes to students considered to be slow-learners, with another teacher. The teacher's role in the formation of new concepts towards the construction of the student's knowledge and the use of spontaneous concepts formulated by the children themselves were the subject-matter of the research, which was based on books, documents and videorecordings. Teachers and supervisor were interviewed in order to allow a satisfactory comprehension of their aims and interactive patterns. As far as classes and interactions between teachers and students are concerned, the analysis reinforced that the religious values were an important way of creating concepts. We came to the conclusion that the processes of creating concepts—supported by values, cognition and affect—presented different aspects, involving teacher's performance.

INTRODUÇÃO

Apesar da grande quantidade de trabalhos publicados a respeito da formação de conceitos produzidos a partir de diferentes abordagens, entende-se que cada vez mais se fazem necessárias maiores investigações a esse respeito, no sentido de orientar os processos de ensino – aprendizagem com vistas ao desenvolvimento cognitivo da criança como um todo.

A relevância desses estudos se apresenta visível nas instituições em que professores e alunos estão em interações constantes, com processos de negociação e renegociações que permeiam a todo instante os conteúdos trabalhados.

Dentro dessa conjuntura ampla, entretanto, o interesse desse estudo se volta para a compreensão de aspectos educacionais que se ligam sobremaneira à psicologia, com enfoque para os processos inter-relacionados à formação dos conceitos.

Assim, envolveu-se com o cotidiano das escolas, para procurar conhecer de forma natural os aspectos e fatores que condicionavam o fazer pedagógico e a aprendizagem de crianças.

O tema em questão é a formação de conceitos no cotidiano da sala de aula de uma escola religiosa, em que se procurou conhecer mais especificamente como a formação de conceitos se desenvolvia nesse contexto.

Entender como a formação dos conceitos se dá em uma sala de aula implica em direcionar o olhar não em um único sentido – o da aprendizagem –, mas a partir do caráter relacional, como um processo dinâmico e contínuo, em que muitas são as situações envolvidas.

Para isso, formulou-se o seguinte problema: como os conceitos são formados e apropriados pelos alunos e professoras em uma escola religiosa?

Diante do tema e do problema em questão, objetivou-se investigar como as professoras intervinham na formação dos conceitos novos nas suas respectivas salas de aula e se atuavam de forma diferenciada para a construção do conhecimento do aluno nessa escola de ensino religioso.

Partiu-se, nesse caso, do pressuposto de que a formação do conceito acontece em uma dimensão sócio-histórico-cultural, pois a expressão de qualquer ato e as próprias aprendizagens acontecem inseridas numa cultura, em um momento sócio-histórico.

Vygotsky (1987) postula que o homem se faz homem porque atinge o funcionamento psíquico superior devido às oportunidades que tem de interagir, a partir do uso de signos, em um ambiente sociocultural historicamente determinado. Para ele e grande parte dos teóricos contemporâneos que se dedicam ao estudo do desenvolvimento humano (McDermott, 1977; Rogoff, 1990; Wertsch, 1998), não se pode refletir ou explicar questões de aprendizagem sem considerar o papel fundamental das relações sociais que se estabelecem entre o sujeito que aprende e o “outro social” que atua como mediador do conhecimento.

Assim, não se deixou de analisar a formação dos conceitos como um processo interativo, imerso em contextos de significação, nos quais uma diversidade de fatores confluem, mas também não se atentou em enfatizar os métodos e técnicas de ensinar. Evidenciou-se, sim, uma perspectiva mais empreendedora, no sentido de gerar novas contribuições que possam intervir positivamente na tarefa a ser desenvolvida por professores e alunos, no que se refere à formação dos conceitos, considerando-se as relações envolvidas.

Para isso acompanhou-se o contexto de uma sala de aula, em que todos os alunos estiveram envolvidos e especificamente os quatro enviados à recuperação paralela. Analisou-se, nesse espaço, como as relações, interações, negociações e estratégias mediadoras utilizadas pelas professoras se davam dentro dos contextos de significação.

Esse tipo de análise e suas possíveis conclusões podem trazer valiosa contribuição para o avanço da compreensão da formação de conceitos, no sentido de mostrar caminhos na direção das razões que levam o aluno à recuperação paralela, como também as razões que levam instituição e professores a tratar esse aluno de determinada maneira. Assim, acredita-se estar contribuindo com novas perspectivas de análise sobre a formação dos conceitos.

Para isso, enfatizou-se a necessidade de trabalhar a dinâmica da unidade valores – cognição – afeto, no processo da formação dos conceitos, com a realização de uma investigação que surgiu da necessidade de explicitar o caráter religioso implícito em toda prática educativa. Desse modo, propôs-se desvelar nas práticas disciplinares e na transmissão dos conteúdos a presença de concepções, crenças e valores que nem sempre se mostravam convergentes com o discurso professado pela instituição .

No trabalho apresentado a seguir, se apresentam no primeiro capítulo algumas tendências teóricas sobre a formação de conceitos com enfoque particular para a investigação sócio-histórica de Vygotsky.

No segundo capítulo, discorre-se sobre a fundamentação teórica de ensino religioso, no contexto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, no que concerne às escolas pública e privada .

No terceiro capítulo, descreve-se o referencial epistemológico e metodológico que norteou a produção deste estudo, a epistemologia qualitativa, desenvolvida por Rey (1996, 1997), assim como as etapas de elaboração da investigação.

No quarto capítulo, apresenta-se o processo de construção e análise de informações, a partir da identificação de três categorias de análise: 1) os valores religiosos como canalizadores na formação de conceitos; 2) a prevalência do valor religioso no conflito entre a proposta de ensino e a religião; 3) a dificuldade de ressignificar o aluno, a partir da representação que a escola faz dele.

Ressalte-se que este estudo não pretende apresentar uma visão completa do tema proposto, mas mostrar um olhar em um determinado momento na instituição observada. Ressalte-se, por fim, também, que a identificação das categorias de análises seguiram um referencial processual de produção de conhecimento que não é limitado e não se esgota na articulação ou no entendimento de uma única questão. Faz-se necessário, portanto, a continuação deste estudo para se atingir uma visão cada vez mais ampla sobre a formação de conceitos.

CAPÍTULO 1 - A formação de conceitos e tendências teóricas

No tocante ao tema sobre elaboração conceitual, vem ocorrendo um interesse crescente por parte de psicólogos, sociólogos, lingüistas, educadores em geral e outros especialistas, preocupados, sobretudo, com seu significado teórico para a ciência psicológica ou com a produção/compreensão de métodos eficientes de instrução na escola.

Assinale-se que as diferentes tentativas de se estudar a elaboração de conceitos e de se explicar o funcionamento intelectual e os processos a ele inter-relacionados vêm gerando uma pluralidade de concepções e construtos difíceis de serem sistematizados e dispostos em categorias.

O resgate de algumas delas norteará o presente estudo, com ênfase para a teoria de Lev Semenovich Vygotsky, que se preocupa em explicar o processo de formação social da mente por meio da interação com o contexto histórico e do co-construtivismo.

Rossi (1993) apresenta um estudo que se fundamenta no que a autora denomina de tendências amplas no âmbito da psicologia.

Segundo essa autora, uma dessas tendências abrange os estudos sobre a formação de conceitos de orientação associacionista.¹ De acordo com essa teoria, os conceitos são concebidos como uma resposta de generalização a novos casos, em que os organismos aprendem a responder mediante determinadas conexões estímulo – resposta.

A tendência associacionista, no entanto, não dedica atenção aos processos cognitivos envolvidos em uma dada tarefa. A elaboração conceitual baseia-se em mecanismos interiores hipotéticos, que são testáveis apenas quando em confronto com estímulos e respostas observáveis.

No behaviorismo radical, de acordo com o pensamento de Skinner (1969), concebem-se a experiência e as contingências ambientais como os determinantes do comportamento. Para este autor o comportamento não reflete as estruturas do organismo, mas as relações ativas do organismo com o meio.

1. Rossi (1993) destaca alguns trabalhos dentro desta tendência: Osgood, 1963; Mowrer, 1954; Bolton, 1972; Heidebreder, 1946; Kendler e Kendler, 1962.

As classes de respostas operantes nessa linha de raciocínio, que sustentam a conduta adaptativa do indivíduo, emergiriam da própria história do indivíduo e parecem gerar uma sobrevalorização da plasticidade do comportamento, uma vez que tudo pode ser aprendido, e da existência do caráter aleatório da variabilidade comportamental sobre a qual se aplica o efeito seletivo da consequência reforçadora. (Figueredo, 1991, p.12)

Na tendência behaviorista radical, a aquisição de conceitos tende a se localizar não no sujeito mas nas contingências ambientais. Essa tendência diferencia-se da associacionista, quando pretende explicar a aquisição e o desenvolvimento de conceitos complexos. No que diz respeito à aprendizagem, a contribuição de Skinner refere-se à instrução programada.

Segundo Oliveira (1973), o processo instrucional, segundo a abordagem skineriana, mostra que o reforço (positivo) e as contingências de reforço têm papel preponderante na aprendizagem.

Skinner não enfatiza a análise de estímulos. Para ele, o importante é não concentrar-se nos estímulos, mas no reforço, sobretudo nas contingências de reforço. Isso também significa que numa situação de aprendizagem, a partir das respostas do sujeito e a partir do reforço estabelecido para essa resposta, é que se pode analisar a probabilidade de aquela resposta ocorrer novamente e, assim, controlar o comportamento.

Segundo o autor referido, programar contingências significa dar o reforço no momento apropriado, significa reforçar respostas que provavelmente levarão o aprendiz a exibir o comportamento terminal desejado. Estão aí implícitas as idéias de aproximações sucessivas e modelagem.

Uma outra tendência no estudo da formação do conceito abrange, sob a mesma denominação, diferentes abordagens que priorizam a dimensão cognitiva, isto é, a ênfase maior é dada aos processos cognitivos (Penna, 1984).

Os psicólogos que trabalham com a cognição procuram descrever, em linhas gerais, o que se sucede quando o ser humano se situa e organiza seu mundo, enfim, preocupam-se com o processo da compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição.

Enquanto área de pesquisa, a abordagem cognitivista parece caracterizar-se pelo estudo dos processos responsáveis pelo conhecimento e, nesse sentido, preocupa-se com

os processos cognitivos, tais como percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento etc.

Nessa tendência destacam-se Bruner, Goodnow e Austin (Ott,1977) que defendem a existência de uma relação íntima entre os processos perceptivos e os conceituais, já que ambos operam com atividades de categorização e identificação. As categorizações perceptuais operam de modo imediato, enquanto que as categorizações conceituais envolvem processos mais complexos de abstração e generalização.

Os referidos autores enfatizam o papel dos determinantes culturais no processo de conceitualização, porém seus trabalhos têm uma preocupação essencialmente descritiva.² Examinando os conceitos em função da natureza do grupo, Bruner, Goodnow e Austin (1956) sugerem três tipos, a saber: 1) os conceitos conjuntivos; 2) os disjuntivos; e 3) os relacionais.

Os conceitos conjuntivos são aqueles que especificam a presença de todos os atributos comuns ao grupo como no caso de cadeira, por exemplo, Independentemente do material, forma, tamanho, cor, sempre significa um móvel com encosto que serve para uma pessoa sentar-se.

Os conceitos disjuntivos se distinguem dos conjuntivos por apresentarem especificações com características diferentes dentro do próprio grupo do conceito. “Falta”, por exemplo ainda que tenha um significado comum – “inobservância dos preceitos e regulamentos” – (Ferreira, 1968) e, neste sentido considerado conjuntivo, esse tipo de conceito expressa da mesma forma diferentes tipos de procedimentos que desrespeitam as regras estabelecidas em diferentes sistemas.

Os conceitos relacionais especificam sempre uma relação ou um conjunto de relações entre os atributos de um grupo ou classe, como no caso de “direção”. Esse conceito envolve, necessariamente, uma relação de movimento entre um ponto e outro.

Assim, para o aluno entender esses conceitos, ele deverá relacioná-los a outros, o que só é possível através da experiência.

No cotidiano da sala de aula, a aprendizagem desses conceitos requer habilidades, por parte dos alunos, e o entendimento de agrupamentos e classes de objetos.

² Segundo Rossi (1993), alguns trabalhos também tiveram repercussão nessa linha, como Wason & John-Laid, 1972; Chapman, 1959; Wason, 1968; Gilson & Abelson, 1975.

D. W. Brown (1975) também classifica os conceitos de acordo com o nível de abstração. Refere-se ao primeiro, segundo e terceiro níveis, de acordo com a extensão conceito, isto é, na medida em que nomeiam um ou mais tipos de agrupamentos.

Segundo o autor citado, o conceito é sempre a abstração de um grupo ou classe de objetos. Nunca se refere a um objeto particular isolado. Dos objetos particulares formam-se imagens, retratos mentais ricos em detalhes. Os conceitos, por não especificarem um ser particular – a extensão deles refere-se sempre ao múltiplo –, variam sua compreensão de acordo com o número de grupos ou classe que envolve.

Assim, um conceito é tanto mais abstrato quanto maior sua extensão, maior o número de agrupamentos que envolve, e tanto menos abstratos quanto menor o número de agrupamentos que especifica e, neste caso, mais rico em compreensão, em caracterização de detalhes.

Um outro critério, a partir do qual os conceitos podem ser examinados, diz respeito ao grau de complexidade que encerram.

D. W. Brown (1975) estabelece uma analogia entre a relação dos conceitos que formam a rede de conhecimentos com uma rede elétrica, em que saem subestações que podem ser ordenadas de acordo com o número de saídas e a quantidade de energia que distribui. Diz o mesmo autor (p.103): “Os conceitos podem ser ordenados de forma similar, de acordo com o número de relações que têm com os outros conceitos e de acordo com a utilidade para organizar outros conceitos”.

Nessa perspectiva, D. W. Brown (1975) mostra que, segundo a complexidade, os conceitos podem ser divididos em duas grandes categorias: os conceitos-base e os conceitos-chave.

Entendem-se por conceitos-base os conceitos de menor complexidade, que especificam os atributos de um ou mais conjuntos de objetos e que se constituem em base de conhecimento. Esses conceitos podem-se relacionar uns com os outros de maneira a estabelecer cadeias verbais, que por sua logicidade constituem os princípios de ordem empírica ou científica. Como destaca Gagné (1971) ao tratar dos diferentes tipos de aprendizagem e graus de complexidade dos princípios, são exemplos, de conceitos-base, estrela, ácido, cor, ângulo. A aprendizagem desse tipo de conceito tem por pré-requisito a capacidade de discriminação dos objetos e o reconhecimento dos atributos comuns a esses objetos.

Os conceitos-chave são conceitos de maior complexidade e maior grau de abstração. Tabá os define como palavras que representam abstrações generalizadas de alto nível (Ott,1977).

Essas abstrações feitas de uma variedade de disciplinas do conhecimento são selecionadas em função do poder de organizar e sintetizar um grande número de fatos e idéias. Interdependência, cooperação, troca cultural, liberdade, energia são exemplos desse tipo de conceito.

A aprendizagem de um conceito-chave supõe, portanto, o domínio de um grande conjunto de conceitos-base, bem como o domínio de um grupo de princípios, entendidos, na perspectiva de Gagné (1971), como “cadeias de conceitos”, que constituem o que geralmente se denomina conhecimento.

É necessário destacar que tanto os conceitos-base como os conceitos-chave apresentam diferentes níveis de abstração e complexidade, e cabe à pessoa que ensina a habilidade de selecioná-los de acordo com as condições internas do aluno, isto é, dos pré-requisitos que o aluno possui.

A aprendizagem de discriminações é, simplesmente, outro nome para a “aprendizagem perceptiva”. Para responder ao ambiente, por meio dos símbolos, o aluno deve, primeiramente, adquirir a habilidade simples de distinguir as características de um objeto das do outro, o que inclui distinguir um símbolo de outro. Uma discriminação aprendida é a capacidade de distinguir uma característica de estimulação de outra, ou um símbolo de outro. Quando concluída a aprendizagem de discriminações, ela tem como resultado a seleção perceptiva das características do meio ambiente do aprendiz. Uma vez adquirida a capacidade de discriminar, o indivíduo está apto a aprender conceitos.(Moreira e Buchweitz, 1999, p.71)

Convém ainda esclarecer que a base da teoria de Gagné é o processamento da informação.

Segundo Moreira (1999, p.63), em termos de teorias ou abordagens ao ensino e à aprendizagem, “Gagné parece situar-se entre o behaviorismo e o cognitivismo. Por outro lado, fala em estímulos, respostas, estimulação ambiente, comportamentos etc., mas, por outro, fala muito em processos internos de aprendizagem e enfatiza a importância das teorias de aprendizagem para instrução”.

Ausubel e Novak, teóricos também cognitivistas segundo Moreira (1999, p.16) como tal, buscaram explicar teoricamente o processo de aprendizagem segundo a ótica do cognitivismo : “A estrutura cognitiva de um indivíduo é o complexo organizado resultante dos processos cognitivos através dos quais adquire e utiliza o conhecimento” .

Para Ausubel, novas idéias e informações podem ser aprendidas e retidas na medida em que conceitos relevantes e inclusivos estejam adequadamente claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo e sirvam, dessa forma, de ancoradouro a novas idéias e conceitos (Moreira e Buchweitz,1986).

Quando novas informações adquirem significado para o indivíduo através da interação com conceitos existentes, sendo por esses assimiladas e contribuindo para sua diferenciação, elaboração e estabilidade, a aprendizagem é dita significativa. Consistentemente com esse ponto de vista, Ausubel destaca o processo de aprendizagem significativa como o mais importante na aprendizagem.

A teoria de Ausubel, segundo Moreira e Buchweitz (1986) está baseada na suposição de que as pessoas pensam com conceitos, o que revela a sua importância para a aprendizagem. Um conceito comunica o significado de alguma coisa, e pode ser definido como um termo que representa uma série de características, propriedades, atributos, regularidades e /ou observações de um objeto, fenômeno ou evento.

À medida que ocorre a aprendizagem significativa, a estrutura cognitiva está constantemente se modificando. É assim que se processa a construção. Esse processo se realiza porque o aluno atribui significados aos objetos e eventos; é ele que estabelece relações significativas de subordinação ou superordenação entre conceitos, idéias e proposições.

É o aluno que constrói e organiza os subsunçores³. O resultado dessa construção é uma estrutura hierárquica de subsunçores (conceitos, idéias, proposições) na qual os mais gerais, mais inclusivos estão no topo de uma pirâmide imaginária e, progressivamente, incorporam subsunçores menos gerais e inclusivos, até chegar à base, onde estão os conceitos específicos dos detalhes, os exemplos de um corpo de conhecimentos. Essa estrutura cognitiva é completamente dinâmica. (Moreira e Buchweitz,1986, p.17)

3. A palavra *subsunçor* não existe em português. Trata-se de uma tentativa de aporuguesar a palavra inglesa *subsumer*. Seria mais ou menos equivalente a inseridor, facilitador ou subordinador (Moreira e Buchweitz,1986, p.17).

Ausubel distingue dois tipos principais de aquisição de conceitos, a saber: 1. a formação de conceitos; 2. a assimilação de conceitos.

A *formação de conceitos* é própria da criança até 5/6 anos, e consiste na aquisição espontânea e indutiva de idéias genéricas, como por exemplo “carro”, “cavalo”, com base na experiência concreta da criança. Em comparação com a teoria vygotskiana, seriam os conceitos cotidianos e espontâneos. Trata-se de um tipo de aprendizagem por descoberta, em que intervêm processos psicológicos, como a discriminação, a generalização, o levantamento e a comprovação de hipóteses.

Para Ausubel e Novak, esses processos que caracterizam a *formação de conceitos* podem ocorrer também em indivíduos de idade mais avançada, mas os processos psicológicos nesses casos se caracterizam por um nível mais elevado de elaboração.

Para ilustrar a *formação de conceitos*, Ausubel apresenta o exemplo de uma criança pequena que em sua casa tenha manipulado uma grande variedade de cubos diferentes em tamanho, cor e textura. Como resultado de sua experiência concreta, a criança, por indução, descobre os atributos criteriosais do cubo. Esses atributos fazem parte de uma imagem que a criança desenvolveu a partir de sua experiência e que pode evocar na ausência de cubos reais.

Esse processo de descoberta indutiva dos atributos criteriosais de uma classe de estímulos é chamado de *formação de conceitos*. A partir dessa descoberta, a criança vai ser capaz de distinguir um cubo de outras figuras geométricas e será capaz de utilizar a descrição de um cubo para identificar muitos exemplos de cubos.

No entanto, pode ocorrer que a criança tenha adquirido o conceito, mas não tenha ainda um nome para ele. Ausubel observa que a aprendizagem do nome do conceito é uma espécie de aprendizagem representacional: a criança aprende que o símbolo falado, cubo, representa o conceito que ela já adquiriu. A palavra cubo possui, então, um significado denotativo em outras apresentações; ela eliciará um conteúdo cognitivo diferenciado.

Além desse significado denotativo, o conceito terá um significado conotativo, que se refere às reações pessoais, indiossincráticas, que o termo provoca em cada criança, dependendo de suas experiências particulares com aquela classe de objetos. Aqui parece estar um dos aspectos mais positivos da proposta de Ausubel: os conceitos provocam reações a partir das experiências vividas pelos alunos e insistem com conceitos e palavras que não têm nada a ver com a experiência concreta dos seus alunos.

O segundo tipo de aquisição de conceitos é a *assimilação de conceitos*. Segundo Ausubel, esse processo é próprio de crianças a partir de 6/7 anos, dos adultos que aprendem novos significados conceituais quando se lhes são apresentados os atributos criteriais dos conceitos e quando eles relacionam esses atributos com idéias pertinentes estabelecidas em suas estruturas cognitivas (Moreira e Buchweitz, 1986).

Como se pode observar, a teoria de Ausubel e Novak privilegia o conteúdo, com atenção para o desenvolvimento estrutural da aprendizagem. A interação que buscaram entender tem como base o acúmulo de informações que o aluno pode armazenar, a partir do conhecimento que traz consigo na estrutura cognitiva.

O esforço cognitivo, basicamente, parte do aluno em organizar conceitos, idéias e proposições; então, o aluno precisa da bagagem de conhecimentos anteriores para que novas informações mobilizem novas estruturas, ou seja, o conhecimento é cumulativo e hierárquico. Segundo Ausubel, citado por Moreira e Buchweitz (1986, p.20), “o fato isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe. Descubra isso e ensine- o de acordo”.

Para os cognitivistas, a formação do conceito parte do mais simples para o mais complexo, dentro de uma estrutura, com interdependência e cooperação entre eles.

Destaque importante da tendência cognitivista é Piaget. Em consonância com o estruturalismo genético, Piaget procura vincular a formação de conceitos não apenas à elaboração de imagens mentais via processo de abstração, mas à própria ação do sujeito cognoscente. Nessa concepção, as imagens mentais e o pensamento não constituem meros prolongamentos da percepção, estando assim mais próximos das atividades operacionais. Operando sobre o objeto, o sujeito elaboraria as estruturas responsáveis pelos processos transformacionais. De acordo com Figueredo (1991), Piaget parece acreditar na indissolubilidade dos fenômenos mentais e comportamentais do indivíduo. O conceito, sob essa perspectiva, seria formado a partir de um processo pelo qual o sujeito elaboraria seu próprio conhecimento e sua adaptação ao meio, de maneira inteligente e progressiva .

Ao mostrar o movimento feito pela criança ao atuar sobre o mundo físico e ao agir sobre o mundo social, Piaget afirma que a criança constrói instrumentos cognitivos (categorias lógicas do entendimento, do julgamento moral e da competência lingüística), que lhe possibilitam “conhecer”, “julgar” e “reconstruir” o mundo social em que vive.

Partindo desse ponto de vista, Piaget vai focalizar a adaptação do sujeito ao meio simultaneamente à sua regulação interna e, nesta perspectiva, a aquisição do conhecimento se daria através de invariantes funcionais.⁴

Desse modo, as estruturas cognitivas que abarcam a dimensão lógica, moral e lingüística são construídas e reorganizadas através de estágios sucessivos que representam, da parte do sujeito, formas cada vez mais complexas, refinadas de conhecimento e reorganização do mundo físico e social.

Embora outras tendências busquem contribuir para a compreensão conceitual, parece haver maior aceitação dos pressupostos teórico-metodológicos vinculados às bases associacionistas e ao cognitivismo piagetiano. Com base nos estudos realizados que se ancoram nos pressupostos associacionistas, na vertente cognitivista piagetiana, além dos mencionados, devem-se citar também Carraher e Carraher, 1988; Hunt, 1961, 1963; Inhelder, 1962; Freitag, 1984, 1986; Flavell, 1976; Baldwin, 1967.

Goswami (1992) apresenta as várias faces da aquisição do conhecimento – dentre elas a formação do conceito – contrapondo Piaget aos teóricos do processamento da informação.

Segundo a autora, as teorias estruturais do desenvolvimento do raciocínio analógico defendem que são necessárias aquisições e maturações orgânicas, que Piaget descreve na forma de estágios do desenvolvimento, para que o desenvolvimento ocorra.

A autora não nega, no entanto as, muitas contribuições de Piaget para compreensão do raciocínio das crianças .

Acrescenta, no entanto, a autora, que outras abordagens têm mostrado, dentre elas o processamento da informação, que, muito antes do que prevê a teoria piagetiana, as crianças já dispõem de aquisições para resolver determinados problemas.

Assim, segundo seu ponto de vista, a teoria recebe críticas, principalmente dos psicólogos evolutivos ligados à teoria do processamento da informação, por delimitar e demarcar algumas aquisições presas a estágios do desenvolvimento, por ele afirmar que é somente no período das operações formais que a semelhança das relações acontece.

4. Os invariantes funcionais no cognitivismo piagetiano são um constructo teórico composto pelos mecanismos de adaptação e organização que se realizam via dois movimentos interligados, a assimilação e a acomodação.

Para não se estender nas especificações da teoria do processamento da informação, apresentam-se resumidamente as conclusões a que chegou a autora citada anteriormente acerca da teoria: 1) a habilidade de raciocínio sobre a semelhança relacional está presente muito cedo no desenvolvimento das crianças e irá variar, dependendo dos fatores que irão determinar essa habilidade. Assim, nenhum conhecimento é igual. Cada criança vai entender e perceber o conteúdo, dependendo de fatores internos e externos, desde a forma de apresentação da tarefa até a outros fatores significantes; 2) quando o conhecimento é apresentado de forma fragmentada, é muito mais difícil para as crianças fazerem analogias; 3) o conhecimento relacional nas analogias bem sucedidas em salas de aula provavelmente evidencia uma conexão entre teoria e prática de forma coerente; 4) quando as crianças entendem as analogias, elas podem raciocinar sobre a semelhança nas relações, o que isso ocorre por volta dos 3 /4 anos .

Para Goswami (1992), se o aluno é capaz de entender uma analogia, é capaz de mudar o conceito, resultando uma representação diferente dentro do próprio conceito do conteúdo, o que leva a pensar que tal reestruturação de conhecimento pode atingir proporções cada vez maiores em termos de aquisição de conhecimentos. Por isso, os professores precisam ajudar os alunos cada vez mais a desenvolverem o raciocínio, a formar conceitos, a transformar esses conceitos, em ordem superior de aquisição de domínios, o que lhes possibilitará apropriar-se da sua cultura, dos instrumentos que facilitam o acesso a ela e do entendimento do mundo que o cerca.

Ainda sobre a visão cognitivista, levanta-se o conceito da teoria do processamento da informação defendida acima por Goswami (1992), com o enfoque nas pesquisas de Brown e colaboradores (1983).

Essa teoria defende que o processamento da informação é realizado em um armazenamento a curto prazo ou memória de trabalho em que o número de elementos que o indivíduo consegue prestar atenção ao mesmo tempo é limitado (Coll, 1995).

Os defensores dessa teoria argumentam a existência ao menos de mudanças funcionais na capacidade de processamento entre as crianças pequenas e as maiores e os adultos, e que estas mudanças podem ser devido a uma melhora na eficácia operacional, nas estratégias que o indivíduo utiliza e no conhecimento que possui da tarefa, como se postula nos posicionamentos mais típicos do processamento da informação.

A. L. Brown e colaboradores (1983), desenvolvendo pesquisas relacionadas ao processo de aquisição da metacognição em crianças nos aspectos sobre o

desenvolvimento da repetição e da organização da memória, concluíram que as crianças menores de 5/6 anos não costumam utilizar espontaneamente essa estratégia. Essa estratégia seria utilizada de forma sistemática apenas a partir dos 7 anos.

A partir de outros estudos sobre estratégias de estudo e de escrita, A. L. Brown e colaboradores (1978) concluíram que o indivíduo constrói o que se chamou de “macroestrutura do texto”. Trata-se de um conjunto de idéias mais importantes, ou seja, um resumo ou sumário, a partir de seu próprio conhecimento, das idéias mais relevantes (Coll et al. 1995).

Os resultados desse trabalho, segundo os pesquisadores, é que esta é uma habilidade que se adquire e que é requisito necessário para o desenvolvimento de certas estratégias de estudo adequadas.

Em outro grupo de trabalhos, A . L, Brown e colaboradores (1983) analisaram duas estratégias: “copiar-suprimir” e “dizer-o-que-se-sabe”. Com base nessas duas estratégias, os autores concluíram que o indivíduo realiza sua tarefa de forma pouco ativa e com uma certa eficácia. Assim, as modificações esperadas são mais difíceis de se realizar.

Segundo Coll (1995), diante das pesquisas de Brown e colaboradores, assim como de outras não mencionadas, os teóricos do processamento da informação concluíram o seguinte: o desenvolvimento de estratégias de memória é um processo pré-operatório que começa na criança e que continua durante a adolescência. Através desse processo, as estratégias de memória citadas vão se flexibilizando e ampliando progressivamente tornando o indivíduo cada vez mais capaz de realizar as tarefas de forma mais ativa, profunda e eficaz.

As mudanças que ocorrem, segundo os teóricos, devem-se, ainda que parcialmente, a uma melhoria na eficácia cognitiva dos indivíduos, ou seja, aos fatores de estratégias, conhecimento e metacognição a que se referiram. Argumentam também que, de qualquer forma, a atuação conjunta de fatores socioambientais e maturativos os obriga a falar de estágios, embora para eles esse conceito está mais próximo das posições vygotskianas e de Case, do que das de Piaget.

Barboza (1997) analisa o posicionamento de Wallon em relação ao desenvolvimento afetivo e cognitivo do sujeito, com implicações formação dos conceitos, e observa que Wallon apresenta pontos fundamentais, juntamente com Leontiev e Vygotsky.

Um dos pontos de posicionamento de Wallon diz respeito ao importante papel que as relações interindividuais ocupam no processo, e o outro ao fato de considerar que o processo de desenvolvimento não ocorre apenas em fases sucessivas e lineares, idênticas a todos os sujeitos, como havia afirmado, por exemplo, Piaget e Inhelder (1994).

Segundo a autora, sob a perspectiva sócio-histórico-dialética, as relações interindividuais seriam fundamentais no desenvolvimento infantil e no processo educativo. O pressuposto básico do qual partiram Vygotsky, Lúria, Leontiev e Wallon é de que o homem mantém uma relação dialética com o mundo natural e social, e que, ao transformar o mundo e ser transformado por ele, o homem é também capaz de promover a auto-transformação. Segundo Wallon (1975,1981,1979), essa indissociabilidade encontraria uma de suas razões já no início da infância, quando a criança dependeria de outras pessoas para satisfazer a um conjunto de necessidades orgânicas. A vida social e as relações afetivas e interpessoais integrar-se-iam, pois, diretamente ao biológico, o que levou o autor a afirmar que a criança é “biologicamente social”.

Entende-se daí que, através das interações sociais complexas, a criança, desde seu nascimento, pode aprender a regular seus processos afetivos e cognitivos, seguindo de forma direta ou indireta, explícita ou implicitamente, as indicações e diretrizes propostas por adultos e/ou outras crianças mais velhas e/ou mais experientes. Através do processo de interiorização, a criança pode transformar aquilo que inicialmente faz ou conhece com a ajuda de outros (relação interpsicológica) em algo que faz ou conhece por si mesma, implicando em relações intrapsicológicas e na possibilidade de autocontrole e automotivação.

Sobre esse primeiro ponto, Galvão (1995) observa ao buscar compreender o psiquismo humano, que Wallon voltou sua atenção para a criança, pois através dela é possível ter acesso à gênese dos processos psíquicos. Segundo Galvão, de uma perspectiva abrangente e global, Wallon investiga a criança nos vários campos de sua atividade e nos momentos de sua evolução psíquica, com enfoque para o desenvolvimento em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, em que procura mostrar quais são, nas diferentes etapas, os vínculos entre cada campo e suas implicações com o todo representado pela personalidade.

Sobre o segundo ponto, a partir de pesquisas com crianças francesas de baixa renda, Wallon (1975,1981,1989) mostrou que o desenvolvimento infantil não implicaria num processo cumulativo. Para ele, existiria uma certa subordinação entre as fases do

desenvolvimento psíquico sem, entretanto, existir uma identidade de orientação funcional. As atividades mais primitivas (funções nervosas) vão sendo dominadas progressivamente por outras atividades, integrando-se a elas; então, cada estágio de desenvolvimento é qualitativamente novo e não se dá por etapas sucessivas. Portanto, segundo Wallon, para se observar o comportamento infantil, é preciso indagar sobre as condições de base que o tornam possível e em que relações ele implica, para se entender a influência dessas relações sobre a situação subjetiva (indivíduo) e objetiva (meio).

O estudo contextualizado da criança possibilita que se perceba, entre os seus recursos e os de seu meio, que se instala uma dinâmica de determinações recíprocas, ou seja, a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e o ambiente. Segundo Galvão (1995,p.17), “os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Conforme disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando os recursos para o seu desenvolvimento” .Com base nas suas competências e necessidades, a criança tem sempre a escolha do campo sobre o qual aplica suas condutas. O meio, segundo o pensamento de Wallon, não é, portanto, uma entidade estática e homogênea, mas transforma-se juntamente com a criança.

Dessa forma, o ser em transformação, compreendido como agente ativo de sua própria experiência e desenvolvimento, não será apenas analisado por seu desempenho intelectual, já que os aspectos emocionais e socioculturais também serão analisados.

No entanto, Wallon valoriza as emoções na constituição do sujeito e é nessa rede de associação dialética entre emoção/cognição que os conceitos são formados.

Essa linha de raciocínio aproxima significativamente Wallon a Vygotsky, pois ambos enfatizam, no processo de desenvolvimento, não só as complexas transformações sofridas pela criança e seu meio social, como também a importância da capacidade individual de compreender e expressar os seus significados simbólicos e afetivos para os seus outros sociais.

1.1 A investigação sócio-histórica de Vygotsky e a formação de conceitos

Vygotsky abre possibilidades para o redimensionamento teórico e metodológico do estudo da formação do conceito.

Para Vygotsky, a idéia central para compreensão das suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é a mediação semiótica. Tese central de sua obra, engloba as estratégias de conhecimentos já dominadas pelo sujeito. Assim, as ações do sujeito como também as do outro e as condições concretas em que se dá essa interação passam a ser controladas pelo sujeito, facultando-lhe a direção do próprio comportamento.

O autor entende que a cognição ocorre de forma mediada e a ação do sujeito sobre o objeto também é mediada pelo outro, através dos signos. Enquanto sujeito do conhecimento, o homem não tem acesso aos objetos, mas um acesso mediado, que é feito através dos recortes do real pelos sistemas simbólicos que dispõe.

O resultado do desenvolvimento, para Vygotsky, não é uma estrutura puramente psicológica, como a psicologia descritiva, nem a simples soma de processos elementares, como considera a psicologia associacionista. É uma forma qualitativamente nova que aparece no processo de desenvolvimento: “O signo não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigida para o controle do próprio indivíduo” (Vygotsky, 1998, p.72).

Vygotsky vê os instrumentos como elementos externos ao indivíduo, voltados para fora dele. Para o autor, a função dos instrumentos é provocar mudanças nos objetos, controlar os processos da natureza. Já os signos ele entende como “instrumentos psicológicos”, que são orientados para o próprio sujeito, ou seja, para dentro do indivíduo e, segundo o autor, dirigem-se ao controle de ações psicológicas, seja do indivíduo ou seja de outras pessoas.

Fazendo uma analogia com as ferramentas de trabalho, Vygotsky afirma que os signos são ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas como instrumentos .

Os indivíduos se apropriam das diferentes práticas em contato com o meio, nas suas trocas sociais, produzem-nas, transformam-nas e ao mesmo tempo internalizam essas práticas como modos de ação/elaboração próprios e assim, a partir desse processo, vão se constituindo enquanto sujeitos. A esse processo dá-se o nome de

individualização, em que o sujeito reelabora internamente os modos de ação externos compartilhados. Essa reelaboração baseia-se na mediação semiótica.

O processo de internalização baseia-se, também, na mediação semiótica, em especial na linguagem, e se dá através da interação, em condições sociais concretas, a que envolve o conhecimento já internalizado pelo sujeito, as ações e estratégias por ele dominadas, assim como o conhecimento, a ação e as estratégias do outro. É através da internalização que os modos de ação, procedimentos e funções sociais do outro transformam-se em recursos e acabam por constituir um elemento de regulação do seu comportamento.

Esse movimento gera o processo de automatização das ações do sujeito, na medida em que faculta o controle e a direção do próprio comportamento.

Nessa concepção, o percurso do desenvolvimento do psiquismo superior acontece de “fora para dentro” – do interpsicológico para o intrapsicológico – através de internalização e reconstrução interna das formas culturalmente estabelecidas ao longo da evolução histórica, assim:

uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente (...) Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre as pessoas (interpsicológica), e, depois no interior da criança (intrapsicológica). (Vygotsky, 1993, p.75)

As operações com signos também possuem a mesma trajetória, pois inicialmente a criança utiliza símbolos externos como instrumentos que auxiliam funções psicológicas, como a memória e a atenção; ao longo do processo de aprendizagem e desenvolvimento, porém, as representações internas dos signos preponderam, auxiliando o indivíduo. Assim, os instrumentos mediadores e as interações sociais percebidas como mediadoras tornam-se fundamentais no processo de desenvolvimento da criança.

Aqui se faz necessário evidenciar o que vem a ser, para Vygotsky, o sentido e o significado na construção do conhecimento.

Para Vygotsky, o significado da palavra transforma-se ao longo do desenvolvimento do sujeito; o significado da palavra evolui, posto que integra novos sentidos, novas conotações.

O desenvolvimento conceitual não se dá de forma definitiva, mas gradual, porque também, gradativamente, evolui o significado da palavra.

Vygotsky relaciona o trabalho dinâmico do indivíduo com o significado da palavra e o desenvolvimento da consciência. Lúria (1986, p.4) explica:

Na medida em que a criança se desenvolve muda o significado da palavra, quer dizer, que também muda o reflexo daqueles enlaces e relações que, através da palavra, determinam a estrutura da sua consciência. Precisamente por isso, a teoria do desenvolvimento do significado semântico e sistêmico da palavra pode ser designada ao mesmo tempo como teoria sobre o desenvolvimento semântico e sistêmico.

Tem-se, então, confirmada a importância do estudo do significado da palavra para a compreensão do processo de desenvolvimento da pessoa e de sua consciência, segundo Vygotsky.

Integrado com o estudo do “significado” da palavra, Vygotsky (1998) formula um outro conceito, que diz respeito ao “sentido” da palavra, o qual se mostra relevante nos estudos das relações entre linguagem e consciência.

Assim, o significado da palavra carrega a experiência social, deixando transparecer a realidade de forma mais objetiva.

O significado é um sistema estável de generalização, que se pode encontrar em cada palavra, igualmente para todas as pessoas. Este sistema pode ter diferente amplitude de alcance dos objetos por ele designado, mas sempre conserva um núcleo permanente, determinado pelo conjunto de enlaces.(Lúria, 1986, p.45.)

O sentido, por sua vez, refere-se ao significado individual da palavra. Mantém-se relacionado com os aspectos objetivos da palavra, mas agrega também relações com o momento ou a situação específica e, acima de tudo, encontra-se integrado com as vivências e com as características subjetivas da pessoa. O sentido perpassa o motivo pessoal e fundamenta-se na utilização viva da palavra, em uma concreta afetividade experienciada pelo sujeito.

Nas relações entre sentido e significado, são esclarecedoras as palavras de Vygotsky (1998, p.275-276):

O sentido de uma palavra é um agregado e todos os fatos psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra. Sentido é uma formação dinâmica, fluída e complexa que tem inúmeras zonas que variam em sua instabilidade. Significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto da fala. É mais estável, unificada e precisa dessas zonas. Em diferentes contextos, o sentido de uma palavra muda. Ao contrário, o significado é, comparativamente, um ponto fixo e estável que permanece constante com todas as mudanças no sentido da palavra que são associadas com seu uso em vários contextos.

Entende-se que o significado pode alterar-se de acordo com a situação, mas ainda poderá assumir uma outra especificidade subjetiva, quando, então, teremos o sentido da palavra, a partir do significado objetivo compartilhado socialmente. O sentido que a palavra assume é totalmente arbitrário na subjetividade de cada um. A comunicação social é, assim, permeada de sentidos e significados que possibilitam uma pluralidade interpretativa.

Essas conceituações e compreensões relativas aos sentidos e significados são muito pertinentes, porque permitem observar, com mais habilidade, as categorias levantadas no âmbito das discussões desse trabalho.

Isto possibilita analisar como as relações entre atividades, significados e sentidos se integram, o que ajudaria a resgatar o que o aluno tem de mais precioso: suas motivações.

Vygotsky distingue assim duas linhas de desenvolvimento: a natural, de origem biológica, e a cultural, de origem social. A cultura transforma a base natural, e há uma relação de interdependência entre formas culturais e o organismo.

Na construção social do conhecimento, a cognição é vista como um produto, que é alcançado pela interação que valoriza a importância do outro, da cultura. Nesse sentido, a linguagem é colocada como central na abordagem teórica. A mediação semiótica é importante para o desenvolvimento das funções mentais superiores.

A hipótese de Vygotsky era a de que os homens, a partir das interações variadas criadas nas situações de aprendizagem, aprendiam a lidar numa esfera não puramente natural, mas mediada pela cultura. A utilização de processos mediados pelo sujeito é o que diferencia as funções psíquicas em inferiores (pensamento em imagens, memória mecânica, atenção involuntária, etc.) ou superiores (pensamento

conceitual, memória lógica, atenção voluntária etc.), ou seja, as inferiores utilizam processos psíquicos naturais para serem construídas, enquanto as superiores são mediadas. (Barboza, 1997, p.54)

Ao fazer referência ao “termo função psicológica superior, Vygotsky combina o instrumento e o signo na atividade psicológica. Dessa maneira, a diferença entre essas funções é de natureza qualitativa.

Explicando um pouco mais as funções psicológicas inferiores e superiores, Vygotsky distingue um nível inferior, caracterizado por funções mentais elementares, e um nível superior, em que as funções especificamente humanas aparecem como transformações graduais destas funções elementares.

As funções elementares não desaparecem, mas são estruturadas e organizadas como formas de comportamento especificamente humanas. Já as funções naturais são superadas em função da cultura.

A elaboração do conceito está entre as formas superiores de ação consciente e revela-se um modo culturalmente desenvolvido de o sujeito refletir cognitivamente suas experiências. Esse processo é constituído através dos movimentos de análise/síntese, abstração/generalização dos dados sensoriais, mediado pela palavra e nela materializados.

A importância da linguagem no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, de acordo com Oliveira (1992), não implica a transmissão cultural verbalista, referente à transmissão de conhecimentos somente pela palavra e pela explicação oral. Essa interpretação errônea leva a acreditar que a teoria vygotskiana postula a volta do ensino tradicional verbalista do professor e a passividade do aluno. Para Vygotsky, o verbal não significa verbalista; refere-se ao uso de uma linguagem, de um sistema de signos compartilhados por pessoas.

A formação de conceitos depende das possibilidades do sujeito de se apropriar e objetivar os conteúdos e formas organizadas de elaboração do conhecimento e suas interações.

Nessa perspectiva, os conceitos estão impregnados do momento histórico no qual se desenvolveram e se consolidaram, dos movimentos de elaboração e reelaboração forjados no contexto das forças sociais e impressos na própria palavra.

Segundo Lúria (1994), a palavra tem uma estrutura complexa com dois componentes básicos: um é a representação material e outro o seu significado. Assim a

palavra na linguagem humana relaciona-se a um objeto, expressando não apenas sons articulados, mas tendo a função designativa de alguma coisa, ou seja, uma função representativa. A palavra permite evocar imagens correspondentes aos objetos e a operar com eles mesmo em sua ausência. A palavra permite, ainda, a análise do objeto quando se consegue, através dela, distinguir suas propriedades essenciais e relacioná-la a uma classe de objetos. Desta forma, ela permite a abstração e a generalização a partir das ligações que mantém com a realidade externa. Esta função é identificada como “significado” da palavra. Lúria (1994, p.56) explica que essa função “é a capacidade de analisar o objeto, distinguindo nele suas propriedades essenciais e relacioná-lo a determinadas categorias que se chama significado da palavra.”

Coerente com suas concepções e abordagem, Vygotsky focaliza a questão dos conceitos, ou seja, verifica como se transforma ao longo do desenvolvimento o sistema de relações e generalizações contido na palavra até se fundirem em um único ponto, definindo a formação de conceitos genuínos.

Para ele, ao aprender a pensar, a criança está pronta para realizar as operações psicológicas que envolvem os processos mentais superiores. Este é o momento da assimilação crítica que estabelece uma nova relação com mundo provocando mudanças radicais na criança, que se vê frente a novas formas de comunicação e entendimento com os indivíduos e consigo mesma.

É com esta idéia de constante transformação que Vygotsky define a aproximação que a criança faz com os conceitos estabelecidos culturalmente. A criança vivencia um conjunto de experiências construindo um quadro de conhecimento do mundo material que a cerca. Esse quadro construído ao longo do desenvolvimento da criança constitui os primeiros passos para o que Vygotsky chama de formação de conceitos.

[Segundo sua teoria] uma criança é capaz de compreender um problema e visualizar o objeto colocado por esse problema: como as tarefas de compreender e comunicar-se são essencialmente as mesmas para os adultos e para as crianças, esta desenvolve equivalentes funcionais de conceitos numa idade extremamente precoce. Mas as formas de pensamento que ela utiliza ao lidar com essas tarefas diferem profundamente das do adulto em sua composição, estrutura e modo de operação”. (Vygotsky, 1993, p46.)

Atenta-se para o fato de a criança abordar os problemas exatamente da mesma maneira que o adulto faz ao operar com conceitos, mas seu modo de resolvê-los é completamente diferente. A explicação estaria que em uma fase precoce a criança desenvolve equivalentes funcionais de conceitos, com a incorporação das palavras numa combinação específica, formando as bases psicológicas do processo que se amadurece e se configura dentro da puberdade.

A formulação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens. À inferência ou às tendências determinantes sem o uso dos signos, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos (Vygotsky, 1993, p.50)

Até a formação de conceitos, o caminho é longo: a criança que ainda está em uma fase muito precoce da infância inicia as funções intelectuais combinadas, e estes seriam os primeiros passos para o processo de formação de conceitos.

Só mais tarde, em etapas posteriores do desenvolvimento, quando a criança consegue falar, se expressar, materializar, e quando a questão subjetiva é externalizada, é que ela consegue formar o conceito.

Assim, a criança, pouco a pouco, forma as bases intelectuais. E, com o amadurecimento, ela vai desenvolvendo funções semelhantes aos conceitos verdadeiros, que são resultado de uma atividade extremamente complexa, em que tomam parte todas as outras funções intelectuais básicas que irão caracterizar o surgimento do pensamento conceitual.

Nesse contexto, cabe questionar o que a escola faz com o aluno quando são utilizados os valores religiosos como canalizadores na formação dos conceitos. E já se pode adiantar algumas respostas, com base nos resultados da pesquisa ainda a ser apresentada a seguir neste trabalho. O que ocorre é que tanto da parte do professor quanto da parte da instituição, aparece a dificuldade de ressignificar o aluno a partir da representação que a escola faz dele, quando esse aluno não se apropria dos conceitos da forma que lhe é transmitido.

Quanto à formação do pensamento conceitual, uma das funções psíquicas superiores, Vygotsky apresenta a trajetória da formação de conceitos, dividindo-a em três fases. Vale ressaltar, contudo, que essas fases são transformações que afetam tanto o conteúdo quanto o raciocínio, não têm nada em comum com os estágios propostos por Piaget para o desenvolvimento cognitivo e não seguem uma seqüência temporal. Elas apenas demonstram as mudanças qualitativas do pensamento humano, podendo o sujeito iniciar o processo por qualquer um dos estágios.

As três fases básicas da formação de conceito, segundo Vygotsky (1993), são também subdivididas em subfases, chamadas por ele de estágios.

Na primeira fase, segundo Vygotsky, a criança pequena dá seu primeiro passo para a formação do conceito quando agrupa alguns objetos numa agregação desorganizada, ou “*amontado*”. O amontado é construído por objetos desiguais, agrupados sem qualquer fundamento, e se relaciona à percepção da criança. No primeiro estágio dessa fase, a criança passa pelo estágio da tentativa e erro, em que o grupo é criado por acaso. No estágio seguinte, o significado das palavras denota, para a criança, nada mais do que um conglomerado vago e sincrético de objetos isolados que, de uma forma ou de outra, aglutinaram-se numa imagem em sua mente (Vygotsky, 1993). Ou seja, por sua proximidade espacial ou por algum traço chamativo, por basear-se em impressões casuais, o agrupamento será instável, podendo-se notar que a criança não consegue usar a linguagem como um signo fundamental para a construção do conhecimento sobre o objeto, confundindo-se conexões subjetivas com conexões reais.

Já no terceiro estágio, os amontoados vão ser formados a partir da reunião de dois critérios anteriormente utilizados, porém sem mostrar uma “coerência”. O sujeito opera usando os dois critérios anteriores.

A segunda fase no processo de elaboração categorial é assentada em bases mais complexas, por caminhos de generalizações, e sofrendo influência direta do meio ambiente. Através da linguagem, a criança se organiza tendo um grande desenvolvimento nos conceitos infantis; é a fase dos “*complexos*”.

Assim, a fase do pensamento por complexos vem com a função de produzir a matéria-prima básica e a superprodução de conexões. Somente mais tarde o processo amadurece, com entrada no desenvolvimento da formação de conceitos, como parte de um sistema totalmente organizado.

Entre o complexo e o conceito existe uma equivalência funcional – um é o processo embrionário do outro – o que possibilita a compreensão mútua entre o adulto e a criança e desencadeia no surgimento do conceito propriamente dito.

Mas o conceito desenvolvido pressupõe algo além da unificação. Para formar esse conceito também é necessário abstrair, isolar elementos e examinar os elementos abstratos separadamente da totalidade da experiência concreta de que fazem parte. Na verdadeira formação de conceitos, é igualmente importante unir e separar: a síntese de se combinar com a análise. (Vygotsky, 1993, p.66)

São cinco os estágios da fase dos complexos: associativo, por coleções, em cadeia, difuso e pseudoconceito.

O complexo associativo parece ser um complexo baseado na percepção, em que a criança associa objetos, a partir de atributos comuns tais como semelhança, contraste, proximidade no espaço. Assim, os objetos são organizados e selecionados como se fossem membros de uma mesma família.

O complexo por coleções baseia-se nas experiências práticas que implicam agrupamentos de objetos baseados em características que os tornam diferentes ou complementares entre si. O critério é o contraste ou ainda a função ou uso (pensa em objetos concretos e não em conceitos generalizados).

No estágio denominado cadeia, os objetos são organizados pelos sujeitos por eles. Esses elos são agrupados de forma dinâmica e consecutiva, numa única corrente, com a transmissão de significado de um elo para o outro. O atributo decisivo varia ao longo de todo o processo, ou seja, uma relação é totalmente desprezada quando se estabelece uma conexão entre dois outros objetos, que não tem nada em comum com os primeiros.

No complexo difuso, observa-se uma fluidez do atributo que une os elementos (sai dos limites das conexões concretas), mas as generalizações são ainda concreto-figurativas e subjetivas, mas tentam fornecer significado ao conceito. As conexões acontecem fora da esfera do conhecimento prático baseado nas conexões concretas, com atributos vagos, irrealis e instáveis.

Completando o quadro do pensamento por complexos, há o estágio chamado de complexo de pseudoconceito. Esse estágio leva esse nome porque a generalização formada na mente da criança, embora fenotipicamente semelhante ao conceito dos

adultos, é psicologicamente muito diferente do conceito propriamente dito, mas em sua essência é ainda um complexo. É o grau mais elevado do desenvolvimento da formação do conceito. Constitui-se em um elo entre o pensamento por complexos e o pensamento conceitual ainda dependente das conexões perceptuais diretas (semelhança concreta visível), parecendo-se orientar pela idéia ou conceito geral.

O que se observa é que o sujeito cria grupos de objetos que parecem estar calcados em uma classificação categorial, mas mostra a ausência de fundamento categorial legítimo quando o sujeito amplia os princípios aplicados a generalizações feitas a outros. Percebe-se que se está firmado em apenas um grupo sem se levar em conta o conjunto dos atributos. (Faria, 2000, p. 21).

A criança passa então a trabalhar com os pseudoconceitos que coincidem em conteúdo com o dos adultos, criando uma base para generalizações posteriores que facilitarão a passagem para o pensamento por conceitos.

No pensamento por complexo, o sujeito parece estabelecer relações entre os objetos a serem categorizados a partir de sua experiência perceptível e daí gradativamente vai deixando o corpo e os objetos que servem de referência aos objetos do mundo. Passa, então, a usar os signos externos como estratégia para a resolução da tarefa da formação do conceito.

Conclui Vygotsky (1993,p.59):

A transição do pensamento por complexos para o pensamento por conceitos não é percebida pela criança porque os seus pseudoconceitos já coincidem, em conteúdo, com os conceitos do adulto. Assim, a criança começa a operar com conceitos, a praticar o pensamento antes de ter uma consciência clara da natureza dessas operações. Essa situação genética não se limita à aquisição de conceitos, mais que uma exceção, é regra no desenvolvimento intelectual da criança.

O conceito propriamente dito, ou conceito autêntico, segundo Vygotsky, forma-se, então, já em um terceiro estágio da abstração, na medida em que a criança voltasse a sintetizar os traços abstraídos, elegendo na classificação um só atributo.

Segundo Vygotsky (1993, p.64),“nessa fase, a elaboração conceitual, a consolidação da abstração emergente do pensamento por complexos, proporciona ao sujeito a constituição da palavra em uma dimensão conceitual”. Nesse ponto, síntese se

combina com análise, assim como abstração se combina com generalização. A função da palavra passa a ser a codificação da experiência e dos objetos em esquemas conceituais hierárquicos. O sujeito passa a utilizar cada vez menos de suas impressões imediatas para classificar objetos e torna-se capaz de isolar certos atributos desses objetos, colocando-os em categorias abstratas específicas e hierarquizadas.

No primeiro estágio do conceito propriamente dito, o sujeito reúne objetos segundo um grau máximo de semelhança. Ocorre nesse estágio uma ruptura do caráter global da percepção, que passa a considerar uma base máxima de semelhanças passíveis, enquanto no segundo estágio parte-se de um agrupamento com base em um único atributo. Esses construtos são simples precursores dos verdadeiros conceitos, por isso são denominados de conceitos potenciais.

A fase dos conceitos potenciais permite à criança o processo de abstração e isolamento de objetos, fator que é importantíssimo em todo o processo. O pensamento por conceitos já aparece na criança de forma rudimentar quando ela agrupa os objetos por semelhança. Assim, ela está dominando a abstração, que conseqüentemente está associada ao pensamento por complexo, o que permitirá à criança durante o seu desenvolvimento chegar à verdadeira formação de conceitos na puberdade.

Deve-se então entender a formação de conceitos como uma função do crescimento social e cultural global, que afeta não apenas o conteúdo, mas também o método de seu raciocínio. Esta formação tem na palavra o meio, “ que primeiro funciona em seu papel de comunicação social e depois no símbolo concreto” (Vygotsky, 1993, p.69).

Para Vygotsky, os conceitos potenciais resultam de uma espécie de abstração isolante de natureza tão primitiva, que está presente, em certo grau não apenas nas crianças muito novas, mas até mesmo nos animais.

Segundo Barboza (1997), fazendo referência a Vygotsky, os conceitos potenciais podem ser formados em diferentes esferas: na esfera do pensamento perceptual, baseando-se em impressões semelhantes (cachorro, bode; os dois mamam e têm pêlos); ou na esfera do pensamento prático, em que se utilizam os significados funcionais voltados para a ação.

O autor considera esses significados funcionais como fonte importantíssima dos conceitos potenciais: por eles a criança usa de palavras que significam (que designam) o que o dado objeto pode fazer, a que ele serve. Deve-se observar que esses conceitos potenciais também já desempenham um papel no pensamento por complexos.

Conforme concebe Vygotsky, a aprendizagem da criança se inicia muito antes da aprendizagem sistematizada, que acontece na escola. Através da interação com os meios social e físico, a criança aprende desde os primórdios de sua vida.

As observações cotidianas, assim como as experiências, as imitações e as orientações recebidas de pessoas mais experientes, possibilitam a formação de conceitos. Assim, mesmo antes de inserir-se na instituição escolar, a criança constrói uma série de conhecimentos, por estar inserida num grupo social, e ser membro dele, vivenciando experiências relacionadas a conceitos, valores e objetos que fazem parte do ambiente com o qual se relaciona (Rego, 1995).

De acordo com Rego (1995), a aprendizagem de conceitos, internalizados ao longo do desenvolvimento e constituindo construções culturais contidas nas palavras, foi explicada por Vygotsky como sendo *conceitos cotidianos*, construídos a partir da observação, manipulação e vivência direta na situação; e *conceitos científicos*, relacionados àqueles conhecimentos sistematizados e adquiridos, geralmente construídos na instituição escolar.

A diferença entre os conceitos cotidianos e os conceitos científicos está em que os conceitos científicos, quando comparados com os conceitos cotidianos, são sistemáticos, ou seja, eles são adquiridos por intermédio de um sistema de educação formal. Por isso, também são chamados de conceitos escolarizados, pois que sempre emergem pela instituição social da escola.

A força desses conceitos científicos reside na capacidade da criança de usar tais conceitos voluntariamente, isto é, na sua prontidão para a ação e na sua capacidade de utilizá-los de maneira voluntária e sistematizada.

Apesar da diferença de origem entre os dois – um tem sua origem nas experiências do dia-a-dia e outro nas experiências escolares – ambos estão interconectados e interdependentes, pois, em seu desenvolvimento, influenciam-se mutuamente, ou seja, um não pode existir sem o outro o que pode ser melhor explicado mediante a compreensão de que é através do uso dos conceitos cotidianos que a criança dá sentido às definições e explicações dos conceitos científicos.

Na realidade, os conceitos cotidianos fornecem ao desenvolvimento dos conceitos científicos a sua base através do conhecimento vivido, isto é, mediam a aquisição dos conceitos Vygotsky, no entanto, enfatizou que os conceitos científicos também crescem dentro do cotidiano, adquirindo significado e sentido, levando o desenvolvimento dos conceitos cotidianos para um nível superior.

A percepção da criança se transforma na medida em que realiza a análise e reanálise, fazendo com que seus conceitos evoluam a partir da elaboração consciente da experiência lógica. Assim, a emergência dos conceitos genuínos se dá mediante uma operação intelectual em que todas as funções mentais elementares participam, sendo dirigidas pelo uso da linguagem como meio de centrar ativamente a atenção, abstrair, sintetizar e simbolizá-los por meio do signo.

Isto ocorre porque as novas situações concretas que a criança vive também têm de ser vividas de forma abstratas. É o domínio da abstração, associada ao pensamento por complexos, em uma transferência árdua, que permitirá à criança, na adolescência, atingir a verdadeira formação de conceitos.

Segundo Vygotsky, um conceito só aparece quando os traços abstratos são sistematizados novamente, e a síntese abstrata que resulta deste processo torna-se o principal instrumento do pensamento, sendo capaz de guiá-lo para a verdadeira formação de conceitos.

Machado (1991) sublinha que é da interação de diferentes tipos de conhecimentos, sua elaboração pelas crianças em termos de conceitos nas distintas sociedades e, especialmente, nas instituições de caráter educativo, que se abrem novas possibilidades de desenvolvimento, trocas individuais e sociais, de transformação e superação dos níveis anteriores de conhecimentos.

A elaboração de conceitos pela criança irá depender da diversidade não só quantitativa, mas, especialmente, qualitativa, das experiências interacionais que vivenciará nos espaços institucionais nos quais se encontrar. Daí a necessidade do estudo das interações que se evidenciam na instituição de educação, a fim de delimitar alguns de seus elementos componentes, bem como o valor destas interações em termos de apropriação e elaboração de conceitos pela criança.

Seguindo essa linha de raciocínio, entende-se que não é somente no contexto escolar que a formação de conceito acontece, mas de uma relação de ensino e aprendizagem, o que é defendido por educadores e psicólogos, como é pelo próprio Vygotsky.

Fazendo uma reflexão em Vygotsky, Kohl (1995, p.56) mostra que o autor, ao lado de sua preocupação constante com a questão do desenvolvimento, chama a atenção para a importância do aprendizado. “Para ele, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e

especificamente humanas”. Para o autor, existe um percurso de desenvolvimento, em parte definido pelo processo de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam.

Kohl (1995, p.57-58) ainda faz referência a Vygotsky, para diferenciar aprendizado e aprendizagem. Ou seja, aprendizado para o autor é “o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas”.

Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. Para ele, o processo ensino – aprendizagem inclui sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas.

Seguindo esse raciocínio, Vygotsky (1998, p.109) propõe que, ao se analisar o desenvolvimento, não se avaliem somente as funções já estabelecidas na criança, mas, de forma mais ampla, se avaliem dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real, equivalendo-se às conquistas já completadas (o que a criança consegue fazer sozinha), e o nível de desenvolvimento potencial, considerado-se aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda de alguém “culturalmente com mais experiência”, que pode ser um adulto ou uma criança mais velha. À distância entre esses dois níveis Vygotsky conceitua como *zona de desenvolvimento proximal*. Procedendo dessa forma, percebe-se que o desenvolvimento individual se dá de maneira diferente em cada criança, mostrando a heterogeneidade existente entre os seres humanos, pois às vezes duas crianças com a mesma faixa etária apresentam dinâmicas de desenvolvimento diferenciadas, dependendo, em grande parte, do contexto sociocultural familiar no qual estão inseridas.

Para uma melhor compreensão desse conceito de zona de desenvolvimento proximal, Vygotsky (1993, p.112) sugere uma reavaliação da importância do papel da imitação no aprendizado: “Com o auxílio da imitação coletiva guiada pelos adultos, a criança pode fazer muito mais do que com a sua capacidade de compreensão de modo independente”.

A imitação, nessa perspectiva, não é percebida como um processo puramente mecânico, mas como uma forma de auxílio ao aprendizado e desenvolvimento. Tanto a imitação como a interação com os outros sociais podem ser considerados mediadores no

aprendizado eficaz, que leva ao desenvolvimento real e potencializam a aquisição de funções psicológicas cada vez mais complexas.

Partindo dessa idéia de uma análise mais ampla do processo de desenvolvimento da criança – a zona de desenvolvimento proximal – Vygotsky (1993, p.114) atribui grande valor ao aprendizado escolar porém enfatiza a idéia da dimensão prospectiva: o “bom aprendizado” é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, deve buscar maneiras de estimular o aprendizado, indo além das capacidades já estabelecidas pela criança. Assim, a aprendizagem torna-se fundamental no processo de desenvolvimento:

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (Vygotsky, 1993, p.117)

Desse ponto de vista, aprendizado e desenvolvimento não coincidem completamente, pois a evolução do desenvolvimento caminha de forma mais lenta, sendo conduzido pelo processo de aprendizado. Daí a importância do “bom aprendizado” como estimulador de processos internos de desenvolvimento, para promover a aquisição das funções do psiquismo humano.

No âmbito escolar, a teoria vygotskiana propõe que se faça uma criteriosa reavaliação das formas de ensino, percebendo-se a criança não como um ser passivo, mas ativo e interativo no seu processo de aprendizagem. O agir espontâneo e individual da criança não é suficiente, no entanto, para a aquisição dos conhecimentos socialmente estabelecidos: é preciso respeitar seus valores sociais, morais e religiosos pois, para humanizar a criança, necessita-se de instrumentos tipicamente humanos, assim como da interação com outros sociais que medeiam seu processo de aprendizado e consequentemente propiciam seu desenvolvimento.

Para Vygotsky, a escola, como ambiente sistematizador dos conhecimentos históricos e culturalmente desenvolvidos pela sociedade, possui fundamental importância na formação social da mente.

1.2 A perspectiva sociocultural construtivista

No sentido de contribuir para o entendimento do desenvolvimento humano e educacional, destaca-se o co-construtivismo, uma perspectiva que trabalha com conceitos e idéias que se aproximam de Vygotsky, e com idéia de estrutura, de Piaget .

Segundo Maciel (1996), Valsiner defende a necessidade de um novo rótulo, para introduzir a possibilidade de elaboração das especificidades que estão implicadas no termo. Desse modo, a perspectiva sociocultural construtivista

vincula a preservação do papel da pessoa ativa (que constrói seu mundo psicológico em constante relação com o mundo externo). Assim, o desenvolvimento humano é caracterizado pela construção conjunta (daí o termo co-construção) do sistema psicológico do desenvolvimento da pessoa por si própria, e orientada por objetivos de “outros sociais” que a alimentam com sugestões sociais. (Maciel, 1996, p.3).

Reportando ao que foi discutido no tópico anterior sobre zona de desenvolvimento proximal, Vasconcelos e Valsiner (1995, p.67) discorrem que o “conceito de zona de desenvolvimento proximal não pode ser fechado numa noção única, já que foi definido de formas variadas e todas elas insuficientes, por seu próprio autor”. Assim, a partir do conceito de “zona de desenvolvimento” de Vygotsky, surge a elaboração, em 1987, de Valsiner e Van der Veer, que ampliam o conceito vygotkiano em mais duas zonas (Maciel, 1996).

Através de estudo que resgata a teoria de campo de Kurt Lewin, Valsiner amplia o sistema de zonas, definido-as como espaços para a canalização cultural das interações sociais e experiências de vida pessoal do ser em desenvolvimento. De acordo com esse sistema, o espaço psicológico em que se move a criança pode ser representado por “zonas” (isto é, ZML, ZPA e ZPD). Essas zonas, a seguir apresentadas, representam aspectos da Interação criança–ambiente “outro social”, e sua identificação representa uma tentativa de explicitar a interdependência que caracteriza essa interação, seus processos e transformações:

1) a zona de movimento livre (ZML) diz respeito ao conjunto de restrições, definidas pelo adulto ou pessoa mais experiente, dentro do qual a criança pode agir. São “demarcações” ou limites definidos por meio da proibição que orienta a criança para as

ações sociais e cognitivamente apropriadas e tem uma característica de mecanismo inibitório. Trata-se de limites dinâmicos e que podem sofrer permanentemente o processo de negociação.

2) a zona de promoção da ação (ZPA) é o oposto da ZML, porque promove novas habilidades. As ações do adulto ou pessoa mais experiente, que esteja com a criança, atuam no sentido de encorajá-la de diferentes modos para ações desejáveis. Assim, a criança nem sempre precisa concordar. Desse modo, a reação do sujeito também canalizará o comportamento do adulto.

A abordagem sócio-cultural construtivista parte do pressuposto de que cada indivíduo constrói o seu comportamento, fazendo mediações sociais e relações interpessoais com os outros sociais.

O desenvolvimento humano ocorre através de processos de canalização cultural, o qual implica em processos de negociação entre a rede de sugestões sociais e controle cultural, e a constituição do indivíduo, enquanto sujeito ativo e co-participante do seu próprio desenvolvimento (Maciel, 1996, p.171)

Segundo Maciel (1996), Valsiner observa que dentro do sistema teórico a ZPD tem o decisivo papel de ligar ZML e ZPA. Isto é, ZML e ZPA são meios através dos quais o desenvolvimento da criança é gradual e socialmente canalizado.

A formação do conceito ocorre nas relações entre as três zonas. Cabe aos agentes educativos (pais, professores) se empenharem em esforços para que o sucesso ocorra, uma vez que as relações entre as três zonas estão constantemente sendo preenchidas com novos conteúdos, que dependem do que é importante na vida da criança num dado momento.

CAPÍTULO 2 - Interlocuções no contexto escolar da instituição

Nas discussões sobre o trabalho educativo na instituição deve-se examinar não somente a trajetória percorrida pela educação, que leva em conta seu contexto histórico, político e social – uma vez que já que cada momento histórico, político e social interfere de forma significativa –, mas também a cultura em que a educação está inserida.

Dentro de uma visão crítico-política e pedagógica, Libâneo (1999) mostra que, nessa perspectiva, a educação é concebida como produto do desenvolvimento social e determinada pela forma de relações sociais de uma dada sociedade, o que impõe uma crítica radical à educação individualista. Para o autor,

o vínculo da prática educativa com a prática social global faz vir à tona o fato de ela subordinar-se a interesses engendrados na dinâmica de relações entre grupos e classes sociais. Nessas condições, a educação tende não só a ser representativa dos interesses dominantes (consolidados pela ação do Estado), como também a ser transmissora da ideologia que responde a esses interesses. (Libâneo, 1999, p.71)

Transportando esse contexto social referido pelo autor, da macroestrutura (sociedade) para a microestrutura (escola), entende-se que o professor, no âmbito da instituição escolar, como facilitador do processo ensino-aprendizagem, acaba abarcando a ideologia e a filosofia daquela e tornando-se seu porta-voz e seu representante.

Cunha (1997, p.65-67) também faz uma reflexão sobre o tema quando fala sobre expectativa e ideologia, assim se referindo: “Não há dúvida de que existe entre o aluno e o professor um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos. A escola como instituição social determina a seus próprios integrantes os comportamentos que deles espera”.

Para Cunha (1997, p.65), a escola como instituição social determina o conjunto de expectativas que a sociedade faz sobre ela e este fluxo reproduz a ideologia dominante, uma vez que há uma expectativa bem como um consenso esperado, tanto por parte dos alunos quanto por parte do professor, o que “significa dizer que parte da relação professor– aluno já é predeterminada socialmente.

Para Marilena Chauí (1988, p.92),

a ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade.

No entanto, continua a autora, (...) as idéias dominantes em uma sociedade numa época determinada não são todas as idéias existentes na sociedade, mas são apenas as idéias da classe dominante dessa sociedade numa época, ou seja, a maneira como ela representa para si mesma sua relação com a natureza, com os demais homens, com a sobrenatureza (deuses), com o estado etc.

Embora a escola seja mantenedora de algumas ações, ela também tem um papel transformador. Como coloca Libâneo (1999), a educação não pode ser entendida como mero ajustamento a expectativas e exigências da sociedade existente, o que implicaria no desconhecimento da constituição histórico-social do conceito de educação, do mesmo modo como a educação nunca poderia ser a mesma em todas as épocas e lugares, devido ao seu caráter socialmente determinado.

Valsiner (1995, p.21) contribui com o entendimento das relações entre professor– aluno quando apresenta o modelo bidirecional de transmissão cultural:

O modelo de transmissão cultural bidirecional assume de início que: (i) todos os outros sociais, presentes no convívio diário do sujeito, participam do processo de transmissão cultural; (ii) todo participante de um processo de transmissão cultural é um participante ativo, o que o torna um modificador ativo da cultura; (iii) todo processo de transmissão cultural envolve, incondicionalmente, mudanças no sujeito (receptor, na mensagem (informação cultural) e no transmissor (agente cultural); (iv) toda mensagem carrega com ela um pouco das características de quem a passou e (v) a mensagem será recebida de acordo com as características do receptor.

No momento em que o professor não percebe o lugar em que o aluno se encontra ou a cultura que ele traz, esse professor age como uma pessoa rígida, que só vê uma possibilidade: a de transmitir uma dada ideologia e não dá oportunidade para que o aluno possa se expressar.

Como os próprios professores vivem em um ambiente complexo, em que participam de múltiplas interações sociais no seu dia-a-dia, são eles também fruto da realidade cotidiana das escolas e, muitas vezes, incapazes de fornecer uma visão crítica aos alunos. Assim, perdem a dimensão social mais ampla da sociedade.

Não se pode deixar de mencionar também que, além de todo esse envolvimento na relação professor–aluno, há o peso das relações institucionais. Segundo Berger e Luckman, citados por Cunha (1997, p.66), “instituições controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma

direção por oposição a muitas outras que seriam teoricamente possíveis”. As instituições têm portanto sempre uma história, da qual são produtos, e isto implica controle.

Os educadores que têm compromisso com a transformação social, então, precisam estar atentos e não responder passivamente ao que é imposto. Para isso deverão se apropriar de uma conduta reflexiva, tanto para desempenhar seu papel de formadores quanto de agentes transformadores da sociedade. O professor que compactua de certas condutas na instituição e se submete a ser representante passivo da filosofia e ideologia por certo terá poucas chances de em condições concretas dentro da instituição ou da sala de aula garantir a justiça, a honestidade. Desse modo, de nada adiantará ser transmissor e estar preocupado só com a reprodução dos conteúdos se o papel da escola não se reduz a isso.

Segundo Rey (1995, p.2) ,

entendemos que la educación es un proceso orientado al desarrollo de la expresión auténtica, franca e interesada del escolar dentro del cual este simultáneamente construye conocimientos y se desarrolla en planos diversos como persona (...) el crecimiento de la persona en el proceso educativo se caracteriza por el desarrollo de su autoestima, de su seguridad emocional, sus intereses, etc.; así como de su capacidad para comunicarse con los otros, aspectos esenciales para que el próprio aprendizaje se caracterice como una función personalizada, estrechamente vinculada a la experiencia del escolar y a sus intereses.

Assim, para Rey (1995), o professor e todos os membros que trabalham na instituição são responsáveis pela qualidade dos sistemas interativos, responsáveis pela atmosfera psicológica de todo o grupo. E a comunicação estabelecida entre eles é que irá garantir o desenvolvimento de determinados assuntos, regras, valores, que são muito importantes no cotidiano da instituição.

A instituição que valoriza o processo comunicativo de forma participativa contribui para que o indivíduo adquira, além dos conhecimentos escolares específicos, o desenvolvimento como um todo, o que o torna um ser com maior capacidade reflexiva e, automaticamente, motivado para adquirir novos conhecimentos. Ou seja, o aluno que tem a oportunidade de colocar-se diante da instituição, no âmbito da sala de aula, sentir-se-á muito mais motivado para adquirir conhecimentos e estabelecer vínculos afetivos que serão muito importantes para formação de sua personalidade.

Libâneo (2001, p.17-18) enfatiza as características organizacionais da escola, levantando o que para ele é uma característica relevante para as práticas de gestão:

Há todo um mundo de significados, valores, atitudes, modos de convivência, formas de agir e resolver problemas que vão definindo uma cultura própria de cada escola, e que tende a permanecer oculta, invisível. A pergunta é: haverá uma relação entre organização da escola, a cultura organizacional e a sala de aula? A resposta é sim, as práticas e os comportamentos das pessoas na convivência diária de uma organização influem nas práticas e comportamentos dos professores nas salas de aula. Ou seja, a cultura organizacional influencia o pensar e o modo de agir das pessoas que trabalham na escola. Mas o que faz gerar a cultura organizacional? É claro que há nela um papel acentuado do sistema de ensino, da estrutura hierárquica e das instâncias e formas de exercício do poder, das normas oficiais, dos regulamentos, dos costumes já consolidados etc. Mas há, também, o papel da subjetividade das pessoas, dos modos como as pessoas pensam e agem, das crenças e valores que elas vão formando ao longo de suas vidas, na família, nas relações sociais, na formação escolar. Ou seja, também as pessoas constroem uma cultura organizacional. Há, portanto, uma trama de relações implicadas na escola. Por um lado, a organização educa os indivíduos que a compõem; por outro, os próprios indivíduos educam a organização, à medida que são eles que a constituem e, no final de contas, a definem com base nos seus valores, práticas, procedimentos, usos e costumes.

A instituição pode impor regras, normas, valores morais e religiosos, mas por si só não é responsável pelo agir do professor com relação aos seus alunos, ao modo dele sentir ou expressar sua subjetividade. O professor também já traz consigo outros referenciais, de vida, de modelos.

Além do já mencionado, as relações se baseiam em interações, negociações, renegociações no cotidiano da sala de aula, de forma dinâmica, e um momento jamais terá possibilidade de ser igual ao outro, pois o instante é único, e a qualidade e intensidade das interações são também únicas. Daí a grande responsabilidade do educador em relação à formação do ser humano como um todo.

Para a compreensão do processo educacional como um todo, desde o surgimento das escolas, independente de ser escola pública, privada, confessional ou não, volta-se para Brandão (1988), que situa a Grécia, onde, durante muitos séculos, “os “pobres” aprenderam desde criança fora das escolas: nas oficinas e nos campos de lavoura e pastoreiro. Os meninos “ricos” inicialmente aprenderam também fora da escola, em acampamentos ou ao redor de velhos mestres. Além das agências estatais de educação,

como a Efebria de Esparta, que educava o jovem nobre-guerreiro, toda a educação fora do lar e da oficina era uma empresa particular e restrita a muito pouca gente.

Para o autor, com a democratização da cultura e a participação na vida pública ocorre a necessidade da democratização do saber, o que dá origem à escola aberta a qualquer menino livre da cidade estado.

A escola primária surge em Atenas, por volta do ano 600 a.C. Antes dela havia locais de ensino de metecos e rapsodistas, em que os interessados ensinavam a “fixar em símbolos os negócios e os cantos” (Brandão, 1988, p.39) . Só depois da invenção da escola de primeiras letras é que o estudo, pouco a pouco, é incorporado à educação dos meninos nobres. Segundo Brandão, surgem em Atenas escolas de bairro, não raro “lojas de ensinar”, abertas entre outras no mercado. Ali o humilde mestre-escola, “reduzido pela miséria a ensinar”, leciona as primeiras letras e contas. Oportuno registrar que antes mesmo da oficialização da escola, o trabalho do professor já não era valorizado.

O menino escravo, que aprendia com o trabalho a que o obrigavam, sequer chegava à escola primária. O menino livre e o plebeu em geral param nela. O menino livre e nobre passava por ela depressa, em direção aos lugares e aos graus onde a educação grega formava de fato o seu modelo de “adulto educado”. A citação a seguir é de Sólon, legislador grego: “as crianças devem, antes de tudo, aprender a nadar e a ler; em seguida, os pobres devem exercitar-se na agricultura ou em uma indústria qualquer, ao passo que os ricos devem preocupar-se com a música e a equitação, e entregar-se à filosofia, à caça e à freqüência aos ginásios”(Brandão, 1988, p.40).

Xenofante, historiador, poeta, filósofo e militar grego, criticaria quase dois anos depois: “ Só os que podem criar os seus filhos para não fazerem nada é que os enviam à escola; os que não podem, não enviam” (Brandão, 1988, p.40).

Diferenças de saber de classe dos educandos produziram diferenças curiosas entre os tipos de educadores da Grécia antiga. De um lado, desprezíveis mestres-escola e artesãos- professores; de outro, escravos pedagogos e educadores nobres, ou de nobres. De um lado, a prática de instruir para o trabalho; de outro, a de educar para a vida e o poder que determina a vida social.

Como se observa, desde a Grécia antiga existem diferenças entre classes sociais, no que diz respeito, neste contexto, ao aspecto educacional. No entanto ainda existem, com relação às camadas populares, discriminações e preconceitos. Para isso, basta analisar as seguintes políticas: Como são montadas as escolas? Para quem são? Como

funcionam? Como se dá a formação de conceitos nas escolas públicas? E nas escolas particulares?

É visível a existência de uma hierarquia contextualizada na Instituição, que segrega e nomeia os seus representantes, num círculo em que o aluno é o principal alvo, e em muitos momentos tem de deixar de SER, para que possa continuar fazendo parte do processo. Os conceitos, assim, são formados a partir do pensamento dos grupos que mantêm a instituição e, muitos deles, vão manter e dar continuidade aos seus valores e ideologias. Vale ressaltar, são os professores os principais representantes, mediadores e mantenedores da política educacional existentes nas instituições.

Um retorno à história também leva a perceber como se deu o surgimento das escolas públicas religiosas.

A educação torna-se pública, isto é, torna-se encargo do Estado, nos países atingidos pelo movimento da Reforma Protestante, pela chamada “educação pública religiosa”. Segundo Luizetto (1989), o protestantismo, ao dar ao homem a responsabilidade de sua fé e colocar a fonte dessa fé nas “Sagradas Escrituras”, assumiu ao mesmo tempo a obrigação de manter todos os fiéis em condições de salvar suas almas mediante a leitura da Bíblia. Para isso, Lutero apelou diretamente para as autoridades, evocando a necessidade de criação de escolas cristãs.

As doutrinas religiosas questionam, indagam, divergem e têm suas raízes fixadas no solo histórico: seus fundamentos, premissas e objetivos não são meros “reflexos” da realidade, mas são parte da realidade; não pretendem apenas “explicar” ou “interpretar” o mundo, mas também almejam atuar nele.

Hoje, a divisão do mundo ocidental cristão em religiões opostas e rivais não tem o mesmo significado que tinha no passado, ainda que em certos lugares como no (Oriente Médio) ocorram conflitos que envolvem grupos pertencentes a diferentes confissões religiosas. No século XVI, principalmente, e ainda nos séculos seguintes, a religião oficial de um país gerava efeitos de grande monta no campo das relações internacionais, especialmente no terreno das relações políticas e econômicas. Até mesmo no campo das relações sociais a religião representava um destacado papel, pois de acordo com a filiação de um indivíduo a uma ou outra confissão cristã portas se abriam ou se fechavam para ele, tanto nos aspectos cultural e social, como no profissional. Assim, a divisão atual do “mundo ocidental cristão” dá-se segundo critérios de outra espécie, sobretudo de natureza política ou sociológica: democracias ou ditaduras, liberalismo ou socialismo e assim por diante, mas com questionamentos sobre

a confissão cristã. No século XX, ainda se vêem dessas práticas, seja em qualquer esfera (cultural, social e profissional), a ponto de algumas instituições de ensino adotarem como critério a valorização da religião para se ter acesso a elas.

Através dos tempos, as religiões foram sofrendo transformações. A igreja católica perdeu sua força e ocorre a divisão das religiões protestantes, com Lutero (cuja ideologia é a doutrina da justificação pela fé) e Calvino (com a doutrina da predestinação).

Católicos e luteranos, apesar de se acharem divididos no tocante à doutrina, estão de pleno acordo em um importante aspecto: ambas as religiões admitem a possibilidade de que o indivíduo seja capaz de, por um ato voluntário de sua parte, “administrar” as suas relações com Deus e, assim, de obter a sua salvação.

Em outros termos, para o catolicismo e para o luteranismo as coisas se passam como se Deus, pelo fato de não conhecer as atitudes que o homem tomará ao longo de sua vida, devesse aguardar a morte do indivíduo para, nesse momento, na condição de juiz terrível e implacável, julgar os seus atos e, então, decidir sobre o destino de sua alma.

Para o calvinismo, tanto os católicos como os luteranos cometem nesse assunto um formidável equívoco. Se Lutero negou qualquer papel das boas obras da doutrina católica no processo de obtenção da graça, afirmando que a fé é suficiente para isso, Calvino dirá que tanto as boas obras do catolicismo quanto a fé do luteranismo são absolutamente inúteis do ponto de vista de seus supostos efeitos para o destino futuro da alma, dado que a predestinação é um decreto eterno e imutável de Deus. Assim, para o calvinismo, pressupor que o mérito ou a culpa participam da determinação do destino humano equivale a dizer que os projetos divinos podem ser alterados pela ação humana. E isso é uma contradição.

Toda e qualquer escola trabalha com a religião uma vez que ela faz parte do contexto histórico-social. Assim, instituições públicas e de cunho não-religioso também falam de religião, embora nelas não haja preocupação em garantir os mesmos valores, pois que cada uma prioriza e discrimina algo, dependendo do seu contexto e das suas particularidades.

Desse modo, o que diferencia a escola pública particular da escola particular de ensino religioso são as ideologias de cada uma. As pessoas ligadas à escola de ensino religioso – professores, funcionários, alunos – ao fazerem parte dela, deverão seguir os ensinamentos religiosos dessa escola. Os conceitos ensinados pelos professores dessas

instituições são trabalhados, pois, para a manutenção dos valores estipulados pelo grupo.

Com uma visão sociológica, em estudo voltado para escola pública, Patto (1996, p.10-11) denuncia a produção do fracasso escolar:

O estudo cotidiano da sala de aula possui um poder de revelação extraordinário, porque, segundo ela, só através dele nos é dado acompanhar (e compreender) dramas amargos. Segundo essa linha de pensamento, no interior da escola os personagens não são mudos ou ociosos: são professores e técnicos que tentam dar conta de sua tarefa do melhor modo possível, amparadas, apenas, numa claudicante formação composta, em grande parte, de estereótipos e preconceitos sobre a criança dos bairros periféricos e suas famílias; são crianças que vão à escola para responder aos desejos dos pais, tantas vezes reiterados, de um pouco estudo que lhes propicie um futuro melhor.

Segundo Patto (1996, p.21), lá estão, na sala de aula, “os atores atribulados em busca de um sentido para a presença comum. As relações difíceis entre professores e alunos vão acontecendo em nós sucessivos, que não se desatam, como se fora uma (tragi) comédia de enganos.” São incompreensões impossíveis de serem entendidas entre o professor que não vê o aluno e o aluno que mal consegue olhar para o professor.

Essa prática, comum nas escolas públicas, como também nas particulares, revela uma faceta do professor que tem dificuldade de lidar com o aluno, porque lhe falta preparo para lidar com diferenças nos mais variados aspectos. Daí o professor se apega, muitas vezes, à transmissão de conteúdo, ao cumprimento do programa e das normas preestabelecidas pela instituição, do que às construções das relações que vão aparecendo no decorrer das aulas.

Patto (1996) argumenta que não pode haver ensino e aprendizado quando os professores e alunos não são capazes de discernir e compartilhar um significado para os acontecimentos da sala de aula. Em conseqüência, os desacertos adquirirão uma dimensão patética e pouco a pouco o desinteresse toma conta das crianças e se alia à visão negativa e preconceituosa que os professores têm a respeito das suas capacidades intelectuais e das qualidades morais de seus alunos.

Assim, as avaliações negativas, inculcadas dia a dia, se apoiam, implacavelmente, no desencontro e no desconhecimento, e o resultado não poderia ser diferente: “a escola pública de 1º grau falha na sua tarefa básica de alfabetização das crianças das camadas populares, excluindo-as precocemente de seu interior, através de

um mecanismo de rejeição que opera duplamente, pois a escola não aceita a criança como ela é, e a criança não aceita a escola tal como ela funciona" (Patto, 1996, p.11).

Segundo Webber (1991, p.19), a história da educação na sociedade brasileira é atravessada pela interpenetração das esferas privada e pública da existência coletiva.

Desde a colônia e, de modo saliente, ao longo da emergência e consolidação da sociedade nacional independente, no século XX, os diferentes núcleos e agências de formação educativa e escolar mesclavam elementos religiosos e laicos, sustentando a existência de uma sólida constelação de interesses materiais e morais, assegurada pela natureza patrimonial da sociedade e do Estado então predominante.

Caso se pudesse falar em política educacional nessa sociedade sob vigência da forma monárquica de poder, certamente seu traço marcante deveria ser buscado na ingerência da igreja no campo educacional, responsável pela estrutura e funcionamento das unidades escolares, pela definição dos conteúdos curriculares, pela configuração de padrões dominantes de conduta para os agentes educativos, pelo “espírito” que animava a socialização escolar. São razoavelmente conhecidas, em suas dimensões históricas e concretas, as formas pelas quais essa ingerência se consolidou, sobretudo em face da ausência de outras agências capazes de opor-lhe resistência. “Basta rever memórias de bancos escolares. Nelas, é marcante a presença do pároco não apenas como condutor das almas mas também como agente promotor da “cidade de Deus” (Adorno 1991, p.9).

Para Adorno (1991), a instauração da forma republicana de governo alterou em parte esse quadro, ao forjar o predomínio do ensino laico sobre o ensino religioso, propósito facilitado pela separação entre Estado e Igreja.

No entanto, como demonstravam não poucos estudos históricos, esse propósito não significou a vitória do ensino público sobre o privado. Ao contrário, abriu-se largo espaço à privatização do público no domínio educacional. Por todo o país, proliferaram, estimuladas que foram, as escolas particulares voltadas para a oferta de serviços de escolarização e profissionalização das camadas médias e elevadas da sociedade. Os interesses de grupos sociais dominantes realizaram, sem qualquer pudor, porque deliberadamente excludentes das classes subalternas, um feliz casamento com o apoio do poder público à educação. Ao longo do período republicano, esse processo tendeu a se acentuar, embora, em alguns momentos, grupos de sociedade civil tenham conseguido, com algum êxito, mobilizar-se em torno da defesa do ensino público em seus diferentes níveis, da escola básica à universidade. (Adorno, 1991, p.10-11)

As escolas privadas pautam suas atuações nas diretrizes contidas nos planos oficiais de educação, e estas superpõem projetos próprios que expressam sobretudo os interesses específicos dos grupos que a compõem ou são seus mantenedores, que terminam por dar marca de sua atividade educacional (Weber, 1991)

Snyders, citado por Webber (1991), chama a atenção para o fato de as relações pedagógicas tenderem à conotação emocional, baseadas no sentimento, que assume muitas vezes a forma paternalista ou assistencialista. Mascaram-se preconceitos e manifesta-se descrédito em relação às crianças oriundas das camadas populares que, desse modo, enfrentam, simultaneamente, fatores extra e intraescolares do fracasso escolar e dificilmente terão oportunidade de conhecer o prazer na escola.

Para Adorno (1991, p.10),

o espaço público é conceituado como o lugar onde devem prevalecer os interesses coletivos que configuram algo que se poderia imprecisamente nomear de “bem comum”. Daí a identidade entre público e Estado. Em contrapartida, o espaço privado é conceituado como o lugar da diferença e da desigualdade, onde devem prevalecer, por conseguinte, os interesses privados. Dessa perspectiva, supõe-se que na sociedade moderna democrática o público se sobreponha ao privado.

A ênfase é dada em torno da escola porque, nela, concentram-se e cruzam-se todas as dimensões em que público e privado diferenciam-se, mesclam-se, opõem-se e tornam-se o seu contrário.

Segundo Sennet, também citado por Adorno (1991, p.11), o privado identifica-se com o “natural”, por ser aí o lugar preferencial da diferença, enquanto que o público identifica-se com a “cultura”, um universo de símbolos e regras compartilhados, aberto à visibilidade de todos, acessível a cada um em particular. Enfim, um universo distinto do que passa na família e na intimidade. Amplia-se a reflexão. Em lugar de se deter no fenômeno da escolarização, enfoca o processo educativo de modo geral. Trata-se não de ignorar o lugar da escola, mas o de prestar atenção de como essa escola funciona, como os mecanismos existentes fazem para funcionar de determinada maneira. Geralmente, a escola tem dificuldade de aceitar o aluno que é “diferente” dos demais. “Diferente” na classe social, nas suas idéias, diferente no seu jeito de SER. Também é difícil para esse aluno permanecer na instituição; é como se tivesse que travar uma luta diária para ser aceito, ter vez e voz. Quanto mais alto ele tenta falar, mais o processo de exclusão acontece, e a escola reproduz o mundo capitalista do “ter” e não do “ser”.

Diante do que se discutiu, a ideologia de superioridade do ensino privado sobre o público não se sustenta diante de algumas evidências práticas.

Primeiro, porque se sabe que a qualidade do público e do privado não é homogênea, tanto em termos de graus como de modalidades de ensino — há boas e más escolas numa ou noutra rede. Segundo, tende-se a atribuir à escola valores e conteúdos que lhe são extrínsecos, porque decorrentes do próprio capital cultural que as diferentes classes sociais são capazes de acumular. (Vieira, 1995, p.45)

Outro ponto que a autora levanta de suma importância é que,

as escolas públicas e particulares deixaram de ser exclusivamente “escolas de elite, ou “de classe média alta”, para se tornarem escolas de camadas populares, escolas de classe média e de grupos privilegiados. Multiplicaram-se, mas segregadas socialmente, resguardando, porém, os privilégios de boa qualidade do ensino para pequenos grupos, socializando as desigualdades entre os demais. Assim, as dificuldades e os problemas no ensino e na aprendizagem nessas escolas segregadas e mais homogêneas em termos sociais, são semelhantes entre si, independentemente de serem públicas ou particulares. Nenhuma das duas redes pode ser identificada pela boa ou má qualidade do ensino que oferece, pois não existe mais um único padrão de qualidade nestes dois setores. Estas redes de ensino se aproximam tanto pela boa quanto pela má qualidade do ensino que oferecem. (Vieira p.101)

Segundo Pinheiro (1996), o conflito público–privado na educação provavelmente não se extinguirá por avaliações pessoais. Esse fenômeno social é uma manifestação concreta, o sintoma maior, segundo a autora, de um intrincado problema, que não se revela tão explicitamente, que diz às relações entre Estado e sociedade no Brasil e se localiza no âmbito da delimitação das esferas pública e privada da sociedade.

Para um melhor entendimento das políticas públicas, faz-se necessário caminhar no sentido de definir o que vem a ser escola pública e escola privada.

Adorno (1991), em seu artigo sobre educação e patrimonialismo, fala que a educação escolar, inicialmente constituindo interesse específico de uma determinada classe social, ao longo da história da humanidade tornou-se interesse geral das

sociedades, sendo que a generalização do acesso do que é socialmente definido como obrigatório é reconhecido como inerente à democracia e dever de Estado.

Para o autor, parece desnecessário lembrar que o Brasil, apesar de desde o século XIX compartilhar oficialmente tal postura, não conseguiu até a presente data universalizar a educação básica e tampouco oferecer um ensino de qualidade àqueles que conseguem frequentar a escola pública em seus primeiros níveis. De um lado, segundo Adorno (1991), isso pode ser interpretado como produto da própria forma como historicamente a educação obrigatória tem sido encarada e tratada pelos representantes dos grupos sociais. Vale ressaltar, os interesses desses representantes, no passado próximo, prevaleceram na correlação de forças assim como também a influência que aí conseguiram exercer sobre outros segmentos sociais. Além disso, deve-se considerar ainda a forma como a Lei de Diretrizes e Bases da educação vem sendo discutida desde sua aprovação. Por outro lado, pode-se perguntar: até que ponto o predomínio da lógica do privado, que retira a mediação de instituições e normas que permitiriam a apreensão do significado dos interesses e direitos por elas regulados, em favor de relações pessoais, não constituiria um dos principais obstáculos para o entendimento de que é no interior do confronto entre forças político-sociais que vem sendo gestada a reivindicação da generalização da escola básica, mas também da própria construção de padrões de qualidade do ensino, um dos princípios inovadores da Carta Magna de 1988, particularmente na escola pública?

Quanto a aspectos como conteúdos e metodologias de ensino, segundo a LDB e com base nos PCNs, as escolas seguem um padrão, ou seja, a lei deve ser cumprida por todos.

O que é preciso ser observado, no entanto, é que perfil de aluno essas escolas formam. Assim, passa-se a apresentar alguns artigos da LDB relacionados ao presente estudo, a partir de análises já feitas por outros autores.

Para Carneiro (2000), a leitura da Lei n. 9.394, de dezembro de 1996, (que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional) deve principiar pelas várias leituras da realidade, levando-se em conta que “a Lei é uma só, mas o País é múltiplo”.(p.15) Cada diretriz normativa refinalizada em linha de ação política deverá, portanto, visualizar o foco de conflitos e de contradições, bastando olhar a deslinearidade da expansão e da desigualdade de oferta do parque escolar nacional, o que permitirá inferir a existência de graves desequilíbrios e de conflitivas superposições

na repartição de responsabilidades entre os diferentes níveis de governo e entre os segmentos público e privado.

Inicia-se a argumentação pelo Título II, que trata dos princípios e fins da educação nacional. O artigo 3º diz: “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (...) Inciso I (...) “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

A questão que se levanta diz respeito ao fato de que nem sempre esse princípio pode ser conseguido, pois os professores em determinadas instituições, quando os alunos não atendem aos critérios preestabelecidos, nem sempre os admitem. O aluno que tenta emitir algum valor ou conceito que distoe do esperado é rechaçado, o que contribui até mesmo para a sua estigmatização. Assim, também, o próprio professor pode sofrer exclusão quando não se enquadra nos critérios estabelecidos pela instituição, e passa a sofrer as mesmas penalidades.

Com referência ao inciso II, a lei garante a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”. Porém, como falar de liberdade de aprender, se nas escolas públicas o direito primordial, muitas vezes é negado? Nas particulares, então, em que as normas costumam ser mais rígidas, essa “liberdade” de aprender fica ainda mais demarcada. Nesse sentido, convém observar o que Carneiro (2000, p.36) afirma: “ a verdadeira escola ou a escola não autoritária tem como missão precípua formar para a autonomia”. Neste sentido, o diálogo é sua linguagem própria, método, aliás, muito utilizado nos primórdios da filosofia grega.

Sobre o inciso III, que trata do “pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas”; assim comenta Carneiro (2.000, p.36):

O pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas significa que o espaço escolar e o ensino nele ministrado devem ser dinamizados a partir do conceito de heterogeneidade cultural. Mais do que isto: a partir do eixo igualdade/alteridade. O ponto essencial do trabalho do professor, ao preparar suas aulas, reside em como articular o itinerário educativo da sala de aula com a pluralidade cultural ideológica dos alunos. Ao professor e à Escola cabe contribuir para desatar as capacidades intelectuais do aluno, porém jamais induzir este aluno a pensar como ele (professor) pensa. Se a escola não caminhar neste horizonte, o ensino será, apenas, um processo de impostura.

O Inc. IV, que enfatiza o “respeito à liberdade e apreço à tolerância”, encontra contradições na medida em que as escolas nem sempre respeitam o aluno, o que pode ser observado no fato de ele não estar autorizado a emitir opiniões contrárias ao pensamento do grupo que dirige a instituição.

O que se vêem, portanto, são a lei e o paradoxo que existe nas instituições de ensino. De um lado tem-se a instituição das garantias que poderiam permitir o desenvolvimento do aluno em todos seus aspectos:(cognitivos, afetivos, sociais), e de outro a dificuldade de se colocar a lei em prática.

Sobre o inciso Inc. V, que se refere à “ coexistência de instituições públicas e privadas de ensino”, Carneiro observa que as instituições, então, devem responder não apenas às exigências de uma sociedade pluralista, um dos fundamentos da República, mas também a dispositivos constitucionais que competem, ao Estado e à iniciativa privada, a co-responsabilidade de ministração de ensino.

Sobre o Título III (do direito à educação e do dever de educar), inciso V, que trata do “ acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um,” Carneiro (2000) comenta que, no âmbito do direito à educação, o acesso aos níveis mais elevados de ensino médio seria uma coisa natural, não fosse a restrição que a própria lei cria ao delimitar esta possibilidade “à capacidade de cada um”. Ora, a capacidade não é algo estanque, senão potencialidade em processo e para cujo desenvolvimento requer estimulação, ambiência externa, entorno estimulador de criatividade. Por esse ângulo, crianças pobres, submetidas a circunstâncias de absoluta privação cultural, estão impossibilitadas de realizar este trânsito pelos diferentes níveis de ensino. Num país em que a estrutura econômica é um impiedoso filtro seletivo para o acesso à educação em suas diferentes fases, esta prescrição restritiva (acesso segundo capacidade de cada um) conflita com o princípio constitucional de que todos são iguais perante a lei.

No que refere ao Título IV, da organização da educação nacional, o art.12 prevê que os “estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de”, conforme o inciso V, “prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento”. Nesse ponto, levantam-se duas situações: a 1ª diz respeito à questão da recuperação dos alunos como sendo um dos espaços críticos de fragilidade da escola básica brasileira; a 2ª ao fato, de anterior a este problema, existir a dificuldade de a escola oferecer uma educação “adequada às condições individuais do aluno”. Desse modo, tratar, na escola brasileira, das chamadas

diferenças individuais é tarefa bastante difícil, porque também os professores não foram preparados para trabalhar com o aluno, quiçá para responder, positivamente, a alunos que carecem de recuperação. Resultado: o aluno de recuperação é considerado um incômodo adicional para o professor e para a burocracia da escola. Os registros escolares atrasam !

Com relação ao art. 18, sobre os “sistemas municipais de ensino, inciso I “as instituições do ensino fundamental, médio e de educação infantil mantidas pelo Poder Público Municipal”, Carneiro observa que os sistemas municipais de ensino representam a base irradiante de um sistema nacional integrado de ensino, condição imprescindível para a superação da dicotomia entre o ensino público e ensino privado. Assim, embora o horizonte seja o da construção de uma estrutura consistente de ensino básico, por outro lado, faz mais de cinquenta anos que a escola foi proclamada direito de todos (Constituição Federal de 1934) e, no entanto, o seu acesso não está ainda inteiramente universalizado. O princípio da democratização do ensino carece, então, de estruturas ágeis e flexíveis para sua plena concretização, e a organização municipal de educação poderia representar a externalidade inafastável deste processo de descentralização.

Segundo o artigo 19, as instituições de ensino dos diferentes níveis classificam-se nas seguintes categorias administrativas: [...] públicas, assim entendidas as criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público (inciso I); privadas, assim entendidas as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado (inciso II).

Para Carneiro, a categorização prevista neste artigo para as instituições de ensino resulta da aplicação do princípio constitucional da República de se construir uma “sociedade livre, justa e solidária”, princípio este que, por sua vez, está arrimado em um dos fundamentos da República, segundo o qual cabe o respeito aos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa. O teor da operacionalização desse princípio encontra-se no Capítulo III da Constituição Federal, art. 206, inciso III, que se refere ao “pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas e a coexistência de instituições públicas e privadas de ensino”.

Segundo o art.20, as instituições privadas de ensino se enquadrarão nas seguintes categorias:

Particulares em sentido estrito, assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas jurídicas de direito privado que não apresentem as

características dos incisos abaixo [inciso I]; comunitárias, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas de professores e alunos que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade [inciso II]; confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem à orientação confessional e ideologia específicas e ao dispositivo no inciso anterior [inciso III]; filantrópicas, na forma da lei [inciso IV].

Carneiro ressalta que essa tipologia de instituições é auto-explicável e apenas esclarece que a Resolução nº 46, de 7 de julho de 1994, do Conselho Nacional de Assistência Social, define claramente esse tipo de instituição, conforme se acha comentada no art. 77.

No que se refere ao Capítulo II, que trata da educação básica, na Seção I, Disposições Gerais, assim está expresso no art. 22. “ A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Nesse sentido, Carneiro (2000) argumenta que a idéia de formação comum deve ser interpretada como um lastro integral e integrado de conhecimentos potencializadores da capacidade de cada um, de acordo com seu biotipo (seja homem, seja mulher), de se situar, ativamente, no ambiente social, no ambiente de trabalho, nas relações produtivas e na construção dos destino individual e coletivo.

Carneiro também comenta o art. 25, do capítulo citado anteriormente, e seu parágrafo único:

Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançar relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais de estabelecimento. Parágrafo único: Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo.

Escola, então, deve ser compreendida como currículo, e aprendizagem como conteúdo transformado. Sala de aula não é local, é ambiente. Aluno não é destinatário, é ator da aprendizagem. Professor não é depositante, é mediador. Estas premissas ajudam

a compreender a dimensão pedagógica deste artigo. Não se busca uma relação fria, adequada burocraticamente, entre vários fatores: aluno/professor/carga horária/meios materiais. O que se pretende é assegurar uma relação viabilizadora do ato pedagógico (a aula), do espaço pedagógico (a sala de aula) e do resultado pedagógico (a aprendizagem socialmente relevante). Para Carneiro (2.000), a escola brasileira tem muito que rever nesta área, tendo em vista que os sistemas de ensino têm sido pouco diligentes no controle dessas relações e que os próprios Conselhos Estaduais de Educação são pouco vigilantes em seu acompanhamento. Convém assinalar, tais comportamentos traduzem, ainda, uma preocupação pouco densa com a questão da qualidade de ensino.

Transcrevem-se, a seguir, os arts. 32 e 33, seção III, que tratam do ensino fundamental:

Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Art. 33 O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecidas, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I - Confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou de seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas ; ou

II - Interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa.

[Este artigo foi alterado pela Lei n. 9.475/97, de 25 de julho de 1997, com a seguinte redação] :

Art. 33 . O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

I Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

II Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Carneiro lembra que esta foi a primeira emenda à LDB. Com a nova redação, a expressão sem ônus foi retirada do texto, abrindo-se a possibilidade de os Estados remunerarem os professores, o que, aliás, vinte Estados da federação já o fazem. Prevê, igualmente, a nova Lei que os Sistemas de Ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão de professores. Cada sistema deverá, também, ouvir as organizações religiosas de denominação variada para a definição dos conteúdos.

De matrícula facultativa, o ensino religioso passaria a ser ofertado sem ônus para o Estado. Mas a Lei n. 9.475/97 extinguiu esta proibição. Fica portanto resolvida a polêmica da remuneração dos professores. Qualquer que seja a modalidade de organização da oferta (confessional ou interconfessional), parece evidente o processo de laicização da educação brasileira.

Em sendo de oferta integrada aos horários normais das escolas públicas, é de se questionar como assegurar uma linha de equilíbrio dos conteúdos, sem cair, de um lado, numa espécie de niilismo religioso e, de outro, no indesejável proselitismo. A resposta parece estar na própria função de terminalidade da educação básica. Neste sentido, o ensino religioso deverá buscar a oferta de subsídios para que o jovem vá elaborando o processo de construção de sua espiritualidade. Esta trajetória, partindo de um princípio ético fundamental, deverá contemplar os fundamentos da alteridade (reconhecer a existência do outro e lhe conferir respeito), da solidariedade (reconhecer que todas as pessoas são detentoras de limitações e, por isso, carecem de apoio para a satisfação de suas necessidades “de sobrevivência e de transcendência”) e de cooperação (reconhecer que a história humana constitui patrimônio natural comum e, como tal, precisa de todos para a preservação de tudo).

Em síntese, o que se pode compreender da análise apresentada é o seguinte: 1) a educação integral inclui o ensino religioso; 2) a inclusão do ensino religioso na escola não é concessão do Estado às igrejas, mas é uma forma de operacionalizar o princípio universal da liberdade; 3) abrir um espaço para o ensino religioso não é abrir um espaço para a catequese, mas ensinar a valorização da espiritualidade humana; 4) o conteúdo do

ensino religioso deve contribuir para que o aluno transite da consciência ingênua para a consciência crítica da realidade, na busca da transformação do mundo.

CAPÍTULO 3 – Metodologia: A pesquisa de natureza qualitativa

O termo metodologia científica é tratado ainda de forma ampla dentro do contexto tradicional, mas os tratados acerca da metodologia do trabalho científico, na sua maioria, restringem a sua definição à apresentação e análise de instrumentos e técnicas de pesquisa. (Demo, 1985; Rampazzo, 1998).

Seguindo esse raciocínio, constituem-se passos importantes tanto a escolha da metodologia como os instrumentos a serem utilizados na pesquisa. Há necessidade, por isso, de um adequado estabelecimento de objetivos, pois eles vão determinar a essência da proposta a ser seguida através da utilização do método científico.

O campo da metodologia constitui-se inter-relacionado ao campo epistemológico, em que as questões sobre a própria elaboração do problema de pesquisa já apresentam, desde o início, o estabelecimento dos objetivos da investigação.

No caso deste trabalho, optou-se pela metodologia qualitativa, que se diferencia das demais no que diz respeito ao olhar do fenômeno e sua forma de investigação. Rey (1999, p.35) “ênfatiza que “a epistemologia qualitativa é um esforço na busca de formas diferentes de produção do conhecimento em psicologia que permita a criação teórica de uma realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana”.

Partindo-se dessa visão, é questionada a metodologia que apresenta somente como objetivo a predição, a testagem de hipóteses e a generalização, pois entende-se que a metodologia empregada nunca é neutra, uma vez que se relaciona com a eleição do objeto de pesquisa, a ideologia e a subjetividade tanto do pesquisado quanto do pesquisador.

Esses pontos levantados até o momento remetem novamente à referência da epistemologia qualitativa, termo desenvolvido por Rey (1999). O próprio nome indica que a pesquisa desde o início de sua elaboração já se expressa enquanto um processo qualitativo– construtivo, devido à especificidade das operações implicadas na produção do conhecimento, a partir de sua definição epistemológica.

Neste sentido, qualitativo é o processo de produção do conhecimento, não apenas o instrumento ou a temática utilizada na sua investigação científica.

Sendo assim, as etapas pelas quais o pesquisador vai construindo seu objeto de estudo, ao longo da pesquisa, não devem ser tomadas como momentos isolados a serem

reproduzidos passo a passo, mas como um processo integral constituído a partir do estabelecimento de relações complexas entre o pesquisador e seu “objeto de estudo”.

Portanto, o desenvolvimento dessa pesquisa vem seguindo o modelo da epistemologia qualitativa, baseada na “análise de conteúdo construtiva–interpretativa”, a partir do que expressa Rey (1999, p.37):

Es decir, el conocimiento no representa una suma de hechos definidos por constataciones inmediatas del momento empírico. El carácter interpretativo del conocimiento aparece por la necesidad de dar sentido a expresiones del sujeto estudiado cuya significación para el problema estudiado es sólo indirecta e implícita. La interpretación es un proceso en el cual el investigador integra, reconstruye y presenta en construcciones interpretativas diversos indicadores producidos durante la investigación, los cuales no tendrían ningún sentido si fueran tomados de forma aislada como constataciones empíricas.

Neste sentido, entende-se que tanto o investigador como o sujeito investigado produzem idéias ao longo de todo processo de investigação, processo esse que é permanente e em que aparecem momentos de integração e continuidade dentro do seu próprio pensamento sem referentes identificações no momento empírico. Desse modo, a teoria está presente como instrumento do investigador em todo processo interpretativo, porém não como conjunto de categorias *a priori* capazes de dar conta dos processos únicos e imprevistos que aparecem na investigação: ela atua como marco de referência que servirá como mediadora entre o curso das construções teóricas do investigador sobre o objeto.

Segundo ainda Rey (1999), os principais indicadores organizativos do referencial epistemológico qualitativo no processo de produção do conhecimento são os que se seguem:

- O conhecimento é constituído num processo construtivo-interpretativo de produção de “zonas de realidade”, no qual o pesquisador, enquanto sujeito deste processo, dele participa ativamente, buscando avançar nas formas mais complexas do entendimento do fenômeno de seu interesse de estudo – o objeto de estudo específico da pesquisa.

- Os dados não são coletados para análise posterior. O processo é contínuo, pois não se baseia em análises de “dados” coletados, mas através de construções e

interpretações significativas dos fenômenos, buscando o entendimento cada vez mais aprimorado sobre os dados de realidade.

- A compreensão do fenômeno é constituído a partir de um processo integrador de distintas visões sobre ele, produzindo sentidos contextualizados e não meras colagens de explicações.

- Tanto o pesquisador como o pesquisado fazem parte da mesma unidade processual, pois ambos estão envolvidos na realidade a ser estudada. As unidades que constituem os fenômenos são denominadas de indicadores, “expressões do sujeito estudado que podem dar lugar a hipóteses ou construções diversas no processo de interpretação” (Rey, 1997, p. 252).

- A expressão dos indicadores é uma etapa a mais na construção, a ser realizada de acordo com o desenvolver da pesquisa como um todo.

Como o estudo foi desenvolvido:

A elaboração do trabalho buscou manter uma relação constante entre quatro diretrizes fundamentais: a teoria, o momento empírico, os instrumentos e o processo de construção e interpretação de informações, com a produção do conhecimento num desenvolvimento contínuo estabelecido pelo pesquisador.

Os fundamentos teóricos sobre a formação de conceitos, estabelecidos neste estudo, estão baseados em autores que buscaram explicar o funcionamento intelectual sobre diferentes enfoques, mas se centrou atenção na abordagem sócio-histórica de Vygotsky e no referencial da epistemologia qualitativa desenvolvida por Rey (1999) baseada na análise de conteúdo construtiva- interpretativa.

Critérios para escolha da Instituição

O primeiro passo foi dado no sentido de se buscar uma instituição que trabalhasse com a recuperação, com o objetivo de entender como os conceitos eram trabalhados em sala de aula e a real necessidade de transferir os alunos para outro momento, ou seja, por que não trabalhar as dificuldades dos alunos na própria sala de aula.

Assim, percorreram-se várias escolas, tanto da rede particular quanto da rede pública de ensino de Goiânia, até que se deparou com uma instituição que, além de

oferecer recuperação com professoras distintas, a oferecia em períodos contrários ao horário normal das aulas. Ressalte-se que a instituição selecionada oferecia a modalidade de educação comum, e também o horário contrário ao atendimento alternativo de recuperação paralela.

A partir daí, pôde-se, então, iniciar o processo de verificar como em diferentes momentos, as professoras, Sabrina, da sala comum, e a professora, Angélica, da recuperação paralela, trabalhavam e proporcionavam com os alunos a formação dos conceitos, se da mesma forma ou não, em suas respectivas aulas.

Para isso, houve o aceite da direção e das professoras envolvidas, com vistas à observação participante no cotidiano do trabalho escolar, e ainda a autorização concedida para o uso da filmadora.

Contatos

Os contatos para a observação na instituição se deram no final do primeiro semestre de 1999, quando foi apresentado o projeto de pesquisa com a solicitação de campo para observação, junto à coordenadora da primeira fase do ensino fundamental, como também realizada uma entrevista inicial com cada professora participante da pesquisa.

A coordenadora fez chegar às mãos das instâncias superiores da instituição o pedido da pesquisadora, que após passar por entrevistas com superiores, obteve a assinatura de um contrato, além da entrega de um crachá de identificação e de camiseta que deveria ser usada durante o período de permanência da pesquisadora na instituição. Assim, o acesso às instalações da instituição foi liberado. (em anexo, apresenta-se o organograma da instituição, com intuito de esclarecer a estrutura hierárquica e as funções de cada departamento).

Apresentação da Instituição

A instituição selecionada é uma escola particular de orientação religiosa, cuja filosofia educacional e propósitos educativos segundo seu estatuto (em anexo) são “a formação integral, onde os valores cristãos são cultivados; desenvolver nos alunos

direitos e deveres; integração do aluno no mundo tecnicamente competitivo sem prejuízo da formação ética cristã e moral”.

O *slogan* da instituição é “educar para Cristo”, sendo “a qualidade como meio, e a formação integral como fim”.

A instituição presta atendimento, basicamente, à população das classes média e média alta e a algumas crianças carentes mantidas através de bolsas de estudo concedidas pelos membros da igreja.

A instituição possui duas unidades. Uma se localiza no centro da cidade (onde se realizou a pesquisa), e atende às 1ª e 2ª fases do ensino fundamental. A outra unidade, situada em um bairro nobre, atende às 1ª e 2ª fases do ensino fundamental e também o ensino médio. Ambas as unidades funcionam nos turnos matutino e vespertino.

Além do ensino das disciplinas comuns a qualquer escola, há atividades de ensino religioso, informática e atividades na sala de leitura.

O quadro de professores da instituição é composto, no geral, de graduados ou cursando graduação, em sua maioria pertencentes à igreja.

A unidade observada não possui área física grande. Funciona em um prédio de dois andares. As salas de aulas, banheiros, bebedouros se encontram no segundo piso e a parte administrativa no primeiro.

O critério para o aluno freqüentar a recuperação paralela na instituição era definido pela professora da classe comum e coordenadora, com base no rendimento estipulado pela instituição, cuja média é 6,0 (seis).

Sujeitos

Os sujeitos aqui apresentados aparecem com nomes fictícios, com o intuito de preservar suas identidades. Tratar-se-á de sujeito I as professoras Sabrina e Angélica, ambas com idade entre 35 a 40 anos. A primeira refere-se ao trabalho observado em sala de aula comum e a segunda em sala de recuperação paralela.

Os sujeitos compõem o grupo de 22 alunos da 3ª série do turno vespertino (sala cedida pela coordenadora da instituição), com idade variando entre 8 e 9 anos, com foco principal de observação para os quatro alunos encaminhados à recuperação paralela no turno matutino.

Formação e experiência das professoras

A professora Sabrina, da sala comum, turno vespertino, é acadêmica do 3º período de Pedagogia. Leciona há 19 anos, sendo que 17 deles na instituição pesquisada. Ela pertence ao quadro de membros da igreja Evangélica que administra a escola.

A professora Angélica, da recuperação paralela, turno matutino, é graduada em pedagogia. Leciona há mais de 10 anos na rede pública de ensino, sendo que 5 deles na instituição observada. Pertence também à igreja referida.

Caracterização dos alunos da recuperação paralela

Os alunos enviados à recuperação paralela eram dois meninos e duas meninas, que serão chamados nesse trabalho de Léo, Malu, Consuelo e Richard, encaminhados por não terem obtido média 6,0 no bimestre, nas disciplinas Português e Matemática. Ou ainda, segundo a coordenação e a professora da sala, encaminhados mesmo antes de as avaliações acontecerem, para reforço, por terem apresentando alguma deficiência no que diz respeito a algum conteúdo.

Ecologia da sala de aula

Na sala comum, turno vespertino, havia dois ventiladores, uma mesa para a professora, um armário, três janelas bem arejadas e um quadro- negro. A sala possui três janelas bem grandes, que permitem uma boa ventilação.

A disposição das carteiras dependia da atividade a ser desenvolvida em círculo, dupla, fileiras, grupos, alunos jogando dominó e dado no chão . O piso é de cerâmica.

A recuperação paralela, turno matutino, era realizada na sala de leitura, no térreo do prédio, do lado da sala de informática, próxima ao pátio de recreio na entrada da instituição. Nesta sala havia duas prateleiras com livros dispostos por todos os lados, duas janelas, janelas, um quadro para uso de pincel, duas estantes, duas fileiras, de carteiras, sendo dispostas uma atrás da outra, uma mesa para a professora e um telefone.

Para a disposição das carteiras a professora não dispunha de muitas possibilidades, devido ao espaço restrito. Assim, estavam colocadas em duas fileiras, entre a parede e as estantes.

A professora da recuperação paralela também atendia outros alunos que a ela eram enviados de outras séries, juntamente com os quatro alunos da 3ª série observada.

Procedimento e construção dos dados

A construção dos dados se deu através da análise documental (organograma e estatuto da instituição), o que possibilitou maiores informações sobre a hierarquia e o funcionamento da instituição, e também das entrevistas iniciais, da observação de campo bem como das entrevistas após a observação de campo (entrevistas em anexo).

As entrevistas tiveram duração de aproximadamente uma hora. As perguntas iam seguindo o seu curso dependendo da necessidade do diálogo.

A filmadora foi utilizada com o propósito de registrar e ampliar os cenários em que os discursos aconteceram. Posteriormente, as fitas passaram pelo processo de decupagem, através do qual os recortes dos indicadores foram retirados a partir dos contextos de significação, gerando categorias de análise. Esse processo se deu tanto na classe comum, como na recuperação paralela, durante o segundo semestre de 1999.

A entrada na instituição propiciou uma mudança na direção do olhar durante o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista que os valores religiosos eram de tal forma presentes que também passaram a compor a pesquisa. A partir daí, pôde-se obter um maior entendimento de como as professoras trabalhavam a formação dos conceitos com os alunos, tendo como canalizadores os valores religiosos.

A observação participante foi realizada no início do mês de agosto de 1999 até dezembro do mesmo ano, e obteve-se um total de 14 fitas.

As observações realizadas perfaziam o tempo de uma hora e meia, duas vezes por semana, da seguinte forma: no período vespertino, na classe comum, com todos os alunos, atentava-se para a sala toda, sem perder de vista, no entanto, os quatro alunos que depois seriam observados na sala da recuperação paralela; Já as observações da recuperação paralela ocorreram em outros dias, no turno matutino.

Instrumentos e procedimentos utilizados para construção dos dados

Como já foi colocado anteriormente, o desenvolvimento dessa pesquisa seguiu o modelo da epistemologia qualitativa, baseada na análise de conteúdo construtivo-interpretativa, segundo Rey (1999).

Toda análise foi feita com vistas a possibilitar uma visão geral do processo e permitir, a partir daí, a seleção dos episódios interativos relevantes para análise dos processos de construção que dizem respeito aos objetivos do presente trabalho.

As estratégias utilizadas para análise envolveram a observação participante, bem como a observação repetida das fitas, a elaboração de um processo de transcrição e de critérios para seleção de episódios e categorização relevantes além da análise das entrevistas.

O material para análise dos dados foi construído e organizado levando em conta o conhecimento do funcionamento da instituição investigada (macro-estrutura), bem como a micro-estrutura (sala de aula). Também com base nas observações das interações estabelecidas e negociações realizadas na transmissão do conteúdo e no desenrolar das atividades utilizando a videografia, envolvendo, como já dito, o processo de decupagem, como também as entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa.

Os contextos de significação apontavam os recortes a serem extraídos das aulas, ou seja, recortes dos indicadores que faziam sentido dentro do conjunto de investigação, não como caráter absoluto, mas representavam o momento da definição de uma zona de sentido sobre o que estava sendo estudado, tendo em vista que o interesse não se baseava na elaboração pura e objetiva da formação dos conceitos.

Os recortes continham demonstrações de negociações/re negociações que as crianças estabeleciam entre si e com as professoras. Assim, a pesquisadora esteve atenta também às comunicações e metacomunicações que eram estabelecidas durante o processo. A partir daí os contextos de significação apontavam os indicadores e emergiam as categorias de análises.

Percebe-se, a partir dessa discussão, que o uso de instrumentos na pesquisa qualitativa deveria ultrapassar as perspectivas adotadas com a preocupação reducionista de captação ou coleta de dados.

Nessa pesquisa, a construção de dados está orientada, para análise de processos intra e inter subjetivos, assim como na microgênese. No entanto a unidade mínima de análise deve integrar a construção dialógica entre pesquisador e sujeito (s) investigado (s) ao longo do processo construtivo, além das demais condições em que se processa a comunicação entre os sujeitos envolvidos: o contexto, eventos circundantes, o diálogo do pesquisador com os dados, o significado e o sentido que se instauram durante o processo de produção de dados na relação dos sujeitos envolvidos.

Denominamos contexto de significação a unidade mínima de análise que permite a realização de recortes baseados na construção de dados dirigida por zonas de sentido, inerentes ao processo de teorização, a partir de uma lógica configuracional. Esse conceito está sendo discutido a partir de pesquisas que vem sendo desenvolvidas por Cupolillo (2000).

Desse modo, o momento de análise das informações é um processo de construção-interpretativa de conclusões e sínteses parciais, de acordo com o problema de estudo em questão. A interpretação é produzida a partir da análise apurada das unidades de sentido – dos indicadores – que são, na maioria das vezes, contraditórios entre si, caracterizando o dinamismo essencial no processo de produção do conhecimento.

CAPÍTULO 4 - Processo de construção e análise de informações

A proposta de estudar a formação de conceitos no cotidiano da sala de aula, ainda que em um primeiro momento possa parecer ser uma questão simples, já no princípio de sua execução verificou-se a complexidade que existe nesse processo, uma vez que não há uma única explicação que abranja todas as dimensões. O conjunto de respostas possíveis delimitadas pelos referenciais trabalhados e contextualizados na elaboração e realização da pesquisa permitiu desenvolver alguns olhares pertinentes, que se propôs investigar.

Considere-se, inicialmente, o fato de se deparar com o cotidiano da sala de aula de uma escola religiosa, em que o curso e o percurso da investigação adentraram pelas entranhas do novo e desconhecido.

Ateve-se ao processo de formação de conceitos, em que estavam envolvidos instituição, professores e alunos, bem como as relações que permeavam todo o processo. Participou-se, assim, de um laboratório “vivo”, que é o cotidiano da sala de aula, espaço esse rico em contradições e construções.

De uma forma geral, diante dos indicadores, verificaram-se contradições advindas do contexto educacional, da instituição, das professoras, nas relações com os alunos, bem como a subjetividade presente em cada ato de seu envolvimento, corroborando afirmação de Rey (1996;1997), para quem a subjetividade expressa-se de forma diferenciada e até mesmo contraditória na produção de sentidos significativos das vivências e experiências cotidianas dos indivíduos.

A formação das configurações subjetivas por parte das professoras e alunos aparecem em vários indicadores, como discriminação e preconceito, autoridade e até mesmo autoritarismo em determinadas circunstâncias, necessidade de aceitação e contato por parte dos alunos, dentre outros.

Os principais indicadores configurativos que envolveram a formação de conceitos estavam apoiados na unidade valores–cognição–afeto, e a dinâmica interativa das professoras seguiu diferentes trajetórias permeadas pela ideologia da instituição estudada.

Assim, levantaram-se três categorias de análise, a saber: 1) *os valores religiosos como canalizadores na formação de conceitos*; 2) *a prevalência do valor religioso no conflito entre a proposta de ensino e a religião*; 3) *a dificuldade de ressignificar o aluno a partir da representação que a escola faz dele*.

Optou-se por trazer as transcrições dos episódios em um primeiro momento e, posteriormente, empreender suas análises interpretativas. Assim, apresentam-se primeiro os recortes das aulas que envolveram as professoras Sabrina, da sala comum, e em seguida os da professora Angélica, da recuperação paralela. Na seqüência são apresentadas as entrevistas envolvendo as professoras e a coordenadora da instituição.

1) Os valores religiosos como canalizadores na formação de conceitos

Os valores religiosos aparecem como canalizadores na formação dos conceitos, os quais permeiam todo o processo educativo na instituição, o que pôde ser visto quando da análise documental, em que se perceberam a hierarquia e as diretrizes estabelecidas a serem seguidas pelos membros que dela participam. Por exemplo, metas são estipuladas na instituição, que apareceram em forma de *slogan*, e que são mudadas a cada dois anos. Por essa ocasião da pesquisa, o *slogan* era “honestidade e respeito”. Para os próximos dois anos está programado “justiça e paz”.

Através da postura e condução das aulas pelas professoras, verificou-se que tanto uma quanto a outra transmitem a ideologia da instituição, os valores religiosos.

Também as entrevistas realizadas com as professoras e coordenadora no final da pesquisa foram bastante reveladoras. Assim, levantaram-se dados significativos para as configurações ocorridas nas salas de aula, os quais permitem observar o quanto é levado em conta a hierarquia, o quanto se estabelece o controle; o poder é exercido de forma rígida, tanto por parte das professoras como da instituição como um todo.

Nesse sentido, mostrou-se que, para dar aula na instituição, é preciso atender às expectativas da mantenedora e do grupo que a administra, ou seja, estar de acordo com as regras a serem ditadas pela instituição, transmitir e defender os valores religiosos. O profissional precisa defendê-los para poder transmitir.

A aula que permitiu retirar o recorte gerador da categoria foi a da professora Sabrina, vale dizer, a primeira aula do início da observação na instituição. A professora propõe-se a trabalhar com os alunos o capítulo do livro referente aos índios, criação da FUNAI, doenças, em que utiliza, como material didático, além do livro-texto, o caderno

dos alunos, em uma aula dialogada. Antes, porém de iniciar o trabalho, a professora faz um comentário...

1ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA SABRINA

ALUNOS

Inicia a aula comentando com os alunos de que havia ocorrido um episódio...	
<i>...Ontem aconteceu um episódio no jogo, que eu fiquei sabendo... Vocês estão alvoroçados falando que a professora roubou... Essa palavra não pode ser dita, não... A professora não roubou... E eu já falei com a tia, Léo (coordenadora), Isso vai ser resolvido com ela, agora pronto.</i>	
	Alunos falando o tempo todo
	Richard: <i>Roubou sim.</i> Léo: <i>Por isso nós perdemos..</i>
Chama dois alunos no centro da sala. Os dois foram e tiram os sapatos. <i>(...) vamos fazer um jogo, que vamos chamar de a "união faz a força"(...) Vamos respeitar e ser honestos, Vamos aprender que o importante não é ganhar e sim respeitar o outro...</i>	
	Consuelo: <i>Ah! não... Ela roubou da gente... Como vai ficar?</i>
<i>Vamos fazer uma oração pedindo a Deus que toque o nosso coração para o perdão...</i> <i>(...) de mãos dadas e olhos fechados, vamos fazer a oração.</i>	

O que chama a atenção nesse episódio é o fato de estar claro para os alunos o conceito do roubo. No entanto, por não poderem questionar a autoridade da professora, o conceito passa a ter um outro significado, que se forma a partir dos valores religiosos desse grupo. Aqui, então, o valor religioso prepondera na formação do conceito.

Quando os alunos manifestaram “roubou sim”, “por isso nós perdemos”... “ela roubou da gente”, a idéia formulada está expressa na forma como eles se sentiram, ou seja roubados. Tais manifestações são bastante oportunas, na medida em que revelam o contexto cultural da qual participam os envolvidos.

A seqüência da aula, em que a professora, por meio de um monólogo, tenta convencer as crianças de que “ o mais importante não é ganhar e sim respeitar o outro evidencia, assim, a ideologia e a transmissão dos valores religiosos pregados pela instituição.

Esse aspecto da educação escolar é assim comentado por Valsiner (1998,p.35):

Não é somente o que o professor (ou as outras crianças) diz ou faz, mas também como diz ou faz e o que não diz ou não faz (e se persiste nisso, mesmo quando desafiado – ou desiste) o que estabelece o verdadeiro mundo da restrição na sala de aula .

Além disso, pode-se levar a inferir que episódios como esse podem levar a criança a sentir dificuldades de compreender os conceitos, já que, ao lado do significado de uma palavra que ela conhece, pode existir outra, em franca contraposição àquilo que ela conhece.

O mais adequado nessa fase do desenvolvimento, quando os valores morais e religiosos estão sendo consolidados, possivelmente seria a professora ouvir as exortações enfáticas sobre o roubo, e não desconsiderá-las.

O episódio recortado revela um comportamento comum do professor, a quem sempre cabe administrar o conflito. A forma encontrada é de neutralizar, “abafando” e colocando fim às emoções e manifestações de indignações desencadeadas pela atitude da professora, que apitava o jogo, utilizando os preceitos religiosos. Ao afirmar “essa palavra não pode ser dita não”... a professora vai contra os próprios valores religiosos da instituição, que não permite o “roubo”. Dessa forma, está posta o que é feito.

Um outro ponto contraditório ainda se mostra quando a professora fala do perdão, uma vez que quem tinha roubado era a professora e não os alunos. Mais uma vez se estabelece o controle da situação, por meio da autoridade da professora. “Agora pronto! Vamos fazer uma oração, pedindo a Deus que toque o nosso coração para o perdão”. A oração, então, entra como um forte inibidor das emoções, em que o ritual religioso se presentifica o tempo todo na escola. Assim, são freqüentes os convites feitos aos alunos para os acampamentos da igreja e outras eventos, em que os alunos se submetem ao aspecto religioso.

Fazem parte do ritual da escola orações e músicas executadas no pátio da instituição, todos os dias no início das aulas. Também são executadas leituras

relacionadas ao aspecto religioso, que posteriormente são trabalhadas em salas de aula, apresentados devocionais (citações bíblicas) em cada atividade ou avaliação que circula na instituição, e realizadas visitas à igreja, uma vez por semana, durante o horário das aulas. Para ir a igreja é só atravessar a rua.

Em artigo intitulado “Divisões da fé: as diferenças religiosas na escola”, Gomes (1998) reflete sobre as “diferenças na escola”, ao analisar a escola pública, e refere que elas acontecem também no âmbito das escolas particulares: “ até as escolas privadas de caráter confessional sentem a dificuldade de implantar programas do tipo religioso confessional dentro de uma sociedade pluralista, que enaltece o respeito à individualidade e ao direito de expressão”.(p. 108). E atribui a rigidez dos programas estipulados por determinadas escolas à nostalgia do poder, que não deixa de atuar nas mentes de alguns religiosos.

Segundo Gomes (1998), há motivos de sobra para preocupações, porque os interesses manifestos e ocultos de religiosos e pessoas comprometidas com as diversas igrejas levam a crer que será muito difícil a manutenção de uma conduta isenta e democrática na questão do ensino religioso. Pois, com o esvaziamento dos templos, os catequistas buscam agora a clientela acessível e disponível nos bancos e salas das escolas públicas e privadas.

Segundo o autor em referência, é difícil acreditar que a escola, seja pública, seja particular, mantenha-se, diante dos cultos e pregações religiosas, com equilíbrio e imparcialidade, sem imposições ou discriminações, como se enseja numa república livre e democrática.

No caso da análise do recorte, a contradição entre o discurso da professora, os ensinamentos religiosos e os direcionamentos da instituição se dá, inclusive, pelo próprio *slogan* da instituição, qual seja, “ integração no mundo tecnicamente competitivo, sem prejuízo da formação ética, cristã e moral”, pois no momento em que os alunos se sentiram injustiçados, eles foram impedidos de construir sua própria argumentação. Ao se “rebelarem”, a professora buscou contornar a situação de forma impositiva, usando como processo de canalização o filtro com conceitos de ordem religiosa.

Nesse ponto da análise pode-se afirmar, portanto, que há necessidade de o espaço interativo da escola estar sendo repensado, para que signifiquem momentos, como esse, de trocas e negociações mais abertas entre os atores do processo educativo. A professora, como transmissora que é dos valores religiosos da instituição, precisaria

buscar conhecer o mundo real e o pensamento das crianças e, desse modo, dentro de suas possibilidades afetivas e de elaboração cognitiva, não se preocupar somente com a transmissão dos valores morais, norteados pelo aspecto religioso.

Nessa direção, convém destacar o que Libâneo (2001, p.100) define como currículo oculto⁵ que, assim como o currículo formal e o currículo real, constitui-se um dos níveis de currículo.

Essa denominação refere-se à aquelas influências que afetam a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores provenientes da experiência cultural, dos valores e significados trazidos pelas pessoas de seu meio social e vivenciadas na própria escola, ou seja, das práticas e experiências compartilhadas na escola e na sala de aula. O currículo “oculto” representa tudo o que os alunos aprendem pela convivência espontânea em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar. O currículo está “oculto” porque ele não é prescrito, não aparece no planejamento, embora se constitua como importante fator de aprendizagem.

Essa noção de currículo oculto na instituição pesquisada aparece na forma dos valores religiosos transmitidos pela escola como sendo obrigatórios. Ou seja, a escola explicita a proposta curricular, como as demais escolas, e paralelamente apresenta um currículo adaptado, em que a formação religiosa entra no ensino dos conteúdos escolares como um todo. O “filtro” é de ordem religiosa. O conhecimento científico passa a ser dependente da proposta da escola. Os conteúdos são amarrados com a filosofia educacional.

Um outro momento significativo do processo posterior à aula anteriormente referida explicita o funcionamento da instituição, bem como a postura da professora Sabrina, o que constitui maiores parâmetros para o entendimento dos valores religiosos como canalizadores na formação do conceito, nessa instituição.

O recorte se inicia no momento que a professora Sabrina está com um livro literário na mão.

5. Ver também em SACRISTÁN e GOMES (1998) e SACRISTÁN (2000).

2ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA SABRINA

ALUNOS

<i>Lembram da história que eu li para vocês na aula passada. Vamos lembrar aquela que Jesus fala sobre os leprosos e ele deixa uma mensagem para nós. Não descansemos de fazer o bem (...)</i>	
	Léo: <i>Mesmo que o colega não lhe faz o bem, devemos fazer o bem a eles, seguindo os passos de Jesus, não é tia?</i>
	Richard: <i>Jesus foi à escola?</i>
<i>Devemos aprender a perdoar e a agradecer a Deus...Então vamos fechar os olhos e fazer uma oração...</i>	
Os alunos fizeram uma oração juntamente com a professora, pedindo proteção para aquele dia.	

O que se verifica é que o episódio do jogo ainda está incomodando e que a preocupação da professora é evidente: ela tenta trabalhar o conceito do perdão com os alunos, levando-os para a questão religiosa. A professora Sabrina não aproveita a deixa da criança diante da pergunta e faz uma interrupção, um corte. Não dá prosseguimento e aí impõe um valor para fechar o conceito. Quando o aluno pergunta se Jesus foi à escola, ela novamente volta e enfatiza o que vem a ser perdoar. Mais uma vez se verifica que as emoções embricadas no processo ensino-aprendizagem são inibidas. Diante das evidências, o aluno Richard, através da sua pergunta também se mostra ainda incomodado com a postura da professora que apitou o jogo. Nessa situação, ele utiliza os mesmos argumentos que a professora utilizou, embora a situação seja outra. O que chama a atenção nesse episódio é o uso, por parte do aluno Richard, de uma linguagem da escola como quem diz “olha, eu entendo a mensagem que a escola passa”.

Essa situação deixa entrever um certo desconhecimento, por parte da escola, de aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil. Segundo Almeida (1999, p.11), “a escola que ainda continua à margem dos estudos sobre o desenvolvimento infantil desconhece as relações entre os aspectos afetivo, motor, pessoal e cognitivo, limitando-se a prover este último”. Wallon (1975, p.17) também descreve o desenvolvimento da

criança como função de toda personalidade, em que a cognição seria um dos aspectos importantes a ser discutidos, mas nunca o primeiro ou o mais importante.

Para Wallon, a distinção gradual que a criança faz entre o eu e outro é adquirida mais claramente em momentos de emoção, assim como também o é a integração das impressões oriundas das atividades concretas, via imitação, que promove o gesto significativo e culmina no pensamento simbólico e na representação.

O conceito é formado em meio a uma rede de relações e sentimentos, que acontecem ao mesmo tempo no cotidiano da sala de aula. Desse modo entende-se que a escola não deve se limitar à simples transmissão de conhecimentos, mas estar atenta a manifestações e expressões dos sentimentos apresentados pelos alunos.

Ressalte-se ainda em relação a este segundo recorte que o episódio ocorreu no final do mês de agosto, quando, em uma aula, a professora trabalhava o livro literário e as atividades seguintes seriam a construção do texto com a elaboração de um desenho sobre a história lida, e, no final da aula, atividades de matemática.

A atividade proposta pela professora Angélica que se evidencia ocorreu após a leitura do livro literário cujo título era “A bomba boa”.

A professora Angélica entrega uma folha xerocada para realização do exercício...

3ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA ANGÉLICA

ALUNOS

<i>Eu gostaria que você pegasse o seu livro e deixasse embaixo da sua mesa</i>	
	Léo: <i>Tia, filma a gente.</i>
<i>Não, deixa lá... A aula de recuperação é pouquinha. Se você ficar fazendo isso você perde tempo. Guardou o livro? Que coisa linda, guardou..</i>	
	Léo: <i>Vou copiar o livro.</i>
<i>Por que você vai copiar o livro? Essa folha não tem espaço para colocar seu nome , sua série. Em alguns aí eu risquei, outros não...</i>	
	Consuelo: <i>Que dia é hoje?</i>
	Richard: <i>Não sabe? Dia 5.</i>

<p><i>Em cima da palavrinha recuperação paralela eu quero que você coloque, nesse pedacinho que tem aí, seu nome, série e data. Pode ser só o 1º nome e aí você acha espaço e coloca a data de hoje.</i></p> <p><i>...Todo mundo põe a data, o nome, série... Agora eu quero que faça...não adianta pegar o livro e copiar..</i></p> <p><i>Eu quero ver o desenho...Se você quiser mudar a história, dar outro nome para a bomba você pode...</i></p> <p><i>Eu quero que você faça o seu desenho e aqui conte a história que você escolheu... Ou você pode contar a história com suas palavras ou você pode interferir na história...Você pode colocar alguma coisa que você queria que acontecesse e não aconteceu... Você pode dar outro final Você vai modificar o quiser modificar...</i></p> <p><i>...Vamos agora dar uma olhadinha no livro. Não é para copiar , é para olhar... Pronto, agora guarda...</i></p> <p><i>Olha só como é o desenho da bomba. Essa bomba vai ter que tá aí.</i></p>	
	Léo: <i>Agora é hora de desenhar. Ótimo..</i>
<p><i>...Nesse momento a professora percebe que tem um aluno que não guardou o livro, está olhando nele. aí ela fala:</i></p> <p><i>Se você não guardar o livro a tia “Angélica” vai recolher.</i></p>	
	Richard: <i>Aqui está meu livro.</i>
	Léo: <i>Você é bobo. Pra que foi entregar o livro, por que não ficou com ele para olhar?</i>
	Richard: <i>Assim a gente não usa a honestidade, quando ele olha no livro, não.</i>
<p><i>De preferência guarde assim, oh! (gesticulando com as mãos), de jeito que você não vê. Porque se fosse para copiar eu dava os livros...Esse é o desenho do autor. Eu quero ver o seu desenho..</i></p>	
	Malu mostra o livro que estava escondido <i>...O meu, tia, a senhora não recolheu...</i>
	Léo e Júnior juntos: <i>Por que você falou?</i>
<p><i>Porque ela está usando aquilo lá, ó ... A honestidade e o respeito (apontando para um cartaz pregado na sala de aula de cores bem vivas) Será melhor a gente</i></p>	

<i>ficar com o livro, enganar a professora e fazer de conta que esqueceu? Quando a professora fala que não é pra gente copiar eu copio, isso é ser honesto? A gente tá usando o respeito e a honestidade...</i>	
---	--

Destaca-se nesse episódio o quanto a professora está presa ao que deve ser feito, atenta à movimentação dos alunos. E quando se depara com algo que contraria as normas ou ao contrato estabelecido entre ambos, procura ser enfática, e dá o seu recado reportando ao aspecto religioso.

Na situação ocorrida entre os dois alunos, pode-se perceber como são inculcados os conceitos que permeiam a todo instante as atividades, as negociações e contradições da instituição, que reafirmam os conceitos religiosos como no caso de “honestidade” e “respeito”. E como se aproveita do momento, ou seja, de uma situação de sala de aula para mantê-los. Mais uma vez o aluno Richard demonstra já ter incorporado a fala da professora na conversa que manteve com o colega: “ Assim a gente não usa a honestidade, quando ele olha no livro, não”.

No desenvolvimento da aula, a professora Angélica continua pontuando os valores religiosos da instituição, quando a aluna Malu mostrou seu livro.

A professora atua dando consignas aos alunos, falando meio que sozinha por um bom tempo. Assim se estabelece um monólogo de ordens a serem cumpridas.

Os alunos interagem entre si, principalmente no sentido de provocar o outro, até para ver o que desencadeia na professora, e o fazem muito bem, como se observa pelo que vem logo em seguida.

Pode-se observar também que a interação ocorre entre os alunos, e não com a professora, com exceção de quando ela se aproxima deles para reprovar algumas de suas atitudes.

1ª ENTREVISTA

PESQUISADORA

PROFESSORA SABRINA

<i>Como você vê a relação? Você acha que a relação professor–aluno é importante?</i>	
	<i>Demais mesmo. Tudo começa por aí, não é? Tem que ser uma relação muito boa. Não pode perder o</i>

	<p><i>respeito né? O exemplo que eu posso te dar é esse:.. ontem uma aluna me disse alguma coisa... tipo não me lembro... Mas tipo assim: você é muito boba... Aí eles misturam e faltam com respeito... Aí tá na hora de você chamar no cantinho e conversar... Não, uai, tem que ter respeito pela professora.</i></p>
--	--

O que chama a atenção na fala da professora é que a sua relação com o aluno deve ser assimétrica. Parece que a proximidade do aluno é algo que a incomoda, e o aluno não pode ter nenhuma atitude que ela venha desaprovar. Acima de tudo, o que deve prevalecer é o respeito.

2) A prevalência do valor religioso no conflito entre a proposta de ensino e a religião

Nessa categoria, em que se analisa o manejo das professoras nas atividades de sala de aula, percebe-se o quanto elas estão presas e voltadas para o cumprimento do programa estipulado pela instituição, sem se atentar para as sinalizações feitas pelos alunos no decorrer das aulas, em detrimento a outras metodologias e estratégias, que poderiam facilitar as aprendizagens. Atividades como dramatizações, recortes e leituras significativas seriam mais adequadas para os alunos, que se encontram na faixa 8-9 anos, porque tornaria muito mais atrativa a aprendizagem dos conteúdos e a representação dos conceitos mais ampla.

De um lado têm-se a postura da professora Sabrina, que dirigia as aulas de forma rígida e agia com mais controle; de outro, a professora Angélica, para quem pareceu estar mais claras as propostas das atividades aos alunos. Os passos a serem seguidos eram esclarecidos pela professora, que mostrava através de exemplos as atividades e as regras a serem seguidas para seu desenvolvimento. Atenta e organizada, a professora é coerente com as crianças, se preocupa em acompanhar o processo de raciocínio deles, pontua e dá oportunidades para organização de seus pensamentos.

Assim, o manejo de sala de aula da professora Angélica se diferencia do da professora Sabrina, uma vez que aquela demonstra ser mais flexível– tanto em relação aos conteúdos quanto nas interações com os alunos– desenvolvia um ensino mais dialogado, mais integrado, e dava ao aluno pistas seguras quanto à forma de

desenvolver as atividades. Mesmo assim, é importante salientar, nem sempre a professora Angélica conduzia as aulas sem realizar cortes, pela necessidade que sentia de transmitir o recado da instituição.

Nesse sentido, convém assinalar também o conflito que parecem viver as professoras e coordenadora no que diz respeito ao ensino dos valores religiosos e a proposta de ensino. Através da entrevista realizada, pode-se destacar o papel da coordenadora na cobrança do cumprimento das normas e das propostas, sobre o qual há um controle via planejamento, via caderno de plano (entregue para o visto da coordenação uma vez por semana), e através de “fiscalizações” no material dos alunos (cadernos, livros).

O mecanismo utilizado pela instituição converge, portanto, para o estabelecimento de uma certa inquietação, por parte das professoras que, entre a proposta de ensino e a religião, se contradizem o tempo todo. Desse modo, sem poder questionar os valores veiculados pela escola, elas mesmas, por viverem o conflito, não permitem que os alunos possam se manifestar. É assim que a instituição as prepara e só podem ficar divididas entre serem elas mesmas ou o que elas representam.

Além disso, deve ser considerado ainda que, muitas vezes, para não perder o emprego, o professor é obrigado a se manter em determinada religião. Isso significa que, se pudessem optar, provavelmente agiriam de um modo diverso daquele esperado pela instituição.

Parece que o grupo que dirige a instituição sabe que os alunos e os funcionários não aderem completamente à proposta religiosa – daí a razão de um controle – e faz de conta que não há rebeldia por parte dos alunos e professoras. Assim a instituição passa a se utilizar de mecanismos relacionados aos programas, planejamento, no sentido de “dirigir” as professoras e os alunos e influenciando-os na condução dos conteúdos escolares. Tudo tem que passar pela aprovação da mantenedora. Nada pode partir das professoras e da coordenação sem que antes seja aprovado.

Uma das conseqüências mais importantes desse comportamento refere-se à autonomia que as professoras poderiam ter nas suas atividades, para uso de sua criatividade e assim inovar, sem ter que passar pelo crivo da instituição e viver uma “liberdade vigiada”.

O recorte para ilustrar essa situação foi retirado da aula da professora Sabrina, quando trabalhava com sinônimos e rimas e eram utilizados livro-texto dos alunos, caderno e dicionário. A aula é trabalhada de forma dialogada.

1ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA SABRINA

ALUNOS

<i>... Essas palavras que estão no vocabulário, quem gostaria de responder?</i>	
	<i>... Os alunos ao mesmo tempo, em alvoroço: Deixa eu, deixa eu...</i>
<i>As meninas falam a palavrinha e os meninos respondem. Duas palavras do texto. Teve alguma coisa no texto que vocês não souberam o significado e foram olhar no dicionário?</i>	
	Júlia: <i>Aflita.</i>
	Maurício: <i>Fôlego</i>
<i>Só um pouquinho. Vocês viram que tinha dois sinônimos: pode ser quando fala do corpo, capacidade de respirar. Aqui no texto, fôlego é a capacidade de respirar ou a intenção de tomar um fôlego?</i>	
	Richard: <i>É a capacidade de respirar.</i>
<i>Muito bem, capacidade de respirar, muito bem, vamos lá para o exercício nº 3. O nº 2 eu vou olhar na hora que for corrigir o caderno. O exercício nº 3. Observe o tipo de barraca. Para que serve? Observe, gente, não vamos olhando assim rapidinho e querendo responder rápido. Observe. Pode consultar o seu coleguinha do lado aí.</i>	
	Alunos interagindo entre si.
<i>Qual das três barracas representa a que aparece no texto?</i>	
	Alunos juntos: <i>a 1ª.</i>
<i>Espera aí só um pouquinho, Carlos Eduardo, qual dessas barracas representa a mesma barraca que aparece no texto.</i>	
	Novamente os alunos em voz alta: <i>a 1ª.</i>
	Léo: <i>Porque tá parecendo uma praia, não tá parecendo uma barraca...</i>
<i>Léo, volta lá no texto, acha a barraca. Teve criança</i>	

<i>que achou que era a última porque nós vamos para o Araguaia levamos barraca. Esse caso aqui é?</i>	
	Consuelo: <i>Ah! tem que ser essa mesmo. Se for outra barraca, o vento de um 1 km leva tudo.</i>
<i>Por favor, veja se existe diferença, se essa daqui é usada só para praia., Observem. Vocês já viram que na praia também têm umas pessoas que chegam cedinho e montam essa barraca também? Quem tem outra opinião? Malu, Léo...</i>	
	Léo: <i>Porque tá parecendo uma praia. Não tá parecendo uma barraca.</i>
<i>Levanta o dedo que eu vou deixar ler onde fala da barraca no texto.</i>	
	Paulo Henrique: <i>Eu achei, achei...</i>
<i>Pera aí... Já vou deixar ler... Aí no início da frase... Sem fôlego, a barraca... ah!, ah!</i>	
	Consuelo: <i>Chegou, continua, continua. Leu o parágrafo todo.</i>
<i>Então vamos ver. Teve criança que achou que era a última, porque, quando nós vamos para o Araguaia, levamos barraca. Esse caso aqui é.</i>	
	Carlos Eduardo: <i>Essa aqui não dá porque também?</i>
<i>Agora por favor vejam se existe diferença, se essa daqui é usada na praia, onde é o mar, e essa daqui é usada só para a praia de rio igual o Araguaia... Veja essa daqui. É só para o mar ou é para praia de rio? Existe diferença? Nós não podemos afirmar...</i>	
	Consuelo: <i>Existe, tia...</i>
<i>Vocês já viram que na praia também tem umas pessoas que chegam cedinho e montam essa barraca também. Pois é, mais uma vez essas duas respostas estão certas.</i>	

Através de exercício oral, a professora mostrou aos alunos que a palavra fôlego possui dois sinônimos, ou seja, que ela pode ter mais de um significado. Em seguida, realiza um outro exercício, para mostrar tipos de barracas e suas utilidades. Assim, juntamente com a professora, os alunos iam seguindo o raciocínio e formando idéias sobre a utilização das barracas. A princípio os alunos tiveram dificuldade de fazer as respectivas distinções. A professora Sabrina tentou, mas não deu seqüência ao

encadeamento do raciocínio. Ela não dá, então, oportunidade para a seqüência lógica acontecer. Ela pergunta, mas não deixa o aluno responder. Ela transmite o conteúdo estabelecendo uma comunicação de forma linear, mas não pensa com o outro. Ela fala porque o aluno a provocou. Só que não responde para o aluno, falta interlocução, parece não entrar em interação com eles.

Quando o aluno Léo e o aluno Carlos Eduardo sinalizam que não estão entendendo, que está confuso para eles se trata de barraca ou praia, ela resolve desconsiderar: manda o Léo voltar para o livro, não responde o Carlos Eduardo e depois não resolve com eles suas dúvidas. Além disso, a explicação que dá é muito confusa e contraditória sobre as barracas e suas utilidades. O procedimento adotado pela professora é como se todos estivessem acompanhando a figura no livro-texto e se estabelece um vai-e-vem e se o aluno desviasse sua atenção por alguns segundos perderia a seqüência do raciocínio.

Na situação a professora Sabrina não utilizou o processo de mediação com as crianças, embora tivesse permitido que elas voltassem ao livro e falassem do que estavam vendo. Além disso, a indicação da professora de que a tarefa exigia lembrança do momento em que foram à praia ou ao rio Araguaia os deixou bastante perdidos, uma vez que nem todos já tinham vivido essa experiência. Assim, mediante a falta de referências para ilustrar a atividade é dificultada a construção do conhecimento de forma consistente pelas crianças.

Ainda nessa mesma aula, um outro episódio se mostra significativo em relação ao manejo da professora, quando ela traz os alunos para correção da tarefa do dia anterior, sobre rima.

2ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA SABRINA

ALUNOS

<p><i>...Quem foi que terminou ontem a poesia? Abra o caderninho. Ah!, eu não vou repetir o que eu disse... Então vou entregar o caderninho. Quem não terminou, termina agora.</i></p>	
	<p>Malu: <i>Eu quero ficar com a Consuelo, tá?</i></p>
<p><i>Quem não terminou vai fazer o desenho relacionado à poesia.</i></p>	

	Léo se dirigindo-se à pesquisadora: <i>Tia, promete que vem amanhã... Promete, promete. Promete para Deus... Tia, jura, mesmo. Tá bom.</i>
	Léo, tampa a lente da filmadora.
<i>Foi dupla, não foi? Quem quis fazer sozinho eu respeitei...</i>	
	Malú: <i>tia, você me ama?</i>
Professora beija a aluna e diz: <i>Amo muito.</i>	
	Léo: <i>canta: Bom dia, cavalo...</i>
	Léo continua cantando: <i>Balaio, balaio e o papagaio, para ficar falando o dia inteiro. E a jibóia para picar o dia inteiro(ri). Bom dia, cavalo. Rimou, não rimou tia? Tudinho?</i> Léo: <i>Olha, onde a Consuelo está sentada. E pergunta: Onde a Consuelo tá, tia?</i>
<i>Na minha mesa. Eu deixei. Qual é o problema?</i>	
	Léo: <i>O problema é que ela é professora agora.</i>
<i>Você, Léo. Cadê as rimas que você colocou? Cuida da sua vida.</i> ... Olhando no caderno do Léo.. <i>Jibóia, lima. Não, Léo, você lembra que eu te falei! Você não rimou.</i>	
	Léo: <i>Ah! tia...</i>
<i>O que você vai fazer? Organiza, entendeu! Deixa eu afinar a ponta do seu lápis...Presta atenção..</i>	
	Léo: <i>Está pequena a minha letra... Bem pequenininha, do jeito que você queria... Ah tia, não adianta, não. Fiz igual você fez no quadro, fez no quadro .</i>
<i>Não, eu quero sua letra normal, como você escreve.</i>	
	Consuelo: <i>Tia Sabrina, eu vi uma jibóia que comeu uma bóia... Rimou, não rimou?</i>
	Léo: <i>Eu vi uma jibóia que comeu uma bóia. Era você Consuelo.</i>
	Malu: <i>Não, não..não. Eu ensino o Léo.</i>
<i>Mas por quê?</i>	
	Léo: <i>Não ela não gosta de mim.</i>
<i>Gosta sim.</i>	
	Léo continua cantando: <i>Eu vi um papagaio e um balaio. Tia, eu sei rima demais.</i>
<i>O Richard vai ler a dele. Todos vão ler, uns agora e</i>	

O destaque nesse episódio é para o aluno Léo, que tenta chamar a atenção o tempo todo na sala de aula, e a professora não percebe as suas sinalizações e denúncias.

Uma delas é a indignação dele por ver a colega Consuelo sentada na mesa da professora. Mesmo com a orientação para fazer as rimas, ele não deixa de expressar sua indignação com o fato de a colega tentar se passar por professora. Nessa atitude Léo revela as emoções envolvidas nos conceitos que manifesta ao aproveitar as palavras estabelecidas para atacar a colega Consuelo. Ao desconsiderar ou melhor, parecer que não entende os recados que ele dá, faz um corte e usa do “autoritarismo” para trazê-lo de volta à tarefa.

Ao se envolver com tais sentimentos, a criança é impedida de colocar o processo de pensamento no curso esperado pela professora. Não se leva em conta, portanto, que são os processos de significação que apoiam os processos de aprendizagem e mantêm as interligações entre cognição e afeto, em que a atenção e a consideração com os processos de significação dos alunos permitirão ao professor acompanhar, mais proximamente, as aprendizagens que eles realizam.

O tom de voz agressivo da professora nesse momento e a ironia que deixa transparecer indicam indignação, por ter sido questionada, o que desencadeia, com sua inabilidade em lidar com a turma, conteúdos competitivos, de rejeição e de hostilidade da instituição.

A professora Sabrina vai levando a aula e no momento em que é questionada pelo aluno em que se sente desafiada, ela contra-ataca e desconsidera as emoções. Como ela é autoridade na sala de aula, os alunos saem perdendo, pois ela exerce o controle. No momento em que o aluno Léo faz um comentário sobre a letra pequena, tentando agradar e fazendo um contato, a professora não o percebe. E o aluno explicita o tempo todo na sala de aula o seu desejo, seja com os colegas, com a professora e com a pesquisadora.

Ressalte-se que nessa atividade a professora Sabrina não acompanha os alunos e os deixa soltos, sem orientação. Pareceu mostrar sua crença de que o bom trabalho da criança seria aquele que ela fosse capaz de desenvolver sozinha ou com a ajuda dos colegas. No caso de Léo, a professora não se aproximou para ajudá-lo em sua dúvida. Esquivou-se, indo apontar o lápis. Quem se propôs foi sua colega Malu.

No processo comunicativo estabelecido, todos pareciam estar se movimentando no escuro, pois os alunos não sabiam como chegar a realizar propriamente a rima, e a professora não clareava de forma efetiva as dúvidas. Em meio a esse processo interativo tumultuado de ações e reações, a professora não soube ser mediadora nem do conteúdo, nem das reações afetivas surgidas nas crianças.

A seguir, recorta-se o próximo episódio, ainda com a professora Sabrina, com pistas sobre a sua postura rígida e controladora. Trata-se de uma aula posterior à acima relatada, em que a professora propõe atividade de grupo. A disposição das carteiras, voltadas umas para as outras, formando vários subgrupos, já havia sido organizada previamente pela professora, enquanto os alunos faziam suas orações do dia antes da entrada em sala.

3ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA SABRINA

ALUNOS

	Os alunos entraram. As carteiras estavam organizadas para quatro elementos.
<i>Precisamos trabalhar o livro literário hoje. Vocês estão organizados dessa forma para isto.</i>	
	Os alunos andavam de lado para outro na sala, cada um procurando um lugar para sentar.
	Consuelo cruza os braços no meio da sala e demonstra insatisfação ao ver os grupos formados, cada um já sentado.
	Monique, outra aluna, anda de um lado para outro com a mochila nas costas, os outros alunos já estão nos grupos, fora um grupo que ainda não havia se formado.
	Consuelo continua por alguns instantes no meio da sala. Ninguém fala com ela, nem a professora.
Passa por ela não a percebe e fala com outro aluno. <i>...Fica aqui por enquanto. Ali, ó. E aponta com o dedo para o aluno assentar-se.</i> <i>Você quis trocar a carteira, mas seu lugar é aí!</i>	
	A movimentação continua e já se foram uns dez minutos da aula.

	Monique continua com a mochila nas costas andando de um lado para outro.
	Carlos Eduardo, de pé no meio da sala, ainda não formou grupo.
<i>Olha 3ª série, o grupo é formado por quatro elementos...</i>	
	Monique demonstra insatisfação.
<i>Venha cá, Monique e Carlos Eduardo.</i>	
<i>Você vai ficar nesse grupo...</i> e gesticula para os alunos abrindo os braços para os que ainda não haviam formado grupo.	
	Alunos rodeiam a professora. Todos falam ao mesmo tempo.
Puxa Consuelo pelo braço. Quando a aluna vai até ela reclamar do grupo, a manda sentar.	
	Pedro chega com o livro e mostra para a professora.
Ela pega na mão dele. Não diz uma palavra e coloca na mesa.	
	Pedro diz: <i>Professora onde vou sentar?</i>
	Carlos Eduardo: <i>Mas aqui não tem lugar...</i>
Observa a movimentação e fala: <i>Olha aqui, se vocês ficarem sentados nos lugares é até mais fácil...</i> Professora fala com o aluno Pedro: <i>Pega a cadeira aí.</i>	
	Consuelo senta sozinha, colada à mesa da professora de costas para turma e para os grupos. Toda hora ela olha para trás.
<i>Pronto... Agora presta atenção...</i>	
	<i>Consuelo</i> enrola o cabelo no dedo, o tempo todo de costas para filmadora.
Vai até ela, pega o livro, <i>oh!</i> Gesticulando,... entrega para outro aluno o Pedro e diz: <i>Eu vou entregar para quem não trouxe...</i>	
	Malu: <i>Tia, eu não tenho...</i>
<i>Quem tem o livro na mão. Eu vou contar a história... Não é para folhear, conversar... Pega o livrinho, coloca na carteira. Quem não tem vou emprestar o livro...</i>	

	Léo reclama do lugar...
<i>Qual é o problema ficar aí? Em tom agressivo...</i>	
	Léo: <i>Eh! Tia, não.</i>
	Consuelo acena para professora com a mão que vai para o grupo ali.
<i>Muito bem. Todo mundo que está com o coleguinha. Olha a capa do livro...</i>	
	Alunos juntos: <i>É Flits, do Zivaldo</i>
Continuando a história...	
<i>Vocês viram que o livro fala das várias cores..</i>	
	O aluno Richard resumiu a história.
Apontando para outro grupo... <i>O amarelo é daquele grupo.</i>	
	Os alunos reclamaram: <i>Esse é o grupo do amarelo..</i>
<i>Então o grupo de cá...</i>	
	Alunos: <i>Não tia, a gente escolheu lilás.</i>
<i>Gente, vocês viram que foram mostrando as cores. O que representava o Flits era uma cor alegre? O que que falou aqui... que era uma cor triste e depois... o vermelho significa o que..</i>	
	Léo: <i>Uma cor forte...</i>
<i>Quando fala do amarelo, vocês lembram, de qual? Lua... do sol..</i>	
	Léo: <i>Da luz de Deus.</i>
<i>Da luz de Deus....</i>	
	Os alunos riem...
<i>Espera...</i>	
	<i>A luz do ouro..</i>
Aponta com o dedo para o grupo do azul.. <i>Qual? Não, o azul é para vocês... O quê?</i>	
	Os alunos do grupo em voz alta: <i>Céu, nuvem, a paz...</i>
<i>Muito bem. Não... Todo mundo agora vai ouvir... Tudo no mundo tem cor...Tudo no mundo é azul ou furta-cor. Tem seu roxo ou lilás. Não existe no mundo nada que seja Flits, a sua solidão... Flits...</i>	
	Carlos Eduardo: <i>Tia, quem primeiro foi à lua foi New Armstrong...</i>
Ela não faz nenhum comentário sobre a contribuição do aluno e fala: <i>Quem gostou da</i>	

Nesse recorte, o que se sobressai é a não-execução de uma atividade descontraída como havia planejado a professora. Ela já vem de casa com um “pacote” pronto, fechado, do que ela tem que passar aos alunos. Chega mais cedo para organizar as carteiras, para quando os alunos chegarem já encontrar as carteiras organizadas.

O ponto crítico dessa situação diz respeito à possibilidade de os próprios alunos terem se encarregado da arrumação das carteiras, o que por si só já deixaria a aula mais descontraída. No entanto a professora comanda o tempo todo; com isso consegue deixar os alunos insatisfeitos, perdidos, com dificuldades de se organizar. A professora deixa de perceber a movimentação, as reações de cada um diante da proposta, e pareceu causar na turma competições, inseguranças e insatisfações pela forma como lida com eles.

Ao dizer “você quis trocar de carteira, mas seu lugar é aí”, impôs uma situação e exaltou-se quando a aluna reivindica um lugar e quando a Consuelo a procura e ela a manda sentar. Quando Léo reclama do lugar e ela diz: “Qual é o problema ficar aí”, revela-se um tom extremamente de controle.

Quando prevalece o valor religioso, no caso em que Léo se utiliza da linguagem da instituição para exemplificar que o amarelo é a luz de Deus, a professora não dá seqüência à fala dele e volta-se para o conteúdo escolar. Registra-se aqui, mais uma vez, o engajamento de Léo nos ensinamentos religiosos.

A professora fecha a atividade sem que os alunos nesse momento pudessem refletir. A proposta que em princípio era conjunta acabou por sendo dirigida e conduzida pela professora, sem contemplar as argumentações dos alunos. Assim, quando o aluno Carlos Eduardo traz uma contribuição para a sala de aula no momento da atividade, a professora deixa de aproveitar sua contribuição para interagir com a turma sobre o primeiro homem que pisou a lua. Com isso, os alunos perdem a possibilidade de trocar informações, de ampliar seus conceitos.

Ficou difícil, inclusive, identificar quais os objetivos que de fato a professora perseguia. Se era que as crianças trocassem informações nos grupos; se era para que lessem a história e depois discutissem oralmente em grupo ou sozinhos, ou ainda outros objetivos que poderiam estar implícitos. Enfim, qualquer um deles, focado

separadamente e em primeiro plano, teria que ser muito bem especificado e os passos das crianças muito bem guiados, para que elas realizassem o que era esperado e tivessem, com isso, ganhos de aprendizagem. Assim encaminhada, talvez a tarefa cumprisse alguma função clara.

O episódio a seguir relatado refere-se à professora Angélica, na sala da recuperação paralela, em que se transmitem valores religiosos e o manejo do conteúdo se dá de forma menos rígida. Dentre os vários motivos que podem justificar essa forma de atuação pode-se atribuir ao número reduzido de alunos em sala, o que favorece o desenvolvimento das atividades, como também o fato de a professora lecionar há muitos anos na rede pública de ensino e o próprio fato de lecionar há apenas cinco anos na instituição e ainda não ter “incorporado” de vez as imposições da instituição.

O conteúdo trabalhado nessa aula referia-se à resolução de operações matemáticas e figuras geométricas. Como estratégia eram realizados jogos em duplas e desafios individuais.

4ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA ANGÉLICA

ALUNOS

<i>Vamos fazer um jogo... Esse cartão aqui. (mostrando nas mãos)... Vejam no quadro 12. O segredo é você encontrar o maior número de possibilidades desse resultado. Exemplo: 4X3; 3X4; 2X6; 6X2. É de dupla, não pode falar, senão os colegas copiam. Vamos lá?</i>	
	Alunos se juntaram.
<i>Aqui está o envelope contendo as possibilidades, e as regras são as seguintes: ganha a dupla que primeiro conseguir formar as possibilidades.</i>	
	Os alunos se organizaram como quiseram, em duplas. Nada foi imposto.
<i>Vou dar uns pauzinhos de picolé, caso alguém precise ou tenha alguma dificuldade...</i>	
	Quando as duplas começaram, chega atrasado o aluno Léo... Não havia colega para fazer dupla com ele.
<i>A professora depressa fala: Ah! vou lançar um desafio ao Léo, que chegou agora. Ele vai tentar fazer sozinho...</i>	

<i>Léo, as duplas já começaram uma atividade... O seu desafio é sozinho tentar alcançá-los Ok? Topa?</i>	
	Léo: <i>Claro.</i> Léo: <i>Dá um espirro estridente e diz: É, “veio”, eu estou gripado. É isso.</i>
<i>Vamos trabalhar. Não vira para trás, porque você perde tempo..</i>	
	Richard vira para trás e pergunta para a pesquisadora: <i>Quanto é 4X4?</i>
<i>Pesquisadora responde que não poderia falar, eram as regras do jogo. Lembra que a tia falou?</i>	
	Os alunos interagiram entre si, separaram as fichas, um ajudando o outro. A dupla nº 2 terminou. Eram o Richard e o Júnior Em seguida a dupla de nº 1 terminou –Malu e Luiz. Nisso Léo diz: <i>Ah, agora eu quero ajuda.</i>
<i>Qual dupla quer ajudar o Léo?</i>	
	Malu: <i>Eu não!</i>
	Richard e Júnior foram ajudá-lo e ele conseguiu.
<i>No canto do quadro marcou a dupla nº 1, dupla nº 2, dupla nº 3 e o Léo.</i> <i>Ah, eu quero um novo desafio. Misturem os cartões e ganha a dupla mais rápida.</i>	
	Os alunos todos se mobilizaram e agitados foram procurando as fichas.
	A dupla que havia terminado primeiro novamente terminou. As demais duplas terminaram depois.
<i>Viu que vocês falaram que não sabem matemática e conseguiram dar respostas da tabuada?</i> <i>Gostaram do joguinho?</i>	
	Alunos em coro: <i>Sim.</i>
	Enquanto a professora distraiu o aluno Léo, foi no quadro e marcou muitos pontos para ele. Os colegas, falaram: <i>Professora, olha o que o Léo fez.</i> Léo: <i>Vou apagar gente.</i>
	Malu: <i>Não gostei do jogo não. O Júnior é muito bagunçento. O tempo todo fazia gracinha, falando alto.</i>
<i>Vamos agora fazer outra atividade de matemática.</i>	

<i>Agora vamos trabalhar individualmente.</i> Entregou uma folha de matemática. Cada aluno foi tentar fazer o seu...	
	Os alunos com uma régua foram medindo o quadrado, o losango, o retângulo, pois o número 4 do exercício da folha pedia para nomear as figuras.
Aproxima-se de Richard para ajudá-lo	
	Léo fala: $7+1=8$
<i>Léo, não é isso não. Na tarefa do seu colega...</i>	
A professora sai e...	
	Richard pega a folha do colega e vai copiar. Os alunos denunciam.
<i>Meu filho, desse jeito você não aprende.</i> <i>Vou aí te ajudar.</i> Enquanto ela ajuda o Richard, os outros terminam e vão ao banheiro.	
	Voltam e novamente continuam outra tarefa
	Léo e Júnior estão com dificuldade de resolver a tarefa.
<i>Vamos pensar.</i> Dirige-se até o quadro e trabalha com frações. <i>Quem consegue mostrar para nós como vamos achar $1/3$ e $2/5$ do todo para sabermos como pintar?</i>	
	Léo: <i>É só olhar que o homem está com dois balões de cada lado das mãos.</i>
<i>Ah. Você percebeu que ele carrega um conjunto de balões separado do outro. Mas será gente que é só isso?</i>	
	Júnior vai lá na frente e mostra no quadro como se encontra $1/3$ e $2/5$ do todo.
	Léo: Faz um cumprimento tocando a mão do colega. <i>É isso aí amigão. Você é bão mesmo.</i>
<i>Mostra pra tia que você entendeu.</i>	
	Léo: <i>Eu entendi do jeito que a senhora ensinou.</i> E ri.
<i>Mas eu ensinei como?</i>	
	Léo: <i>Do jeito que eu aprendi.</i>
	A turma toda ri..
<i>Eu preciso que vocês pensem para encontrar a resposta e me mostre o percurso do raciocínio...</i>	

	Nesse momento, o telefone toca
	Léo, imediatamente: <i>Tia, me deixa atender?</i>
<i>Vai lá Léo.</i>	
	<i>Sala de leitura, às suas ordens.</i>
	Colegas riem.
	Léo: <i>Socorro professora, tem alguém querendo falar com a senhora.</i>
Se dirige ao telefone.	
	Alunos ficam conversando enquanto a professora resolve.
Retorna e diz: <i>Gente, nossa aula está acabando e não vai dar tempo de terminar nossa atividade de hoje... Coloquem o nome na folha, na próxima aula terminamos o exercício.</i> O sino toca, a coordenadora chega na porta e pergunta: <i>Como foi a aula?</i>	
	Todos respondem: <i>Boa, mas o Júnior fez bagunça.</i>
<i>Tive que chamar a atenção dele e isso me atrasou um pouco. Sabe tia, se dirigindo à coordenadora. Quando tem visita eles deveriam mostrar que são educadinhos e não ficar chamando a atenção com conversas e brincadeiras, não acha?</i>	
Coordenadora: <i>Gente, vocês têm que aproveitar esse espaço, pois vocês estão tendo oportunidade de trabalhar com a tia as dificuldades. Vamos para o recreio.</i>	

Destaque-se também nesse recorte a forma criativa utilizada pela professora para, de uma forma diferente inserir o aluno Léo, que havia chegado atrasado, motivando-o a participar através do desafio lançado, perguntando-lhe se ele topava.

Assim, a professora aproveitou-se de uma característica do aluno Léo, que ao ser desafiado imediatamente topou. No seu processo de mediação, a professora demonstrou estar atenta às manifestações dos alunos, deixando que eles se organizassem e aceitassem tanto a proposta da atividade, como fizessem a escolha do colega com quem gostariam de trabalhar. No momento em que o aluno Léo pede ajuda e ela lança a pergunta: “quem gostaria de ajudá-lo”? a professora não impõe uma ação sobre o outro. Além disso, a professora Angélica estabeleceu, através da atividade, uma competição e desafios, em que todos se esforçaram para realizá-la. Ela os motiva, elogiando: “Vocês falam que não sabem matemática, mas através do jogo conseguiram dar respostas da

tabuada”. Desse modo ela espera o feedback à atividade que propôs. A partir de um desafio, propõe outro.

No episódio do Richard, ao olhar no material do colega, a forma como o aborda é de acolhida e proposta de ajuda. O tom de voz que a professora Angélica utilizava era bastante calmo e a seqüência era pausada. Era muito tolerante e diante das brincadeiras do aluno Léo demonstrava ser flexível. Mas quando a coordenadora se aproxima, ela denuncia o comportamento do aluno Júnior e dá o recado: “ deveriam se mostrar educadinhos e não ficar chamando a atenção com conversas e brincadeiras”.

A aula do recorte a seguir abaixo já foi citada na 3ª observação da primeira categoria. Nessa aula, a professora Angélica trabalha o livro literário “A Bomba Boa”.

5ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA ANGÉLICA

ALUNOS

<i>A primeira coisa que nós vamos fazer é ler...</i>	
	Léo: <i>Tia, quero da Bomba boa.</i>
<i>Nós vamos ler juntos. Quem já leu vai ler mais uma vez.</i>	
	Richard: <i>Não Léo. Ele é muito ruim.</i>
<i>Ah!, você acha ele ruim? Já leu ele?</i>	
	Richard: <i>Já, não gostei.</i>
	Malu:, <i>Eu já li e achei legal.</i>
<i>Vamos olhar: como é o nome do livro? Primeiro olhar.</i>	
	Léo começou a história, em voz alta, sem parar.
<i>Quem foi que escreveu esse livro?</i>	
	Richard: <i>Ivan Lins.</i>
<i>Quem é a Editora?</i>	Alunos em voz alta: <i>Editora Lê.</i>
<i>A edição 10ª</i>	
	Léo: <i>Edição 10.</i>
<i>Eh isso mesmo Léo, edição 10.</i>	
	Léo: <i>A Bomba Boa tinha um coração.</i>
<i>Então vamos ver se ela tinha mesmo... Agora eu quero que você preste atenção, que nós vamos fazer a leitura assim: cada um de nós vamos começar aqui, oh! (Gesticula com as mãos).Esse coleguinha vai ler a primeira parte. Quando ele terminar, todo mundo vira a página e acompanha quando chegar no Richard. Nós</i>	

<i>vamos passar a folha para esse coleguinha, depois para esse, para esse aluno.</i>	
	<i>Léo: Algum tempo atrás, quando o mundo era...(foi passando página por página, aluno por aluno, até passar por todos.</i>
<i>Agora vai ser assim: Cada fila vai ler junto comigo, cada página dessa. A página 12 essa fila, aqui vai ler junto e te acompanhar... Vamos ler essa fila, aqui junto com a tia... Um, dois e ...</i>	
	<i>Alunos em voz alta...</i>
<i>Léo, você está dormindo, o que aconteceu?</i>	
	<i>Léo: Tô sim.</i>
<i>Essa turminha. E depois que ela explodiu, o que aconteceu?</i>	
	<i>Caiu no monte de feno.</i>
<i>Vamos ver de novo, todo mundo junto...Vamos lá.. Agora feche o livro e deixa aí no seu lugar quietinho... Pronto...Quem consegue contar a história para nós sem o livro?</i>	
	<i>Léo: Deixa, eu...</i>
<i>Conta para os seus colegas. Agora feche o livro e deixa aí no lugar quietinho.. pronto. Vamos ver quem consegue contar a história.</i>	
<i>Ah! então conta para os seus colegas.</i>	
	<i>Léo: A Bomba boa tinha um coração, mas as outras bombas não tinham. Até que um dia ela foi levada por um avião ruim, ruim, né, tia?</i>
<i>Foi levada pra que, Léo?</i>	
	<i>Levada para destruir a cidade.</i>
<i>E depois, Léo?</i>	
	<i>Aí ela quando viu que ia cair, ela fez um grande esforço para cair na fena, e depois que ela caiu na fena (a colega Malu riu) tia, apareceram as crianças para brincar com ela.</i>
<i>Léo, não é fena, é feno.</i>	
	<i>E depois caiu no feno tia, apareceu crianças para brincar com ela.</i>
<i>Aí apareceram crianças de verdade para brincar com ela, foi assim?</i>	

	Léo: <i>Depois ela foi de novo pegada e o avião explodiu flores.</i>
<i>Você quer completar a história do Léo? Você acha que o Léo contou a história correta, faltou um pedaço? O que que o Léo fez?</i>	
	Consuelo: <i>Faltou alguma coisa... Ele contou certinho Malú?</i>
	Malú não concorda não.
	Júnior: <i>Faltou alguma coisa. Das crianças. Era um sonho.</i>
<i>Ah. Ele trocou, ele esqueceu de falar que era um sonho..</i>	
	Léo: <i>Não tem nada a vê ,tia. É a mesma coisa.</i>
<i>Deixa ele contar do jeito que entendeu</i>	
	<i>Era uma bomba Boa. Ela chamava Boa... Ela tinha um coração, nenhuma bomba tinha um coração. Aí, um dia, ela foi levada pelo avião mau. (Alunos riem). Aí eles ficaram querendo que ela caísse. E na hora ela caiu. Ela caiu no feno e sonhou que tinha muitas crianças querendo brincar com ela. Aí vieram os homens maus, chegaram e pegaram. Queriam que ela explodisse nas cidades. Aí ela fez um esforço muito grande. Aí todo mundo fizeram festa e ela explodiu flores.</i>
	Léo: <i>Só isso. Muito bem. Bateu palmas.</i>
<i>No final acabou o livro? Foi assim. Todo mundo fez festa?</i>	
	Júnior: <i>Não foi assim que acabou... Acabou que o menino pegou a flor mais bonita do amor.</i>
	Léo: <i>Coração né tia?</i>
<i>Em forma de amor... Todo mundo já sabe a história. Agora todo mundo tava falando que a Bomba Boa caiu no feno. Quem sabe o que é feno?</i>	
	Alunos: <i>É aqueles trenzinho amarelo que a vaca come..</i>
<i>Ah,, a vaca come. Todo mundo concorda com a resposta dele... É uma coisa que a vaca come?</i>	
<i>É aqueles trenzinhos amarelinhos... Alguém já viu? Onde vocês viram?</i>	
	Júnior: <i>Eu já...</i>

<i>Onde vocês viram? Na televisão?</i>	
	Malu: <i>Na roça, um monte de farelinho</i>
	Richard: <i>Eu vi na fazenda, onde fui para o acampamento.</i>
	Léo: <i>Eu vi no meu tio, na roça.</i>
<i>Como é que é isso? Os homens cortam capim e fazem assim, oh!(fazendo os gestos com as mãos e amarra), fazem pacotinhos e amarram e guardam para quando faltar alimento para o gado, eles colocarem então aquele monte de capim amarradinho. Eles fazem os pacotinhos e amarram...</i>	
	Léo: <i>Não é tia, a máquina.</i>
<i>Muito bem, a máquina amarra, prensa aqueles pacotinhos, e aí guardam, como já disse, para quando faltar alimentação para os animais.</i>	
	Léo: <i>É uma casa cheinha.</i>
<i>É eles, guardam no galpão. Aí a bomba boa foi cair num monte de feno, capim seco, tava macio. Ela caiu lá . Não deu para explodir porque estava macio Ela caiu lá. Estava tão macio que ela chegou a dormir, né? Deu uma balançadinha, ela dormiu e aí que veio o sonho... Ela sonhou de novo que chegaram aqueles homens que não eram bons... Já pensou? Ela sonhou, graças a Deus, cai aqui e não explode. Não mata ninguém... Que coisa boa...</i>	
	Léo: <i>Porque não tinham Deus no coração.</i>
<i>Ah, é. Eles não tinham Deus no coração... É porque a gente sabe que eles não eram bons.</i>	
	Léo: <i>É porque o capeta tava lá.</i>
<i>É porque eles carregavam as bombas..</i>	

Nesse recorte deve-se ressaltar a estratégia que a professora Angélica utiliza para trabalhar o livro literário, o que faz com que os alunos participem. Através de contraposições, as informações vão aparecendo (os alunos utilizam conceitos cotidianos e espontâneos, no caso o feno), tornando os conceitos mais claros, e a professora vai atuando no sentido da construção do conceito. Ou seja, ao querer saber de onde a

criança tirou aquela afirmação, de onde vem, quando ela investiga a origem, ela tem acesso ao raciocínio da criança.

1ª ENTREVISTA

PESQUISADORA

PROFESSORA ANGÉLICA

<i>Que metodologia é utilizada? Como é que você trabalha?</i>	
	<i>A professora Sabrina me disse que ela trabalha a metodologia a partir do conteúdo. Ai ela já programa a aula em cima do conteúdo... É um bingo, uma dramatização... Procuramos variar... Uma coisa boa que a gente faz aqui é trabalhar em cima dos projetos... Às vezes o projeto abrange a escola inteira ou às vezes o projeto é só da turma, dependendo...</i>
<i>Então ele é assim, vem lá de cima, ou seja da escola toda, e as vezes só da turma?</i>	
	<i>Tem uns projetos que são propostos pela escola... e temos de segui-los.</i>
<i>Como assim? São semanas de datas comemorativas... aqueles temas?</i>	
	<i>Assim, ó. Temas como a sexualidade, honestidade e respeito, justiça e paz, relacionamento, valores...</i>
<i>Tem projetos que vocês encaminham para a coordenação?</i>	
	<i>É tudo que for feito tem que ser encaminhado para ser aprovado pela coordenação.</i>

Na fala professora Angélica é percebido o quanto ela se mostra bastante contraditória, tanto em relação ao que ela faz, denotando a prevalência do valor religioso entre a proposta de ensino e a religião, quanto sobre o controle que a instituição exerce sobre o que é transmitido aos alunos.

2ª ENTREVISTA

PESQUISADORA

PROFESSORA SABRINA

<p><i>Que metodologia é utilizada na instituição, e por quê?</i></p>	
	<p><i>Usamos a apostila do Positivo, que é dividida em cinco etapas. Vamos acrescentando os conteúdos transversais, à medida que vamos sentindo a turma. Usamos a apostila do Positivo. Todos os professores que são coerentes com o ensino da escola. É da seguinte forma: planejamento anual (etapas), as etapas são trabalhadas por semana. De forma que temos um planejamento mensal e diário, com o caderno de plano vistado pela coordenadora, uma vez por semana. Esse planejamento também é flexível, não é uma coisa rígida. Tem escola que eu sei que tem que seguir à risca.</i></p> <p><i>Cada professor tem flexibilidade de ter sua metodologia, mas não deixando de utilizar toda apostila do Positivo. Temos que prestar contas com a coordenação e com os pais.</i></p>
<p><i>Quais técnicas que você utiliza? O que você faz para o aluno aprender?</i></p>	
	<p><i>Técnicas, eu sei... Agora como o aluno aprende é que eu não sei... Procuro variar o máximo as técnicas na esperança deles aprenderem. As técnicas facilitam demais a aprendizagem dos alunos. Vou te dar um exemplo: Ontem o Richard... eu tive que usar os colegas com as mãos para ele entender a multiplicação que era de 5 em 5. Pedia a um aluno para vir até ele e de mão aberta colocava 5 dedos. Eu ia perguntando “quanto dá isso”?¹⁵ E agora mais</i></p>

	<p><i>5" = 20, até ele perceber. Com o material dourado, eu não consegui. Com os dedos ele compreendeu. Depois fomos trazer para o papel e deu certo, aí ele percebeu. Então é assim. Muitas vezes a gente usa da criatividade da gente naquele momento para sair das que aparece. Quando a gente olha assim para o lado, parece que Deus, assim oh!, faz isso, e aí a gente usa e dá retorno certo.</i></p>
--	--

A fala da professora Sabrina também revela uma contradição ao mencionar que a metodologia utilizada na instituição é flexível e tem que se cumprir a apostila toda do Positivo. Diz também que os professores que são coerentes com o ensino têm que trabalhar com ela, o que mostra que se cumpre porque é preciso atender à imposição da instituição.

Ao mencionar que o planejamento é flexível e que existem escolas piores, a contradição se manifesta em termos do uso da apostila, uma vez que os professores precisam utilizá-la toda pois terão de prestar contas com a coordenação e com os pais. Essa concepção revela a natureza tecnicista do modelo utilizado, ao acreditar que a aprendizagem do aluno vai depender da quantidade de técnicas utilizadas. Para isso, exemplifica com o caso do aluno Richard, sem mencionar técnica nenhuma, apenas o *insight* do aluno e a ajuda de Deus.

Outra questão muito significativa na fala dela diz respeito às estratégias. O recorte seguinte esclarece melhor.

PESQUISADORA

PROFESSORA SABRINA

<p><i>Essa disposição das carteiras é diferente. Você usa como forma de estratégia? Para quê? Você acha que pode facilitar a aprendizagem do aluno?</i></p>	
	<p><i>As estratégias, ah. Utilizo para facilitar as aprendizagens. Acho que facilita demais, porque o que foi o que eu percebi quando me dispus a trabalhar assim.</i></p> <p><i>Primeiro eu percebi que uma criança dentro da sala de aula tem que se sentir livre, e se ela tem prazer de ficar ali ou aqui é tão bom! Ou muitas vezes dizer “deixa eu sentar aqui”, Esse é o primeiro passo para sentir bem na sala de aula.</i></p>

	<i>Então isso tem ajudado eles mesmos se conhecerem. Um ajuda o coleguinha, acompanhando a tarefinha, Tanto é bom para quem tá precisando quanto para quem está ajudando.</i>
--	---

Evidenciou-se que tanto a professora Sabrina quanto a professora Angélica vivem o conflito entre o que têm que transmitir que é estipulado pela instituição e o que gostariam de trabalhar. Por assim dizer, as professoras parece sentirem dificuldade em reconhecer o verdadeiro sentido do que fazem e como fazem, seja para transmitir os conteúdos religiosos, seja para os conteúdos de ensino.

A coordenadora foi a última a ser entrevistada. Sua fala é transcrita na íntegra, para percepção de sua dinâmica.

Quando a pesquisadora chega para fazer a entrevista, a coordenadora já estando sabendo, está com o cronograma das atividades sobre a mesa e começa a falar.

4ª ENTREVISTA.

PESQUISADORA

COORDENADORA LAÍS

	<i>Está aqui o cronograma das atividades. A disciplina que eles (professores) têm que dar, e o dia que eles vão dar.</i>
<i>Esse cronograma é feito toda semana?</i>	
	<i>É porque é feito por etapas.</i>
<i>Me explica, essa etapa pega uma semana, um mês...</i>	
	<i>35, 40, 39 dias. São 200 dias letivos... 5 etapas. Então esse é o nosso planejamento. Agora isso aqui é só o “esqueleto”, porque é para dar liberdade para as três primeiras séries aqui, e lá no outro colégio tem quatro; são sete professoras com cabeças diferentes. Uma vai achar que a coisa é mais importante, a outra já acha outra coisa. Então, para terminar dentro do limite de tempo da professora, saber olha, eu estou muito atrasada... Então ela vai saber, o que que ela</i>

	<p><i>tem que fazer... Isso é combinado entre elas. Se elas três concordarem com isso, elas vão fazer... Depois implica no plano de aula diário.</i></p> <p><i>Elas têm um caderno onde elas têm que fazer um plano de aula.</i></p>
<i>Você vista esse caderno toda semana?</i>	
	<p><i>Sempre que posso, porque nem sempre eu posso. Mas faço o possível e o impossível. para olhar. Tem professora que não cumpre e com isso perde a objetividade, ou seja, aquela organização mental.</i></p> <p><i>Exemplo, quando eu fico duas semanas sem olhar o caderno... não precisa de ficar floreando demais. Eu quero que elas escrevam aquilo que elas vão fazer, ter mais objetividade.</i></p>
<i>E aí você já percebeu alguma professora que faz bonitinho para você e na sala de aula não trabalha?</i>	
	<p><i>Olha, eu tenho uma excelente professora, de uma consciência, é aquela professora prática, objetiva e que consegue muito mesmo alinhar a teoria com a prática... Mas já tenho outras com uma imaturidade pessoal e teórica que você precisa ver. Traz um plano bonitinho e chega na hora não executa.</i></p> <p><i>O meu trabalho de coordenação é estar verificando isso aí, com jeito, de modo que ela nem perceba que eu vi.</i></p>
	<p><i>O planejamento tem que ter, para elas não fiquem soltas. Em alguns momentos o decoreba se faz necessário, em outros momentos não.</i></p> <p><i>Outra coisa, para elas não ficarem só na gramática porque eu conto com a Faculdade para formar uma mentalidade nova do professor. Por exemplo, com relação aos conteúdos, eu ainda tenho muita coisa do ensino tradicional, mas eu sei que a importância que se dá a determinados conteúdos pode ser modificada. Então eu tento passar isso para elas. Mas até elas entenderem isso, acho que vai anos... Eu acho que só vai entender isso na próxima geração.</i></p> <p><i>Eu percebo que quando elas querem modificar demais perde a função dos conteúdos. Eu fico atenta para não esvaziar.</i></p>

Hoje é a formatura do meu filho, lá no Aprender a Pensar. E é tão corrido, eles estão organizando uma festa eu ainda tenho que me arrumar... Voltando àqueles conteúdos que eu te falei. então a gente permeia o conteúdo do livro e também os projetos que vão aparecer... Aqueles conteúdos podem ser aplicados ou diminuídos de acordo com o que a coordenação ou a professora perceber. A preocupação que agora nós temos é de não fazer uma escola nem aquém nem além. Além ela vai ser, porque nós sempre vamos aumentar na escrita, na leitura e no nosso projeto de avaliação que envolve muito nosso planejamento. Então esse ano, foi o primeiro ano que nós fizemos. E outra coisa que devemos ter cuidado, porque envolve muito a questão do planejamento... Então veja você.

Eu tenho uma avaliação escrita que vale 5,0 pontos colocados em dias marcados, estipulados no calendário em etapas. Cada etapa a professora elabora um desses... e dos conteúdos. Vão cair, que vão ter aquela prova escrita... Depois estes projetos, a professora vai dos outros conteúdos a serem estudados, vai propor um conjunto com a equipe dela.

Eles vão propor atividades que valem os outros 5,0 pontos. Então, por exemplo, a criação de anúncios dentro do livro, nós temos propostas de produção de textos, então nós temos que trabalhar isso aqui e a professora aqui envolveu o tema adjetivo. Depois temos produções de texto que o próprio livro ou também envolvendo livro literário. Então elas que decidem e elas me mostram e eu procuro analisar se não está vazio, não tá muito oral e não tá muito no artístico ou se está fraco. Se alguma coisa tá valendo muito pouco, por exemplo, uma redação valendo 3,0 pontos, esvazia aquele programa da etapa, aí outra coisa, leitura e dramatização do livro didático, exercícios do livro e tarefas de casa. Então tudo isso daqui, juntando a professora depois, tem no final. Com o nome do aluno e com o projeto que ela

	<p>escolheu. Exemplo, dramatização esvazia... A professora vai escolher porque é meio dela organizar, para não perder para o pai que vir questionar nota e para estar documentada.</p> <p>Porque a avaliação vai abrindo aí, vai ficar cada um em seu livro né, aí eu tenho que ter o controle mesmo. Mas não é controle assim oh! (gesticulando com as mãos) de não poder fazer isso ou aquilo... É controle de saber o que está acontecendo, tá bem, o nível tá bom, tá encaminhando os conteúdos, tá muito além, porque daí ela (professora) percebe, que tinha um aluninho, ele não nada em inglês, ele inculcou com inglês.</p> <p>Um menino bom, a mãe tava grávida, ele desenhou na prova tudo, mas não fez nada... Aí eu sei, chamei a mãe dele, médica, né? Aí conversei com a mãe, falei para ela colocá-lo no futebol, arrumar atividade para ele e deu certo.</p> <p>Então esse processo está sendo implantado, mas ainda tem algumas adaptações, tarefas. Por exemplo, as professoras, por não corrigir coisas, colocam assim, muita coisa oral e dramatizando, porque não fazer uma produção escrita.</p> <p>Isso reflete no dia-a-dia da professora. Se ela inventar demais a coisa pra fazer, ela não vai cumprir o conteúdo... O que falo para elas, "gente, o projeto tem que ser em cima do conteúdo, daí elas vão procurar melhorar o quê?</p> <p>O livro literário... outra coisa que nós temos que trabalhar é com os pais. Eles questionam muito. Querem conteúdos e conteúdos, cada vez mais... Eles estão acostumados com a avaliação de ter prova.</p>
<p>Agora você quer falar mais alguma coisa sobre o planejamento? Você já clareou bastante.</p>	
	<p>Tem uns livros literários, na sala de leitura, projetos por etapas e ainda projetos para recuperação paralela... viu quanta coisa?</p>
<p>Me fala sobre a sala de leitura.</p>	
	<p>O planejamento dela é feito sempre em cima de temas transversais ou de datas a serem comemoradas, porque a sala de leitura tem que ser uma coisa muito dinâmica. Sala de leitura, as atividades são de motivação, não tem atividade avaliativa. Exemplo, tem se falado muito sobre Brasil 500 anos, então ela</p>

	<p><i>vai pegar um livro literário, vai discutir isso. As professoras vão trabalhar uma aula sobre o assunto, história e vão produzir uma atividade artística ou de escrita ou de jogo. Ah, tem também o planejamento de informática. Já na recuperação paralela, o planejamento dela é feito em cima das dificuldades que a professora da sala comum fala que a criança tem. Então naquele encaminhamento (ficha) aí, ela coloca tanto o nível preventivo, muito mais com prevenção, pintou uma dificuldadezinha, escrita, leitura é feito o encaminhamento. Recuperação paralela vale nota, as atividades que eles fazem lá valem 2,0 pontos. Participação, frequência e pelo crescimento dos alunos. Eu sempre peço para elas não dar um número máximo de pontos, quando a criança foi muito ruim, senão o boletim dos meninos vai ficar só notas boas. Mas eu quero que eles tem notas boas, mas nem tanto... Com esse projeto... então as vezes o menino que não saiu bem na prova escrita, mas tendo o projeto todo, ele recupera... Sabe onde eu tenho notas baixas? Na 3ª e 4ª séries, quando mexe com a responsabilidade do aluno. Quando as coisas, então eu tenho trabalhado com os aspectos subjetivos da personalidade por exemplo... Tem um menino que vem só pegar prova. Então eu também tenho que trabalhar com a professora, porque ela tem que estar cobrando... aí. Pode ser que vai para a recuperação paralela pela falta de responsabilidade. Tenho uma criança somente na 1ª série que vai ficar de recuperação especial, mas porque tem problemas sérios familiares, ele não entregou nenhum projeto. Então, no processo dele a vida dele é toda conturbada... Eu nem posso dizer que ele ficou por irresponsabilidade.</i></p> <p><i>Vamos falar sobre o planejamento de informática. É uma pedagoga. Ela escolhe o software, ela elabora os planos de aula e passa para gente. E daí o que acontece é encaixar com o software. Aí depois é marcada uma reunião com as professoras, e elas vão aprender a brincar com os software, para dar aulas.</i></p> <p><i>A pedagoga não vem. As professoras dão aulas acompanhadas do técnico. Ele não é professor. Estará nas aulas para atender problemas técnicos. Disciplina e conteúdo é com as professoras. Como eu vejo isso eu tenho que assistir todos os softwares e vejo se batem com a filosofia da escola... Tem muitas coisas que não vêm de acordo, vão faltar com o respeito, a pessoa humana. Onde por exemplo tem algum de guerra ou sexo e os meninos fazem gozação das coisas assim, a gente corta porque nós queremos coisas que eduque. E também vejo se é bom, se eu concordo com o que a pedagoga fez, se o software vale a pena. A gente corta alguns, depois é feita uma avaliação, se os que ficaram não vão trazer problemas....</i></p>
--	--

A entrevista da coordenadora deixa claro que o que possa vir a depor contra ou atrapalhar o andamento dos objetivos da instituição é evitado, como por exemplo no

caso das aulas de informática, em que os programas são selecionados previamente. Ou seja, são barrados antes mesmo de chegar nos alunos, para que nada venha ameaçar. Assim, ela faz o “possível e o impossível” para estar atenta a cada movimento no que diz respeito a cada conteúdo ou situação a ser vivenciada na instituição. Embora mencione que as professoras tem liberdade para trabalhar, o que se observa, no entanto, é um controle rigoroso, como se pode verificar na seguinte fala: “ o meu trabalho de coordenação é estar verificando isso aí, com jeito, de modo que ela nem perceba que eu vi”.

3 A dificuldade de ressignificar o aluno a partir da representação que a escola faz dele

Nessa categoria, aparece a dificuldade, tanto por parte da coordenadora quanto das professoras, de lidarem com alunos, que confrontam os valores religiosos e morais, questionam suas posturas, em sua maioria por alunos de um segmento social inferior.

O enfoque maior será preponderando sobre o aluno Léo, pois é com ele que a coordenadora e as professoras terão dificuldades de ressignificação, uma vez que toda e qualquer atitude do aluno é vista a partir de como a própria instituição o significa. Para isso, destacar-se-ão algumas falas das professoras e coordenadora, procurando evidenciar como essas percepções participavam da dinâmica interativa que, por sua vez, orientavam diferentes situações e atividades incluídas no processo ensino-aprendizagem.

Na própria sala de aula, antes mesmo de ser feito o encaminhamento para recuperação paralela, o aluno já é indicado pela professora Sabrina para participar da recuperação paralela, decisão que parece ser fruto da falta de habilidade para lidar com os questionamentos e críticas elaboradas pelo aluno que, assim, é transferido de sala.

Embora sejam critérios da escola a média inferior a 6,0 no bimestre ou a apresentação de alguma dificuldade em leitura, escrita e cálculos para o aluno ser encaminhado à recuperação, Léo, no entanto, ainda que não se enquadra em nenhum desses critérios, mesmo assim foi encaminhado para recuperação. A justificativa para indicação da recuperação foi o fato de o aluno ser muito difícil em sala de aula, tendo que ser chamado a atenção o tempo todo. Convém assinalar que Léo possui as maiores notas da sala. Provavelmente, então, o que deve ter levado Léo à recuperação é o fato de ser participativo, questionador, crítico e desafiador. Assim, a escola entende que ele

precisa de uma “sala especial” porque na “sala comum” ele “atrapalha o andamento das aulas”.

Nesse sentido, também, a escola parece não levar em conta dimensões da criança como um todo, mas apenas algumas que segundo o olhar da instituição, como no caso do comportamento agitado, tornam o processo interativo com os colegas e professoras conturbado. Pelo fato de ser chamado a atenção continuamente, o aluno é criticado o tempo todo, o que faz com que seus aspectos negativos estejam sempre em relevância.

Entretanto, um olhar mais sistemático diante das atividades que implicavam a participação oral – quem participava/falava e quem não participava/falava e em contexto isso ocorria – aos poucos foi-se vislumbrando uma outra questão que, embora progressivamente, foi se fazendo cada vez mais presente e se entrecruzando com o aspecto que era observado. Refere-se à discriminação exercida pelas professoras sobre o aluno Léo. Os conflitos que as situações de discriminação geravam faziam também com que os colegas passassem a percebê-lo de forma diferente, ou seja, a forma como conduziam as interações nas aulas refletiam no conteúdo trabalhado bem como nas interações da classe.

Para melhorar o acompanhamento recorta-se o momento em que a pesquisadora conversa com a coordenadora da instituição sobre os horários e dias das observações.

1ª OBSERVAÇÃO

PESQUISADORA

COORDENADORA LAÍS

	<p><i>Olha, eu vou liberar para você a 3ª série da tarde. Já conversei com a professora. Ela é uma gracinha e topou.</i></p> <p><i>Nessa sala tem o aluno Léo. Ele é muito inteligente. Ele é bolsista da escola. Quem paga para ele é um membro da igreja. Ele é de classe social baixa, Mora lá em Aparecida de Goiânia.</i></p>
--	--

De antemão é feita uma exposição do aluno a partir de significações com base no segmento social a que ele pertence. A ressalva diz respeito à sua inteligência. No

entanto, ele é diferente dos demais na instituição, e o que prevalece para esse julgamento são o preconceito e a discriminação.

Segundo Oliveira (1994), o exercício da prática pedagógica tem trazido uma diversidade de situações-problemas, que precisam ser investigadas, para que possam ser compreendidas e possam provocar mudanças.

Por exemplo, “ a avaliação que o aluno faz de si próprio interfere sensivelmente em seu desempenho escolar”, e é nesse contexto que a personalidade da criança está sendo formada, como também a auto-estima e o autoconceito.

De um modo geral, os alunos considerados pela escola como os “mais difíceis” ou “indisciplinados” e com menor nível de rendimentos costumam fazer um julgamento pouco satisfatório de si mesmos como alunos: freqüentemente se dizem incapazes de realizar determinadas tarefas, em alguns casos tentam realizá-las, mas, ao primeiro sinal de dificuldade, desistem; em outros casos nem tentam realizar, se recusam, envolvem-se em qualquer outra atividade (ou “brincadeira”) que não aquela proposta pelo professor. Esse tipo de reação costuma resultar em uma distância maior ainda entre as expectativas que a escola tem em relação a esses alunos e o que eles efetivamente alcançam em termos de desempenho escolar. (Oliveira, 1994, p.11-12)

Quando o preconceito não é em termos de desempenho escolar, e sim de ordem econômica e social, a situação parece ser ainda mais grave, uma vez que a criança precisa travar uma luta interna com o meio externo, para se auto-afirmar, muito desgastante e cruel no sentido de buscar ser aceito. Itani (1998, p.119) alerta, ainda, que o “preconceito faz parte de nosso cotidiano. Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos ou gestos, discursos ou palavras”.

Segundo Oliveira (1994), existe uma grande proximidade entre as noções de auto-conceito, auto-imagem e auto-estima, embora muitos autores que trabalham nessa área (como Coll, v.1,1995) costumem diferenciá-las, com ênfase à abordagem de uma ou de outra. Assim, para Oliveira (1984, p.31), o autoconceito se apresenta como “ a atitude que o indivíduo tem de si mesmo, decorrente da maneira como se percebe; a auto-estima, por outro lado, é abordada em termos de uma atitude valorativa do indivíduo com relação a si mesmo.

A seguir apresenta-se o recorte em que na primeira aula observada na instituição a professora Sabrina, da classe comum, em um momento da aula enquanto os alunos faziam uma atividade copiada do quadro, se dirige à pesquisadora para falar do Léo.

2ª OBSERVAÇÃO

PESQUISADORA

PROFESSORA SABRINA

	<p><i>O Léo é um menino muito inteligente, você precisa ver. Ele mora lá em Aparecida de Goiânia. Ele é filho de pessoas muito pobres. Quem paga a escola para ele (dão bolsa) é um membro da igreja.</i></p> <p><i>Você não imagina que aquele dia de greve dos ônibus, ele saiu aqui no final da aula e chegou no terminal, não tinha ônibus, ele conversou com uma moça, ela disse que ia para outro terminal. Ele a acompanhou de carona, foi para casa da avó e lá telefonou para a mãe, ele deu o seu jeito.</i></p> <p><i>Fico pensando que qual dos meus alunos aqui que o pai deixa na porta teria essa iniciativa. Me preocupo muito com ele. Outro dia a mãe dele me liga, que ele não tinha chegado em casa e já era noite. Quase não dormi de preocupação. No outro dia chega ele me falando que estava na casa de um colega.</i></p>
--	--

Como se pode observar, a fala da coordenadora e da professora é exatamente igual ao se referirem à origem social do aluno Léo e ao fato de ser inteligente. A professora, no entanto, tece uma série de elogios, embora demonstre a dificuldade de ressignificar o aluno Léo, a partir da representação que ela faz dele. Ela fala da inteligência, da desenvoltura, mas enfatiza o seu segmento social, a sua origem, como se tivesse sobre ele olhar diferente dos demais alunos.

Outro recorte significativo se dá na aula de recuperação paralela, com a professora Angélica. Quando a pesquisadora chega na sala de aula, para observação, só estavam na sala o aluno Léo e a professora. O restante dos alunos foi chegando aos poucos. Os alunos chegavam e iam sentando.

3ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA ANGÉLICA

ALUNOS

	Na medida em que os alunos vão chegando o aluno Léo aproxima da rodinha e fala: <i>“Eu cheguei aqui às 5:30. “Esse lugar é meu”, dirigindo-se ao aluno Júnior.</i>
	Alunos: <i>É mentira.</i>
	<i>Pergunta pro tio lá, aí.. Aqui não tinha ninguém a hora que eu cheguei... Tia, eu cheguei, cheguei.</i>
<i>Léo, vamos fazer uma coisa. Você chegou aqui cedo, primeiro que os meninos, mas não foi de madrugada. De madrugada, você estava dormindo. Você chegou mais cedo que os outros, tá bom!</i>	
	Léo: <i>Mais é mais melhor</i>
	Júnior critica: <i>É mais melhor?</i>
	Léo: <i>Ah!, para de me corrigir</i>
	Léo: <i>hoje é dia 29, amanhã e 30, dia 5 é meu aniversário.</i>
Chega uma criança, e a professora vai conversar com a mãe e demora um pouco.	
	Léo começa a bater na carteira: <i>Ah, tia, a tarefa. Vamos lá?</i>
<i>Espera os seus coleguinhas chegar. Léo, não conversa tá?</i>	
	Léo: <i>Cadê a filmadora?</i>
<i>Tem alguém com preguiça. Tem gente que tá com preguiça. Richard, Consuelo, Malu, Léo, tem não? Ninguém tem certeza. Vamos fazer um trato: quando eu estiver falando vocês escutam, e quando vocês quiserem falar levanta a mão. Outra coisa que precisamos combinar é nossa aula. Durante a aula se você ficar o tempo todo conversando, nós não vamos dar conta de concluir a tarefa. Na aula passada, nós tínhamos duas tarefas e conseguimos terminar uma. Nós hoje não vamos perder tempo conversando, tá?</i>	
	Léo: <i>É por causa do Júnior.</i>
<i>Pera aí, no final da aula hoje vamos... Então hoje vamos fazer uma coisa, não vamos perder tempo conversando, tá? Agora se tiver menino o tempo todo</i>	

<i>conversando e atrapalhando o outro, o que vocês acham disso?</i>	
	Léo: <i>Joga fora, quer dizer põe pra fora.</i>
<i>E o que que você acha que pode acontecer com ele?</i>	
	Alunos: <i>Levar advertência, né.</i>
	Júnior: <i>Ele leva suspensão</i>
<i>A gente ficar aqui na sala e aproveitar o tempo, ou ficar aqui brincando, levando bronca.</i>	
	Léo: <i>Aproveitar o tempo, porque ele passa rápido. Então, professora, vamos aproveitar?</i>
Nisso já tem uma meia hora que a aula começou e a professora só tá falando e não deu nenhuma atividade.	
	Léo: <i>Cadê a tarefa, cadê professora, vamos lá?</i>
<i>A tia Angélica não está brincando com você Léo.</i>	
	Léo: <i>Eu sei tia, mas cadê a tare...?</i>
<i>Por favor.</i>	
Nisso chegam duas crianças... Professora: <i>Você apareceu! Cadê a mamãe? Tá boa, mamãe? O que foi que as crianças não apareceram?</i> Mãe: <i>Sabe o que que foi? Eles iam chegar atrasados demais.</i> Professora: <i>Mesmo que for chegar atrasado eles podem vir.</i> Mãe: <i>Ah! pode... ah! Então eles vão vir agora.</i> Professora: <i>Eles não podem faltar, precisam dessa aula. Eu pedi à professora deles para mandar um bilhete para você. Certamente ela ainda vai mandar.</i> Mãe: <i>Então tá bom.</i> Professora pega a chamada e diz: <i>Vamos então ver quem tá aí...</i>	
	Léo: <i>Já tem meia hora que estou sentado sem fazer nada...</i>
<i>Eu vou ter que pegar o Léo e tirar ele da sala para ele deixar eu trabalhar.</i>	
	Léo: <i>Então por que ele não pára de arrastar o pé no chão?</i>
<i>Cadê a Malu?</i> Novamente a mãe dos alunos volta na sala... <i>Filho esse dinheiro é para comprar bolacha</i> Professora fazendo a chamada: <i>Cadê o Edson? todos</i>	

riem. <i>Cadê o Júnior?</i>	
	Léo está rindo o tempo todo...
<i>Eu vou ter que tirar o Léo da sala para ele deixar eu trabalhar.</i>	
	Léo: <i>Tia, sabe por que eu faltei uma vez?. Por causa do acampamento da igreja.</i>
<i>Eu sei que você faltou por causa do acampamento. Hoje a primeira coisa que nós vamos fazer é ler.</i>	
	Léo: <i>Professora, eu posso contar a estória hoje?</i>
<i>No final da aula, se sobrar tempo você conta, tá? Hoje, gente, é o último dia da nossa etapa., Agora você vai ter que aguardar bilhete e ver se a professora vai convocar você ou não para a recuperação paralela.</i>	
	Léo: <i>Eu vou fazer tudo errado par eu vim de novo... vou fazer “z” no lugar de “s”.</i>
<i>Não, mas aí você pode... aí todo mundo vai pensar que você não sabe... Se você gostou da aula de recuperação, peça à tia Laís, conversa com ela, fala, olha..</i>	
	Léo: <i>Me põe nas aulas até o final do ano.</i>
<i>Ótimo, conversa com a tia Laís, certamente ela vai deixar.</i>	
<i>Olha, a tia Angélica quer que você venha para que melhore as notas lá, sabe por quê? Se você ficar estudando todo dia de manhã e não melhorar em nada, sabe o que que sua professora vai falar? Aquela professora Angélica não sabe nada não... Se você chegar lá e fizer tudo trocado, “S” pelo “Z”, sabe o que acontece?.. Você também gostaria de continuar na recuperação paralela, Malu, Consuelo, Richard?</i>	
	Alunos: <i>Sim, professora.</i>
<i>Ah, que bom! Olha, a tia Angélica quer que você venha porque...</i>	
	Léo: <i>Eu falo que estou com as vistas ruim. Se eu estiver com as vistas ruim e fazer letras erradas, tia...</i>
<i>Aí, você vai pedir para sua mãe pra te levar no médico...</i>	

Já no início da aula a professora desencadeia, no aluno, uma situação constrangedora diante dos colegas, ao demonstrar que com sua atitude o aluno não compreendeu o que estava implícito na sua forma de expressão. Ao desprezar o sentido que o aluno havia dado para o tempo a professora impõe um significado único, fala só do significante, e descarta para a formação do conceito as possibilidades subjetivas do aluno.

Ainda nesse recorte chama a atenção o aspecto contraditório da conduta da professora quando, ao falar da necessidade de não perder tempo, passa praticamente uns quarenta minutos da aula conversando com os alunos, sobre comportamento, com sermões, chegando até mesmo a irritar o aluno Léo, embora ele viesse sinalizando essa contradição.

O seguinte recorte, na aula em que foi utilizado o livro literário sobre a Bomba Boa, que ilustra a percepção da professora para com o aluno Léo.

4ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA ANGÉLICA

ALUNOS

Edson, vamos passar a folha para o coleguinha, depois para esse, e depois para esse.	
	Malu: <i>Não começa com o Léo.</i>
	Léo: <i>Então vamos começar comigo.</i>
<i>Por que nós vamos começar com você Léo? Vamos lá</i> <i>Por que você acha que nós vamos começar com você?</i>	
	Léo: <i>Porque eu sou bonito.</i>
<i>Léo, você é realmente bonito. Mas se você ficar fazendo gracinha, você vai ser o menino mais feio dessa turma, é isso...</i>	

Como se pode observar, a professora Angélica, do nada, provoca o aluno Léo, instiga-o no meio da atividade e teve a resposta pronta. O conceito de aluno bonito para a professora é aquele cujo aluno não incomoda, não responde mal à professora, não faz críticas. Com essa demonstração, a professora evidencia, mais uma vez, a conduta de Léo diante dos colegas, para mostrar o quanto ele é diferente.

O recorte a seguir ainda é da aula em que era utilizado o livro literário da Bomba Boa.

5ª OBSERVAÇÃO

PROFESSORA ANGÉLICA

ALUNOS

<i>Terminem logo a atividade.</i>	
	<i>Então vamos fazer, tia?</i>
<i>Porque vocês ficam conversando e não vai dar tempo. Chega uma pessoa na porta da sala e a professora vai até lá.</i>	
	<i>Léo comenta: A tia nunca viu minha mãe...</i>
<i>Pesquisadora: A sua mãe não vem buscar os resultados. Não vem às festinhas da escola.</i>	
	<i>Léo: Minha mãe trabalha para uma mulher na casa dela o dia inteiro. A mulher tem criança e ela não pode sair... Também, ela não vem, não.</i>
<i>Nisso a professora se aproxima, escuta e fala: Por que você não traz ela aqui?</i>	
	<i>Léo, porque não tem recuperação paralela mais.</i>

A partir desse episódio podem-se observar as formas encontradas pelo aluno diante de situações de discriminação e preconceito: o afrontamento, a crítica, a negação das propostas para a obtenção do espaço que lhe é negado.

Por outro lado, ele precisa ser aceito. Para isso, o aluno procura estabelecer um vínculo com a professora, como no caso em que propõe “fazer tudo errado” para continuar a ter acesso à recuperação.

Nesse sentido, também o aluno parece não perceber o processo de recuperação paralela como punição, e propõe-se, inclusive, a encontrar formas para continuar merecendo o “prêmio”.

Em suma, o movimento que Léo faz na instituição é tanto de se afirmar quanto ser aceito.

Quando o aluno fala da mãe, evidencia-se a dificuldade sentida por ele ao ter que conviver em segmentos sociais diferentes dos seus. Em outros momentos, era percebida uma certa ambivalência quanto às posturas dos colegas, que ora o acolhiam, ora o

discriminavam, como no caso em que sendo porta-voz dos colegas em denúncias que faziam no cotidiano da sala de aula saíam sempre à frente, e por isso era o maior alvo. Por fim, ressaltem-se ainda episódios em que, embora a classe toda estivesse conversando ou deixando de realizar as atividades, as chamadas de atenção se voltavam apenas para Léo, apesar de o aluno ter feito a seguinte pontuação: “ A senhora dá para eles e não dá para mim”.

Considerações finais

Compreende-se que este trabalho se insere numa dimensão ainda introdutória e inacabada, dada a sua complexidade, mas que, mesmo assim, pelo esforço despendido para sua execução, permitiu ao dirigir o olhar sobre alunos e professores de uma escola religiosa assim verificar como se delineiam alguns comportamentos desses agentes do processo educativo no que concerne à formação de conceitos.

Embora se tenha partido da análise das interações professores – alunos, o foco maior foi para as professoras, no sentido de verificar como elas conduziam as negociações na sala de aula.

Partiu-se do pressuposto de que a formação do conceito não se dava somente no campo cognitivo, motivo pelo qual não se direcionou o olhar em um único sentido– o da aprendizagem – mas também nas interações em que os participantes estavam envolvidos.

Assim, resgataram-se a teoria sociocultural e o co-construtivismo, em que o indivíduo é percebido a partir de uma cultura, como agente ativo e onde o conhecimento é co-construído.

Nesse contexto aprender significa mais do que simplesmente adaptar-se, ou seja, a aprendizagem é vista como um processo que envolve incorporação e apropriação, pela criança, de hábitos, desenvolvimento de auto-estima, segurança emocional, práticas,

idéias, valores e conceitos, produzidos e organizados historicamente no bojo de diferentes grupos e classes sociais e da cultura.

Com base nesse pensamento, comungou-se das idéias de Vygotsky, Lúria, Leontiev e Wallon, a partir da idéia de que qualquer processo cognitivo também envolve a afetividade, transmitida em variadas linguagens (corporais, gestuais, verbais, artísticas) .A dinâmica pela qual os citados autores entendem o processo de constituição e desenvolvimento das funções psíquicas abrange de forma clara a afirmação de que inexistente uma psiquê que esteja apartada das relações sociais. Assim, o conhecimento que é produzido nessas condições nunca se apresenta definitivamente elaborado, pois o processo é dinâmico e contínuo. Desse modo, durante todo este trabalho, manteve-se uma atitude cautelosa e, ao mesmo tempo, atenta e aberta a novos elementos que iam surgindo no processo de investigação.

Diante de elementos novos, deparou-se com uma instituição em que os valores religiosos canalizavam a formação dos conceitos e que tinham como principais mediadores as professoras. Estas, ao desempenharem o papel de mediação, manifestavam o conflito de fazer prevalecer os valores religiosos ou a proposta de ensino .

Destaca-se nessa investigação, a dificuldade tanto da instituição quanto das professoras de ressignificar o aluno a partir da representação que a escola fez dele. Essa dificuldade aparece em relação aos valores religiosos e sociais que implicavam em valores morais, no sentido de não se deixar questionar em suas ações. Assim se refere Libâneo (2000, p.42) da diversidade cultural:

A diversidade cultural diz respeito, basicamente, à realidade concreta da diferença entre as pessoas. É levar em conta as experiências do cotidiano que os alunos têm na condição de brancos, negros, homens, mulheres, homossexuais, trabalhadores, pobres, remediados, e que não é possível atuar com todos os alunos da mesma maneira. Trata-se de reconhecer que os resultados escolares dos alunos dependem da origem social, da situação pessoal e familiar, da relação com os professores, tanto ou mais do que a inteligência.

Diante da ideologia da instituição, da filosofia, dos valores instituídos, o discurso das professoras veio impregnado da formação religiosa, o que parece conduzir significados na formação de conceitos, que muitas vezes passa por cima da própria

proposta maior da educação, que é ver o aluno como um ser em desenvolvimento, com capacidade de expressar seus sentimentos, receptivo a afetos e de manifestar suas carências em sua história de vida.

Em geral, as interações na maioria das vezes, não propiciam um desenvolvimento e aprendizagens muito satisfatórios nas instituições escolares.

No caso da instituição pesquisada, percebeu-se que a relação que as professoras mantinham com a instituição se dava através da formação continuada, no que tange aos valores religiosos, com repercussões tanto profissionais quanto pessoais. Automaticamente, apresentavam dificuldades em aproveitar os conceitos cotidianos dos alunos para formar os conceitos escolares, visto que, quando os trazem e se colocam enquanto sujeitos com as suas subjetividades, as professoras deveriam valer-se de habilidades para lidar com essas subjetividades que são diferentes das suas. Ou seja, deveriam no momento e sobretudo, que, fossem aproveitados nas atividades realizadas em sala de aula.

As dificuldades também se referem à didática e metodologias de ensino, uma vez que, em função do controle exercido pela instituição, as professoras não sentiam à vontade para exercer a sua criatividade.

A repercussão de tudo isso se deu na sala de aula, na forma de pensamentos expressos pelas professoras e alunos: na linguagem utilizada por eles e nos valores que eram transmitidos e absorvidos para formar o conceito.

No campo teórico, buscou-se sinalizar com a necessidade de construir uma ponte que aproximasse as importantes contribuições dadas pelos autores a este estudo, bem como com uma metodologia para elucidar os questionamentos acerca do objeto investigado.

Quanto aos teóricos que investigam o desenvolvimento humano, constatou-se que durante muito tempo o tema formação de conceitos foi tratado por alguns como um epifenômeno da sociedade, como um fenômeno psíquico, como uma atividade psíquica do indivíduo.

Nesse sentido, Vygotsky oferece, na atualidade, uma grande contribuição para a formação dos conceitos, posto que não vê o conceito somente pelo conceito, como foi tratado pela literatura psicológica, ou seja, somente como uma atividade psíquica do indivíduo. Hoje está claro que são muitos os processos envolvidos na formação dos conceitos, segundo sua visão dialética, a saber: a cultura, a linguagem, os símbolos, os valores, as relações entre os indivíduos.

Eis, pois, a contribuição desse trabalho. De outro modo, quer-se referir também às possibilidades havidas ao se empreender o presente estudo, na medida em que se pôde entrar em contato com a literatura psicológica e educacional, tendo em vista a necessidade de se buscar aplicações práticas que possam beneficiar a qualidade das interações nas instituições escolares, bem como uma educação mais humanizada. Assim, pôde-se compreender que o aluno deve ser visto em toda sua integridade de aprendiz, dotado de emoções, motivações e interesses na busca do saber e capaz de apreender o mundo e dele participar, interrogar, opinar, contestar, expressar suas emoções e acrescentar em sua dinâmica de aprendizagem e desenvolvimento a construção dos seus valores. Sejam esses valores religiosos ou morais, eles devem ser compartilhados sem nenhuma segregação .

Este trabalho, portanto, vem reiterar a necessidade de ser desenvolvido um processo interativo democrático nas instituições de ensino, pois parece ser este o caminho mais seguro para, diante de novos desafios e novas aprendizagens, ser construído o conhecimento. Desse modo, estar-se-á favorecendo o desenvolvimento de um trabalho mais independente e, ao mesmo tempo, garantindo mais bem-estar a professores e alunos.

Referências

- ADORNO, S. Educação e patrimonialismo. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 25, p. 9-26, 1991. (O público e o privado na educação brasileira contemporânea).
- ALMEIDA, A . R. S. *A emoção na sala de aula*: São Paulo: Papyrus, 1999.
- BALDWIN, J. *Theories of child development*. New York: Weley, 1967.
- BARBOZA, I. G. *Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórica-dialética*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo,1997.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- BRUNER, J. S; GOODNOW, J. J; AUSTIN, G. H. A. *Study of thinking*. New York: Weley, 1956.
- BRZEZINSKI, I. (Org.). *LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam*. 2. Ed. São Paulo, 1998.
- CARNEIRO,M. A . *fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CARRAHER, T. *Aprender pensando*. Petrópolis: Vozes,1988.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- COLL, C.; PALACIOS J.; MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. V.1 Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CUNHA, M. *O bom professor e sua prática*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- CUPOLILLO, M. V. O videotape como instrumento para construção e validação da pesquisa na família e na escola. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO, 8, 2000, Serra Negra, SP: *Anais*. ANPEPP, 24-27 maio 2000.
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1995.
- FARIA, C. de O. *O computador e a co-construção de conceitos matemáticos por alunos do ensino fundamental em uma situação planejada: uma análise microgenética dos processos de mediação*. Tese. (Mestrado) –UFG, 2000.
- FERREIRA, A. B. H. *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FIGUEREDO, L. C. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- FLAVELL, J. *O desenvolvimento de conceitos*. In: MUSSEN, P. H. Mussen (Org.) *Manual de Psicologia da Criança*. V.6, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- FREITAG, B. *Sociedade e consciência: um estudo piagetiano na favela e na escola*. São Paulo: Cortez, 1984.
- GAGNÉ, R. M. *Como se realiza a aprendizagem*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1971.
- GALVÃO, I. H. W. *Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- GOMES, A. L. Divisões da fé: as diferenças religiosas na escola. In: AQUINO, J. G. *Diferença e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

- GOSWAMI, U. *Analogical reasoning in children*. Hillsdale, USA: Laurence Erlbaum Associates, 1992. (Essays in developmental psychology).
- HUNT, J. M. C. U. *Intelligence and experience*. New York: Ronald, 1961.
- KOHL, M. de O. *Desenvolvimento e aprendizado*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- ITANI, A. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, J. G. *Diferença e preconceito na escola*. São Paulo: Summus, 1998.
- LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortes, 1999.
- _____. *Adeus professor, adeus professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.
- LUIZETTO, F. *Reformas religiosas*. São Paulo: Contexto, 1989.
- LÚRIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Lúria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- _____. *Curso de psicologia geral*. V. IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- MACIEL, D. M. M. A. *Análise das interações professora-criança em situação de ensino-aprendizagem da leitura e escrita*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1996.
- MADRUGA, J. A. G.; LACASA, P. Processos cognitivos básicos nos anos escolares. In: Coll, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MACHADO, M. L. de A. Educação infantil e sociointeracionismo. In: OLIVEIRA, Z. de M. R. de. *Educação infantil: muitos olhares*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MOREIRA, M. A. *Teorias da aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999.
- MCDERMOTT, R. P. Social relations as contexts for leaning in school. *Educational Review*, Harvard, v.47, n.2, 1977.

- MOREIRA, A. M. BUCHWEITZ, B. *Mapas conceituais, instrumentos didáticos de avaliação e de análise de currículo*. São Paulo: Editora Moraes, 1986.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: alguns equívocos na interpretação de seu pensamento. *Caderno de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, n. 81, p. 67-74, maio, 1992.
- OLIVEIRA, J. B. A. *Tecnologia do ensino*. São Paulo: Herder, 1973.
- OLIVEIRA, I. M. de. *Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.
- PINHEIRO, M. *O público e o privado na educação: um conflito fora de moda?* In: FÁVERO, O. *Educação nas constituintes brasileiras: 1823–1988*. Campinas, São Paulo, 1996.
- OTT, M. B. Aprendizagem de conceitos. *Educação e Realidade*. Revista da Faculdade de Educação – UFRGS. Porto Alegre- RS, n. 2, maio 1977.
- PENNA, A. G. *Introdução à psicologia cognitiva*. São Paulo: Epu, 1984.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. *Psychologie de l' enfant*. Paris: Puf, 1967.
- _____. INHELDER, B. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- RAMPAZZO, L. *Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação*, São Paulo: Ed. Stibiano, 1980.
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- REY, G. F. *Comunicación, personalida y desarrollo*. Playa, La Habana: 1995.
- _____. *Problemas epistemológicos de la psicología*. Habana: Editorial Academia, 1996.
- _____. *Epistemología cualitativa y subjetividade*. São Paulo: Educ, 1997.
- _____. *Epistemologia cualitativa: sus implicaciones metodológicas*. Havana: 1998. mimeografado.

- _____. La investigación Cualitativa en psicología: rumbos y desafíos. São Paulo: Educ, 1999.
- ROGOFF, B. *Apprenticeship in thinking*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- ROSSI, T. M. de F. *A formação de conceito matemático*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- SACRISTÁN, J. G. ; GOMES, I. *Compreender e transformar o ensino*. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SACRISTÁN, J. G. *O currículo*. Porto Alegre: Artemd, 2000.
- SKINNER, B. F. *Contingencies of reinforcement*. New York: Appleton Century Crofts, 1969.
- VALSINER, J. *Culture and development of children's action*. Chilchester: Wiley, 1987.
- _____. Indeterminação restrita nos processos de discurso. In.: COLL, C; EDWARDS, D. *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional*. Porto Alegre: Artemed, 1998.
- VASCONCELOS. V. M. R. de; VALSINER, J. *Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- VIEIRA, S. L. O discurso sobre a universidade nos anos 80. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n.25, p.75-87, 1991. (O público e o privado na educação brasileira contemporânea.).
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.
- _____. *Objectivos e métodos da psicologia*. Lisboa: Estampa, 1975.
- _____. *Psicologia e marxismo* (posfácio de J. Piaget). Lisboa: Veja, 1978.
- _____. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1981.

WEBER, S. O público, o privado e a qualidade da educação pública. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 25, p. 27-43, 1991.

WERTSCH, J. W. *Mind as action*. New York e Oxford: Oxford university Press, 1998.

ANEXOS

Modelo da ficha de encaminhamento à recuperação paralela:

Professora _____ série _____ turma _____
Aluno _____

Principais motivos do encaminhamento.

1- O aluno apresenta dificuldades:

- Na leitura _____
- Na interpretação de textos _____
- Na escrita _____
- Na produção de textos _____
- Nos aspectos gramaticais _____
- No raciocínio lógico matemático _____

2- Descrever os conteúdos matemáticos ou as dificuldades dos alunos.

3- Outros motivos do encaminhamento:

Data ____ / ____ / ____

Assinatura da professora.

Entrevista semi-estruturada.

Planejamento:

Como o planejamento é trabalhado.

Na sala de aula:

Metodologia:

Que metodologia é utilizada. E por quê?

A opção pela metodologia é uma coisa mais autônoma, cada professor pode ter a sua?

Porque a escolha dessa metodologia.

Como o conteúdo é trabalhado.

Quais as técnicas que você utiliza, o que que para você faz o aluno aprender.

Essa disposição das carteiras são diferentes... você usa como forma de estratégia? Para quê?

Você acha que pode facilitar a aprendizagem do aluno?

Como é que você vê a relação ?

Você acha que a relação professor/aluno é importante? Por quê?

O que você acha que é trabalhado nessa relação?

Como é um bom professor para você.

Como é um bom aluno.

Como você faz a avaliação.

Que instrumentos você utiliza para avaliar.

Como você avalia a aluno.

Quando que você acha que o aluno precisa ir para recuperação paralela.

Você acha que a recuperação paralela é válida?

Qual a diferença que existe entre a aula da recuperação paralela e a sala comum de aula? Você acha diferente?

Existe uma preparação de aula dirigida para a recuperação paralela.

Como é realizado o intercâmbio entre a professora da classe comum e a da recuperação paralela a respeito do conteúdo a ser trabalhado na recuperação paralela bem como o desempenho de cada aluno?

Como é feito o somatório de notas envolvendo desde antes do aluno ser enviado a recuperação paralela e as atividades desenvolvidas nela.

Como fica o resultado final em termos de nota do aluno?

Entrevista professora “S” sala comum.

1- Nas duas primeiras semanas de janeiro todos os anos é feito o planejamento. É onde os professores de cada série juntamente com os coordenadores vão dar uma reavaliada no conteúdo.

Agora esse ano é o primeiro ano que eu trabalho com a 3ª série, eu alfabetizei, lecionei na 1ª e 2ª séries durante 15 anos, agora me ofereceram a 3ª série e eu topei...

Usamos a apostila do positivo que é dividida em 5 etapas, vamos acrescentando os conteúdos transversais à medida que vamos sentindo a turma...

Usamos a apostila do positivo todos os professores, que são coerentes com o ensino da escola. É da seguinte forma: Planejamento anual (etapas), as etapas são trabalhadas por semana. De forma que temos um planejamento mensal semanal e diário, com caderno de plano vistado pela coordenadora uma vez por semana.

Esse planejamento também é flexível não é uma coisa rígida, tem escola que eu sei que tem que seguir a risca o planejamento.

Sala de aula:

Falando da metodologia utilizada, vamos começar com o conteúdo. Em primeiro lugar vem o conteúdo, a partir dele é que utilizo a metodologia... divido o conteúdo em vários grupos... aí procuro utilizar recursos visuais, brincadeiras... cada conteúdo requer um tipo de material...

Cada professor tem flexibilidade de ter sua metodologia, mas não deixando de utilizar toda apostila do positivo, temos que prestar contas com a coordenação e com os pais...mas eu confesso que nem sempre dá para fazer um trabalho muito bom porque as vezes você tem que dar conteúdo para cumprir programa e a aula não fica tão atrativa...

Eu acho que esse ano, estou ouvindo falar que vai ter uma mudança assim oh!.. por exemplo eu faço todo meu planejamento metodologia e passo prontinho para outra

professora da 3ª série, ela também faz o dela e me passa, então vai fazer uma troca... aí se der certo todas as 3ª séries vão trabalhar igualmente...

O conteúdo é trabalhado da seguinte forma: Não dá nem para reaproveitar o conteúdo do ano passado porque muita coisa muda e sou uma professora que tenho pilhas de livros e material em casa que eu nem aproveito...

As técnicas que utilizo? Ah!... eu uso... você fala recursos? ...é que eu uso nessa sala aqui muita transparência, muito material dourado que é essencial... fichas coloridas para conceituar o concreto com o abstrato, o lógico, o que eu mais usei foi isso... ah! bingo, palavras cruzadas, textos avulsos, dramatizações, os alunos adoram... jogos com narração esportiva... nos conteúdos de ciências trabalhei muito com experiências em sala de aula.

Técnicas... eu sei... agora como o aluno aprende é que eu não sei... procuro variar o máximo as técnicas na esperança deles aprenderem... as técnicas facilitam demais a aprendizagem dos alunos. Vou te dar um exemplo; Ontem o "R".... eu tive que usar os colegas com as mãos para ele entender a multiplicação que era de 5 em 5. Pedia a um aluno para vir até ele e de mão aberta colocava 5 dedos eu ia perguntando quanto dá isso 15... e agora mais $5 = 20$ até ele perceber... com o material dourado eu não consegui, com os dedos ele compreendeu depois fomos trazer para o papel e deu certo aí ele percebeu, então é assim, muitas vezes a gente usa da criatividade da gente naquele momento para sair das que aparece...quando a gente olha assim para o lado, parece que Deus... assim oh!! Faz isso... e aí a gente usa e dá o retorno certo..

O "R" tem muita insegurança, muito grande... é a minha única preocupação... eu já falei com a mãe dele, ele é uma criança totalmente dependente, muito inseguro e ele conseguiu porque hoje a recuperação paralela ajuda muito... e hoje também não é necessário que a gente reprove o aluno... mas minha preocupação é como ele vai se dar nas outras séries... eu falei isso para mãe dele que ele precisa muito de acompanhamento...

Olha... nem sei se isso que eu faço é certo, depois quero até trocar umas idéias com você quando for me devolver o seu trabalho... esses alunos que a gente vê que tem dificuldade quando chego lá em casa eu fico lembrando da dificuldade daquela criança e sempre elaboro uma atividade complementar para ela, levando material eu trabalho muito... assim com cada dificuldade. Peço a ele para levar a atividade para casa... estudar.. estuda aqui mas eu também passo reforço. Utilizo técnicas com ele mas também peço a mãe ajuda porque a mãe a família ela é importante... porque a família quando apoia o aluno deslança.

Quanto a disposição das carteiras... são diferentes... como é que é... cada dia você bola um esquema... dependendo da atividade que eu vou dar... se é redação as vezes dou duplas, grupos.

Então tem aquela observação no final do ano aí sei mais ou menos quem são os alunos quando é círculo eu já venho mais cedo para sala e organizo as carteiras antes dos alunos chegarem..

As estratégias.... ah! utilizo para facilitar as aprendizagens. Acho que facilita demais... porque o que eu percebi quando me dispus a trabalhar assim. Primeiro eu percebi que uma criança dentro da sala de aula tem que se sentir mais livre e se ela tem prazer de ficar ali ou aqui, é tão bom, ou muitas vezes dizer deixa eu sentar aqui... esse é o primeiro passo sentir bem na sala de aula. Então isso tem ajudado eles mesmos se conhecerem um ajuda o coleguinha acompanhando a tarefinha, tanto é bom para quem tá precisando quanto para quem está ajudando.

Entrevistadora- Vi numa aula dessas a "M" ajudando o "L"....

Professora - o"l" é um menino muito difícil e todo mundo tem muita paciência com ele... ontem mesmo a "CA" falou tia eu não quero a "E" não quero fazer minha tarefa com "L"... eles estavam jogando baralho de multiplicação e divisão... eu estava trabalhando multiplicação e divisão e ela só queria jogar se fosse com ele... então esse trabalho já faz a sala ficar mais unida, você pode perceber que minha sala é unida... é tanto que as vezes as pessoas falam : ah! sua sala é agitada... não mas eu não concordo com isso... eu acho que sala agitada é uma coisa... agora agitada na aprendizagem é outra coisa... tanto é que eles me ofereceram para o ano que vem a 3ª e a 4ª séries de manhã, mas meu curso não dá não... fica muito apertado.

Pesquisador.... – Como você vê a relação? Você acha que a relação professor/aluno é importante? Por quê?

"S" demais... demais mesmo tudo começa por aí não eh? Tem que se uma relação muito boa, não pode perder o respeito né? O exemplo que eu posso te dar, ontem uma aluna me disse alguma coisa... tipo não me lembro... mas tipo assim... você é muito boba... aí eles misturam e faltam com o respeito aí tá na hora de você chamar no cantinho e conversar... não uai tem que Ter respeito pela professora "S"...

pesquisadora- como é um bom professor para você?

"S" um bom professor primeiro tem que amar muito a profissão. Tem que Ter gosto em estar em uma sala de aula. Preocupar com os alunos.. tanto no emocional e na aprendizagem.

"S" comenta sobre sua vida pessoal de ter vontade de adotar uma menina só tem filhos homens...

pesquisadora.- como é um bom aluno para você.

"S" o bom aluno ele... ele tem que ser aberto tanto para aprender, pronto para ouvir, mas tem que se muito interessado... sabe não adianta a criança vir aqui para aprender e não se interessar... não querer estudar...

Nesse momento a aluna "CA" chega chamando a professora...

Pesquisadora tudo bem "CA"? você está de aparelho nos dentes.. que dia você colocou? Chique não tia"S"...

Professora "S"... tia "G"(se referindo a pesquisadora) a "CA" cresceu tanto ela não está mais chupando o dedo... veja que legal...

Pesquisadora nossa que progresso estou gostando de ver... que linda... nisso a aluna se despede e vai embora.

Pesquisadora – como é que você faz a avaliação, e que instrumentos utiliza para avaliar?

Professora "S" o que é passado para os pais né? A nossas avaliação ela é feita uma avaliação escrita que é a prova que você até já presenciou e o restante é projetos, dramatização, murais, entrevistas... são as tarefas cumpridas... para cada etapa é feito projeto esse projeto tem nota...

Pesquisadora- e essa pontuação é você que dá?

"S" é assim oh... a avaliação escrita vale 5,0 e o projeto também vale 5,0 e assim soma e dá o total...

Pesquisadora- quais os instrumentos você utiliza para avaliar? Você já falou... agora como você faz a avaliação do aluno...

"S" toda produção do aluno conta... tarefa de casa, de sala... essa avaliação é feita diariamente...

pesquisadora- quando você acha que o aluno precisa ir para a recuperação paralela?

Professora "S" Quando eu percebo que ele pode ter dificuldade... se eu percebo que ele pode Ter dificuldade aí eu encaminho eu não espero Ter problema, uma dificuldade não... o "R" já chegou com dificuldades... os outros não... inclusive eles reclamam de

mim que eu fico enchendo a sala de menino na recuperação paralela, e os alunos são bons... mas eu penso se tem recuperação paralela porque não dar oportunidade as próprias crianças pedem para ir e não quer sair, passam o ano inteiro lá...

Pesquisadora – e você acha que a recuperação paralela é válida?

Professora “S” muito... é um dos elogios que eu vou fazer a coordenação é esse... para “M” então muito válido.

Pesquisadora- você acha que só foi bom para “M”....

Professora “S” não... todos os alunos que encaminho deslancham...

Pesquisadora – qual a diferença que existe entre a aula da recuperação paralela e da sala comum de aula. Você acha que é diferente?

Professora “S” acho muito boa... nunca estive presente mas vejo o resultado voltando de lá...

Entrevistadora- você não acha que é possível o que é feito na recuperação paralela ser trabalhado na sua sala dentro da sua própria aula...

“S” pode também muitas atividades isso é possível.. Aquele atendimento que você já viu eu fazendo... de carteira em carteira, a assistência que precisa eu tô dando...

entrevistadora – você acha que é diferente uma aula da recuperação paralela de uma aula da sala comum?

Professora “S” eu acho que é. É bem diferente. É mais individualizada, mas mas que dá para fazer também na sala de aula dá, como já te disse na medida do possível...

Pesquisadora – existe uma preparação de aula dirigida da recuperação paralela, como é que a professora “A” prepara as aulas dela? Vocês se encontram, você passa o que é preciso trabalhar com os alunos?

Professora “S” É... individualizado também.... então o exemplo.. a “N”... conteúdo de acompanhamento e tal eu mostro para ela...

Pesquisadora? Quais as dificuldades da aluna é isso?

Professora “S” eh...

Pesquisadora- Como é que vocês fazem esse intercâmbio daqui para lá? O que é que ela sabe que tem que trabalhar... eu estava observando quando a professora “A” falava assim para os alunos oh!.... “ a professora “S” falou que vocês erraram muito nisso... na prova... vocês estão trocando letras... comendo letras.. então tem uma comunicação entre vocês?

“S” tem. Através de uma ficha detalhada (encaminhamento em anexo) ela já sabe o que tem que trabalhar com cada aluno, aí ela programa (plano) as aulas dela encima daquelas disciplinas... a professora “A” gosta de trabalhar leitura...

pesquisadora- como é feito o somatório da recuperação paralela com as notas da sala comum. Você disse que a recuperação paralela ajuda porque soma nota é isso?

Professora “S”... sim, se não me engano... acho que ela dá 12 pontos conversa com coordenadora ou com a “A” que elas explicam melhor...

Pesquisadora- essa nota é mensal, semestral como é?

Professora “S” por etapas também... tudo é por etapas são 5 etapas: fica mais ou menos assim: fevereiro até agora são 5 etapas.

Pesquisadora – professora “S” tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar que eu não te perguntei ?

Professora “S” deixa me ver... ah... sim. Se bem que minha sala é uma sala pequena mas uma professora para fazer da sala toda uma sala de recuperação paralela é muito difícil... eu não estou lembrando de mais nada agora... se eu lembrar mais alguma coisa eu anoto e te passo.

Entrevista professora “A” recuperação paralela.

Pesquisadora – como o planejamento é trabalhado? Existe uma semana para ser trabalhado? Como é isso?

Professora “A” para recuperação... para a escola toda tem. Eu só participo das atividades de oficina de leitura... eu não participo junto com eles.. junto com os outros professores não... a gente tem a reunião pedagógica e a gente planeja tudo junto a coordenadora dá as metas, as etapas e a gente cumpre.

Pesquisadora e o material?

Professora “A” as professoras das classes comuns, saberão responder melhor do que eu essa questão... e a professora “C” que está acabando de chegar aqui é professora da 2ª série pode nos ajudar... senão eu não sei responder porque fico muito restrita a recuperação paralela.

Nisso a professora “C” já sentou e se prontificou a colaborar a pedido da professora “A” na entrevista...

Professora “C” olha... em janeiro é assim... as professoras da 2ª série fica com as professoras da 2ª série.... fazem o planejamento juntas... vão no material do positivo do ano anterior... e fazemos as mudanças necessárias para o ano seguinte né? Se referindo a professora “A”. Primeiro nós lemos os livros e depois de feita a escolha nos podemos fazer alguma adaptação, algumas complementações né se referindo a professora “A”... pesquisas são feitas porque é necessário o trabalho de complementação...

Professora “A” e temos que trabalhar...

Pesquisadora... e os temas transversais? E os livros para serem escolhidos?

Professora “A” é assim oh!... os livros literários são escolhidos antes do final do ano... agora nesse período as editoras já mandam livros para serem analisados... e vamos separando.. antes de sair de férias a lista tem que estar pronta.

Sala de aula.

Pesquisadora – que metodologia é utilizada? Como é que você trabalha?

Professora “A” a professora “S” me disse que ela trabalha a metodologia à partir do conteúdo, aí ela já programa a aula dela encima do conteúdo... é um bingo... uma dramatização... procuramos variar... uma coisa boa que a gente faz aqui é trabalhar encima dos projetos... as vezes o projeto abrange a escola inteira ou as vezes o projeto é só da turma dependendo...

Pesquisadora- então ele é assim vem lá de cima ou seja da escola toda e as vezes só da turma?

Professora “A” tem alguns projetos que são propostos pela escola... e temos de seguí-los

Pesquisadora- como assim, são semanas de datas comemorativas, aqueles temas...
Professora “A” assim oh... temas como a sexualidade, honestidade e respeito, justiça e paz, relacionamento... valores...

Pesquisadora- oh! Tem projetos que vocês fazem e encaminham para coordenação?

Professora “A” é tudo que for feito tem que ser encaminhado para ser aprovado pela coordenação.

Pesquisadora- a opção pela metodologia é uma coisa mais autônoma, cada professor pode Ter a sua ou a escola impõe uma metodologia? Você tá trabalhando o conteúdo tal então usa no projeto tal...

Professora “A” quanto mais você criar melhor, as séries trabalham os mesmos projetos ou seja 2ª série trabalha projeto da 2ª série.. Programas diferentes quando chegar lá na turma cada um vai Ter sua visão...

Pesquisadora- então é mais ou menos unificado, o que dá em uma 2ª série a outra também dá..

Professora “A” a turma da 2ª série tem liberdade para criar aquele projeto...

Pesquisadora- Quais as técnicas que você utiliza em sala de aula que acha que faz com que o aluno aprenda, deve Ter uma ou outra que vocês utilizam que dá mais certo..

Professora “A” jogos... como eles gostam interessam e aprendem...

Pesquisadora. – tem uma pergunta que eu fiz para professora “S” que ela não sei se com você dá para você fazer. É sobre a disposição das carteiras, ela trabalha com círculos, duplas...

Professora “A” aqui na recuperação paralela eu trabalho muito com duplas que é muito bom.. mais não dá para inventar pois você tá vendo o meu espaço é restrito..

Pesquisadora- Como é que você vê a relação, você acha que a relação professor aluno é importante?

Professora “A” nossa.. eu acho que isso aí é prioridade. Se não tiver uma boa relação professor/aluno o conteúdo não adianta nada. Você sente o interesse do aluno... o colégio sempre promove 3 dias de encontros só de professores, seminários ,encontros para trabalhar as relações e contrata profissionais só para isso.

Pesquisadora- como é um bom professor para você?

Professora “A” acho que um bom professor antes de tudo ele tem que ser competente, responsável, amigo, compreensível, comprometido...

Pesquisadora- e o bom aluno?

Professora “A” o bom aluno é aquele que é questionador... interessado... aquele que lê muito... crítico...

Pesquisadora- o colégio tem um novo jeito de avaliar, antes era só prova e agora?

Professora “A” juntamente com a avaliação tem os projetos de avaliação. O conteúdo em si vale 5,0 pontos os outros 5,0 pontos são divididos em atividades que compõe e durante todo o tempo o aluno é avaliado a avaliação é contínua. Na maioria das vezes a escola oferece material aqui mesmo o aluno faz e é avaliado. Porque as vezes leva para casa e o pai copia para ele.

Pesquisadora- Todos os alunos da 3ª série passaram para 4ª série visto que estamos conversando e os alunos já estão de férias.

Professora “A” o “L” passou, aquele último período ele estava aqui já porque queria... as notas dele já haviam ultrapassado... por ele estava aqui até hoje.. me perguntou se nas férias eu iria dar aulas de recuperação...

Professora “A” eu falei com eles.. gente hoje é o nosso último dia de aula e ele “L” último mal começou já acabou...

Pesquisadora- quando é que você acha que o aluno precisa da recuperação paralela?

Professora “A” aqui a gente procura trabalhar de forma preventiva, quando a gente percebe que o aluno tem alguma dificuldade ele é encaminhado para recuperação paralela, as vezes nem é por causa da nota. Percebeu uma dificuldade nele de refletir de pensar... já encaminha...

Pesquisadora- você acha que a recuperação paralela é válida?

Professora “A” acho, sou mais a favor de recuperação paralela do que como era feito antes... só alguns dias no final do ano não recupera nada...

Pesquisadora – me explica como funciona essa recuperação paralela todo mês te encaminham alunos, como é que é....

Professora “A” a professora tem uma ficha e ela faz um encaminhamento colocando a dificuldade do aluno na ficha.

Pesquisadora – então é bimestral ?

Professora “A” não é todo mês a professora encaminha uma ficha é por etapa.

Pesquisadora- então trabalhou o conteúdo daquela etapa notou problema encaminhamento...

Professora “A” é assim mesmo.

Pesquisadora- Como é que era aqueles horários, eu vinha observar na Quarta-feira pela manhã e via alunos de outras séries também...

Professora “A” é reúne as turmas de 2^a 3^a da tarde numa aula só...

Pesquisadora e não é difícil trabalhar?

Professora “A” é a gente perde muito tempo porque os alunos da série anterior ainda são muito lentos.

Pesquisadora- Qual a diferença que existe entre a aula da recuperação paralela e da sala de aula comum. Você acha que é diferente?

Professora “A” as vezes a gente busca recursos diferentes, as vezes um conteúdo que o aluno viu lá e eles não pegaram se você não inventar uma estratégia melhor não vai ajudá-lo a entender a dificuldade que o aluno tem a gente dá assistência individualizada. Na sala com muitos alunos a professora as vezes não tem como trabalhar de determinadas maneiras.

Pesquisadora – Existe uma preparação de aula dirigida para a recuperação paralela? Como o aluno é encaminhado para você então naquela etapa, naquele mês ele teve dificuldade, aí a professora da sala faz a ficha e encaminha com a dificuldade dele, é assim?

Professora “A” é ela manda se ele não gosta de ler, tem dificuldade para escrever, dificuldade no raciocínio, e nós vamos fazer nosso planejamento e as aulas serão dirigidas encima disso...

Pesquisadora- aí quem faz o planejamento é só você, você junta com a professora “S”, para fazer ou não?

Professora “A”, não sou eu que faço o planejamento sozinha. Meus métodos minhas coisas sou eu que preparo.

Pesquisadora – as vezes um aluno tem dificuldade “X” o outro já tem outro tipo de dificuldade como você faz para preparar?

Professora “A” aí eu tenho que ter atividade diferente, tem dia que a aula é assim. Um tá jogando, o outro tá lendo, o outro tá fazendo alguma coisa para desenvolver a escrita, cada um tá trabalhando a sua dificuldade na mesma aula.

Pesquisadora- como são organizadas essas tarefas são xerocadas?

Professora “A” eu programo as atividades da semana passo para a menina da xerox ela xeroxa e me devolve na mesma semana as atividades da semana seguinte.

Pesquisadora- Como é feito o somatório da recuperação paralela, as notas.. parece que as atividades que você dá aqui somam acrescentam na nota é isso?

Professora “A” o aluno pode levar comigo nas atividades até 20 pontos que será somado a sua nota. A professora deixa a nota do aluno com dificuldade a lápis no diário, quando ele faz recuperação comigo somo todas as atividades dou o total de pontos e ela mexe na nota dele.

Pesquisadora ‘h.. a professora deixa a nota em aberto? Por exemplo ela deu uma avaliação e o aluno tirou 4,0 essa nota não vai para o diário imediato não...

Professora “A” é como te disse vai para o diário sim só que a lápis espera o resultado que eu vou enviar .. esses 20 pontos é dentro de cada etapa... mas na grande maioria o aluno que está fraco em uma etapa recupera e não volta na outra.

Pesquisadora- teve um dia que você falou na sua aula assim oh! “olha a tarefa que não estiver completa não tem pontuação total...

Professora “A” eu tenho que avaliar a frequência dele que é um outro ponto, é outro horário que ele vem... participação dele... aí eu avalio tudo ele faz produtividade.

Pesquisadora- esses 20 pontos por exemplo se o aluno tira 6,0 ele vai com 8,0.

Professora “A” se ele tira 8,0 ele vai com 10,0, se ele conseguiu 20 pontos é sinal de que ele cresceu, se ele não cresceu nada aparece e ele volta na próxima etapa para recuperação paralela.

Entrevista com a coordenadora “L” do ensino fundamental.

Pesquisadora chega até a coordenadora ela já está com o cronograma das atividades sobre a mesa e começa a falar.... “Está aqui o cronograma das atividades. A disciplina que eles(professores) tem que dar e o dia que eles (professores) vão dar.

Pesquisadora esse cronograma é feito toda semana?

Coordenadora “L” é porque é feito por etapas..

Pesquisadora me explica essa etapa pega uma semana, um mês...

Coordenadora “L” 35, 40, 39 dias.. são 200 dias letivos.. em 5 etapas. Então esse é o nosso planejamento agora isso aqui é esqueleto porque é para dar liberdade par as professoras escreverem o que estão fazendo. Tem 3 1^{as} séries aqui e lá no outro colégio tem 4; são 7 professoras com cabeças diferentes, uma vai achar que a coisa é mais importante, a outra já acha outra coisa... então para terminar dentro do limite de tempo dá para professora saber olha estou muito atrasada... então ela vai saber o que que ela tem que fazer... isso é combinado entre elas se as 3 concordarem com isso elas vão fazer... Depois a metodologia implica no plano de aula diário... elas tem um caderno onde elas tem que fazer um plano de aula...

Pesquisadora- Você vista esse caderno toda semana?

Coordenadora “L” sempre que posso, porque nem sempre eu posso. Mas eu faço o possível e o impossível para olhar porque tem professora que não cumpre e com isso perde a objetividade ou seja aquela organização mental. Exemplo quando eu fico duas semanas sem olhar... o caderno não precisa de ficar floreado demais eu quero que elas escrevam aquilo que elas vão fazer, Ter mais objetividade.

Pesquisadora- E aí você já percebeu alguma professora que faz um plano bonitinho para você e na sala de aula não trabalha?

Coordenadora “L” Olha eu tenho uma professora excelente de uma consciência é aquela professora prática, objetiva e que consegue muito mesmo alinhar a teoria com a prática... mas já tenho outras com uma imaturidade pessoal e teórica que você precisa ver, traz um plano bonitinho e chega na hora não executa. O meu trabalho de coordenação é estar verificando isso daí, com jeito, de modo que ela perceba que eu vi.

O planejamento tem que Ter para que elas não fiquem soltas. Em alguns momentos o decoreba se faz necessário em outros momentos não... outra coisa para elas não ficarem só na gramática porque eu conto com a faculdade para formar uma mentalidade nova do professor. por exemplo com relação aos conteúdos eu ainda tenho muita coisa do ensino tradicional, mas eu sei que a importância que se dá a determinados conteúdos pode ser modificada, então eu tento passar isso para elas mas até elas entenderem isso acho que vai anos... e eu acho que só vai entender isso na próxima geração, e eu percebo que quando elas querem modificar demais perde a função dos conteúdos eu fico atenta para não esvaziar.

Coordenadora “L” hoje é a formatura do meu filho lá no aprender a pensar e é tão corrido eles estão fazendo uma festa eu ainda tenho que me arrumar... voltando aqueles conteúdos que eu te falei... então a gente permeia o conteúdo livro e também os projetos que vão aparecer... aqueles conteúdos podem ser aplicados ou diminuídos de acordo com o que a coordenação ou a professora perceber, a preocupação que agora nós temos é de não fazer uma escola nem a quem e nem além. Além ela vai ser porque nós sempre vamos aumentar na escrita, na leitura e no nosso projeto de avaliação que envolve muito nosso planejamento... então esse ano foi o primeiro ano que nós fizemos e outra coisa que devemos ter cuidado porque ele envolve muito a questão do planejamento... então veja você eu tenho uma avaliação escrita que vale 5,0 pontos colocados em dias marcados estipulados no calendário em etapas. Cada etapa a professora elabora um desses... e dos conteúdos estudados vão cair que vão Ter aquela prova escrita... depois estes projetos a professora vai dos outros conteúdos a serem estudados ela vai propor em conjunto com a equipe dela, eles vão propor atividades que valem os outros 5,0 pontos então exemplo a criação de anúncios dentro do livro nós temos propostas de produção de textos, então nós temos que trabalhar isso, aqui e a professora aqui envolveu o tema adjetivo, depois temos produções de texto que o próprio livro ou também envolvendo livro literário, então elas que decidem e elas me mostram eu procuro analisar se não está vazio, não tá muito oral e não tá muito no artístico ou se está fraco, se alguma coisa tá valendo muito pouco exemplo uma redação valendo 3,0 pontos aí esvazia aquele programa da etapa, aí outra coisa, leitura e dramatização do livro didático, exercícios do livro e tarefas de casa então tudo isso daqui juntando a professora depois tem um final. Com o nome do aluno e com o projeto que ela escolheu. Exemplo dramatização ela esvazia.... a professora vai escolher porque, é um meio dela se organizar para não se perder para o pai que vir questionar nota e para estar documentada. Porque a avaliação vai abrindo aí vai ficar cada um em um livro né aí eu tenho que Ter controle mesmo, mas não é controle assim oh! (Gesticulando com as mãos) de não poder fazer isso ou aquilo... é controle de saber o que está acontecendo, tá bem o nível está bom, tá encaminhando os conteúdos, tá muito além, porque daí ela percebe que... tinha um aluninho ele não fez nada de inglês, ele inculcou com inglês... um menino bom.... a mãe tava grávida... ele desenhou na prova de tudo mas não fez nada... aí eu sei chamei a mãe dele, médica né... aí conversei com a mãe falei para ela colocá-lo no futebol arrumar atividade para ele e deu certo. Então esse processo está sendo implantado, mas ainda tem algumas adaptações tarefas. Por exemplo as professoras por não corrigir coisas colocam assim oh!... muita coisa oral e dramatizando... porque não fazer uma produção escrita. Isso reflete no dia a dia da professora, se ela inventar demais a coisa pra fazer ela não vai cumprir o conteúdo... O que é que eu falo para elas gente o projeto tem que se encima do conteúdo daí elas vão procurar melhorar ...o quê ? ...o livro literário... outra coisa que nós temos que trabalhar e com os pais, eles questionam muito querem conteúdos e conteúdos cada vez mais... Eles estão acostumados com avaliação de ter prova.

Pesquisadora- agora você quer falar mais alguma coisa sobre o planejamento, você já me clareou bastante...

Coordenadora “L” tem uns livros literários na sala de leitura, projetos por etapas e ainda projetos para recuperação paralela... viu quanta coisa?

Sala de leitura coordenadora “L” o planejamento dela ele é feito sempre encima de temas transversais ou de datas a serem comemoradas porque a sala de leitura tem que ser uma coisa muito dinâmica. Sala de leitura as atividades são de motivação não tem atividade avaliativa... Exemplo tem se falado muito sobre Brasil 500 anos, então ela vai pegar um livro literário vai discutir sobre isso. As professoras vão trabalhar uma aula sobre o assunto história e vão produzir uma atividade artística ou de escrita ou de jogo. Há tem também o planejamento de informática.

Já na recuperação paralela o planejamento dela é feito encima das dificuldades que a professora da sala comum fala que cada criança tem. Então naquele encaminhamento (ficha)... aí ela coloca tanto a nível preventivo daquela criança ou a dificuldade já instalada, ou a nota baixa. Esse ano nós trabalhamos muito mais com prevenção, pintou uma dificuldadezinha escrita, leitura é feito o encaminhamento... Recuperação paralela vale nota, as atividades que eles fazem lá valem 20 pontos. Participação, frequência e pelo crescimento dos alunos. Eu sempre peço para elas não dar o número máximo de pontos quando a criança foi muito ruim, senão o boletim dos meninos vai ficar só notas boas, mas eu quero que eles tem notas boas, mas nem tanto.... com esse projeto... então as vezes o menino não saiu muito bem na prova escrita mas tendo o projeto todo ele recupera... sabe onde que eu tenho mais notas baixas nas 3ª e 4ª séries quando mexe na responsabilidade do aluno... quando as coisas, então eu tenho que estar trabalhando com os aspectos subjetivos da personalidade por exemplo... tem um menino que vem só para pegar prova... então eu também tenho que trabalhar com a professora porque ela tem que estar cobrando... aí pode ser que ele caia na recuperação paralela pela falta de responsabilidade... Tenho uma criança somente na 1ª fase que vai ficar de recuperação especial, mas porque ele tem problemas sérios familiares ele não entregou nenhum projeto então, no processo dele a vida dele é toda conturbada... eu nem posso dizer que ele ficou por irresponsabilidade.

Coordenadora “L” vamos falar agora sobre o planejamento de informática é uma pedagoga. Ela escolhe software, ela elabora os planos de aula e passa para gente e daí o que acontece é encaixar com o software, aí depois é marcada uma reunião com as professoras e elas vão aprender a brincar com os software... para dar aulas... a pedagoga não vem... as professoras dão aulas acompanhadas de um técnico ele não é professor estará nas aulas para atender problemas técnicos... disciplina conteúdo é com as professoras. Como eu vejo isso eu tenho que assistir todos os software e vejo se batem com a filosofia da escola... tem muitas coisas que não vem de acordo vão faltar com o respeito a pessoa humana onde por exemplo tem algum de guerra ou sexo e os meninos fazem gozação das coisas assim agente corta porque nós queremos coisas que eduque e também vejo se é bom, se eu concordo com a pedagoga fez se o software vale a pena. A gente corte alguns depois é feita uma avaliação se os que ficaram não vão trazer problemas. Não tem notas avaliativas de informática para os alunos. Ah! eles também não podem imprimir tudo que faz. São duas vezes por ano posso imprimir 3 a 4 páginas de cada criança. Também não tenho internet ainda. Mas acho que o básico eu já te falei do funcionamento da escola... o que eu acho de especial são os os projetos desenvolvidos..

Pesquisadora – só mais uma pergunta que não lhe fiz... como é a contratação das professoras que dão aulas aqui..

Coordenadora - elas trazem o curriculum ele é avaliado se atender as expectativas é marcada uma prova escrita, depois uma prova prática, depois uma entrevista.

Pesquisadora todas as professoras aqui são evangélicas?

Coordenadora “L” olha eu tenho alguns que são muito antigos que não são mas a ordem de uns anos para cá é que seja admitido os que pertencem a igreja senão dá muito problema o professor tem dificuldade em se enquadrar nas expectativas da escola.

Anexos

Professora “Sabrina” - sala comum (todos os alunos)

- Todas as aulas foram transcritas na íntegra
- Os nomes das professoras bem como o nome dos alunos são fictícios e estão com iniciais para preservar suas identidades
- Os recortes foram retirados dentro do contexto das aulas, em seguida as aulas estão transcritas dentro da seqüência.
- Cada recorte está especificado no horário retirado.
- Total de aulas observadas 8 aulas perfazendo um total de 40’ 13 (quarenta horas e treze minutos)

Legenda:

Professora sala comum “S” = Sabrina

Professora recuperação paralela “A” = Angélica

Coordenadora “L” = Laís

Alunos: enviados a recuperação paralela.

(M) = Malu

(L) = Léo

(RL) = Richard

(CA) = Consuelo

alunos da sala comum;

César (CE)
Eliana (E)
Pedro Inácio (PH)
Ângela (AP)
Regina (R)
Rick (RN)
Moisés (MS)
Pedro (P)
Laércio (LZ)
Núbia (N)
Augusta (A)

Lúcio (L)
Manuela (MO)
Jandira (J)
Vicente (V)
Marcilei (MC)
Olga (O)
Kéurea (K)

Dia 24/08/00

Prof^a “S”

Início da aula: 13:05

Tempo de duração da fita: 1:48

Conteúdo: conceitos tais como: respeito, honestidade.

Ainda nessa aula estudo sobre os índios: tais como criação da FUNAI, doenças aumento da população.

Estratégia da aula: correção da tarefa, utilização do livro texto, caderno, aula dialogada.

Prof^a inicia a aula comentando de que havia ocorrido um episódio...

Recorte nº 1 13:10

Prof^a ontem aconteceu um episódio no jogo , que eu fiquei sabendo...vocês estão alvoroçados falando que a prof^a roubou ...essa palavra não pode ser dita não...a professora não roubou...e eu já falei com a tia “L”... isso vai ser resolvido com ela... agora pronto...

Alunos... falando ao mesmo tempo... é a tia roubou...

“R”... roubou sim...

“L” ...por isso nós perdemos...

prof^a chamou dois alunos no centro da sala, os dois tiraram os sapatos

prof^a vamos fazer um jogo, que vamos chamar de a “união faz a força” ... vamos respeitar e ser honestos, vamos aprender que o importante não é ganhar e sim respeitar o outro...

“CA” ... ah..não! ela roubou da gente... como vai ficar...

prof^a...vamos fazer uma oração, pedindo a Deus que toque o nosso coração para o perdão...

(de mãos dadas e olhos fechados a prof^a faz a oração)

prof^a e hoje é o último dia de jogo no colégio.

Os alunos continuaram a reclamar, estavam eufóricos continuando a dizer a professora roubou, por isso perdemos

Profª coloquem a tarefa nas carteiras. Abram o livro de estudos sociais na página 15.

As meninas leiam a questão nº 1.

E= O que aconteceu com a população indígena entre 1.500 e 1995 (segundo o gráfico) diminuíram...

prof = agora os meninos leiam a questão nº 2.

PH = O que aconteceu com eles...

Profª = reflitam o que aconteceu para os povos indígenas diminuírem

“L” as doenças que diminuíram...

profª é isso mesmo , as doenças foram disseminando os índios. Com isso a população branca foi despertando para proteger o índio, surgindo daí a FUNAI.

Profª= “M” senta aqui que você está conversando muito e atrapalhando a correção da tarefa.

“R” Li, e observei que a população à partir de 1995 voltou a crescer...

profª= “A” busque o caderno de plano com a coordenadora ...

profª entrega os cadernos e pede a minha ajuda para bater os carimbos no caderno dos alunos. Passa o cabeçalho no quadro, a tarefa é de português.

“CA” Eh! Profª tia precisava ser texto...

profª- tem 5 dias que não trabalhamos com o livro texto.

“CE” a professora vai filmar a gente...

“CE” profª porque que a senhora não falou que ia filmar eu teria vindo de camisa de manga comprida, chapéu...

* tarefa é passada no quadro e os alunos levam quase toda aula para fazerem

- os alunos ficaram agitados com a filmadora.

Reflexão sobre o recorte nº1

- Os alunos tinham o conceito de roubo, mas nesse momento não puderam questionar a autoridade. Ou seja, o que está explícito é de que o conceito se forma à partir dos valores religiosos desse grupo e que a hierarquia (autoridade) não pode ser questionada (profª), aqui entra como um valor para formação do conceito. Está embutido na formação do conceito nesse caso o desenvolvimento moral, norteador pelo aspecto religioso.

O interessante é que a escola trabalha com metas estipuladas pela mantenedora, por tempo determinado de dois anos, no momento da observação o slogan é: “Honestidade e respeito”, no final de 2.000 o slogan passa a ser outro. O que vigorará nos anos de 2001 e 2002 é “Justiça e Paz”.

No recorte quando a professora diz: “... *essa palavra não pode ser dita não...a professora não roubou...*” ela não pode ser dita porque vai contra os valores religiosos da instituição, o roubo, percebe-se uma contradição entre o que é dito com o que é feito. Outro ponto do recorte que indica autonomia e poder por parte da professora “...*agora pronto*”. Maneira de tentar abafar e colocar um fim nas emoções e manifestações de indignações desencadeadas pela atitude da professora , mais uma contradição percebida quando a bandeira defendida pela Instituição é “desenvolver nos alunos direitos e deveres; integração no mundo tecnicamente competitivo sem prejuízo da formação ética cristã e moral.” Aqui vê-se nitidamente os alunos sendo desrespeitados nas suas argumentações e manifestações.

Nesse mesmo indicador a oração entra como forte inibidor das emoções, visto que a turma ainda continua sua manifestação e a professora busca através dela conter os alunos... *“...vamos fazer uma oração, pedindo a Deus que toque o nosso coração para o perdão...”* se contradiz falando do perdão, quando na realidade quem roubou não foram os alunos e sim a professora.

**Nesse mesmo dia enquanto os alunos copiavam uma atividade do quadro a professora dirigiu-se a mim para falar do “L”. “L é um menino muito inteligente, você precisa ver, ele mora lá em Aparecida de Goiânia, ele é filho de pessoas muito pobres, quem paga a escola para ele (dão bolsa) é um membro da igreja. Você não imagina que aquele dia de greve dos ônibus, ele saiu aqui no final da aula chegou no terminal não tinha ônibus ele conversou com uma moça, ela disse que ia para outro terminal ele a acompanhou de carona foi para casa da avó e lá telefonou para mãe, ele deu o seu jeito. Fico pensando que qual dos meus alunos aqui que o pai deixa na porta teria essa iniciativa. Me preocupo muito com ele. Outro dia a mãe dele me liga, que ele não tinha chegado em casa e já era noite, quase não dormi de preocupação no outro dia chega ele me falando que estava na casa de um colega.”*

A professora aqui fala da inteligência de “L”, da sua desenvoltura mas enfatiza a sua classe social, a sua origem, parece que em um olhar diferente para ele em relação aos outros alunos.

Esses dados foram obtidos em um momento informal na sala de aula, é interessante porque vem confirmar o que Rey, nos mostra quando fala na entrevista de que esses momentos informais nos trazem dados significativos e que compõe a pesquisa.

31/08/99 profª “S”

início da aula: 13:10

tempo de duração da fita: 1 hora e 50 minutos

conceitos trabalhados: perdão. : semântica, significação das palavras:

Sinônimos, rimas

Estratégia da aula= aula dialogada utilizando livro texto e caderno, leitura individual, uso do dicionário

Recorte nº1 13:15

Profª = boa tarde...

Crianças = boa tarde

Profª com um livro na mão de história religiosa disse: *“lembram da história que eu li para vocês na aula passada. Vamos lembrar, aquela que Jesus fala sobre os leprosos e ele deixa uma mensagem para nós ‘não descansemos de fazer o bem’.*

“L” mesmo que o colega não lhe faz o bem, devemos fazer o bem a eles, seguindo os passos de Jesus... não é tia?

“RL” Jesus foi a escola?

Profª devemos aprender a perdoar e a agradecer a Deus... então vamos fechar os olhos e fazer uma oração...

Profª agora vamos a tarefa.

Alunos: nessa bolsa da tia tem filmadora...

Profª= “CE” venha ler sua tarefa...

“CE” leu o texto...

profª muito bem palmas para ele..

“L” ótimo, tia perfeito...

recorte nº 2 13:25

profª essas palavras que estão no vocabulário quem gostaria de responder...

alunos= deixa eu, deixa eu...

profª as meninas falam a palavrinha e os meninos respondem...

profª duas palavras do texto, teve alguma coisa do texto que vocês não souberam o significado e foram olhar no dicionário?

Meninas = aflita

Meninos = preocupada

Meninas = fôlego

Profª= só um pouquinho, vocês viram que tinha dois sinônimos : pode ser quando fala do corpo capacidade de respirar. Aqui no texto fôlego é a capacidade de respirar ou a intenção de tomar um fôlego...

“R” é a capacidade de respirar...

profª muito bem, capacidade de respirar... muito bem, vamos lá para o exercício nº 3. O nº 2 eu vou olhar na hora que for corrigir o caderno.

Profª exercício nº 3 observe o tipo de barraca e diga para que serve... observe... gente não vamos olhando assim rapidinho e querendo responder rápido. Observe.. Pode consultar o seu coleguinha do lado aí...

“M” tia deixa eu ir beber água?

Profª = vai “M”

• alunos interagindo entre si.

“L” levanta e olha na câmera “oi tia”...

“CA” Ah não! Filma aqui!...

profª o”C” o que você está fazendo aí na minha mesa...

“L” é bom que a tia vai dar uma lembrança para mim ...

“L” não é tia, você não vai me dar uma lembrança?

“CE” jogando beijo a toda hora enfrente a filmadora.

“L” “C” nós vamos sair na televisão (ri...)

“L”= cadê o “C”

Pesquisadora: “L” faz sua tarefa daqui a pouco a tia vai vir aqui e você não fez.

“PH” professora, posso ir ao banheiro...

profª pode pegar o crachá no armário...

profª vocês tem que prestar atenção na pergunta... Qual a utilidade dessa barraca

alunos em voz alta... vender sanduíche...

profª abram o livro texto ... essa barraca é a mesma... para acampar?

“A” proteger do sol...

profª certinho...

recorte nº 3 13:33

profª qual das três barracas representa a que aparece no texto...

alunos= a 1ª

*profª= espera aí só um pouquinho... “CE”, qual dessas barracas representa a mesma barraca que aparece no texto... ***

alunos em voz alta... a última, a 1ª...

“L” porque tá parecendo uma praia, não tá parecendo uma barraca...

profª “L”, volta lá no texto... acha a barraca...

profª teve criança que achou que era a última porque quando nós vamos para o Araguaia levamos barraca. Esse caso aqui é...

“CE” Ah! ...tem que ser essa mesmo, se for outra barraca, o vento de 1Km leva tudo.

Profª e agora por favor, veja se existe diferença, se essa daqui é usada só para praia...observem...

Prof= vocês já viram que na praia também tem umas pessoas que chegam cedinho e montam essa barraca também ****

Prof^a = quem tem outra opinião... “M”, “L”

“L” porque tá parecendo uma praia, não tá parecendo uma barraca...

prof^a levanta o dedo que eu vou deixar ler onde fala da barraca no texto..**

“PH” achei, achei...

prof^a pera ai... já vou deixar ler... aí no início da frase... sem fôlego à barraca..**

prof^a ah..ah...

“CE” chegou continua, continua... ela leu o parágrafo todo.

Prof^a então vamos ver teve criança que achou que era a última, porque quando nós vamos par o Araguaia, levamos barraca. Esse caso aqui é...**

“CA” essa aqui não dá porque também?

Prof^a agora por favor vejam, se existe diferença, se essa daqui é usada só para praia, onde é o mar, e essa daqui é usada só para praia de rio igual ao Araguaia... veja essa daqui é só para o mar ou é para praia de rio... existe diferença? Nós não podemos afirmar...**

“CA” existe tia...

prof^a vocês já viram que na praia também tem umas pessoas que chegam cedinho e montam essa barraca também...

prof^a pois é mais uma vez essas duas respostas estão certas.**

“L” tia filma a “E”

Prof^a agora você vai ao banheiro..

“L” oh tia olha a “M”

prof^a= você vai formar uma frase com essas 3 palavras aqui veja: boiar, firmar e deitar..

“R” prof^a eu posso beber água...

prof^a pode...

“R” cadê o crachá...

prof^a no armário...

“L” com o livro enfrente a filmadora...

“L” tia tá ligada a filmadora não tá?

Prof^a nossa tia assim tá demais... não tá?

“L” vai ficar bem bonito depois de filmado... o meu tio tem uma filmadora igual a sua.

“L” agora vou fazer aqui né tia?

Prof^a só mais 3 minutinhos...

Recorte nº 4 14:05

“L” deixa eu ver tia... eu sou o Mister PM.. para falar comigo e’www. 4/com.br.4º andar... (ri..)

“M” tia tá filmando

mando.?

“L” seu cabelinho é assim mesmo ou você pintou? Se dirigindo a mim (pesquisadora).

“Bem que eu vi que tá diferente...

prof^a “P” eu vou aí daqui a pouco te ajudar...

prof^a “A”, o nº 5 quem fez...

alunos em voz alta ao mesmo tempo. Eu, eu..

prof^a teve criança que não achou a frase no texto... olha a pergunta: no texto uma criança conta a história do peixinho que sobrevive passando um tempo fora do mar... essa criança é um menino ou uma menina?

Alunos em voz alta juntos... menina...

Prof^a observe o texto e confirme se era menino ou menina.

“E” ai gente fiquei com a lapiseira da minha colega lá do curso aprender a pensar...

“L” tem 3 prof^a aqui: prof^a “C”, “S” e “G”

“M” tia, qual que a senhora acha melhor, tia”G” ou tia loirinha?... (para a pesquisadora)

“L” é lógico que é “G”...

“M” ensina o “L” a tarefa..

profª o nº 6, leia a pergunta “R”

“L” a tia vai ficar aqui o dia inteiro, não é tia?

Profª ainda bem que agora eu posso faltar.. agora eu estou tranqüila o dia que eu precisar faltar você vem no meu lugar.. (se referindo a mim)

ocorre uma manifestação da sala oba! Oba!... viva a tia...(pesquisadora)

“L” ela podia vir 1 semana

profª é vamos combinar...

profª= ainda bem..

“L” combina logo com a tia... combina..

pesquisadora é quem sabe a tia “S” descansa um pouco...

“L” não vamos fazer assim... um mês é uma tia, no outro a outra tia...

profª gente o ventilador não vai cair..

“L” inquieto o tempo todo...

profª quem foi que terminou ontem a poesia? Abra o caderninho... “A” eu não vou repetir o que eu disse. Então vou entregar o caderninho quem não terminou, termina agora..

“M” eu quero ficar onde a “C” tá..

profª quem terminou vai fazer o desenho relacionado a poesia.

“L” se dirigindo a mim... tia promete que você vem amanhã... promete, promete..promete para Deus..tia jura, mesmo tá bom.

“L” tampa a filmadora...

profª foi dupla não foi , quem quis fazer sozinho eu respeitei...

“M” tia você me ama?

Profª beija a aluna e diz eu amo muito .

recorte nº 5 14:15

“L” canta, bom dia cavalo...

eu pergunto: essa foi a poesia de ontem?

“L” continua cantando... balaio, balaio e o papagaio para ficar falando o dia inteiro. E a jibóia para picar o dia inteiro..(ri) bom dia cavalo.. rimou não rimou tia... tudinho...

“L” onde a “C” tá tia... referindo a aluna “C” que estava sentada na mesa da professora.

profª tá na minha mesa eu deixei qual é o problema?

“L” o problema é que ela é a profª agora...

profª você “L”... cadê as rimas que você colocou...cuida da sua vida.

profª jibóia, lima. Não “L”, você lembra que eu te falei... você não rimou

“L” a tia...

profª o que você vai fazer, organiza entendeu.. deixa eu afinar a ponta do seu lápis...

profª “L” presta atenção.

“L” está pequena a minha letra...bem pequenininha, do jeito que você queria... a tia não adianta não? Fiz igual você fez no quadro...

pro= não, eu quero sua letra normal, como você escreve...

“C” tia “S” eu vi uma jibóia que comeu uma bóia... rimou não rimou?

“L” eu vi uma jibóia que comeu uma bóia era você “C”.

“M” não, não... não ensino o “L”

profª mas porque....

“L” porque ela não gosta de mim..

profª gosta sim..

“L” continua cantando... eu vi um papagaio e um balaio.

“L” tia eu sei rima demais...

profª o “R” vai ler a dele
profª todos vão ler , uns agora e outros daqui A pouquinho.
reflexão sobre os recortes dessa aula

recorte nº1

- a professora ainda tenta trabalhar o conceito do perdão com os alunos, levando-os para o lado religioso. O episódio do jogo ainda está incomodando. Ela não aproveita a “Deixa” da criança diante da pergunta, ela faz uma interrupção, um corte, não dá prosseguimento e aí faz uma imposição do valor para fechar o conceito. Quando o aluno pergunta se Jesus foi a escola, ela novamente volta e enfatiza o que vem a ser perdoar.
- Ainda nesse recorte é percebido que o aluno “L” utiliza a linguagem dos conceitos religiosos utilizados pela escola, como que “olha eu entendo a mensagem que a escola passa, eu estou atento me percebam”.(percepção da pesquisadora.)
- Ainda o aluno “L” tenta diante da exposição do colega elogiar como forma de fazer contato com o colega, com a professora e com a sala toda.

Recorte nº 2

a professora mostrou aos alunos que a palavra fôlego possui dois sinônimos. Ou seja um conceito pode ter mais de um significado. O recurso que ela utiliza é só a fala. Ela poderia ter utilizado a dramatização com os alunos, pois na idade em que eles se encontram tornaria muito mais atrativo e o conteúdo mais compreensivo e a representação do conceito mais ampla.

Recorte nº 3

* Os alunos juntamente com a professora, foram seguindo o raciocínio da idéia da utilização da barraca. A princípio os alunos não sabiam identificar a diferença das barracas com sua utilização. Mas a professora tenta, mas não consegue dar seqüência, ela não dá oportunidade para a seqüência lógica acontecer...Ela pergunta mais do que deixa o aluno responder.. ela faz um monólogo, ela fala com ela mesma (sozinha) O que para nós parece que ela está pensando, é a fala egocêntrica, porque ela não pensa com o outro. Ela fala porque o aluno a provocou. Só que ela não responde para o aluno, ela fala para ela mesma, falta “conexão” e quando ela faz isso ela fica sem interlocução e os alunos também. Ela parece não entrar em interação com o aluno. Ela fala e o outro escuta. Profª dirige, pergunta e não dá espaço para resposta do aluno.

*** de que barraca ela fala nesse momento, ela fala como se todos os alunos estivessem acompanhando o livro na mesma parte.*

*** outra questão percebida nesse recorte, a professora faz a proposta aos alunos, mas ela mesmo não espera a resposta deles ela adianta em responder (percebido onde tem duas **)**

Recorte nº 4

- a professora pareceu ficar incomodada com a presença e manifestação dos alunos frente a pesquisadora, na sua reação tinha um pouco de “ah é Chega uma pessoa aqui e vocês me trocam”(percepção da pesquisadora)

Ainda nesse recorte percebe-se “L” tentando ser agradável e fazer contato com a pesquisadora.

De outra forma nesse recorte percebe-se outra aluna “M” também procurando fazer contato com a pesquisadora.

Novamente o aluno “L” entra procura participar da conversa da colega “M”. “ é lógico que é G.”

“L” tenta chamar a atenção de todo jeito, na sala de aula, a professora não percebe as denúncias que ele faz.

Outro momento “L” querendo que a pesquisadora retornasse utiliza a frase “...tia promete que vem amanhã promete... jura pra Deus... Aqui novamente mostra a receptividade a pesquisadora, na hora de pedir que ela fique utiliza a palavra Deus parecendo-nos que ele procura falar a linguagem utilizada pela escola.

Recorte nº 5

- Percebe-se a indignação do aluno por ver a colega sentada na mesa da professora. Mesmo tendo recebido as orientações para fazer as rimas da professora, não deixa de colocar sua repudia pelo fato da colega tentar se passar por professora. O quanto as emoções de “L” estão envolvidas nos conceitos ou seja ele tenta aproveitar as palavras estabelecidas para atacar a colega “C”, e a profª desconsidera toda fala de “L”, parece não entender os recados que ele dá, fazendo um corte, quando usa do “autoritarismo”, fazendo com que o mesmo volte para tarefa. A professora vai levando a aula, no momento que o aluno a questiona, a desafia, ela contra-ataca, desconsidera as emoções do aluno.
- Aqui também o aluno procura agradar a professora com a letra e ela nem percebe e faz um corte, chamando a tenção dele para a letra “normal”.

Comentário sobre a estratégia da aula : A título de sugestão para professora: Mostrar a ela que determinadas atuações na escola dificultam a aprendizagem. Ou seja a palavra só é uma das estratégias (aula dialogada) que pode ser utilizada. As crianças entre 8/9 anos as vezes tem dificuldade de assimilar conteúdos e formar conceitos só com essa estratégia. Quando ela utiliza essa estratégia não significa que ela não tenha habilidade. Até para trabalhar essa habilidade ela precisa ir além da palavra, trabalhar outros contextos , os vários contextos com imagens... só a palavra a representação é muito pequena. Mostrar que existem outros recursos ricos que ajudam na representação.

dia 14/09/99

profª “S”

início da aula: 13;15

tempo de duração da fita: 2 horas

estratégia : aula dialogada

conteúdos trabalhados: livro literário, : morfologia= adjetivo.

alunos entraram profª havia organizado cadeiras com grupos de 4 elementos (um enfrente do outro)

profª= precisamos trabalhar o livro literário hoje. Vocês estão organizados dessa forma para isto.

Posição dos alunos: andavam na sala cada um procurando um lugar para sentar andando de um lugar para outro.

“C” cruza os braços no meio da sala e demonstra insatisfação ao ver os grupos formados, cada um já sentado.

Outra aluna anda para um lado e outro com a mochila nas costas... os outros alunos já estão nos grupos fora um único grupo que não se formou...

“CA” continua por alguns instantes no meio da sala, ninguém fala com ela...

profª não a percebe, passa por ela e fala com outro aluno... “fica aqui por enquanto”...

profª alí oh!... apontando com o dedo para que o aluno assentasse.

Profª se você quiser trocar a carteira, mas seu lugar é aí...

A movimentação continua, alunos andando de um lado para outro...

“M” continua com a mochila nas costas andando de 1 lado para outro.

“K” de pé no meio da sala, ainda não formou grupo. (mais ou menos 10 minutos)

Profª olha 3ª série o grupo é formado por 4 elementos.

Profª “K”, “R” venham aqui. “K” demonstra insatisfação...

Profª você vai ficar nesse grupo... gesticulando para os alunos abrindo os braços para os que ainda não formaram grupos.

Alunos rodeiam a profª, todos falam ao mesmo tempo...

Recorte 1 13:25

Profª puxa a “C” pelo braço quando a mesma vai até ela reclamar do grupo e manda sentar.

aluno “P” chega com o livro e mostra para profª que pega da mão dele, não diz uma palavra e coloca na mesa. “P” diz: onde vou sentar?

“K” mas, aqui não tem lugar...

profª observa a movimentação e fala: olha aqui, se vocês ficarem sentados nos lugares é até mais fácil...

profª fala com o aluno “R” pega a cadeira aí.

“C” senta sozinha colada à mesa da profª de costas para turma e para os grupos. Toda hora olha para trás..

profª pronto “M”, agora presta atenção

“C” enrola o cabelo no dedo o tempo todo de costas para filmadora.

Profª vai até a mesa pega um livro oh!...entrega ao aluno”P” e diz: eu vou entregar para quem não trouxe....”M” tia eu não tenho...

Quem tem o livro na mão eu vou contar a história... não é par folhear, conversar... pega o livrinho coloca na carteira, quem não tem vou emprestar o livro...

Recorte nº 2 13:30

“L” reclama do lugar... profª qual é o problema ficar aí?

“L” eh! tia, não...

profª “C” acenando com a mão vai para o grupo aqui.

Profª muito bem... todo mundo que está com o coleguinha, olha a capa do livro...

Profª muito bem... qual é o nome do livro?

Alunos em voz alta.. Flits

Profª quem é o autor?

Alunos em voz alta = Ziraldo

Profª quem aqui leu o livro ...

“R”, é que... algumas folhas não tem...

profª mas não precisa preocupar...

profª quem é que leu o livro e que quer fazer o comentário do livro... se gostou... o que mais gostou... quem quer falar?

Profª pera aí “L”... começou a falar vamos ouvi-lo

“L” eu gostei da bandeira... do arco-íris, e rindo... da lua...

profª vocês observaram o que o “L” gostou?
Profª vocês viram aqui que no livro fala sobre várias cores... presta atenção no livro,
Flits começou ...

“R” resumiu a história...

profª próximo apontando para os alunos.

Alunos do outro grupo... o amarelo é daquele grupo reclamaram..

Profª não... esse grupo é o amarelo...

Profª o grupo de cá...

Alunos não tia... agente escolheu lilás.

Profª gente, vocês viram que foram mostrando as cores, o que é que representava o Flits,
era uma cor alegre... o que que falou aqui... que era uma cor triste e depois... o vermelho
significa o que...

“L” uma cor forte...

recorte nº3 13:55

profª quando fala do amarelo vocês lembram de qual lua do... alunos sol...

“L” a luz de Deus.. professora, a luz de Deus...alunos riem...

profª espera..

“P” a luz do ouro...

profª aponta com o dedo, para o grupo o azul ali.

Profª qual? Não o azul para vocês... o quê ?...

Alunos em voz alta... céu, a nuvem, a paz...

Profª lendo o livro.. muito bem, não... todo mundo ...agora vai ouvir... tudo no mundo
tem cor.. tudo no mundo é azul ou furta-cor, tem seu roxo ou lilás, não existe no mundo
nada que seja Flits, a sua solidão... flits...

“C” continua isolada do grupo, sem olhar para trás...

recorte nº 4 14:02

“P” tia quem primeiro foi a lua foi New Armstrong...

profª quem gostou da história?

Alunos.. eu, eu..

Chega na porta da sala uma pessoa entregando umas folhas. E os alunos aproveitam a
saída da profª e levantam, vão uns as carteiras dos outros..

Recorte nº 5 14:07

***A pessoa que chegou a porta... fez um comentário a meu respeito.. tia “S” você está com uma aluna
mais velha hoje?... e a professora sorriu, cochichou baixo com a pessoa na porta e as duas trocaram
alguns sinais, códigos...***

Profª voltou para sala... nós vamos aqui continuar em grupo..., o trabalho, o grupo não
sou eu não e agora não pode falar... 1º vocês vão escolher uma cor do seu grupo. O
grupo que fizer tudo direitinho vai ter uma surpresa no final da aula... escolha uma cor.
Não conta para o outro a sua cor.

R” não tá filmando não?

Alunos .. tá filmando sim.. tá.

Profª contagem regressiva... não 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1, 0...

“CA” chora.. pede para desligar a filmadora... que ela não gosta..

profª aproxima, pede um pente para pentear o cabelo dela, pede uma liguinha para
amarrar. A mesma chora muito e só aceita ir para o grupo se eu desligar a filmadora.

Recorte nº 6 14:15

***Profª manda a aluna ir ao banheiro lavar o rosto, nesse tempo conversa comigo.. O que será que
acontece com a “CA”, acho o que acontece com é porque chupa o dedo e não quer ser filmada.***

Alunos conversam entre si... não foi possível entender o que falavam, pois falavam ao
mesmo tempo...

Reflexões sobre os recortes dessa aula

Recorte nº 1

- Aqui a professora usa de autoridade para com a aluna, não ouvindo a sua queixa.
- Professora e sua subjetividade.

Recorte nº 2

- a mesma postura da professora quando manda aluna sentar , sem nem ouvi-la.

Recorte nº 3

O aluno “L” no contexto da aprendizagem trás a questão religiosa, como se já estivesse incorporado o que é ensinado, tenta o tempo todo mostrar que está engajado nos ensinamentos religiosos.

Recorte nº 4

- quando também “P” fala do 1º homem que pisou na lua ela não aproveita a informação do aluno, muda para a seqüência dela. A professora pergunta mais do que deixa o aluno responder. E para fechar a questão ela finaliza dando a resposta.
- Recorte nº 5

A turma estava agitada conversando o tempo todo porque o lanche o suco do aluno Léo havia caído no chão, e sujado toda sala.

Recorte nº 6

O que se observou é que desde o início da aula, a aluna CA estava “choramingando” e reclamando que havia ganhado uma sandália nova da madrinha de aniversário, colocou a sandália para ir para o colégio e a mãe dela não deixou que ela usasse naquele dia. Ela falou isso para pesquisadora na hora que chegou e falou também para professora que no momento da fala não deu muita atenção.

Dia 21/09/99

Prof “S”

Início da aula- 13:10

Tempo de observação:2 horas

Conteúdo trabalhado: Valor do dinheiro, avaliação de português.

Estratégia da aula; através de livro literário, desenhos, jogos.

Observação: nesse dia não foi possível usar a filmadora por não ter energia na escola. Mesmo assim a pesquisadora permaneceu na sala de aula registrando os acontecimentos.

A observadora chegou, encontrou todos os alunos sentados... haviam terminado de cantar... me esperaram entrar e fizemos uma oração.

Prof= vou recolher o dinheiro para irmos no supermercado, passa pra cá R\$ 1,00 (hum real). Vou recolher o dinheiro agora porque senão vocês perdem. Uma fila aqui na minha mesa...

Alunos se movimentam até a mesa da professora.

Professora recolhe o dinheiro e guarda.

Chega a mãe de uma aluna na porta, pede licença e a professora chama a aluna, a mãe trás uma criança menor, irmão da aluna, a turma toda se movimenta. (o irmão da ...é lindo!!)

Recorte nº 1 13:35

Prof= se dirige até mim e fala “ ontem conversei muito com a “C”, perceba como ela está mais calma. Falei pra ela que você estava filmando a sala toda, que não era para ela ligar não...

Prof= conforme vocês me pediram vou aplicar a avaliação de Português antes do recreio, depois vamos assistir o filme que me pediram.

Alunos... oba!, oba!!

Prof = vou entregar as avaliações, tem menininho e menininha que não está colocando o nome na prova.

Prof = entrega a prova fila por fila e cada aluno se movimenta para fazer sua avaliação.

Prof= leia o texto primeiro, depois faça a interpretação.

Aluno “R”- prof vem cá... vê se é assim, prof

Prof ah, ah, tá certinho...

Prof= façam a avaliação sozinhos, até o nº 4. Depois leio com vocês o restante.

“CE” não entendi esse 4, tá duro...

“K” isso eu não sei...

recorte nº 2 13:50

prof= calma eu vou atender os alunos nas carteiras

alguns alunos concentrados, outros dispersos...

“M” tia... se referindo a pesquisadora.. vem cá. M ajuda aqui...

recorte nº 3 13:53

prof= se você quiser andar olhar as avaliações, fica a vontade...

prof= menina, eu hoje não estou passando bem... estou com uma crise de alergia que me deixa tonta...

“R” prof= o que é adjetivo

Recorte nº 4 14:01

Prof= “R” lembra que nos recordamos isso ontem... é o que dá qualidade as pessoas, as coisas... pensa aí, que eu sei que você sabe..

A medida que os alunos iam terminando a avaliação iam saindo para o recreio com a proposta de no retorno irem assistir o filme.

Reflexão sobre os recortes dessa aula

Recorte nº 1

Pela primeira vez em toda observação ela se dirigiu aos alunos dessa forma.

Recorte nº 2

A autorização para que a pesquisadora ficasse a vontade na sala. Tive a impressão que estava mais leve, menos “armada”.

Recorte nº 3

Com o próprio aluno “R” que em outros momentos a percebia fazendo cortes quando ele a dirigia , no momento da avaliação soube ouvi-lo e atendê-lo.

Aula dia 28/09/99

Professora “S”

Início da aula: 13;30

Tempo de observação: 1 hora e 50 minutos

Conteúdo trabalhado; jogos

Estratégia da aula: dinâmicas com grupos, duplas.

A observadora chegou, os alunos estavam reunidos um frente ao outro pintando uma atividade que a professora havia passado.

Alunos gesticulando, rindo, falando alto. A atividade proposta pela professora foi a construção de um jogo, para em seguida jogar com o colega. Isso mobilizou a turma toda.

_ Construção de um “dado”.

Após alguns minutos da confecção dos dados, a professora falou: “ vou dar para vocês duas bolinhas para jogarem juntos...”

Essa aula foi descontraída pois, a professora comentou comigo que o barulho de uma furadeira do lado de fora estava insuportável, por isso ela resolveu dar essa aula deixando os alunos mais descontraídos, pois mesmo se ela quisesse dar alguma atividade os alunos não ouviriam nada.

Como o barulho estava muito intenso os alunos me pediram e deixei eles manusearem a filmadora, em função disso a filmagem está desfocada no teto, nas carteiras elas conversam ao mesmo tempo não dá para entender quase nada.

“V” imita um carro de corrida com a boca em alta velocidade.

“L” imita gato “miau, miau”... ri o tempo todo.

Alguns alunos andam na sala. Outros pintam o desenho....

“C” me empresta a tesoura para o “V”...

“V” empresta a ela. Os dois conversam o que eu não entendi.. gesticulam...

“R” alguém está com a tesoura ?

“L” sai do lugar onde está vai lá na filmadora que está em cima da mesa e começa a filmar os colegas.

“P” “L” me filma... “Filma a “C”

“V” a “C” tem medo da filmadora...

“CE” pula na frente da filmadora e faz o gesto de positivo..

“P” filma eu, filma eu... e começam a fazer “Gracinhas”, nesse momento “C” pede para filmar (C é a aluna que chora quando vê a filmadora ligada), pega a filmadora e começa a filmar os colegas. “L” começa a dançar na frente da filmadora, “bom dia sua máquina”?

“R” depois é eu...

“L” eu sou demais... eu sou o Tom Cruise.. continua fazendo caretas na frente da filmadora

“R” quem tá filmando agora é a baixinha da sala... há, há ,há...

“M” eu sei mexer com a filmadora, mas aqui não estou conseguindo filmar nada..

“CA” percebe que está sendo filmada e coloca o livro na frente do rosto...

“L” a filmadora não gosta de filmar alguns alunos não... porque são feios demais...

“L” a filmadora não gosta de filmar a “C” não ela é feia demais..

Professora chama a aluna “C”, enquanto isso os alunos começam a jogar...

“M”, “K”, “P” estão em volta da professora e de mim (pesquisadora) para que possamos ajudá-los a colocar os lados dos dados

“MO” está sentada triste sozinha no canto da sala sem interagir com os colegas. “M” percebe e vai lá e senta no colo dela e começa a conversar..

“P” estou filmando a minha professora “S”.. o “C” vem cá e ri..., ela se esconde..

Só agora a professora percebe a aluna afastada da turma e vai até lá conversar com ela

“P” vai até lá e oferece a filmadora para ela... ela balança a cabeça não querendo filmar.. enquanto isso duplas, grupos jogando no chão com os dados...

Aviso que vou embora... a turma ah não!!! Volta amanhã...

- **Não foi retirado recortes dessa aula.**

Dia 05/10/99

professora”S”

Início da aula : 13:05

Duração da fita : 1;40

Estratégia utilizada: interpretação de texto- livro literário através de transparência

Conteúdo trabalhado:1º revisão de pronome.2º enfatizando a história do livro literário os conceitos: investimento, interesse.

Cheguei a profª já estava passando transparência para os alunos...

Profª vamos dar seqüência pedindo para os alunos repetirem em voz alta...

Alunos eu, tu, ele, ela nós, vós, eles.

Profª presta atenção no que eu vou passar na transparência, qual é o nome desse livro.. O profª menino que aprendeu a ler...

Todos repetiram .

Profª quem é a autora.

Alunos em voz alta Ruth Rocha

“R” é a autora do meu dicionário.

Profª Ah! Do seu dicionário, é verdade, Ruth Rocha

Profª todos observaram esse menininho mostrando a transparência.

“P” eu não vou desenhar não tia?

Profª vamos sim...

Profª colocando a transparência.. vou mostrar aqui oh! João vivia espantado e muito mais engraçado quanta coisa que há no mundo... há coisas que agente entende e há coisas que agente não entende... profª olha lá oh! Mostrando a transparência e os alunos eh!.

Profª então olha lá! Opa! Lendo a história algumas figuras João não entendia o que via na frente das lojas por ex. encima dos prédios, mas havia outras coisas que Joãozinho sabia... e outras que ele não entendia

“CA” deitada no chão chupando o dedo e enrolando o cabelo..

profª olha flores, menina, cigarro..

“P” isso ele entendeu mas tinha coisas que ele não entendia? O que é que ele entendia?

Profª entendia a figura os desenhos não foi? Professora continua lendo a história em cada fotografia, o olhar pequenino dizia: o que é aquela placa mãe?... todas as esquinas tem? Mãe é nome de rua, da rua filho, João olhava, olhava e via uma porção de desenhos que para ele era uma...

Profª o que mais o Joãozinho tá vendo aqui?.

Alunos em voz alta... placas profª.

Profª o que mais..

Alunos.. caracol, um triângulo.

Profª um triângulo né? Muito bem... Só que ele observava tudo e tudo tinha o que? Símbolos não é?

Profª caracol...

Alunos...espiral, triângulo aberto...

Profª continuando a ler a história.. um dia a mãe disse: meu filho você precisa é ir para escola...

Profª aprender o quê ...a ler.. aprender a ler o quê?

“R” a escrever...

profª aprender todas as coisas.. e o que ele perguntou a mãe?

Profª essa letra aqui tá ruim mesmo se referindo a transparência.

“L” tem que chegar esse trem aí mais perto tia...

profª o que está escrito aqui

juntos professora e alunos que coisas mãe.. repetindo o trecho da história... meu filho você precisa aprender a ler..

a professora faz uma proposta aos alunos eu leio no lugar da mãe e vocês no lugar do filho.. vamos fazer um diálogo.

Alunos juntos.. que coisas mãe...

Profª as letras, os números, você vive perguntando coisas.

“C” não tia separa passa para o lado lá na transparência.

Profª continuando a história... no dia seguinte João foi para o colégio, quando chegaram na esquina a mãe disse: temos que tomar o ônibus, será que vai demorar ela perguntou a ele.

Alunos : mas que ônibus mãe ? mãe o que vai para escola. Joãozinho como é que você sabe que é o que vai para minha escola? Mãe eu olho o que está escrito na placa Rio bonito entendeu?

Profª olha o que a mãe está mostrando ao filho.

Alunos a placa rio bonito, continuando a história...

Profª eles estão observando a placa dos ônibus não estão?

Profª quando o ônibus chegou... Joãozinho reclamou...

“P” vamos embora... isso tia...

profª não aquela hora não dava...

“CE levanta e vai próximo da professora.

Alunos = lendo eu não estou vendo rio bonito nenhum...
Profª lendo eu vou voltar. O que Joãozinho via na frente do ônibus era uma placa com os desenhos olha novamente assim...
Alunos triângulo aberto, caracol redondo.. caracol.
Profª lendo a mãe de Joãozinho sorriu e os dois subiram no ônibus. Ah! A profª de óculos redondo ela mostrava aos alunos cartazes coloridos..
Alunos.. deixa a transparência mais baixa assim
Profª se dirige a mim e me chama para ajudá-la na transparência..
“L” para “C” você nem sabe mexer não põe a mão.
Profª oh! Não tem como ficar melhor não é isso mesmo, presta atenção..
Continuando.. então olha lá, a profª era uma moça alta, de óculos redondo, ela mostrava as crianças os cartazes coloridos.
“R” levanta e vem até mim.. se você fosse uma adolescente você ia gostar de mim?
Respondi a ele que sim que ele era muito bonitinho.
“C” vem faz careta enfrente a filmadora
profª continua a história com os alunos e a letrinha...?
profª “C” vem cá.. e no dia seguinte o que aconteceu?
Alunos juntos.. João foi a escola
Recorte nº 1 14:05

***Profª e a profª dizia dizia d,d,d, e as crianças repetiam d,d,d,
“C” da telegoiás..***

profª não quando a Ruth Rocha escreveu o livro já existia... e a professora ensinava Joãozinho e os alunos doido.. d de dado, d de dedo e d de dourado e as crianças repetiam... e quando João saiu da escola já começou a procurar letras... d,d,d, a, a,a,
profª continuando a história.. e lá estava no meio dos outros desenhos o desenho da profª
aluno caracol
profª o que o pessoal estava fazendo quando Joãozinho chegou em casa, foi logo procurar o pai..
profª agora leiam
alunos... pai o que está acontecendo. Cada vez que eu vou para escola pintam as placas, nos livros, nas paredes, nos pacotes as letras que estou aprendendo
profª continua lendo a história com os alunos.. e o pai de João explicou: é porque você está aprendendo a ler.
Alunos... não professora porque o pai falou que ele estava aprendendo a ler
Profª ah! porque na realidade ele estava aprendendo tudo não é mesmo?
Profª vocês alunos leiam todos...
Alunos... mas eu já sei ler papi, desde pequenino...
Profª não filho... eu estou querendo saber o que você está aprendendo a ler meu filho entendeu?
Profª e o milagre continuava a acontecer, então ele entendeu? cada letra que João ia aprendendo ia aparecendo em tudo que era lugar. João saía da escola com curiosidade. João via surgir nas placas, nos pacotes tudo quanto ele aprendia... até que chegou um dia em que João olhou a placa da rua onde ele morava.
Alunos= rua do Sol. A profª na escola reunindo as letras formou o que leu conhecia rua do Sol..
Profª ele conhecia todas as palavras...não foi?
Alunos foi João derrepente compreendeu .. gente eu já sei ler..
Profª e derrepente João compreendeu o que ele falou...

Profª será que foi assim.. gente eu já sei ler?

Alunos repetiram bem alto.. gente eu já sei ler

Profª e alunos.. no dia seguinte cedo João foi para o colégio.. quando chegaram na esquina a mãe de João falou: precisa prestar atenção que é para não perder o ônibus, João, pode deixar que eu presto atenção, pode deixar que eu sei ler..

Profª agora ele compreendeu o que o pai disse.

Alunos= compreendeu

Profª compreendeu quando o pai dele disse que ele estava aprendendo a ler.

Profª olha ele realmente podia ler, foi ou não foi? Nessa nossa história que vocês acabaram de ouvir como é que Joãozinho era, ele era um menino assim... gesticulando com as mãos curioso aluno?

“L” muito curioso

recorte nº 2 14:15

profª ele teve vontade de aprender...

profª a alegria do Joãozinho poderia Ter acontecido lá no início quando a profª disse olha e ensinou a letrinha d para ele, ele poderia sair da escola e nem se interessar, não é verdade ? é tem pessoas que acontece isso com elas. Será que na nossa sala de aula hoje acontece também muitas vezes assim, a profª ensina mas muitas vezes a criança fala não... não vou estudar... não vou ler. Mas quem é que conseguiu a ler a ver tudo..

alunos em voz alta Joãozinho

profª o que que essa história significa para você.

“C” levanta o dedo, o que ele pode aprender, o que ter aprendido significou para ele.

“K” você tem que prestar atenção.. eu não sei melhor que a profª eu vou parar de estudar... eu posso aprender mais que ela.

Profª isso mesmo “C”.

Recorte nº 3 14:25

Profª quantas vezes aqui na nossa sala passamos uma tarefa por ex. sobre rocha; vocês pesquisaram, foram atrás, trouxeram filme sobre vulcões, porque... foi o interesse de vocês. Assim quem quer aprender como o Joãozinho tem que ter força de vontade..

“L” amanhã vou trazer um filme...

profª presta atenção... oh! “L”

recorte nº 4 14:27

profª precisamos tirar lição dessa história...

“M” só aprende quem quer

profª isso mesmo, só aprende quem quer, muito bem.

Profª gente então agora eu vou passar uma tarefinha.

“C” oba!

Profª vocês vão descobrir...

“R” tia deixa ser em grupo

profª agora não vou deixar em grupo não.

“L” tia hoje é meu aniversário ?se referindo a pesquisadora

pesquisadora = meus parabéns e dei-lhe um abraço

Pergunto a ele quantos anos “L” ele me responde 10

Profª cabeçalho completo.. hoje é dia...

“L” o meu tá completo, hoje é dia 05 tia.

“R” tia eu vou escrever 05 do 10.

Profª você não pode escrever assim não,”L”eu vou escrever assim oh! 05/10 aniversário do “L”

Alunos hoje é o aniversário do “L”

Profª então hoje nós vamos cantar parabéns para ele, querem cantar enquanto a outra tia tá aqui, então vem . Cantam parabéns para “L”

Cantam “com quem será que ele vai casar? E fala o nome da “C”, ela fica furiosa.

“C” mostra o caderno para profª tia tá bom.

Profª tá ótimo

Profª eu vou bater o carimbo, levanta para bater..

Alunos é um coelhinho... olha que lindinho

“C” profª o “L” escreveu de caneta..

profª você sabe que não pode escrever de caneta...

“P” a letra do “L” tá linda

“L” a não tia...mas é porque eu treinei a tarefa em casa

“C” achei a página do livro

“M” deixa fazer em grupo tia?

“L” por favor tia...

recorte nº 5 14:50

“L” quando é a 1ª vez que eu estudo na escola eu levo muita advertência, quando é a 2ª vez eu não levo não. É porque eu vou acostumando com os colegas.

“R” só porque eu tava usando o anel da tiazinha o “C” falou que eu sou mulher... ah olha aí oh! tia me chamando de gay.

Profª eu já falei não

“L” eu vou te dar uma gatinha se referindo a mim, ela se chama chila é mulher né... aí você vai Ter que cuidar dela. Eu durmo junto com ela... eu gosto de gato.. eu... você gosta de cachorrinho? Também gosto tenho um macho estou procurando uma fêmea.

Profª quem tem um lápis para me emprestar...

Alunos eu, eu, eu

Profª gente tem que trazer material.. eu vou procurar não acho nada.

Profª gente qualquer dúvida pode perguntar para outra tia também.

Reflexões sobre os recortes:

Recorte nº 1 momento em que a aluna traz a experiência cotidiana, a professora está trabalhando o conceito escolar e não aproveita , ela faz um corte e dá seqüência ao texto.

Recorte nº 2 ,3 e 4

Já aqui nos recortes a professora faz reflexão com os alunos. Através do livro literário ela mostra a conduta no cotidiano escolar.

- através do estudo do livro literário, trabalha com os alunos, os conceitos de estudo investimento interesse, fazendo um paralelo com o que acontece com o Joãozinho e o que acontece em sala de aula. Só que também dirige muito o aluno, faz a pergunta e ela mesmo reponde não deixa espaço para a resposta em alguns momentos.

Recorte nº 5

Aqui os alunos entram em conflito quando diante do anel questionam o gênero masculino e feminino trazido pelo contexto social e a professora não aproveita o que o aluno traz para trabalhar o gênero masculino e feminino.

Dia 12/10/1999 – teria observação foi feriado;

Aula dia 19/10/99

Início da aula : 13:00 profª “S”

Duração da fita: 1:50

Estratégia da aula: dramatização

Conteúdo trabalhado: conceitos: narração e comentário.

Cheguei a professora estava corrigindo a tarefa.. os alunos ficaram alvoroçadas com a minha chegada. Todos me cumprimentaram, estavam terminando um exercício...

Profª “L” vai recolher, presta atenção que o que o “L” vai fazer uma coisa com vocês...

Profª é chamada na porta da sala e conversa com outra profª

“CE” percebe a filmadora, e... tá filmando... dá tchau para câmera

“P” levanta pega uma vasilha mostra para a “K” o que trouxe de lanche

Profª olha se vocês ficarem falando comigo junto comigo, simplesmente eu vou ter que pedir para... olha eu vou convidar o “M” e o “H” e eles vão narrar uma partida de futebol porque... nós vamos fazer aquela redação que foi proposta ontem... e depois vocês também vão fazer... então vamos rapidinho

Chega uma pessoa na porta e chama a professora, ela vai conversar

“CA” ah tia eu tô ouvindo tudo...(se referindo a conversa)

“R” eu também

profª acena com a mão para sentarem.

“L” começa a gritar narrando...

profª para e fala: “L” é a sua vez de narrar?

“L” não

profª então quando for você fala agora não.

Dois alunos vão lá pra fora com a profª para vestir a camisa dos times.

Minutos depois entram “L” e “H”

“L” começa a narrar o jogo, vai vai para o gol vai... gol! Gol! ... a sala toda agita ...é o Brasil!

Profª chega na porta “P” é a sua vez e a sua chamando o outro colega... “C” pede para ir

Profª quando for a sua vez tudo bem, mas agora é a vez dele... não você vai falar na sua vez... entendeu...

Profª espera eu estou perguntando se ninguém entendeu... posso convidar eles para entrarem...

Alunos pode tia...

Profª eles escolheram aí, eles vão narrar um vai ser o comentarista e o outro narrador, depois vocês também vão fazer... alunos eu, eu... todos riem...

Profª começando já... gente vamos ouvir... nossa eu não estou ouvindo a partida...

“L” Bem amigos da rede globo, estamos aqui ao vivo com o jogo de São Paulo e Corinthians, depois da novela Terra Nostra... o que você está achando Casa Grande... bem equilibrado o jogo.

Profª muito bem.. quem gostou... alunos eu, eu..

Profª não é para tirar a camiseta de baixo não.. presta atenção que eu já dei 2 minutos se não , não dá para finalizar a partida e vou interromper, vamos terminar certo?

“P” eu sou o próximo...

profª começando...

“T” Bem amigos da rede globo, estamos apresentando e começando mais um jogo Brasil e São Paulo, alunos riem... “P” e Vasco...e lança e é penâute... vai ser cobrado...

“T” e vai chegando perto do Gol, lá vai, lá vai . é GOL.... alunos vibram... é do Brasil!!!
profª discute com os alunos quem serão os próximos... alunos riem o tempo todo..

profª vamos eu já marquei.. mais 2 alunos vão narRar o jogo...

profª. espera eu estou perguntando se ninguém entendeu posso convidar eles...discute com os alunos quem serão os próximos. Ou 3ª série não estou conseguindo ouvir nada.

“M” e “E” vão uma ser narradora e a outra comentarista;

Boa tarde amigos da rede globo o jogo promete é Brasil e Argentina.

“M” narrando , Ronaldinha vai chutar , gente ela é boa demais. Já dá inicio a partida vamos lá.. os jogadores da Argentina estão partindo para cima, já machucou nosso jogador.. vamos lá levanta não foi nada. Vai corre chuta Ronaldinha prepara é GOLLLL.

A turma toda vibra...

Continuando a narração O Brasil não desiste.... lá vem mais um Golllllllllll, é do Brasil, já são 2 a 0.

Estamos finalizando a partida e o Brasil ganha...

“M” para “E” como que você viu o desempenho do Brasil Casa Grande? “E” O Brasil tá em alta, o time tá muito sintonizado mesmo que a Argentina partiu para a agressão mantivemos o nosso futebol.

profª só um minuto tem alguns alunos com dificuldades de lembrar o nome dos jogadores, ai você ata com o nome dos colegas da sala pode ser.

“CA” se aproxima de mim e pede para sentar do meu lado. Pergunto se ela não vai participar... ela responde eu não entendo nada de futebol...

alunos estão agitados conversando uns com os outros...

mais uma dupla narrando...

“P” e “AP” vamos lá mais um jogo decisivo vai começar... é flamengo e São Paulo é a decisão da taça libertadores...

“P” o clima está favorecendo... grande número de torcedores no estádio... começa o jogo

flamengo tem domínio da bola, opâ cai um jogador, mas não foi nada... vamos lá segue com a bola rumo a trave o goleiro se posiciona, lá vai o jogador do flamengo avança e é Golllllllll Goll do flamengo.

A turma toda vibra...

Continuando os jogadores do São Paulo começam a correr mais... lá vem a bola e agora... Golllll é do São Paulo.... tudo igual 1X1.

“P” para “AP” e aí o que você achou do jogo: “AP” as duas equipes são boas, jogo equilibrado mereceram o empate.

Próxima dupla: “R” e “N” . vamos nós...

Vai dar início a partida de fluminense e ponte preta... saí a bola chove muito, o campo está alagado mas vamos lá... jogador corre atrás da bola escorrega, levanta e vai em direção ao gol goleiro está posicionado chuta... na trave. Escanteio para a ponte preta... jogador da ponte preta de posse da bola.. vamos lá vai sair jogador aproxima da rede chuta... é Golllll

1X0 para ponte preta.

Comentário “P” o que que você achou do jogo Carlos Alberto? O jogo poderia ser melhor as equipes não investiram nada, o torcedor vem no campo para assistir uma final e sai decepcionado.

Profª quem é a próxima dupla vamos estou esperando...

“M” e “LC”, Bem amigos da rede globo, aqui nessa finalíssima, o coração bate forte o jogo é do Vila Nova e Goiás. Vamos torcer gente..

“M” solta a bola os jogadores estão em campo a bola bate no Fernandão, vem Dill no encalço vamos lá chutou, mais muito alto bola fora. Novamente a bola está dominada nos pé do Dill ele vai chutar gente.... Gooolllllll, é do Goiás....

não tem chance o Vila ..

comentário: “LC” como você achou que foi o jogo? “M” ? ah, o Goiás está muito melhor que o Vila , mereceu ganhar, se o Dill não tivesse perdido o primeiro gol a vitória seria de 2x0. A equipe jogou bem.

Profª olha presta atenção, vocês estão demorando nossa aula está acabando se não der para todo mundo ir, a tia vai interromper a partida.

Outra dupla..”M” e”J”. vamos lá

“M” Vasco e Palmeiras, na decisão da copa João Avelange... vai toca a bola.. vamos lá no pé do goleiro, vamos o jogador chegou por trás é penáulte, merece cartão amarelo, já levou o juiz está atento... sai a bola bateu , volta novamente ao pé do jogador ele está posicionado é Gollllll do Vasco...

a turma vibra.... o palmeiras de posse da bola, jogadores devagar.. vamos... ânimo.... não conseguiram final da partida Vasco é campeão..

turma vibra...

“T” faz um comentário gente a camiseta do “L” estava tão grande que parecia vestido... todos riem...

mais uma dupla “H” e “V”. vai começar o jogo... Flamengo vai fazer o GOL... chutou foi lá GOLLLL! Turma vibra...

muita conversa.. os alunos estão eufóricos todo mundo falando ao mesmo tempo...

profª= por favor falem baixo daqui a pouco a tia”L” vem aqui...

profª bom gente agora chega... vou distribuir uma folha vocês vão começar narrando o jogo, não esqueçam do título que é uma final, quem tá jogando quem ganha o jogo e é de dupla, depois vocês façam nesse quadrado o desenho dos times e dos jogadores em campo.

Recorte nº 1 13:39

profª agora vocês vão abrir o livro de vocês língua portuguesa... vamos lá... os alunos continuam narrando o jogo... em voz alta juntos...

profª presta atenção... qual foi a página, alunos 10, não página 13

profª vocês vão imaginar um jogo do campeonato brasileiro ou da copa do mundo... narrando esta partida com o locutor e o comentarista, vocês se organizem em duplas...

profª só um momentinho 1º vocês começam a narrar o futebol... vão do título que é a final do campeonato..

profª não esqueçam travessão, parágrafo, tudo isso aí...

Profª A aluna “CA” vai fazer sozinha ela não quis formar dupla para ir lá na frente..

“L” senta longe da gente para você não copiar de nós...

“R” joga uma aranha de brinquedo no “L”

“L” grita.

Prof. aproxima do “R” e fala: eu já falei para guardar isso... você ouviu? E entrega a aranha para ele.

Alunos estão organizando as duplas para o exercício.

Pesquisadora: vai até a mesa onde a professora está sentada organizando algumas tarefas e oferece ajuda. A professora fica conversando comigo uns dez minutos sobre a faculdade dela.

Duplas ou grupos fazendo atividades juntos e interagindo entre si...

reflexão sobre o recorte:

- Embora a professora tenha dado uma aula atrativa e interessante ela não explica os conceitos de narração, comentário, e paralelamente lembra os alunos da gramática. Ela dá oportunidade para que o conhecimento se concretize, depois ela não fecha, não faz articulação. Não aproveita a vivência para formar o conceito.
- Ela parece dar oportunidade para que o conhecimento se concretize depois ela não fecha, não faz articulação.
- Deixa em aberto não aproveita a vivência para formar o conceito.

Dia 26/10/1999. Teria observação- Palestra na escola com uma pessoa de Uganda. Não foi possível filmagem.

Dia 03/11/99 Teria observação, não teve aula- feriado

Dia 09/11/99

Professora “S

Início da aula ; 13:00

Duração da fita : 15 min

Avaliação de ciências.

Os alunos estavam fazendo prova de ciências..

Profª nome completo, coloque cada um de vocês...

“CA” ah! Nem tia hoje nós não vamos curtir a tia que veio nos observar... nem um pouco porque estamos fazendo prova... mas amanhã eu vou curtir ela.. porque ela vai voltar para recuperação paralela.

Profª coloquem o número de vocês e a turma...

Profª leu o devocional antes da avaliação.

Profª interpretando o texto, vocês querem que eu leia, 1º

Alunos em voz alta queremos...

Profª inicia o texto, muito silêncio, todo mundo concentrado na prova

Recorte nº 1 13:10

Profª leu, após ler o texto responda: quais são os defensivos usados no texto., alguma dúvida, nessa pergunta? Agora vamos ler a 2ª pergunta... que relação você entendeu entre eles.Eh! então vocês vão prestar atenção como era a relação entre um bichinho e outro... como que era a maneira deles viverem. Entenderam? O texto é bem claro e vai contando historinha... como que é a maneira deles viverem... o que que eles precisam para viver... e como que...

“M” o que são pulgões?

Profª pulgões é um bichinho que dá na árvore...

‘C’ na jabuticabeira...

“H” tia lá perto de casa tem...

profª tem... eles vivem nas plantas por isso se usa inseticida para que... são aqueles bichinhos branquinhos que tem...

“H” lá perto de casa tem um tanto desses bichinhos, que teve que cortar o pé da árvore...

“P” tia bem-te-vi, é com letra maiúscula?

Profª não responde

“C” é porque, bem-te-vi é nome de passarinho.

Não foi mais possível gravar pelo fato de ser avaliação e a fita ter travado dentro da filmadora.

Reflexão sobre o recorte:

Professora tenta levar os alunos a vir construindo o conceito relacionando com sua utilidade. A própria professora não dá respostas claras para os alunos, ela é confusa nas suas próprias colocações. Com isso é questionado que ainda se utiliza do pensamento sincrético.

Professora “A” - alunos enviados a Recuperação Paralela

Indicadores da recuperação paralela.

Total de aulas observadas 6 aulas perfazendo um total de 29’55 (vinte nove horas e cinquenta e cinco minutos)

22/09/99 * nesse dia compareceram 6 alunos(M, L, R) sendo 3 indicados pela prof “S” da sala observada e 3 eram alunos da outra turma da 3ª série que estavam lá segundo a prof fora do dia deles.

prof “A”

início da aula : 7:10

Nessa aula não utilizei a filmadora por ser a primeira aula da recuperação paralela.

Tempo de observação = 2horas:15 minutos.

Estratégia da aula: jogos com duplas; desafios individuais

Conteúdo trabalhado; contas; figuras geométricas; frações

Cheguei, me apresentei para profª, que tinha sido comunicada da minha observação.

Aguardamos uns minutinhos e...

Recorte nº 1

Prof = vamos fazer um jogo... esse cartão aqui “mostrando nas mãos... vejam no quadro 12 o segredo é você encontrar o maior número de possibilidades desse resultado.

Exemplo: 4X3; 3X4; 2X6; 6X2. É de dupla, não pode falar porque senão os colegas copiam... vamos lá...

Alunos se juntaram...

Prof= aqui está o envelope contendo as possibilidades... e as regras são as seguintes: ganha a dupla que primeiro conseguir formar as possibilidades...

Os alunos se organizaram como quiseram em duplas...

Prof= vou dar uns pauzinhos de picolé, caso alguém precise ou tenha alguma dificuldade...

Quando as duplas começam chega atrasado o “L”... não tinha colega para fazer dupla com ele...

Recorte nº2

Prof= ah! vou lançar um desafio ao “L”, que chegou agora... ele vai tentar fazer sozinho...

Prof= “L” as duplas já começaram uma atividade... o seu desafio é sozinho tentar alcançá-los... ok! Topa?...

“L” claro...

“L” dá um espirro estridente.. e diz “é “veio” eu estou gripado... é isso...

prof= vamos trabalhar, não vira para trás, porque você perde tempo...

“R” vira para trás e pergunta... tia (para mim) quanto que é 4X4..

respondi... não posso falar, são as regras do jogo... lembra o que a tia falou...

Interagiram entre si, separaram as fichas, um ajudando o outro... a dupla nº 2 terminou (R e JR) em seguida a dupla de nº 1 terminou (M e L)... “L” ah! agora eu quero ajuda...

Recorte nº 3

Prof= qual dupla quer ajudar o “L”?

“M” eu não...

“R” foi ajudar... foram ajudaram e ele conseguiu

prof= no canto do quadro marcou a dupla nº 1, dupla nº2 , dupla nº3 e o “L”

prof ah! agora eu quero um novo desafio, misturem os cartões e ganha a dupla mais rápida...

Os alunos se mobilizaram todos e agitados foram procurando as fichas.

A dupla que havia terminado primeiro novamente terminaram...as demais duplas terminaram depois.

Prof viu que vocês falam que não sabem matemática e conseguiram dar respostas da tabuada...

Prof= gostaram do joguinho?

Alunos em coro..sim

Enquanto a prof distraiu o aluno “L” foi no quadro e marcou muitos pontos para ele...

Os colegas... prof olha o que o “L” fez.... “L” vou apagar gente...

“M” não gostei do jogo não... o JR é muito baguncento... o tempo todo fazendo gracinha, falando alto...

prof= vamos agora fazer outra atividade...de matemática., agora vamos trabalhar individualmente...

prof= entregou folha de matemática cada aluno foi tentar fazer o seu...

Os alunos com uma régua foram medindo o quadrado, losango, retângulo, pois o nº 4 do exercício da folha pede para nomear as figuras.

Prof= aproxima para ajudar o “R”...

“L” fala $7 + 1 = 8$

prof= “L” não é isso não na tarefa do seu colega.

“R” pega a folha do colega do lado e vai copiar... alunos denunciam...

prof “R” não meu filho, desse jeito você não aprende.

Prof= vou aí do seu lado te ajudar...
Enquanto a prof ajuda o “R”, os outros terminaram e foram ao banheiro e beber água
Alunos voltam...e continuam a tarefa da folha...
“L” e “J” com dificuldade de resolver os exercícios...
profº vamos pensar... vai no quadro e trabalha com frações...
prof= quem consegue mostrar para nós como vamos achar $1/3$ e $2/5$ do todo para sabermos como pintar...
“L” é só olhar que o homem está com 2 balões de cada lado... mãos..
prof.. ah! você percebeu que ele carrega um conjunto de balões separado do outro... mas será gente que é só isso?..
“J” vai lá na frente e mostra no quadro como se encontra $1/3$ e $2/5$ do todo.
“L” faz um cumprimento tocando mão do colega... É isso aí amigo, você é bão mesmo...
prof= “L” mostra pra tia que você entendeu...
“L” a tia eu entendi do jeito que a senhora ensinou e ri...
prof= mas eu ensinei como...
“L” do jeito que eu aprendi....
a turma toda ri...
prof= eu preciso que vocês pensem para encontrar a resposta e me mostre o percurso do raciocínio...
Nesse momento o telefone toca (porque tem telefone na sala de leitura onde acontece a recuperação paralela) “L” imediatamente, tia... me deixa atender?
Prof vai lá “L”...
“L” sala de leitura, bom dia! As suas ordens!... colegas riem
“L” socorro prof, tem alguém querendo falar com a senhora..
prof= se dirige ao telefone e atende...
alunos ficam conversando enquanto a professora resolve
prof retorna e diz “ gente, nossa aula está acabando e não vai dar tempo de terminar nossa atividade de hoje... coloquem o nome na folha na próxima aula terminamos o exercício.
O sino toca a coordenadora chega na porta e pergunta como foi a aula... todos respondem boa... mas o JR fez muita bagunça...
Recorte nº 4
Prof. tive que chamar a atenção dele e isso me atrasou um pouco... Sabe tia se dirigindo a coordenadora quando tem visita eles deveriam mostrar que são educadinhos e não ficar chamando a atenção com conversas e brincadeiras não acha?
Coordenadora= gente vocês tem que aproveitar esse espaço, pois vocês estão tendo oportunidade de trabalhar com a tia as dificuldades...
Vamos para o recreio...

Observações com relação ao manejo da professora.

Recorte 1= percebe-se a forma de condução da aula interessante
Recorte 2= a professora dá estímulo aos alunos. Lança o desafio ao aluno “L”
Recorte 3= Não impõe, deixa os alunos se organizarem
Recorte 4= a professora não deixou de denunciar para coordenadora a postura do aluno e de dar o recado. Outra questão é que se dirige a pesquisadora como uma visita.

Professora “A”
Dia 29/09/99

Início da aula : 7:10

Duração da fita: 2:10min

Conteúdo trabalhado: livro literário/ construção do texto/desenho/contas.

Estratégia da aula: leitura e interpretação de texto através do livro literário. Exercício envolvendo contas.

Cheguei só havia chegado o”L” e a profª. O restante dos alunos não haviam chegado. Os cumprimentei e ela foi me dizendo: fica a vontade caso queira arrumar uma mesinha pode pegar.

Os alunos chegaram e foram sentando. Nisso chega um aluno no vitrô... o aluno “L’ mostra pra gente”...

Profª deixa ele quietinho..então vamos lá, todo mundo tem lápis... borracha..

“L’ eu tenho... agora hoje vê se você não vai encher meu saco não né? “J”

“J” coitado, coitado...

“L” porque senão eu vou te meter a mão

1º recorte 7:17

“L” eu cheguei aqui às 5:30 esse lugar é meu alunos... mentira , mentira...

“L” pergunta pro tio lá aí, aqui não tinha ninguém a hora que eu cheguei... tia eu cheguei, cheguei..

profª “L”, vamos fazer uma coisa... você chegou aqui cedo primeiro que os meninos, mas não foi de madrugada, de madrugada você estava dormindo... você chegou mais cedo que os outros tá bom...

“L’ mais é melhor.

“J” é mais melhor...

“L” Ah! para de me corrigir...

“L” hoje é dia 29, amanhã é trinta dia 05 é domingo é meu aniversário..

chega uma criança e a professora vai conversar com a mãe e demora um pouco.

“L’ começa a bater na carteira ah! Tia a tarefa... vamos lá..

profª espera os seus coleguinhas chegarem..

profª “L” não conversa tá?... “L” cadê a filmadora?

profª tem alguém com preguiça. Tem gente que tá com preguiça..

“R”, “CA”, M”, “L” tem não..

profª ninguém, tem certeza. Vamos fazer um trato, quando eu estiver falando vocês escutam... e quando vocês quiserem falar levanta a mão.. outra coisa que precisamos combinar é nossa aula, durante a aula se você ficar o tempo todo conversando nós não vamos dar conta de concluir a tarefa, na aula passada, nós tínhamos 2 tarefas e conseguimos terminar uma. Nós hoje não vamos perder tempo conversando tá?

“L” por causa do “J”

profª pera aí.. no final da aula hoje vamos.. profª então hoje vamos fazer uma coisa, não vamos perder tempo conversando tá? Agora se tiver menino o tempo todo conversando e atrapalhando o outro o que que vocês acham disso?

“L” joga fora... quer dizer põe pra fora

Profª e o que que você acha que pode acontecer com ele..

Alunos levar advertência né!

“JR” ele leva 1 suspensão

profª agente ficar aqui na sala e aproveitar o tempo, ou ficar aqui brincando, levando bronca.

“L” aproveitar o tempo, porque o tempo passa rápido.. então profª vamos aproveitar?

Recorte nº 2 7:20

“L” cadê a tarefa cadê profª vamos lá?

Profª a tia “A” não está brincando com você “L”

“L” eu sei tia, mas cadê a tare...

profª por favor

“M” nossa ... nisso chega 2 crianças...

profª você apareceu, cadê a mamãe..

profª tá boa mãe o que foi que eles não apareceram.. mãe : sabe o que que foi eles iam chegar atrasados demais...

profª nossa mãe mesmo que for para chegar atrasados eles precisam vir...

mãe ah! Pode... ah! então tá eles vão vir agora.

Profª eles não podem faltar eles precisam dessa aula.

Profª eu pedi a profª deles para mandar um bilhete para você. Certamente ela ainda vai mandar.. mãe então tá bom.

Profª pega a chamada e diz vamos ver então quem está aí..

3º recorte 7:25

“L” já tem meia hora que estou sentado sem fazer nada...

profª eu vou Ter que pegar o “L” e tirar ele da sala para ele deixar eu trabalhar.

“L” então porque ele não para de arrastar o pé no chão..

profª Cadê o “M”

mãe do aluno que chegou na sala: “ filho esse dinheiro é para comprar bolacha...

profª Cadê o “E” todos riem .. profª cadê o “JC”... O aluno “L” está rindo o tempo todo

profª eu vou Ter que tirar o “L” da sala para ele deixar eu trabalhar..

“L” tia sabe porque eu faltei, 1 vez por causa do acampamento da igreja...

profª “L” eu sei que você faltou por causa do acampamento.

profª hoje a 1ª coisa que vamos fazer é ler. Nós vamos ler quem gosta de ler aqui. Quem é que vem aqui à tarde na sala de leitura locar livros.

Profª posso perguntar a bibliotecária quem veio aqui locar livros?

“J” eu já loquei..

profª depois daquela aula que a tia”A” falou para locar livros quem que veio fala pra mim...

“M” eu loquei um grandão.

Profª então vamos fazer um trato à partir de hoje, quando você vier a sala de leitura, você pensa eu vou locar livros, e escolhe o que você quer ler... pode vir, aí você vai Ter chance de escolher livros, é bom que você escolha.

4º recorte 7:34

“L” tia eu posso contar uma história hoje?

Profª no final da aula se sobrar tempo você conta tá?

“L” aí eu pego um livro aqui tia que eu já li e conto.

Profª não... mas aí não vai dar tempo... se você quiser contar a estória vai ser na próxima aula. A gente pode fazer assim, você vem pega o livro, leia e depois conta a estória...

Profª agora eu vou distribuir um livro para cada aluno e ele vai ler em silêncio, vou marcar o tempo 20 min tá bom.. depois vamos conversar sobre eles...

Profª ah! gente hoje é o último dia da nossa etapa, agora você vai Ter que aguardar bilhete e ver se a profª vai convocar você ou não para a recuperação paralela.

5º recorte 7:45

“L” eu vou fazer tudo errado para mim vim de novo... vou fazer “Z” no lugar de “S”...

profª não mas aí você pode... aí todo mundo vai pensar que você não sabe... se você gostou da aula de recuperação peça para a tia “L”(coordenadora), conversa com ela.. fala..olha.

“L”...me põe em todas até o final do ano..

profª ótimo conversa com a tia “L”, certamente ela vai deixar.

Profª olha a tia “A” quer que você venha para que melhore as notas lá, sabe porque se você ficar estudando todo dia de manhã e não melhorar em nada, sabe o que a sua profª vai falar... aquela profª “A”, não sabe nada não... se você chegar lá e fizer tudo trocado “S” pelo “Z” sabe o que acontece..

Profª você também gostaria de continuar na recuperação paralela “M”, “CA”, “R” ?

“M, C, R, sim profª

profª ah que bom!

Profª Olha a tia”A” quer qu você venha porque eu quero que você melhore as notas lá, sabe porque se você ficar estudando todo dia de manhã e não melhorar em nada, sabe o que a tia sua profª vai falar? ... aquela profª “A” não sabe nada não... aí “L” se você chegar lá e ficar trocando tudo, sabe o que acontece?

“L” eu falo que estou com as vistas ruim

“L” se eu estiver com as vistas ruim e fazer as letras erradas tia... profª aí você vai pedir a profª para falar com sua mãe para te levar ao médico.

“M”, no 1º bimestre na prova de matemática eu tirei nota muito ruim, 7,7 eu falei vô se eu tirar nesse bimestre nota maior que 7,7 o sr me dá R\$ 5,00 reais, sabe quanto eu tirei 9,0.

Profª nossa que bom..

6º recorte 7:50

“L” eu tiro só nove pra cima..

Profª a 1ª coisa que nós vamos fazer é ler o livro “A bomba Boa”

Profª a primeira coisa que nós vamos fazer é ler....

“L” tia eu quero da bomba boa..

profª nós vamos ler juntos, quem já leu vai ler mais uma vez

“L” bomba boa, bomba boa, ôpa vou locar ele...

“R” não “L” ele é muito ruim

profª ah! você acha ele ruim? Já leu ele?

“R” ja não gostei.

“M”eu já li e achei legal...

Profª vamos olhar como é o nome do livro, primeiro olhar...

“L” começou a ler a história em voz alta sem parar..

profª quem foi que escreveu esse livro?

“R” Ivan Luiz

profª quem é a editora, alunos em voz alta editora Lê.

Profª a edição 10ª

“L” edição 10

profª eh isso mesmo “L” edição 10.

“L” a bomba boa tinha um coração

profª então vamos ver se ela tinha mesmo... agora eu quero que você preste atenção que nós vamos fazer a leitura assim: cada um de nós vamos começar aqui oh! Esse

coleguinha vai ler a 1ª parte quando terminar todo mundo vira a página e acompanha quando chegar no “R” nós vamos passar a folha para essa coleguinha, depois para esse, para esse aluno...

recorte nº 7 8:00

“M” não tia começa com o “L”

“L” então vamos começar comigo

Profª nós vamos começar com você “L”, vamos lá porque você acha que nós vamos começar com você..

“L” porque eu sou bonito..

profª “L” você é realmente muito bonito, mas se você ficar fazendo gracinha, você vai se tornar o menino mais feio dessa turma e é isso...

“L” algum tempo atrás quando o mundo era... (foi passando página por página, aluno por aluno a leitura) até passar por todos..

profª agora vai ser assim cada fila vai ler junto comigo, cada página dessa, a página 12 essa fila aqui vai ler junto e te acompanhar... vamos ler essa fila aqui junto com a tia.. um dois e.. alunos em voz alta...

profª “L” você está dormindo o que aconteceu...

“L” tô sim...

profª essa turminha e depois que ela explodiu... o que que aconteceu?

“L” caiu em um monte de ...

profª vamos ver de novo.. todo mundo junto.. vamos lá.. agora feche o livro e deixa aí no seu lugar quietinho... pronto.. quem consegue contar a história para nós sem o livro

“L” deixa eu, eu

profª conta para os seus colegas...

profª agora feche o livro e deixa aí no lugar quietinho... pronto...

profª vamos ver quem consegue contar a estória...

profª ah, então conta para seus colegas...

“L” a bomba boa tinha coração, mas as outras bombas não tinha coração aí até que um dia ela foi levada por um avião ruim, ruim, né tia?

Profª foi levada prá que “L”?

“L” foi levada para destruir uma cidade ..

profª e depois “L”?

Recorte nº 8 8:15

“L” aí ela quando viu que ia cair, ela fez um grande esforço para cair na Fena, e depois que ela caiu na fena. “M” riu tia apareceram as crianças para brincar com ela.)

Profª “L” não é fena é feno.

“L” depois que ela caiu no feno tia apareceu crianças para brincar com ela.

Profª= aí apareceram crianças de verdade para brincar com ela foi assim?

“L” depois ela foi de novo pegada e , o avião e explodiu flores..

profªvocê quer complementar a história do “L”, você acha que o “L” contou a história correta, faltou algum pedaço... o que que o “L” fez?

“C”, faltou alguma coisa... ele contou certinho “M” não concorda não?..

“J” faltou uma coisa, das crianças, era um sonho...

profª ah! Ele trocou ele esqueceu de falar que era um sonho...

“L” não tem nada a ver tia é a mesma coisa...

profª deixa ela contar do jeito que entendeu..

“J” era uma bomba ela chamava bomba boa.. ela tinha um coração nenhuma bomba tinha coração, aí um dia ela foi levada pelo avião mau Alunos (riram) aí eles ficaram querendo que ela ciasse e na hora que ela ela caiu , ela caiu no feno e sonhou que tinha muitas crianças querendo brincar com ela. Aí vieram os homens maus chegaram e pegaram queriam que ela explodisse nas cidades, aí ela fez um esforço muito grande, aí todo mundo fizeram festa e ela explodiu flores...

“L” só isso muito bem, bateu palmas..

profª no final acabou o livro, foi assim todo mundo fez festa!

“Jr” não foi assim que acabou... acabou que o menino pegou a flor mais bonita do amor..

“L” coração né tia?

Recorte nº 9 8:28

Profª em forma de amor.. todo mundo já sabe a história, agora todo mundo tava falando que a bomba caiu no feno. Quem sabe o que é feno?

Alunos em voz alta... é aqueles trenzinho amarelo que a vaca come...

Profª ah! A vaca come, todo mundo concorda com a resposta dele.. é uma coisa que a vaca come..

“L” é aqueles trenzinho amarelinhos..

profª aqueles trenzinhos amarelinhos.. alguém já viu... onde vocês viram

“JR” eu já..

profª onde vocês viram, na televisão...

“M” na roça, um monte de farelinho

“R” eu vi na fazenda onde fui para o acampamento

“L” eu vi no meu tio...lá na roça...

profª como é que é isso... os homens cortam capim e fazem assim oh! Fazendo os gestos com as mãos e amarra, fazem pacotinhos e amarram e guardam para quando faltar alimento para o gado eles colocarem então aquele monte de capim amarradinho.. eles fazem pacotinhos e amarram...

“L” não é tia a máquina ..

profª muito bem a máquina amarra prensa aqueles pacotinhos e aí guardam como já disse para quando faltar alimentação para os animais.

“L” é uma casa cheinha..

profª é eles guardam no galpão, e aí a bomba boa foi cair num pacote de feno, capim seco, tava macio ela caiu lá não deu para explodir porque estava macio, ela caiu lá...

estava tão macio, que ela chegou a dormir né? Deu uma balançadinha ela dormiu e aí que veio o sonho... ela sonhou de novo que chegaram aqueles homens que não eram bons... Já pensou ela sonhou, graças a Deus, cai aqui e não explode.. não mata ninguém.. que coisa boa... porque que vocês acham que aqueles homens não eram bons..

profª Já pensou, ela sonhou graças a Deus , caiu aqui e não explodiu, não matou ninguém, que coisa boa...

“L” porque não tinham Deus no coração

profª ah! É eles não tinham Deus no coração.. e porque agente sabe que eles não eram bons..

“L” é porque o capeta tava lá...

profª ah! É porque eles carregavam as bombas.

“CA” eles pegavam as bombas para explodir as cidades...

profª então agente já sabia... aí ela sonhou que chegava aqueles homens colocavam ela no caminhão e levava pra onde?

Alunos ao mesmo tempo.. levava para o avião para explodir as cidades.

Profª mas, quando ela caiu no monte de feno... foi porque o homem soltou ela aqui oh!
Gesticulando..

“CA” não é porque ela fez um esforço e desviou...

profª conseguiu desviar e aí na hora de soltar quando ela sonhou de novo os homens pegaram ela e na hora de soltar o que acontecia...

“L” ela sonhou isso...

profª é ela sonhou

“L” como ela sonhou tia?

“R” ela sonhou com a cabeça né. Alunos riram

profª aqui vamos ver, achem por favor a página 13, todos vocês vão entender. 1º você vai entender a história não há mais dúvidas..

“L” aqui oh! Tia tá certinho... era um sonho

profª nós não vamos copiar, nós vamos é desenhar...

alunos oba!

Profª agora já que você entendeu, não há mais dúvidas... não... então vamos fazer o seguinte...

Profª eu gostaria que você pegasse o seu livro e deixasse embaixo da sua mesa....

“L” tia filma agente...

profª não deixa lá

profª a aula de recuperação é pouquinha se você ficar fazendo isso você perde tempo... guardou o livro? Que coisa linda... guardou..

“L” vou copiar o livro...

profª porque você vai copiar o livro?

Profª essa folha não tem espaço para colocar seu nome sua série, em alguns aí eu risquei, outros não...

“CA” que dia é hoje?

“R” não sabe dia 05...

profª encima da palavrinha recuperação paralela eu quero que você coloca nesse pedacinho que tem aí, seu nome, série e data. Pode ser só o 1º nome e aí você acha espaço e coloca a data de hoje.

Profª todo mundo pôs a data o nome, série... agora eu quero que você faça... não adianta pegar o livro e copiar... eu quero ver o desenho... se você quiser mudar a história.. dar outro nome para a bomba você pode... eu quero que você faça o seu desenho e aqui conte a história que você escolheu...

Profª ou você pode contar a história com suas palavras ou você pode interferir na história... você pode colocar alguma coisa que você queria que acontecesse e não aconteceu... você pode dar outro final.. você vai modificar o que quiser modificar...

Recorte nº 10 8:32

Profª vamos agora só dar uma olhadinha no livro não é para copiar é para olhar... pronto agora guarda... olha só como é o desenho da bomba. Essa bomba vai Ter que tá aí.

“L” agora é hora de desenhar, ótimo.

Profª se você não guardar o livro a tia “A” vai Ter que recolher.

“R” profª aqui está o meu livro...

“L” você é bobo pra que foi entregar o livro, porque não ficou com ele para olhar..

“R” assim agente usa a honestidade... Quando ele olha no livro não...

profª de preferência guarde assim oh! Gesticulando com as mãos de jeito que você não vê. Porque se fosse para copiar eu dava os livros... esse é o desenho do autor eu quero ver o seu desenho...

recorte nº 11 8:35

“M” mostra o livro... o meu tia a senhora não recolheu...

“L” “M” porque você falou...

profª porque ela está usando aquilo lá oh! A honestidade... o respeito... será que é melhor agente ficar com o livro enganar a profª e fazer de conta que esqueceu... quando a profª fala que não é para agente copiar eu copio isso é honesto? Agente tá usando o respeito e a honestidade...

“R” tia o meu coração está torto... fica a vontade mas a bomba tem que aparecer no seu desenho.

“L” a não porque tem que aparecer?

Profª mas se tá falando da bomba, não vai ter que aparecer...

“H” tia deixa o livro para agente ver o desenho...

profª não você vai fazer sozinha...

recorte de nº 12 8:40

alunos entre si olha minha bomba mostrando o desenho um para o outro...

“CA” até agora não fiz nada... vou fazer ela maior...

“L” vou fazer um avião é uma bomba...

“L” meu avião tá bom gente?

“R” é tá ficando bom

“L” vou dirigir ele agora... ri, é só pegar ela.

“R” aqui minha bomba...

“L” comando aéreo...

profª nós vamos deixar só o tempo necessário para fazer isso senão não fazemos outra atividade... nós ainda temos que terminar a outra tarefa... então por favor não brinca agora não...

“L” como é que eu estou dirigindo ? agora a bomba boa vai cair oh! Oh!...

profª será que é bom agente olhar no do colega ver o que ele tá desenhando e fazer igualzinho o dele..

profª tem que pensar na hora de começar... não pinta agora não, se não der tempo de pintar, pintamos no final da aula, a tia agora quer o texto... você tem que usar uma linha para colocar o título que você pode usar o mesmo ou modificar...

“L” tem que ser o mesmo tia? Agente pode copiar né?

Profª se você quiser pode copiar o título e escrever com suas palavras aí, na outra linha... se você quiser pular outra linha, vai ficar mais organizado... e aí você vai começar a sua história. Nossa história vai Ter que Ter: título, começo, meio e fim, não pode esquecer...

“L” título vai ser a bomba boa.

L) bomba boa, começo, meio e fim, (ri)

Profª “L” fazendo gracinha aqui...

“L” ri o tempo todo e fala é legal não é...

profª deixa os coleguinhas pensarem, “R” começa a escrever senão passa da hora.

“L” tia olha lá o Mr PM...

profª se você ficar brincando o tempo todo não vai dar tempo.. responde vai dar tempo de fazer o trabalho.. responde para a tia.. vai?

Profª assim você atrapalha os seus colegas e você.

“L” como eu vou fazer o meio tia...?

“L” se eu fizer 6 parágrafos tá bom?

profª do jeito que você quiser... você vai pensando.. no começo que você chega no meio e no final. Vamos voltar ao nosso assunto, nós não estamos falando do texto e sim das suas brincadeiras... se você ficar falando o tempo todo vai dar tempo?

Profª você vai contar como a história começa “L”

“L” eu sei o começo profª, o meio não é tal parágrafo assim não, o meio da história é o que aconteceu e o fim é como acabou.. você entendeu?

“L” só entendi o início e o fim o meio não.. tá difícil..

profª vamos voltar a história... tinha uma bomba e as bombas eram as armas mais perigosas que tinham para destruir cidades e aí o que aconteceu... conte a história. Quando você está falando como ela era você está no início, lá no meio você está falando o que aconteceu como ela era você vai está falando sobre ela.. e no final o que ela fez... não tem que Ter um parágrafo atrás do outro...

profª “R” começa a escrever, senão passa da hora

profª ah! De novo deixa eu pensar uma coisa junto com vocês que eu estou percebendo que vocês estão voltando a fazer outra vez... presta atenção... aqui é a folha da tia “A”... tem gente que tá fazendo assim oh! Gente olha o meu parágrafo. É no meio ele falou que é aqui.

“CA” não é no meio não, tem que colocar o dedo.

Profª ah! Não é assim não... nós já discutimos isso... isso aqui oh! É travessão e agente usa quando os outros vão falar... onde tem tracinho é espaço isso.... parágrafo é espaço... vou começar aqui... olha eu escrevendo texto...

Profª parágrafo é isso gente... não é para usar caneta agora , nós vamos usar lápis

Profª se agente deixar só um pouquinho de espaço as pessoas vão entender que é um parágrafo.. aprendam a colocar o dedinho... todo mundo que ver o seu texto vai falar esse menino usou travessão quando é que nós usamos travessão... nós já vimos.. prá que... ninguém sabe. É que tem alguém falando aí agente espera ele sair para depois falar. Só quando tem um diálogo...

“L” é um diálogo...

“H” tia como que escreve alguns...

profª assim oh! Escrevendo no quadro

“M” como escreve explodiu

profª mostra no quadro

profª depois vamos corrigir juntos.. não é a quantidade de linha é a qualidade do texto

profª ah! Que pena temos um joguinho legal de matemática para fazer e não vamos fazer...

“L” mas porque?

Profª porque vocês ficam conversando e não vai dar tempo

“L” terminei tia tudo agora me dá a tarefa bem rápido já terminei nem...

profª vamos precisar usar o papel que você escreveu tudo ai...

“L” vai Ter que por fim aqui

profª aí você contou início, meio e fim nos eu texto olha..

“L” no final da aula vou filmar a tia...

chega nesse instante alguém e chama a professora na porta.

“L” fica fazendo graça

enquanto a professora conversa com a pessoa na porta, “L” me chama (pesquisadora) para explicar como escreve a palavra feno.

Pesquisadora , vai até ele e ensina.

Profª volta e diz “L” nosso tempo está acabando... porque você pulou um alinha aqui?

“L” para não ficar emendado

profª !L! no texto a gente não pula linha no meio...

“M” ah! minhas costinhas...

“L” tá dando amor nas costinhas dela...

“L” tia pronto terminei...

recorte nº13 8:45

“L” fim... tia terminei, tudo agora, me dá outra tarefa, tia rápido, rápido, já terminei, não perde tempo... você está fazendo eu perder tempo...

“L” tia na hora que eu terminar isso aqui posso embora?

Profª não, olha dá uma olhadinha no que a tia “A” escreveu aqui.... olha no seu texto...

“M” tia aquela parte que ela foi pegada pelos homens?

Professora se aproxima da pesquisadora e comenta: “ sinto muita dificuldade em trabalhar com alunos de séries diferentes na mesma aula, me explica como funciona a recuperação paralela, notas como são dadas

Profª “M” vamos?

“L” vou por aqui no meu texto a “H” e o “LU” os dois namoradinhos...

“LU” para de conversar “L”

“L” tia eu já terminei

“L” como que escreve coração?

Profª pensa “L” capricha bem na sua letra, faz devagar que fica bom.

“L” terminei pode confirmar.., vem aqui por favor.Tá certo tia? Não tem nenhuma letra errada não?

Profª depois nós vamos corrigir juntos...

Profª não é quantidade de linhas que conta é a qualidade do texto...

Recorte nº 14 8:50

“L” tia tem gente começando agora, não dão conta de nada... eu sei que sou caduco tô dando conta.

Profª terminem logo que vou propor outra atividade

“L” então vamos fazer tia?

Profª ah! mas acho que não vai dar para fazer?

“M” mas porque tia?

Profª porque vocês ficam conversando e não vai dar tempo...

Chega uma pessoa na porta da sala

A professora vai até lá.

Recorte nº 15 8:55

“L” comenta a tia nunca viu a minha mãe....

pesquisadora : a sua mãe não vem buscar seus resultados... não vem nas festinhas da escola?

“L” minha mãe trabalha para uma mulher na casa dela o dia inteiro, a mulher tem criança e ela não pode sair...também ela não tem roupa não.

Professora: escuta ao voltar da porta... porque você não trás ela aqui?

“L” porque não tem mais recuperação paralela... pois é mais...

profª conclui. Nós vamos fazer um joguinho legal na aula de matemática, a tia “A” está cheia da grana...

“CA” tia então me dá um real

profª toma 1 real, me dá mais um tia..

“H” me dá cinco reais

“L” eu quero 50 reais tia...

“M” achei que era dinheiro de verdade tia...

profª espera um pouquinho

“H” quanto você ganhou Jr. Bem que podia ser de verdade

profª quem levantar do lugar está fora do jogo.

Profª agora olha a quantidade que você tem

Profª eu vou dar umas pratinhas

“L” tô rico, tô rico...

“CA” eu só tenho 1 real

“M” eu tenho 100

alunos se movimentam contando o dinheiro

“CA” centavo eu não tenho...

profª agora eu quero que você faça continha... gente ainda temos atividade para terminar... organiza a conta eu quero ver a conta

“L” sou pai Diná...(referindo a mãe Diná)

profª eu vou olhar a conta se o aluno tiver pouco eu dou mais e nossa gente jazinho você pode ganhar mais dinheiro...

profª “JR” é no papel que é para fazer conta não é na carteira, eu quero que apague. Se você ganhou 10 reais cada nota dessa vai ser uma parcela da conta.

“M” fiz a conta fiquei ricaça.

Profª quem levantar do lugar tá fora do jogo

O “L” continua fazendo gracinhas..

Profª vem cá “L! que eu quero Ter uma conversa com você... dá um tempo pessoal..

Leva o “L” para o canto da sala.. e conversa com ele (não dá para ouvir a conversa)

Profª volta com ele para o lugar e diz não levanta daí, senão você vai se entender com a coordenadora e não é mais comigo..

Recorte nº 16 9:05

“L” olha os meninos todos de pé e você não fala nada....

“L” 20, 30, 40

“R” me dá?, preciso de 400

recorte nº 17 9:08

profª sentou... “L” preciso de 150.. você dá prá mim..., a senhora dá pra eles.

Profª agora olha a quantidade que você tem

Profª eu vou dar umas pratinhas para todo mundo

“L” tô rico, tô rico...

“R” eu só tenho R\$ 1,00

alunos movimentam contando o dinheiro

“CA” centavo eu não tenho

“M” eu tenho R\$ 9,50

“CA” eu tenho só R\$ 7,00

profª agora eu quero que você faça uma continha... a gente ainda tem uma atividade para terminar...

“L” não ganhei nem 100.

Profª organiza a conta que eu quero ver...

“M”, cento e sessenta....

“R” cento e dezoito...

“M” fala baixo...

“L” tia fala para eles falarem baixo eu nem tô falando nada...

profª Jr é para fazer conta no papel e não na carteira, eu quero que apague...

“M” fiz toda a conta estou rica.

Profª depois vamos conferir...

Profª acha um jeito de fazer a conta

Profª gente vamos ajudar o “L”, olha o “L” ganhou isso aqui.. vamos olhar? Aí ele juntou isso... tudo dá R\$ 58,65 conta comigo “L” $50 + 10 + 5 + 1 = 66$, com mais 1 = 77 e agora ...

Profª depois vamos conferir “E” cadê a sua conta... que pena nossa aula acabou...

Reflexão sobre os recortes.

Recorte nº 1

- a professora dá um significado único para o tempo, tirou o sentido, fala só do significante. O conceito que ela faz da criança ela atua na formação do conceito.

Recortes 2, 3, 4

- Outras questões contraditórias, ela fala para não perder tempo e passa a aula toda conversando com os alunos fazendo com eles perdessem tempo com sermões chegando a irritar o aluno o aluno "L" ele sinalizando e ela não percebendo o recado dele.

Recorte nº 5

- Aqui "L" parece fazer "média" com a professora, no sentido de manifestar que gosta muito de estar com ela na recuperação paralela.

Recorte nº 6

Contradição de "L", porque ele na conversa com a colega "M", reconhece que só tira 9,0 para cima. Mas mesmo assim está na recuperação paralela.

Recorte nº 7

- O conceito de bonito para a professora é aquele aluno que não "incomoda". A mesma muda o significado dependendo da expectativa dela. Ela instiga o aluno.

Recorte nº 8

Professora dá oportunidade do "L" falar e mostra a pronúncia da palavra correta.

Recorte nº 9

- Através de "contraposições", as informações vão aparecendo (alunos usando os conceitos cotidianos e espontâneos) tornando os conceitos mais claros e a profª vai fazendo a construção do conceito. Ou seja, o que ela quer saber é da onde vem, quando ela investiga a origem, ela tem acesso ao raciocínio da criança, então ela pode formar. Mas quando ela não investiga, não tem acesso à direção do pensamento da criança.

Recorte de nº 10 e 11

- A professora aproveita a "deixa" dos alunos para mostrar 2 conceitos que na realidade é o slogan da escola: honestidade e respeito. Contudo reafirma os conceitos religiosos. Aproveita os conceitos escolares para manter o conceito religioso.

Recorte nº 12

- Utilizando de uma consigna o aluno transforma o desenho da bomba em outro objeto o avião, mudando o significado. A professora aqui não utiliza da representação que o aluno faz dando continuidade ela corta a criatividade.

Recorte nº 13

Novamente “L”, vem cobrando da professora a questão do tempo. Isso desencadeia na mesma um processo de irritação que reverte sobre ele. No momento em que não a ataca, é como se ela já estivesse com reservas com ele, ela o contra ataca.

Recorte de nº 14

O conceito que “L” tem dele mesmo é contraditório. Mesmo sendo um “caduco”...”eu dou conta”... e os outros não sendo não dão.

Recorte nº 15

“L fez esse comentário pelo fato da mãe de um colega chegar a porta da sala. “...minha mãe não participa de nenhuma atividade da escola, nem mesmo das festas...porque ela trabalha para uma mulher na casa dela o dia inteiro, a mulher tem criança e ela não pode sair... também ela não tem roupa não.

Fica evidenciado a condição social de “L” diante do grupo de classe social mais elevada, onde a mãe não participa por ser pobre, não ter roupa para ir na escola e precisar trabalhar para os outros o dia inteiro. Essa condição parece não lhe dar o direito de conviver na escola em que o filho estuda.

A professora não dá muita ênfase ao comentário de “L” e procura logo entrar no conteúdo.

Recorte nº 16 e 17

Mais uma vez “L” se sente excluído e injustiçado quando denuncia a professora no momento em que ela chama sua atenção e não chama dos colegas. Ou quando faz um pedido a ela e imediatamente já vem com ar de comparação “a senhora dá para eles e não dá para mim”...

13/10/99 professora “A” recuperação paralela

início da aula:7:10

duração da fita: 1hora e 50 minutos

estratégia da aula utilizada pela professora: manuseio de réplicas de cédulas com valores iguais ao dinheiro através de desafios com os alunos, folha xerocada de matemática e português.

Conteúdos: português leitura e interpretação de texto, retirando substantivos palavras quanto ao número de sílabas.

Matemática: contas, armar problemas. Preço de mercadoria valor a ser pago.

Cheguei só o “L” havia chegado, cheguei junto com a “M”, professora estava aguardando os alunos chegarem enquanto isso deu um gibi para quem tinha chegado ler. Profª entregou folha xerocada para os alunos. Se você não completar o cabeçalho como é que eu vou saber de quem é a tarefa. Tem gente que deixa sem nome.

“L” pronto tia terminei

profª isso...

“L” vira para trás e pergunta para pesquisadora... tia você vem hoje a tarde né?

Pesquisadora: não “L” eu deveria ter vindo ontem e ontem foi feriado, eu venho na Terça-feira e na Quarta.... hoje é meu dia... “L” ah é hoje é Quarta.

Pesquisadora: aí ficou para Terça-feira da semana que vem “L”

Profª aproxima preenche aqui entregando as cédulas para terminarem a tarefa...

“M” terminei de ler o gibi.

Profª coloca embaixo da carteira.

Profª pronto todo mundo concluiu... completou nome, depois a tia não sabe de quem é a tarefa.... completa por favor...

“M” que dia é hoje? 13/10/99

profª eh, 13/10

“M” eu nasci em 27/07/91, dentro da barriga de minha mãe às 9:00 horas

profª ah! você nasceu as nove horas da manhã.

“M” não nove horas da noite

“L” e eu que sou de 89...

nisso “R” conversa com a pesquisadora

“L” então ela tem 8 anos, mesmo eu sou de 89 prof 99, “L” não 80.

Pesquisadora: ele fez aniversário na semana passada tia “A”.

Profª ah! ele é de 3ª feira passada não é “L”?

Profª foi o seu aniversário que legal quantos anos você completou “L”

“L” 10 anos.

Profª profª que coisa boa, parabéns atrasado, a tia não viu você nesses dias. (deu um beijo nele)

Profª não tem ninguém lendo gibi mais né? Todo mundo já guardou o gibi. Então hoje nós vamos começa matemática.

“L” esbarra na profª e as cédulas que estão na sua mão caem.

Profª e “L” caiu tudo no chão... ele recolhe. Eu quero que você conta o dinheiro que você recebeu põe organizadinho do jeito que você quiser.

“L” 100, 150...

profª veja quanto que você recebeu para começarmos a trabalhar...

“L” 150

profª “R” não te dei dinheiro? Não ... não te dei nada? Dei sim...

“L” 66, 67

profª vê quanto você ganhou mais do que seu colega ou se foi igual...

“M” 160

“L” 167

profª ah! “L” um de uma moedinha de R\$ 1,00 né?

Profª conta aí pra ver...

“M” tia você tá filmando?

Profª porque “M”

“M” porque eu tô com sono..
profª uai, deixa ela filmar do jeito que você está. Pronto. Ah! não te dei moedinha não para a aluna “S”.
nesse momento o aluno “R” pede ajuda a pesquisadora para contar o dinheiro dele.
Pesquisadora: ajuda
Profª vamos ver quanto cada um recebeu.
“M” vamos profª quem sabe...
“M” 160, e 90 centavos
profª cento e sessenta reais e noventa centavos só... deixa eu ver...
“L” tia eu não ganhei 100...
profª 159, 160, 165, 166...
profª “M” 166,90
“L” eu não tenho 90
profª pera aí eu não te dei..
“L” você me deu R\$ 1,00 né tia.. Vamos contar comigo. “L” 100, 150, 160, 165, 166...
conta as pratinhas também separadas.
“L” 165, 80, 90
profª então conta aqui e junta esse com esse “L” dá R\$ 66,90
profª vai onde eu estou com o “R” e conversa comigo. “R” não precisa juntar as parcelas basta contar o dinheiro, nós vamos fazer uma lista de compras.
“R” vira para frente
profª você já sabe quanto você recebeu “R”?
profª pera aí agora sabe o que nós vamos fazer? Eu quero que você faça pra mim nesse quadro branco que tem aí, tá vendo, uma lista de compras tá? O que que você pode comprar com o dinheiro que eu dei para cada um de vocês. Vai por o nome do produto e o valor dele. Com R\$ 100,00 o que você poderia comprar?
“L” não sei tia.
Profª não sabe?
“M” um carro.
Profª será que R\$ 100 reais dá um carro?
“L” uma casa.
Profª será que dá para comprar uma casa?
“R” tia, tia, dá para comprar uma televisão.
“L” não dá.
“M” uma pequena dá
profª porque você acha “L” que não dá para comprar?
“L” uma televisãozinha pequeninha assim gesticulando dá.
“M” existe professora aquelas do Paraguai.
“R” meu pai tem uma.
Profª “L”, então você acha que R\$ 100,00 dá para comprar uma televisão pequena?
“L” compraria um monte de carrinho
profª ah! um monte de carrinho, mas não precisava compra exatamente tudo em carrinho. Podia comprar R\$ 30,00 ou R\$ 20,00 não podia “L”
“R” um video-game comprava...
profª o que mais você acha que comprava.
“M” um play send, meus irmãos tem
profª R\$ 50,00 dá para comprar o que?
“M” um ventilador
profª legal mais...
“L” livro

“M” quadro

recorte nº 1 7:26

profª quanto custa a apostila do positivo

“L” R\$ 39,00

profª ah! é R\$ 39,00, esse dinheiro daria para pagar M ?

profª mesmo tem certeza, voltava troco...

“M e L” voltava.

Profª quanto? “M” R\$ 21,00

Profª ah! R\$ 21,00 será mesmo? “L”

Profª nossa o que compraria com R\$50,00

“L” chovê...

“M” uma caderneta...um cesto de lixo

“L” uma mesa tia

profª ah! uma mesa com carteira dessas

“L” é

recorte nº 2 7:32

profª agora com R\$ 10,00 o que vocês acham que comprariam “L”

“L” comida, arroz, feijão, carne, leite, óleo...

profª ah! isso. O que você compraria “S”

“S” um caminhão de brinquedos...

profª falando em brinquedo ontem foi o dia da criança, vocês ganharam muitos brinquedos?

“R” eu ganhei um barco com motor profª

profª você ganhou um barco?

Profª e você “M”?

“M” ganhei uma caixa de bombom

recorte nº 3 7:48

profª você ganhou “L”

“L” não, não ganhei nada....

profª nadinha, nem um abraço? Um beijo da sua mãe?

“L” não prof.

recorte nº 4 7:50

profª o que vocês comprariam com R\$ 10,00....

“L” eu ia comprar um monte de coisa... arroz, feijão...carne...

“M” eu ia fazer uma coleção de adesivos

profª ah! você ia comprar adesivo

profª e você ia comprar livros... legal.

Profª e com R\$ 5,00 reais o que que dá pra comprar

“L” cadeira.

“M” sandália, sandália rasgada

profª um tênis dá pra comprar

alunos.. não

profª será?

“M” uma diadema

“M” uma camiseta...

profª uma camiseta dá.

Profª e com R\$ 1,00

“R” balinha

“L” chiclete

“L” uma bolacha gostosa.

“M” um colar
profª e com 0,50 você compraria o quê ?
“R” uma laranjinha
“M” um salgado
“L” um vale refrigerante
“L” pamonha
“M” lá perto de casa tem umas pipoquinhas, custa R\$ 0,10 dá para 5 dia Profª tá correto
“M”
profª e com R\$ 0,10 heim?
“M” mais nada..
Profª alguma coisa dá
Profª e 0,25
“M” um picolé
profª ela compraria um picolé
“L” uma bengala de chocolate.
“R” um lápis
“S” uma bola de sorvete, lá perto da minha casa vende.
Profª agora que pensamos, dentro desse quadro aí eu quero que você coloque o produto, o que você quer comprar tá? O nome dele aí e põe o preço na frente... olha o dinheiro que você tem e pensa o que dá para comprar
Profª você pensa e já anota.
“L” sopra os dinheiro que estão sobre sua mesa e joga no chão. O colega “JR vê e ele faz sinal com o dedo na boca de psiu!
Profª “L” onde estão suas cédulas que te dei?
“L” no chão profª
profª levanta e pega por favor.
Profª oh! façam com todo o dinheiro que tem as compras.. Com as notas que você recebeu faça seu planejamento e veja o que dá para comprar..
“L” jovem pan
profª vamos supor que você quer comprar um tênis, uma mochila um lanche o que quiser... Então pensa no dinheiro. E anota.
“R” solicita a profª na carteira e ela vai.
Profª toda vez que vamos escrever centavos como é que eu começo a escrever...
“L” só cinqüenta e pronto
profª é assim que escreve?
Profª qual a diferença entre 0,50 centavos e 50,00 reais?
“L” por causa dos dois zeros depois da vírgula.
Profª eh isso mesmo.
Profª e os centavos quem sabe?
“M” se levanta
profª não só fala...
“M” tem um zero antes da vírgula.
Profª no quadro ah! então é isso antes da vírgula tem um zero, depois é que coloca o 50.
“L” eu esqueci tia...
profª mas já lembrou né?
“L” você tem aí 10, 3, 00, 50
profª e cinco centavos.
“L” compra uma televisão?
Profª não como que escreve? “L”
“L” é assim oh! Põe o zero o cinco eh! Igual a moeda

profª ah o 0,50 centavos é assim... será que tá certo?
“L” não tia é assim oh, dois zeros 0,05
profª ah! que mais que vocês tem aí?
“M” 14,00
“R” vira para trás e pergunta... profª se aproxima dele e pergunta alguma dúvida?
“M” profª eu não estou entendendo nada...
profª vou te ajudar vamos ver. Coloca aqui oh! O nome do produto e o preço tá?
Profª não precisa comprar uma só coisa se você quiser comprar mais de uma pode, é só listar o produto e o valor.
Profª “R” será que vai caber tudo aí dentro? Do seu quadro.
“R” vai
“L” só isso tia de matemática?
Profª você está achando pouco?
“L” é pouco mesmo
profª você vai só fazer a lista depois vamos começar.
Profª gente nós temos que ganhar tempo olha...
“L” quantas horas?
Profª já são 7:40
“L” o tia você tá doida?
Profª não já passou muito tempo... o tempo voa, vamos lá...
Profª vamos ver quem vai terminar essa lista primeiro
“M” carma, carma...
profª hoje faltou muita gente.
Profª você tem que elaborar a situação problema. Tem que elaborar a historinha e calcular quanto você gastou com seus produtos... então pula uma linha, já elabora por favor... “R” você tem que escrever o problema completinho...
O sino toca
Profª agora é português...isso peguem o texto por favor e vamos acompanhar ler... vamos...
Alunos: conheci uma minhoca nascida em Pirassununga.... (leram o texto todo)
Profª você acha que dá para essa minhoca virar bicho de goiaba? E você acha que a dona baleia fazendo regime vira sereia?
Alunos; não , não
Profª agora vamos fazer assim, venham aqui na frente... um grupinho lá e o outro cá.. As mulheres vão ler primeiro os homens depois e finalmente todos juntos... vamos lá 1,2, 3 já.
Profª agora que vocês leram tentem resolver o exercício embaixo ok?
“M” eu sei...
Profª não fala...
Nisso entra a coordenadora... bom dia gente, bom dia, fala o nome de cada um.
Recorte nº 5 7:50
“L” olha eu aqui, ah! já te vi você é inesquecível “L” você tá virando o Ronaldinho, agora raspou a cabeça... não é para ficar o tempo todo de boné não ehn!
“L” vou tirar lá em casa. Meu cabelo estava grande.
Recorte nº 6 7:55

Coordenadora = eu passei aqui para lembrá-los de comprar o ingresso para Goiás ehn!

“L” eu acho que não vou não... eu conversei com ele minha mãe e eu não vou... coordenadora nos outros anos não tem mais esse passeio.

“L” vou fazer a tarefa substantivo próprio...

profª o que é substantivo? Isso aqui é nome de que? Substantivo não é nome... e aqui oh! É o nome de alguma coisa, endereço fruta... procura mais...

profª duas palavras paroxítonas. Você tem que olhar no texto. A penúltima sílaba tem que ser forte.

“L” substantivo?

Profª nós já estudamos isso aqui até mesmo o que é substantivo.

“L” substantivo é um trem que dá nome

profª isso mesmo, próprio é nome de cidade de pessoa anota rápido...

profª pena a aula acabou... eu falei o tempo voa, vocês demoram... vou recolher a tarefa.

Profª agora vamos devolver o dinheiro para tia “A” guardar? Moedinha aqui, dinheiro aqui.. próxima aula nós vamos fazer um joguinho bem legal...

Reflexão sobre os recortes:

1º recorte: professora mais acessível com os alunos e traz a experiência cotidiana para explicar os conceitos escolares.

2º recorte: parece que as necessidades de “L” diferem dos colegas quando usaria o dinheiro para comprar comida. Isso revela o quanto a vida econômica dele é limitada.

3º recorte: a professora investiga o dia das crianças e “L” relata que não ganhou nada, fica um pouco desapontado com a pergunta.

4º recorte: novamente “L” repete o que o dinheiro dá para comprar comida...

5º recorte ; a coordenadora deixa claro a “discriminação” quando utiliza a palavra você é inesquecível. Quanta imagem ela deve fazer por trás dessa palavra. Como se ele fosse “especial” no sentido pejorativo.

6º recorte: aqui a condição econômica mais uma vez aparece. Para ir ao passeio tem que comprar ingresso. “L” já consultou a mãe e ela não autorizou. Fica triste tenta disfarçar voltando para tarefa.

Dia 20/10/99

Início da aula : 7:10

Duração da fita : 1:45

Estratégia: leitura individual e coletiva (contraposição)

Conteúdo: livros literários, matemática contas, frações.

Cheguei os alunos já estavam na sala com atividades. Profª deu um livro para cada aluno ler com temas diferentes.

Profª chega na aluna que está com o livro o bichionário ... você imagina do que se trata...

Recorte nº 1 7:19

Profª “L” você está lendo o livro que fala sobre o petróleo, do que se trata?... não fala a parte que você já leu não...

“L” o petróleo é formado...

profª ah! Você está falando do que leu.. então vamos falar do final do livro... termina como?

“L” termina que o petróleo vai acabar daqui uns 50 anos...

profª termina acabando o petróleo??

“L” eh!

Profª vamos ver se vai acabar de verdade...

“L” gasolina... óleo diesel..

Profª passando a conversar com outra aluna, o seu é manual de boas maneiras.

Profª você não quer trocar esse; ou quer ficar com esse mesmo...

Profª o que será que fala esse livro de boas maneiras... outra aluna ah! Não tia eu já fiz sobre esse livro...

Profª o que você acha que é manual de boas maneiras, você tem idéia...

Profª tá falando é uma coisa boa.. então lê para você descobrir o que é...

Chega alguém na sala pedindo um livro para professora, ela vai atender

Enquanto isso alunos lêem seus livros

“L” sei tia... oh! Tia trem mais feio.... oh!

“S” salamandra....

colegas riram

profª volta e fala: se vocês brincarem um atrapalha o outro e não sai nada.

“L” olhando no seu livro... ah! Um bicho morto...

profª você sabe o que é uma leitura silenciosa “L”?

“CA” tia não estou entendendo nada...

profª quem não tá entendendo nada

profª você não está entendendo o que é inseguro? Dirigindo a carteira da aluna...

“L” aqui oh! tia principalmente na Arábia Saudita... no Irã e no Iraque...

profª de novo “L” o que é isso?

Profª Kwaite “L” Kwaite, não é no Brasil é outro país em outro lugar entendeu?

“L” o que eu faço agora? Copiar?

Profª você já leu tudo então é copiar..

“L” pronto tia... o que é que eu vou fazer agora?

Profª calma “L” e aí o que que falava o seu livro?

“L” o petróleo.. que no Brasil produz um monte de Petróleo.. do que outros países...

profª mais do que em outros países

profª ah! Então vai Ter que ler de novo...

profª tá falando do que , que o petróleo... é um líquido “L”...

“L” que é um ouro negro..

profª aqui tá falando onde ele é produzido, em Natal...

profª aqui tá falando o quê.. como é que tira o petróleo?

“L” enfia a mangueira no caminhão tira o petróleo e vai embora... ri brincando

profª olha aqui o que ele tá falando...

“L” ri.. tô brincando tia...

profª olha aqui a perfuração... ele vai jorrar por aqui, olha para você ver...

profª aí leva na refinaria...

“L” vai limpando ele faz algodão, faz asfalto, um monte de coisa... tinta aqui tá falando..

profª lugares no Brasil onde tem petróleo?

“L” eh! Prof, você sabe qual lugar do Brasil dá mais petróleo?... falou que sim no livro fala que no Brasil tem muito petróleo.

Profª aqui falou que no Brasil tem mais petróleo em alguns lugares que em outros... não

Profª ah! tem alguns lugares no Brasil que produzem mais petróleo que outros...

“L” aqui tem uns bichos mortos...

profª você tá olhando só desenho né?, tem que ler o texto...

“L” mais eu li...

profª vai até a aluna "C"... vamos ver o seu bichionário.. aí diz o quê? Começava com quê, com que letra começava os bichos.. porque será que ele chama bichionário..

profª ah! Porque segue as letras..

"CA" começa com a letra "A"

profª isso... você já leu até agora aí fala sobre o texto..

"CA" começa a contar a história baixinho para profª...

profª se dirige a outra aluna... e você leu o manual de boas maneiras? Até agora..

profª terminem que eu vou escolher um para ler para os coleguinhas.. Lê esse aqui oh!

Apontando para o livro da aluna... uma boa maneira que ela descobriu no livro...

recorte nº 2 7:23

"CA" uma pessoa bem educada tem cuidado com seus objetos... e com os dos outros... também oh! Tá falando gente educada está falando além dele Ter cuidado com os objetos dele ele também tem que Ter cuidado com os objetos dos outros.. se ele vê o objeto do outro caído ele não chuta, ele cata devolve para o colega..

profª é isso aí que deve ser feito.

profª nós vamos utilizar os livros que vocês estavam lendo... e as revistas

"R" nós vamos fazer uma colagem...

profª não nós vamos fazer uma coisa que não tem nada a ver com o livro você leu para ver se gostava do texto e descobrir "R" nós vamos fazer outra ... isso que nós vamos fazer hoje é... é só pesquisar.. só pesquisar palavrinhas... então vamos fazer nossa tarefinha nº 1 deixa esse espaço aqui em branco esse não é para usar não tá? Podem ir pondo as linhas aí...

nesse momento chega um aluno atrasado...

"L" isso é hora de chegar?

"R" profª é para deixar linha o quê?

Profª deixar espaço em branco. Depois a tia vai marcar ali o nome da cada um e vai marcar a pontuação o nº de palavrinhas que cada um achou.. vamos ver quem vai ser o campeão...

"L" deixa em grupo tia?

Profª em grupo não vai Ter que ser individual mesmo ... sozinho

"L" palavras que tenham o quê tia?

Profª não na letra "A" você vai pesquisar palavrinhas que tenham... que começam com ce ou ci, vamos ver... eu vou marcar o tempo... cuidado senão você vai ficar sem fazer nenhuma...

"M" pode começar tia?

Profª pode

Profª a palavrinha pode ser encontrada no início, meio ou fim da frase. Você lê a palavra na cabeça e copia na folha...

Profª tá valendo... tem vamos procurar, aqui embaixo vai fazendo assim ..

"L" eu sou o motorista biônico..

profª baixinho por favor "L"

profª vai em uma reportagem assim tem texto demais, mostrando para a aluna... o seu livro tem muito texto você acha...

"R" é assim que vou achar tia...

profª é assim, beleza pura... num instante você acha.. eu já estou vendo daqui oh! Você passou e não viu.. tá vendo?

Profª acha isso...

"R" se tiver no meio pode?

Profª isso pode beleza vamos lá...

"R" calma tia...

“L” alguém tá na minha frente...

profª tá quase acabando o tempo...

profª pode procurar a palavra no começo, no meio ou no fim da frase, não tem nada não.

Recorte nº 3 7:30

Profª “L” para de fazer gracinha, eu sei que você fica quieto nas outras aulas, você não é assim... é porque está filmando e você quer fazer graça... já imaginou filmar você na aula um menino bem interessado?.. você não acha que é bem melhor... qual lado você acha... conta pra mim qual você acha mais interessante?

“L” o outro...

profª então vamos lá..

“R” é assim, eu vou achar tia...

é assim, beleza pura... num instante você acha eu já estou vendo aqui oh”.. você passou e não viu... tá vendo?

“R” se tiver no meio pode ..

profª isso beleza, pura pode e aqui também tem oh! “R”

“R” calma tia...

profª nossa mais essa gatinha aqui tá indo longe...

“L” gatinha tia, ri...

“L” eu achei alguém tá passando na minha frente tia?

Profª tá quase acabando o tempo...

Chegaram mais dois alunos atrasados...

“L” é da 4ª B

profª se referindo aos alunos.. vocês tem tarefa para fazer da apostila do positivo já comecem

“M” vê se dá esse tia?

Profª aí e tri e não ci...

Profª pronto ok!

Profª pronto acabou o tempo... agora vamos ver, já conta suas palavras rapidinho e quando eu pedir quem não tiver contado dançou... vamos lá quem contou... “S” (6) “N” (15) “C” (13) “L” (4) “R” (6) “L” (7). Quem foi o campeão ou a campeã...

“C” a “N” . em 2º lugar foi quem? Foi a “C” “L” eu fui o 3º

“L” você disse que ninguém ia passar você aqui não fia...

profª agora a letra “B” agora vamos ver quem acha com “que e “Qui”.

“L” essa eu vou Ter que ganhar... que isso tia aqui com “Que” não tem não...

profª vai passando o texto que você acha...

profª tem um menino que tá olhando na revista e escrevendo a palavra errada.. não acredito que tem menino fazendo isso...

profª pronto acabou o tempo.. vamos ver quantas. “L” (5) “R” (4) “N” (11)... “L” nossa ela só fica com muito?

Profª oh! É porque ela pesquisou muito... “C” (3)... agora nós vamos parar um pouquinho e fazer outra coisa.. vamos agora .. você vai lá no quadro escrever.. eu dito e você escreve tá bom?

“R” eu não vou não...

profª quem vai ser o 1º

“L” eu.

Recorte nº 4 7:40

escreva para mim a palavra efervescente..

“L” não profª... não sei

profª então deixa eu trocar, escreva freguesia..

“M” profª deixa eu escrever...

profª “R” vai lá e escreva quebrado..
profª “N” vai lá e escreva potencial..
profª “S” escreva sucesso
“CA” escreva cirurgia
profª quem quiser vai lá e escreva educacional..
profª agora a tia “A” quer que você preste atenção em uma coisa... nós não pesquisamos
palavrinhas que tinham “Ce e “Ci”; “Que” e “Qui”...
vamos ver quebrado faltou o quê gente..
“S” o “R”
profª ah! o “r”.... sabe porque a tia tá fazendo isso, nos textos que nós estávamos
fazendo.. vocês estão escrevendo palavrinhas que a tia”A” sabe que você sabe fazer..
faltando pedaço... tá vendo você acabou de pesquisar, acabou de escrever a palavra não
presta atenção como escreve e isso que está acontecendo com você na hora de fazer
prova.. na hora de fazer o texto... lá na sua aula, na hora de fazer a prova... a profª está
reclamando que você tá esquecendo pedaço... e viu tá mesmo, a profª tinha razão..
profª vamos ver outra palavrinha.. a coleguinha escreveu potencial... tá certo?
“M” tá ..
profª tá vendo ela prestou atenção...

recorte nº 5 7:5

profª cirurgia tá certo?.. tem certeza ? tá não? Tá certo ou errado?

“L” é cerurgia..

profª gente a palavra tá certa ou tá errada é cerurgia...?

profª tá certa gente é cirurgia mesmo...

profª olha tá certo, sucesso, educacional.. ok as outras estão certas...

profª “E” se nós estávamos pesquisando palavrinhas com CI você veio oh! Ficou na
maior dúvida se era com S ou C lembra? Precisando de atenção não é “E” ?

recorte nº 6 7:58

***... agora... olha o que que o “L” escreveu... vamos ver o que foi? Freguesia ele
escreveu frequesia.. viu as brincadeiras no que que dá fica desatento... todas as
palavrinhas que ele pesquisou foi com gue a tia “A” pediu com “Que”... faltou
atenção... se você não tivesse brincado se tivesse me ouvido... você não fez ponto
nenhum... então dessas 7 palavrinhas temos que descontar tudo, as palavras que
escreveu com gue.. viu brincadeira fora de hora...***

profª viu que menino tá falando que o cê chama que... tem gente que vai escrever quero
e escreve cero, quilo escreve cilo.. dá para prestar atenção agora e ver que tem diferença
grande, não é a mesma coisa.

Profª tem alguém que tem alguma dúvida...

profª agora vamos fazer matemática...

recorte nº 7 8:30

“R” eu odeio matemática...

profª nossa você odeia por quê ?

“L” é porque ele brinca na sala de aula...

“R” não gosto.

Profª você vai aprender a gostar...

Profª agora presta atenção eu quero que você escolha duas palavras... uma da letra A ce
e ci, uma da letra B que, Qui e que agora faça uma frase bem maravilhosa

“L” quantos pontos vale vinte pontos?

Profª na nº 3, você vai fazer frases... você vai escolher a letra (A) CE e CI; letra B QUE
e QUI... e a frase da letra B

Profª “L” deixa eu ler a sua frase para você ver...
 Profª eu 15 freguesia e meu amigo...
 “L” pera ai tia, minha frase ficou muito mala...
 profª alguém gostaria de ler a frase lá na frente?
 “CA” deixa eu beber água?
 Profª vamos fazer o seguinte, todos podem beber água em fila...
 Pesquisadora acompanha os alunos até o bebedouro.
 “L” pede para ler.
 Profª deixa o “L” ler...
 “L” a cidade é azul do céu e eu fui para o Ceará.
 Profª sua frase não está muito boa, você pode fazer melhor...
 Profª quem mais gostaria de ler?
 Profª ninguém...
 “R” tia deixa nós pintar primeiro tia.
 Profª nós não vamos pintar , primeiro nós vamos escrever.
 Profª vamos fazer essa atividade juntinho todo mundo.
 Profª vamos ler na caixa de surpresa das crianças encontrem desafios e tentem resolver
 Recorte nº 8 8:38
O colega “R” tinha ido beber água e volta de mão molhada...
“L”ôh tia, vê o que o “R” fez passou aqui e molhou a minha tarefa....
 Profª entrega mais folhas de tarefa
 “L” a nem mais tarefa?
 Profª “L” você não tem borracha?
 “L” eu tenho, ela tá quebrada
 profª o que que tem usa assim mesmo.
 L” hoje a “M” não veio, não vai saber fazer nada.
 Profª qual a fração correspondente a parte da figura... contem as partes...
 Profª quantas partes foi dividida a figura.?
 “L” 10..
 profª quantas partes estão pintadas
 “CA” 3
 profª então olha ai... não aqui na frente... que fração você achou? Todo mundo concorda?
 “N” o tia tem 10 partes, pintou 3 tá certo?
 Profª ah! porque você sabe que é 3/10... isso então vamos continuar.. antes de responder o desafio tem pergunta?
 Profª em quantas partes?
 Alunos juntos = 10
 Profª vamos lá... letra A quem respondeu letra B = qual a fração correspondente
 “L” 3
 profª qual é a fração correspondente a cada uma dessas partes
 profª tá dividido em 10 partes cada uma dessas partes é o que?
 “CA” 1/10 põe aí.
 Profª agora responde, você já respondeu qual a fração pintada da figura...
 Profª agora é fácil, só revisão, faça se você tiver dúvida para e pergunta. Eu tiro as dúvidas...

Reflexões sobre os recortes:

Recorte nº 1

A professora utiliza com os alunos a contradição para formar o conceito através do manejo do conteúdo, acompanhando o raciocínio do aluno, mas mesmo assim ainda deixa corte no mesmo.

Recorte nº 2

Aproveita o conteúdo escolar(livro literário) para trabalhar as experiências cotidianas através da reflexão com os alunos, mostrando o conceito de educação.

Recorte nº 3.

Faz um questionamento a “L” quando o mesmo brinca, a sua forma de falar, mesmo que seja ponderada, ainda é muito sutil a contradição “menino interessado”; “menino que faz graça”. Para ela uma coisa não pode estar relacionada com a outra. “L” desencadeia nela conteúdos e ela o contra ataca.

Recorte nº 4

Ela não mostra como escreve a palavra, ela faz um corte e passa para outra.

Recorte nº 5

Nesse momento ela já acompanha e informa aos alunos a palavra correta.

Recorte nº 6

Professora não esqueceu o que “L” fez ali atrás encontrou uma forma de “puni-lo” pelas gracinhas.

Recorte nº 7

“L” se utiliza da mesma dinâmica da professora ou seja “ menino interessado não faz graça” o “R” não gosta de matemática é porque brinca”. Uma forma que encontra para denunciar a forma como é tratado, atua sobre a ação do colega.

Recorte nº 8

Professora nem tomou conhecimento do que o colega “R” fez com “L” dando prosseguimento a aula.

Dia 27/10/99

Início da aula: 7:05

Duração da fita: 2:05

Estratégia da aula: com música, desafios.

Conteúdo trabalhado.: gramática, produção de texto, contas.

Cheguei, os alunos já estavam em atividade...

Recorte nº 1 7:31

Profª Quando que usamos parágrafo?

Todos juntos: Quando começa o texto...

Profª quando a gente começa o parágrafo letra maiúscula... se tem nome de alguma pessoa letra maiúscula.

“L” nome de cachorro, maiúscula?

Profª nome próprio do cachorro é maiúscula mesmo, principalmente se for o seu cachorro.

Profª outra coisa que tem letra maiúscula

“C” depois do ponto

profª é depois do ponto final. Se vai continuar a história na frase usa letra maiúscula.

Profª agora vou contar até 3 e é hora de só você pensar... caladinho só pensando agora...

“L” dá um susto no “R” com as mãos

“R” ai “L”

profª enquanto você falar seu título não aparece e seu coleguinha tá pensando e você atrapalha ele...

profª vai até o gravador liga uma música instrumental é o momento da produção do texto.

Chega uma aluna e pede uns livros para professora

Alunos = ficam em silêncio pensando...

“L” tia...

profª só um minutinho já vou.

“L” mexe aqui na minha mochila no meu material e procura uma bolsinha vermelha tia.

Profª abaixa e procura na bolsa. Aqui oh!

Alunos continuam em silêncio pensando.

Após alguns minutos... profª o que é que você tinha pensado antes “L”?

Nisso a aluna “M” mostra atividade dela para profª

Profª ótimo vá em frente!

“L” conversa.

Profª vamos fazer um trato agora você pensa... só pensa depois escreve... cadê o acento?

Profª “E” lê pra mim

“L” ri

Profª vai devagar, senão as idéias são atropeladas...

Nisso chega uma aluna atrasada.

“L” chegando atrasada né?

Profª chegou senta aí. Oi gatinha? Foi até a aluna “M”

“L” pode ler o título?

“R” lê o texto “L”

“L” como se ainda não fiz..

profª aproxima do “L” e faz um carinho.. Como é que você terminou se você só fez um parágrafo, certamente você só começou?. No mínimo o que você vai fazer é um parágrafo no início da história, outro no meio e outro no final...

... agora “JR” você também só fez um parágrafo só e acabou seu texto já?

“L” ele copiou de mim, não acredito?

Profª pode fazer toda a história depois você vem e coloca o título. Você pode inventar um título para você .”L” não é para você inventar para o “R” não cada um fazendo o seu. Você tem que pensar as suas coisas sozinho e o “R” também sozinho. Só se fosse fazer o texto em grupo... aí você iria inventar junto com ele.

“L” mas como o grupo assim tia?

Profª uai se a gente fosse fazer em grupo aí o texto poderia ser de grupo. Cada um dava sua opinião, mas esse aqui é individual cada um faz o seu.

“L” ah! é assim...

Profª pulou linha porque? No meio do texto não pula linha. Você só faz parágrafo até o final. No parágrafo não pula linha deixa só um espaço.

“R” esfrega o lápis na carteira...

profª não faz isso?

“R” explica que a ponta do lápis tá ruim, tá grossa.

“L” tia sabe aquele papel que mandou para casa para falar se vai estudar de manhã ou de tarde... eu quero de tarde.

Profª depois conversa com a tia “L” que ela te explica...

Nisso a coordenadora aparece na porta.

“L” levanta e vai lá conversar com ela.

Alunos.. continuam escrevendo

Profª todo mundo terminou? Agora vamos trocar de texto com seu coleguinha para ele ler...

“R” ah! não...

profª por que? Ah! você tá terminando né?

Recorte nº 2 7:45

Profª quando a gente ler o texto do colega a gente não fica criticando o texto do colega se ele tá feio, se a letra tá feia... a gente lê e vê a história ficou boa, interessante, todo mundo que tá aqui, tá aqui aprendendo... a gente não fica rindo do outro você errou? A gente também erra... se o colega errou ou não, nós vamos descobrir o erro... se não faz pelo menos errado como é que é que eu vou aprender né?

Todos né!

“L” se a gente fizer só quando tiver certo, uai a gente aprende é fazendo...

profª nós vamos trocar de texto e você vai ler o texto do seu coleguinha e você vai olhar o desenho do seu coleguinha, olhar o texto dele.. tá? Vê se o texto dele tá legal... mas não fala nada agora não... só para ler... não mexa no texto do seu colega... mesmo se você ler alguma coisa errada você não vai mexer no texto dele... só vai ler. Quem terminou para trocar de texto com”JR”.

Profª agora é o momento de só ler o texto, não é para fazer mais nada.

“M” tia hoje tem matemática?

Nisso o telefone toca, a professora vai atender.

Profª volta e responde “M” vai jazinho. Se alguém já leu do colega e quer ler de outro colega pode trocar... o “JR” terminou, alguém quer trocar com ele?

Nesse momento chega a mãe de um aluno. Trazendo ele atrasado.

Profª mãe nós só temos mais meia hora de aula.

Mãe eu não trouxe antes ele estava com muita febre e eu não queria que ele perdesse aula.

Profª pode deixar. Então

Enquanto a professora conversa com a mãe o “L” ri o tempo todo

“R” empresta o lápis para “JR”.

Profª “L” senta no seu lugar.

Profª “L” você já trocou o texto com seu colega.

“L” já 2 vezes

profª agora sabe o que a tia “A” quer que você faça? Alguém gostaria de ler o texto dele ali na frente para a turma ouvir?

Mais do que depressa “L” eu..

Profª ótimo vamos ouvir o “L”

Recorte nº 3 8:15

“L” começa Eu... o pássaro... leu a história toda (leu baixo ficou inaudível na fita)

profª que coisa boa... eu queria que todo mundo lesse.. ah! “L” ele queria que todo mundo morresse, e foi ele mesmo quem morreu, ele fez coisa ruim para os outros e a coisa ruim ficou para ele mesmo.. nossa viram a história do “L” ele nos mostra que quando a gente deseja mal para os outros acaba acontecendo com a gente.

Profª agora outra pessoa que gostaria de ler o texto.... não então vamos passar para outra atividade

“L” mais ainda tem tarefa? Quantas horas?

Profª nós só vamos sair daqui as 8:40 gente quem chegou atrasado continua fazendo os outros virem a folha. Olha o que vamos fazer na atividade de matemática hoje... a primeira coisa que você vai fazer é resolver as operações, você vai ter que resolver tudo que tá aqui oh! (mostrando na folha) se alguém precisar de rascunho eu dou... você vai resolver tudo que tem depois vai olhar no quadrinho que tem aqui, que tem uma mensagem secreta para você, mas só vai descobrir depois que resolver as operações... alguém precisa de rascunho?

“CA” eu tia...

profª olha para você ver, aqui do lado tem a letrinha esse total do lado que você vai encontrar, a letrinha da sílaba “di”.

“L” a sílaba “di” tem um sapinho..

“R” ah não “L”

“L” rião

profª “R” apaga e faz uma letra melhor, senão ninguém entende

“M” tia tem gente fofocando.

Profª se cada um ficar caladinho cuidando da tarefa dele tá bom.

Profª senta do lado do aluno que chegou atrasado e dá uma ajuda.

Alunos ficam rindo e fazendo graça enquanto a profª ajuda a aluna.

“R” reclama da aluna “N”, que tá rindo a toa o tempo todo.

Profª você não vai rir de ninguém vai cuidar da tarefa.

“L” tia alguém soltou um “pum” e ri.

Alunos ficam conversando entre si.

“R” fica instigando a “N” baixinho

profª tem gente que está quase descobrindo a mensagem.

“L” eu é que vou.

Profª e agora... você tomou emprestado.. e aqui ficou quanto para o aluno “R”.

“L” tia tá certo 2.000

profª o “R” olha o que você estava fazendo aqui, não dava para emprestar olha o que você fez... você não transportou a dezena daqui para lá então são 8 dezenas vou tirar 9 ficaram aqui 7...

profª tem alguém com problema, com dificuldade?

Recorte nº 4 8:40

“L” a tia eu vou morrer ...

profª de preguiça?

“L” não tia de tanta conta..

profª não você não vai fazer essa conta aqui não, você vai fazer aqui oh! Mostrando com o dedo...

“L” a tia...

profª não tem problema o tamanho que vai dar...tá vendo você conseguiu!!

Profª quem já chegou no vezes(X) e não está conseguindo? Vamos fazer. “L” é aqui que você está achando difícil? Multiplicar por 3, então vamos multiplicar por 30 porque o zero se você for multiplicar 0x0 vai dar tudo zero aqui. Se você não quiser nem precisa multiplicar ele você multiplica o 3 e repete o 0.

Profª e $3 \times 9 = 9 \times 3$

Alunos juntos 27.

Profª agora você pegue e acrescenta se você quiser multiplicar o 0 também você pode. Você estava fazendo com zero... se você quiser pode assim oh! Mostrando no quadro 3×0 $3 \times 9 = 27$ tá vendo que dá a mesma coisa. Você não dá conta de dividir não.... gente terminando essa atividade vamos para os verbos...

Reflexões sobre os recortes

Recorte nº 1

A professora aqui trabalha com os alunos a informação sobre o que é parágrafo e quando ele é usado.

Recorte nº 2

Professora aproveita o conteúdo escolar para trabalhar com situações cotidianas no sentido de não criticar o colega. O conceito de compartilhar da aprendizagem sem contudo diminuir a produção do colega. Parece que não é isso que a professora faz quando a evidência é o “L” a conduta com ele frente a turma é de mostrar o quanto ele é “diferente”. Percebe-se também o quanto “L” já se familiarizou com a dinâmica da professora, que ele a acompanha nas suas ações e sempre tem uma posição ou contraposição a fazer.

Recorte nº 3

A história de “L” é muito interessante, parece ser uma denúncia em forma de história do que fazem com ele. A professora não percebe. Aproveita a história dele para trabalhar com os alunos o sentido de fazer o bem aos outros.

Recorte nº 4

Aqui fica evidenciado o sentido que a professora dá as questões levantadas por “L”, nem mesmo um comentário do aluno pode ser visto como algo natural, tem que vir sempre acompanhado de uma resposta do conceito que ela faz dele.

Dia 03/11/99 não teve aula feriado.

Dia 10/11/99 recuperação Paralela

Início da aula 7:13

Duração da fita :1:50

Estratégia: composição, reflexão, informação

Conteúdo: divisão; artigo, verbo, palavras quanto ao nº de sílabas

Cheguei, os alunos já estavam fazendo atividades

“L” tia aqui põe zero...

profª é oh! Aqui põe 140...

“M” tia eu vou pintar tá?

Profª pronto terminou pra gente começar...

“L” você ainda está com dificuldade na divisão não eh!

“L” tia oh! Gesticulando...

profª todo mundo preencheu o cabeçalho da folha?

Profª não deixa aí “M” se não você fica sempre pra trás

Profª presta atenção aqui um pouquinho... tem muita gente com dificuldade na divisão né? Então vamos começar hoje na divisão tirando as dúvidas.

“L” tá difícil

profª vamos lá, vamos começar com a continha, já que está tão difícil, vamos ver como é que faz 459: 3

“L” não tem jeito aí põe 1 tracinho assim (gesticulando)

profª a tia precisa fazer junto com vocês para ver se vocês tiram as dúvidas. Então vamos ver a 1ª coisa que você faz quando vai fazer a divisão é , se o número que você vai dividir é maior ou igual ao divisor.

Alunos em voz alta é maior

Profª se ele é maior dá para dividir, se ele é maior do que esse dá... se fosse menor daria?

Alunos não

Recorte nº 1 7:20

Profª se fosse assim oh! mostrando no quadro você teria 3 bombons para repartir para 4 meninos podia...

“CA” não...

profª dava certo se você tivesse só 3 bombons, 1 iria ficar sem, aí ficaria injusto não acha? Mas aqui dá certo? Deu certo? Então vamos ver... o que que nós vamos fazer para esse não ficar perdido no meio do caminho, nós vamos separar oh! Nós vamos dividir e só 4, não fica preocupada não você ficou oh! Tia olha o tamanho do nº para dividir, não preocupa não Que agente não pega ele todo não...

“L” pegar tudo de 1 vez não tem jeito

profª não tem... já pensou se eu falasse assim oh! “L” pega essas mesas prá mim e põe tudo lá no pátio de uma vez, será que você dá conta? Então aqui também oh! Agente vai devagarinho...

“M” e 59 : 30

profª olha o que que a “M” falou se fosse : por 30 dava par eu pegar e dividir por 30, aí eu pegava 4 bombons para repartir para essa sala inteira dava certo?

Alunos não...

Profª ah! eu tinha que pegar 45, porque o nº tinha que ser maior ou igual a 45.

“L” isso que eu queria te falar...

profª era isso que você estava em dúvida? Então vamos ver agora ... nós temos 4 aqui tem 1,2,3 meninos para dividir por 3.

“L” então temos que jogar um bombom fora

profª vai Ter que jogar fora então vamos ver... vamos lá. 1 bombom para esse, 1 para esse 1 para esse...

profª o que aconteceu? Com esse bombom aqui oh! Mostrando no quadro.

Alunos juntos sobra 1 vamos ver quantos sobraram?

“R” 1 profª

profª quantos sobraram 1

“M” sobrou foi ali...

profª você tirou a dúvida que estava com ela.

Profª agora o que que você faz? Vamos trabalhar com outro nº agora eu tenho 15 bombons para dar para 15 meninos

“R” dá 5 para cada um assim oh... mostrando com as mãos 5; 5; 5

profª ah! é assim oh? 5 para cada 1 quantos sobra?

“M” nenhum

profª então acabou a conta.

“CA” não... desce 9 tia, você não desceu.

Profª desde... quantos bombons sobra? Nenhum acabou a conta.

“M” tia quando a conta for muito grande a gente tem que por traçinho para não confundir..

profª ah! isso mesmo para você lembrar que já trabalhou com ele.

Profª você tirou sua dúvida?

“M” posso fazer?

Profª então vem que onde você não der conta você fala...

“M” posso fazer

profª então vem, que onde você não der conta você fala

profª gente vocês disseram que agora a coisa vai ser? Que vai mesmo?... vamos pensar juntos... eu não tenho nada... e tô devendo 8 reais para aquela tia lá (se referindo a mim) e hoje ela quer receber... não tem jeito de deixar para outro dia não.. é hoje... eu respondo é hoje ichi... e agora ela quer receber eu vou Ter que dar um jeito... oh! Eu sou a unidade coitada de mim oh!, eu não tenho nada, acha 1 solução prá mim, eu tenho que pagar ela quer receber..

“L” trabalha hoje...

profª não dá tempo..

recorte nº 2 7:50

“L” vende o guarda roupa, vende a casa, mora debaixo da ponte...

profª tadinha de mim você não tem dó de mim não?

Profª me ajudem eu sou a unidade...

“L” eu sou a dezena

“M” eu sou a centena...

profª ah! “L” você vai ser meu vizinho

“L” eu empresto 2 para você

“M” eu empresto 1

profª quantas dezenas que você tem...

alunos em voz alta 2

profª Ah! Você me empresta 1 e fica com 1, porque eu só quero 1. Então vamos aqui já ficou 10 não é isso? E agora com quantas dezenas você ficou... só 1 dezena isso...

“L” não precisa pagar mais não...profª se eu tenho 10 dá para tirar 8...

alunos dá...

profª quanto sobra

“R” 2

profª sobra 2. E agora é você que deve oh! Ainda tá devendo oh! ichi, ichi... e agora “M”

“M” o “R” ele empresta prá mim.

Profª Ah! O “R” empresta.

Profª “R” emprestou para ela para tirar 2 quanto sobra. 2 não é?

Profª agora vamos ver se dá...

Profª e agora “L”

Recorte nº 3 7:53

“L” fudeu tia..

profª o que é...

“L” fudeu tia

profª nossa que palavra feia, você não tem outra para trocar por essa não?

“L” acabou então...

profª vamos fazer outra tarefa... vou distribuir

profª procura no texto 1 substantivo próprio.

“R” Mcdonald

recorte nº 4 8:12

profª “E”, pois diferente ele colocou avenida Jamel Cecílio, ele acertou...

profª sim, não é toda rua que se chama Jamel Cecílio só aquela

profª quem fez Shopping Flamboyant, Ah tá certo

profª vamos para letra b, vamos ver quem acha 1 verbo no presente...

“E” ganha profª

profª Ah! ganha tá no presente porquê?

“E” porque ganha alguma coisa hoje.

Profª não fala que você já ganhou ou vai ganhar...

Profª um artigo indefinido

“CA” um.

Profª quem sabe os artigos. (o, as os as ; um uns, uma umas) então vamos procurar só agora você vai procurar 1 artigo indefinido... vamos separar esses aqui oh! Mostrando no texto, são os artigos definidos e esses os indefinidos...

Profª então agora vamos procurar 1 que esteja no singular, procurem...

Profª quem já achou...

Profª se eu falar para vocês a menina, eu estou definindo a menina, agora se eu falar para vocês para vocês uma menina, vocês vão saber qual é ?

Alunos em voz alta não

Profª foi lá atrás e elogiou um “V” aluno da 2ª série que estava fazendo atividade; chega perto de mim e conversa comigo sobre o quanto esse aluno tem melhorado, se desenvolvido

Profª agora uma palavra proparoxítona. Oh! Ela disse que é a palavra inteiramente, será que é... vamos ver... essa daqui dá certo...

Alunos, dá, dá,..

“CA” ah! Inteira/mente

profª pois é, dá 2 palavras ali né?

Profª vamos procurar aqui outra...

“L” achei...Mcdonald

“M” vamos profª

profª a sílaba mais forte oxítona se fosse aqui oh! Mostrando no quadro, se fosse aqui seria proparoxítona e aqui proparoxítona.

Profª vamos achar outra palavra...

“CA” achei tia”... válida..

profª ela achou uma válida oh! Vamos separar a sílaba...

profª ficou a sílaba mais forte, oxítona... mostrando a palavra no quadro... se fosse aqui a mais forte paroxítona e aqui proparoxítona.

“CA” profª a palavra é oxítona, paroxítona e proparoxítona

profª eh! A própria palavra é os 3 juntos.

Profª então ela é proparoxítona quando essa sílaba for mais forte oh! Aqui seria oxítona, aqui proparoxítona... vamos completar o quadro, façam sozinhos, onde você tiver dificuldade me chama...

Profª qual que é o verbo aí

Alunos em voz alta estudam...

Profª então coloca aí. Vamos falar o verbo todinho... eu estudo, tu estudas ele estuda, nós estudamos, vós estudais, eles estudam...

Profª que pessoa que é essa... vamos separar oh! Aqui é o singular e aqui é o plural, vamos lá oh! E aqui é do plural, vamos lá oh!... aqui é do plural 1ª, 2ª, 3ª que pessoa que está aí no estudam... vamos ver de novo... o verbo aqui é os alunos estudam..

Profª os alunos estudam como podemos falar...

“R” eles estudam
profª que pessoa que é essa . ah! 3ª a 3ª de que..
“CA” do plural...

reflexões sobre os recortes:

recorte nº 1;

A professora leva o aluno a fazer construção, raciocinando junto com ela. Traz exemplos do cotidiano para facilitar o entendimento, leva o aluno a reflexão.

Recorte nº 2

Aluno”L” encontra uma forma de dizer para professora, agora nessa situação que você se encontra se vira , vai morar embaixo da ponte ou seja agora estamos de igual para igual.

Recorte nº 3

Aqui “L” utiliza a linguagem do seu meio, e a professora fica assustada com a palavra feia e não aproveita para trabalhar o que vem a ser isso, faz uma censura e dá seqüência a aula.

Recorte de nº 4

Parece aproveitar as experiências cotidianas dos alunos para mostrar o conteúdo escolar.

